



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS – ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FÁBIO LUIDY DE OLIVEIRA ALVES

**A VARIEDADE DO PORTUGUÊS FALADO PELOS ASURINÍ DO XINGU E PELOS
ARAWETÉ: UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO**

BELÉM-PA
2018

FÁBIO LUIDY DE OLIVEIRA ALVES

**A VARIEDADE DO PORTUGUÊS FALADO PELOS ASURINÍ DO XINGU E PELOS
ARAWETÉ: UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará – Mestrado acadêmico em Letras – Estudos Linguísticos como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marilúcia Barros de Oliveira;

BELÉM-PA
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo
com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos
pelo (a) autor(a)**

A474v Alves, Fábio Luidy de Oliveira.
A variedade do português falado pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté:
um estudo geossociolinguístico / Fábio Luidy de Oliveira Alves. — 2018.
159 f.: il. color.

Orientador (a): Prof^ª. Dra. Marilucia Barros de Oliveira
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e
Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

1. Dialetoлогия pluridimensional. 2. Contato linguístico. 3. Língua Portuguesa. 4.
Variação lexical. 5. Asuriní do Xingu - Araweté. I. Título.

CDD 417.2

FÁBIO LUIDY DE OLIVEIRA ALVES

**A VARIEDADE DO PORTUGUÊS FALADO PELOS ASURINÍ DO XINGU E PELOS
ARAWETÉ: UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, Mestrado acadêmico em Letras – Estudos Linguísticos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marilúcia Barros de Oliveira;

Data da defesa: 25/10/2018.

BANCA EXAMINADORA

Presidenta: Prof^a Dr^a. Marilúcia Barros de Oliveira (UFPA) (Orientadora)

Avaliador: Prof^a. Dr^a. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UNB)

Avaliador: Prof^a. Dr^a. Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA)

AGRADECIMENTOS

Aos Asuriní do Xingu e aos Araweté, pela paciência e pela colaboração com este trabalho, em especial aos professores Kwatirei, Moapé, Kutem, Irawadi, que foram fundamentais na construção da confiança dos colaboradores em mim e no meu trabalho, o que, também, me permitiu entrar no universo indígena, fazendo-me compreendê-los melhor, especialmente as suas causas.

Em especial, à professora Dr^a Marilúcia Oliveira, minha orientadora, pelos dois anos comigo neste trabalho, pelas suas aulas de variação linguística e de FGT, pelas suas valorosas orientações a respeito deste texto e fundamentais conversas nos momentos que necessitei.

À professora Dr^a Suely Menezes, que me apresentou aos professores indígenas, me auxiliou com o contato com os Asuriní do Xingu e com os Araweté e pelas conversas valiosas e prazerosas a respeito dessas duas sociedades.

Aos professores doutores Abdelhak Razky, pelas suas aulas sobre variação linguística e pelos auxílios no início desta pesquisa, e Alcides Lima, que fez observações construtivas a respeito desta pesquisa quando a apresentei em um seminário do PPGL.

Aos professores doutores Sidney Facundes e Regina Cruz, por participarem da minha qualificação apresentando sugestões valiosas para o desenvolvimento deste trabalho e pelas suas aulas a que assisti.

Às professoras doutoras do PPGL, Marília Ferreira, Ana Vilacy Galúcio, Gessiane Picanço e Fátima Pessoa, pelos conhecimentos de Linguística adquiridos em suas aulas.

Aos colegas e amigos do projeto GeoLinTerm e do mestrado, pelas conversas e discussões sobre variação linguística, pelas socializações e repasses de conhecimento e pela companhia nesses anos de projeto.

À CAPES, pela bolsa concedida, a qual foi fundamental para custear as despesas com a pesquisa de campo; a compra de livros da área da pesquisa; e outros subsídios.

À Universidade Federal do Pará e ao seu Programa de Pós-Graduação em Letras, os quais me deram a oportunidade de fazer o curso de mestrado, bem como à coordenação e à administração do programa que sempre me auxiliaram.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo geossociolinguístico do português falado pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté. O estudo levou em consideração orientações de novas tendências de pesquisas geolinguísticas em áreas indígenas, a saber: os projetos *Atlas Lingüístico Guaraní-Românico* (ALGR) e *Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas* (ALIPAI), para a definição do tema da pesquisa, a variedade lexical do português de sociedades indígenas Tupí-Guaraní. A pesquisa apresentou como objetivo geral mapear parte da diversidade lexical do português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté. O estudo se justifica pelo fato da variedade do português falado por essas duas etnias indígenas nunca ser registrado e nem interpretado sob a perspectiva de uma abordagem variacionista. Para a formação do *corpus*, selecionamos quatro aldeias que serviram como pontos linguísticos, são elas: Itaaka, Kwatinemu, Ipixuna e Pakaña. As duas primeiras aldeias pertencem aos Asuriní e as duas últimas, aos Araweté. Em cada ponto, trabalhamos com quatro colaboradores indígenas estratificados por sexo (homem e mulher) e por faixa etária (pessoas de 18 a 25 anos e pessoas de 35 a 45 anos), o que totalizou dezesseis colaboradores. Os dados foram coletados a partir da aplicação do questionário semântico-lexical (QSL) do projeto *Atlas Linguístico do Brasil*. Após os procedimentos de coleta de dados, eles foram tratados e mapeados em cartas linguísticas. Os resultados das cartas mostram que a sociedade Asuriní do Xingu apresenta mais diversidade lexical em relação à sociedade Araweté para o português pesquisado e que os homens jovens dessas duas sociedades são o perfil social que mais manifesta variação do léxico. Assim, os Asuriní do Xingu e os Araweté apresentam níveis diferentes de conhecimento lexical do português bem como os falantes das distintas etnias apresentam níveis diferenciados desse conhecimento dentro de suas sociedades, conhecimento que sofre influências sociolinguísticas do entorno, influências geográficas e influências de fatores sócio-culturais desses dois povos.

Palavras-chave: Dialetoлогия pluridimensional. Contato linguístico. Língua Portuguesa. Variação lexical. Asuriní do Xingu. Araweté.

ABSTRACT

The present text is a geosociolinguistic study of the portuguese spoken by the Asuriní do Xingu and the Araweté. The research have considered the recent geolinguistic studies in indigenous territories, the atlas of the Guaranitic zones (*Atlas Lingüístico Guaraní-Románico*, ALGR) and the atlas of portuguese of indigenous areas (*Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas*, ALIPAI), for the definition of its theme which is the portuguese lexical variety of Tupí-Guaraní indigenous societies. The study aims to map part of the lexical diversity of the portuguese of the Asuriní do Xingu and the Araweté. The research is justified because the portuguese of the two indigenous ethnic groups has never been registered nor interpreted by a variationist approach. The data were collected through the semantic-lexical questionnaire of the *Linguistic Atlas of Brazil* from 4 indigenous collaborators per village, 2 Araweté villages, Ipixuna and Pakaña, and 2 Asuriní villages, Itaaka and Kwatinemu. That is, 16 people in total and four communities. The indigenous collaborators were stratified by sex (men and women) and age group (young people and middle-age people). After data collection, they were treated and mapped. The results show that the Asuriní do Xingu society presents more lexical diversity in relation to the Araweté society for the investigated portuguese and that the young men of these two societies are the social profile that most presents lexical variation. Thus, the Asuriní do Xingu and the Araweté present different levels of lexical knowledge in portuguese as well as the speakers of each ethnic group present different levels of that knowledge within their societies that undergo sociolinguistic influences of the surroundings, geographic influences and influences of socio-cultural factors of these two people.

Key-words: Pluridimensional dialectology. Languages in contact. Portuguese language. Lexical variation. Asuriní do Xingu. Araweté.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Nova sede da CASAI em Altamira	42
Imagem 2: Nova sede da casa do índio	42
Imagem 3: Visualização espacial da TI Koatinemo	46
Imagem 4: Visualização espacial da TI Araweté Igarapé Ipixuna	47
Imagem 5: Produção de artesanatos por mulheres Asuriní	50
Imagem 6: Dança tradicional do povo Asuriní do Xingu	50
Imagem 7: Posto de saúde (Itaaka)	50
Imagem 8: Sistema de abastecimento de água (Itaaka)	50
Imagem 9: Casa Asuriní do Xingu	51
Imagem 10: Casa Asuriní do Xingu	51
Imagem 11: Casa de farinha (Kwatinemu)	51
Imagem 12: Pajé Mureyra Asuriní	52
Imagem 13: Mulheres Araweté fazendo artesanato	55
Imagem 14: Dança tradicional Araweté	55
Imagem 15: Comercialização de castanha	56
Imagem 16: Novas casas Araweté (Pakaña)	56
Imagem 17: Colaboradora Mara Asuriní da aldeia Kwatinemu à esquerda	58
Imagem 18: Colaborador Apu Araweté da aldeia Ipixuna à esquerda	58
Imagem 19: Validação dos dados da língua Asuriní do Xingu com o professor Moapemy ..	60
Imagem 20: Validação dos dados da língua Asuriní do Xingu com professores Asuriní	60
Imagem 21: Professores Araweté participantes da validação dos dados da língua Araweté	60
Imagem 22: Superfície da área de trabalho do QGIS	62

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema da Dialetoologia pluridimensional e relacional	18
Figura 2: Carta linguística 3 para o uso do arolusismo “caçula”, pertencente ao Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte	20
Figura 3: 1º contato entre populações	30
Figura 4: 2º contato entre populações	30
Figura 5: Mapa 110.1 – Atlas lingüístico Guaraní-Románico	36
Figura 6: Carta F01 – Vogal Média Anterior Pretônica [e] e [ɛ] Diatópica (ALiPAI)	38
Figura 7: Carta 06 - bolsa/bruaca (Mapeamento lexical do português dos Wajãpi)	39
Figura 8: Agrupamento lexical tipo 2	41
Figura 9: Agrupamento lexical tipo 3	41
Figura 10: Região do Médio Xingu	43
Figura 11: Localização das TIs Koatinemo e Araweté Igarapé Ipixuna	45
Figura 12: Localização das aldeias Asuriní do Xingu e das aldeias Araweté em suas TIs	48
Figura 13: Deslocamentos dos Asuriní do Xingu	49
Figura 14: Ordem cronológica dos deslocamentos Araweté	54
Figura 15: Carta linguística explicativa	63
Figura 16: Carta L01 (Córrego/riacho)	67
Figura 17: Carta L04 (Redemoinho de água)	71
Figura 18: Carta L05 (Temporal)	75
Figura 19: Carta L06 (Tromba d’água)	78
Figura 20: Carta L07 (Chuva forte)	82
Figura 21: Carta L08 (Garoa)	86
Figura 22: Carta L09 (Cerração)	90
Figura 23: Carta L14 (Jacá/balaio)	94
Figura 24: Carta L20 (Banguela)	97
Figura 25: Carta L22 (Canhoto)	99
Figura 26: Carta L23 (Dar à luz)	101
Figura 27: Carta L25 (Pessoa sovina)	103
Figura 28: Carta L177 – Pessoa Sovina (ALIPA)	105
Figura 29: Carta L27 (Cigarro de palha)	106
Figura 30: Carta L33 (Cambalhota)	109
Figura 31: Carta L37 (Fuligem)	111
Figura 32: Carta L39 (Canjica)	113
Figura 33: Carta L40 (Aguardente)	115
Figura 34: Carta L 185 (Bala/bombom)	117

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “córrego/riacho” nos Asuriní	68
Gráfico 2: Frequência diageracional das variantes lexicais para “córrego/riacho” nos Asuriní	69
Gráfico 3: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “redemoinho de água” nos Asuriní	72
Gráfico 4: Frequência diageracional das variantes lexicais para “redemoinho de água” nos Asuriní	73
Gráfico 5: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “Temporal” nos Asuriní	76
Gráfico 6: Frequência diageracional das variantes lexicais para “Temporal” nos Asuriní	77
Gráfico 7: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “tromba d’água” nos Asuriní	80
Gráfico 8: Frequência diageracional das variantes lexicais para “tromba d’água” nos Asuriní	80
Gráfico 9: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “chuva forte” nos Asuriní	83
Gráfico 10: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “chuva forte” nos Araweté	84
Gráfico 11: Frequência diageracional das variantes lexicais para “chuva forte” nos Asuriní	84
Gráfico 12: Frequência diageracional das variantes lexicais para “chuva forte” nos Araweté	84
Gráfico 13: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “garoa” nos Asuriní	87
Gráfico 14: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “garoa” nos Araweté	88
Gráfico 15: Frequência diageracional das variantes lexicais para “garoa” nos Asuriní	88
Gráfico 16: Frequência diageracional das variantes lexicais para “garoa” nos Araweté	88
Gráfico 17: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “cerração” nos Asuriní	91
Gráfico 18: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “cerração” nos Araweté	91
Gráfico 19: Frequência diageracional das variantes lexicais para “cerração” nos Asuriní	92
Gráfico 20: Frequência diageracional das variantes lexicais para “cerração” nos Araweté	92
Gráfico 21: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “Jacá/balaio” nos Asuriní	95
Gráfico 22: Frequência diageracional das variantes lexicais para “Jacá/balaio” nos Asuriní	95
Gráfico 23: Quantitativo de cartas de caráter mais heteroléxico nos sexos Asuriní	119
Gráfico 24: Quantitativo de cartas de caráter mais heteroléxico nas gerações Asuriní	119
Gráfico 25: Quantitativo de cartas de caráter mais heteroléxico nos sexos Araweté	120
Gráfico 26: Quantitativo de cartas de caráter mais heteroléxico nas gerações Araweté	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: variáveis extralinguísticas	19
Tabela 2: Revisão da classificação interna das línguas da família Tupí-Guaraní	34
Tabela 3: Estratificação dos colaboradores	58
Tabela 4: Frequência diatópica das variantes lexicais para “córrego/riacho”	68
Tabela 5: Frequência das variantes lexicais para “córrego/riacho” nas sociedades	70
Tabela 6: Frequência diatópica das variantes lexicais para “redemoinho (de água)”	72
Tabela 7: Frequência das variantes lexicais para “redemoinho (de água)” nas sociedades	73
Tabela 8: Frequência diatópica das variantes lexicais para “temporal”	76
Tabela 9: Frequência das variantes lexicais para “temporal” nas sociedades	77
Tabela 10: Frequência diatópica das variantes lexicais para “tromba d’água”	79
Tabela 11: Frequência das variantes lexicais para “tromba d’água” nas sociedades	81
Tabela 12: Frequência diatópica das variantes lexicais para “chuva forte”	83
Tabela 13: Frequência das variantes lexicais para “chuva forte” nas sociedades	85
Tabela 14: Frequência diatópica das variantes lexicais para “garoa”	87
Tabela 15: Frequência das variantes lexicais para “garoa” nas sociedades	89
Tabela 16: Frequência diatópica das variantes lexicais para “cerração”	91
Tabela 17: Frequência das variantes lexicais para “cerração” nas sociedades	93
Tabela 18: Frequência diatópica das variantes lexicais para “Jacá/balaio”	95
Tabela 19: Frequência das variantes lexicais para “Jacá/balaio” nas sociedades	96
Tabela 20: Frequência diatópica das variantes lexicais para “banguela”	98
Tabela 21: Frequência diatópica das variantes lexicais para “canhoto”	100
Tabela 22: Frequência diatópica das variantes lexicais para “dar à luz”	102
Tabela 23: Frequência das variantes lexicais para “dar à luz” nas sociedades	102
Tabela 24: Frequência diatópica das variantes lexicais para “pessoa sovina”	104
Tabela 25: Frequência das variantes lexicais para “pessoa sovina” nas sociedades	104
Tabela 26: Frequência diatópica das variantes lexicais para “cigarro de palha”	107
Tabela 27: Frequência das variantes lexicais para “cigarro de palha” nas sociedades	107
Tabela 28: Frequência diatópica das variantes lexicais para “fuligem”	112
Tabela 29: Frequência diatópica das variantes lexicais para “canjica”	114
Tabela 30: Frequência diatópica das variantes lexicais para “aguardente”	116
Tabela 31: Frequência diatópica das variantes lexicais para “canjica”	118
Tabela 32: Quantitativo de cartas de caráter mais heteroléxico por sociedade	118

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1 A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL	15
2.2 O BILINGUISMO E O CONTATO LINGUÍSTICO NO CENÁRIO ASURINÍ DO XINGU E NO CENÁRIO ARAWETÉ	22
2.3 AS LÍNGUAS ASURINÍ DO XINGU E ARAWETÉ NA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ	33
2.4 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS DO PORTUGUÊS EM TERRAS INDÍGENAS	35
3 METODOLOGIA	40
3.1 CONTEXTO DA PESQUISA	40
3.1.1 O MUNICÍPIO DE ALTAMIRA	40
3.1.2 A REGIÃO DO MÉDIO XINGU	42
3.1.3 AS TIs KOATINEMO E ARAWETÉ IGARAPÉ IPIXUNA E SUAS ALDEIAS	45
3.2 OS ASURINÍ DO XINGU	48
3.2.1 O HISTÓRICO DO POVO ASURINÍ DO XINGU E OS PRIMEIROS CONTATOS	49
3.2.2 A SOCIEDADE ASURINÍ DO XINGU ATUALMENTE	50
3.2.3 A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA	51
3.2.4 A EDUCAÇÃO ESCOLAR	52
3.3 OS ARAWETÉ	53
3.3.1 O HISTÓRICO DO POVO ARAWETÉ E OS PRIMEIROS CONTATOS	53
3.3.2 A SOCIEDADE ARAWETÉ ATUALMENTE	55
3.3.3 A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA	56
3.3.4 A EDUCAÇÃO ESCOLAR	56
3.4 OS PONTOS LINGUÍSTICOS	57
3.5 OS COLABORADORES	57
3.6 OS DADOS LEXICAIS	58
3.6.1 AS CARTAS LINGUÍSTICAS	61
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
6 REFERÊNCIAS	125
7 ANEXOS	130
8 APÊNDICES	132

1 INTRODUÇÃO

A história da língua portuguesa no Brasil é marcada por uma intensa série de contatos linguísticos que ainda acontecem quando o português entra em localidades onde não o falam, como, por exemplo, algumas áreas indígenas. Desse modo, surgem situações de contatos e de bilinguismo entre as línguas indígenas e determinada variedade¹ do português.

A hegemonia da língua portuguesa é evidente no domínio geográfico do Brasil, mas não é a única. Segundo Rodrigues (2013), há cerca de 200 línguas indígenas faladas no território brasileiro. O que disfarça essa diversidade é o forte desequilíbrio linguístico entre o português, que, no caso, é língua materna de mais de 170 milhões de pessoas, e as línguas autóctones. Nessa situação de desequilíbrio, a língua portuguesa pode tornar-se uma ameaça às línguas indígenas que são faladas no mesmo espaço, já que essas línguas não possuem o mesmo prestígio social e nem a mesma intensidade de uso em relação ao português à maioria dos brasileiros. Conseqüentemente, as línguas indígenas acabam por ser pouco valorizadas em diversos contextos sociais, sejam contextos políticos, econômicos e/ou educacionais de forma geral, o que força os indígenas a adquirirem a língua portuguesa e falarem mais essa língua quando participam desses contextos.

Em um cenário de contatos de sociedades indígenas com a sociedade não-indígena que são socialmente, culturalmente, politicamente e linguisticamente diferentes, há a possibilidade de ocorrer influências de fatores sócio-culturais de uma sociedade sobre a língua ou as línguas da outra ocasionando interferências, empréstimos ou variações linguísticas. Também, há a possibilidade de uma sociedade já ter adquirido a língua da outra e ela mesma ocasionar essas interferências, esses empréstimos ou essas variações na sua nova língua motivados por seus próprios fatores sociolinguísticos. Assim, estudos variacionistas envolvendo as línguas faladas por sociedades indígenas tornaram-se referência nas pesquisas linguísticas brasileiras, principalmente com criação do projeto *Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil* (ALSLIB)².

Segundo Radtke e Thun (1996), falar em geolinguística na América do Sul é falar também das línguas autóctones sul-americanas. Tais línguas foram deixadas de lado pelos trabalhos geolinguísticos. Os autores ainda mencionam que não considerar as línguas

¹ Segundo Coseriu (1982), uma língua tende a ser formada de vários dialetos, variedades de uma língua. Neste sentido, o que entra em contato linguístico não são línguas por completo, mas, sim, uma parte delas, ou melhor, uma variedade.

² O projeto ALSLIB desenvolve e coordena pesquisas geolinguísticas das línguas indígenas brasileiras e também trabalha junto com outros projetos regionais inseridos nessa temática. Ele também está à frente dos estudos do português-indígena no Brasil (CABRAL et al., 2015).

indígenas ou a situação de contato em que elas estão é falsear a imagem linguística do território em estudo, sobre o fato eles comentam:

El hecho de que las lenguas amerindias hayan sido excluidas hasta ahora de los atlas lingüísticos latinoamericanos es comprensible debido a las enormes dificultades empíricas que tal empresa conlleva; sin embargo, esta situación no debe continuar en nuestra época, cuando la movilidad poblacional multiplica las situaciones de contacto. (RADTKE; THUN, 1996, p. 39).

A Geolinguística estudou o português falado no Brasil alcançando quase que discreto as áreas que concentram contatos linguísticos. Trabalhos geolinguísticos contactuais são visto mais com línguas de imigração, dentro do projeto *Atlas lingüístico e etnográfico da região sul* (ALERS) (MELLO; ALTENHOFEN; RASO, 2011). Mas o próprio Brasil já foi também uma área de contato entre a língua portuguesa e as línguas indígenas, as quais deixaram muitas influências linguísticas no português desse país. Hoje, ainda vemos territórios indígenas em que se manifesta esse tipo de contato, o qual pode até dar a possibilidade de explicar as várias influências das línguas autóctones, principalmente as que deixaram de existir, encontradas no substrato das diversas variedades do português brasileiro.

Hoje, é imprescindível estudar as línguas em contato em terras indígenas (TIs) sob o viés da geolinguística, ou seja, para a presente pesquisa, a falta de um registro e de um estudo geolinguístico do português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté era um problema, pois eles habitam um espaço onde há uma variedade da língua portuguesa que coexiste com as suas línguas étnicas e que precisava ser registrada para ser mais bem explorada. Então, foi no enlace do contato linguístico que escolhemos estudar o português ao concentrar-nos na temática da variedade lexical da língua portuguesa falada por sociedades indígenas Tupí-Guaraní.

A partir do contato com o projeto ALSLIB, soubemos que havia a necessidade de estudos geolinguísticos sobre as línguas faladas pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté. Resolvemos trabalhar com ambas as sociedades porque elas habitam territórios vizinhos, localizados no município de Altamira no estado do Pará, e são muito próximas sócio-culturalmente e linguísticamente, ou seja, são sociedades Tupí-Guaraní. Os Asuriní do Xingu estão situados na terra indígena (TI) Koatinemo e os Araweté, na TI Araweté Igarapé Ipixuna.

O caminho que a Geolinguística do Brasil tomara começou a mudar a partir do primeiro estudo geolinguístico entre o português brasileiro em contato com as línguas indígenas e que pode ser observado com o projeto *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico* (ALGR) de Thun et al. (2010). Assim, seguindo os novos caminhos dos estudos

geolinguísticos, traçamos a hipótese de que o português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté sofre ou sofreu influências com o contato com as suas línguas étnicas e de seus fatores sócio-culturais. Muitas línguas indígenas apresentaram ou apresentam certas influências em determinada variedade do português brasileiro e vice-versa ocasionadas pelos contatos, a exemplo, vemos dicionários da língua portuguesa com muitas variantes linguísticas de origem indígena, como os tupinismos, e trabalhos dialetais feito sobre o português da Amazônia, o qual coexistiu com a Língua Geral Amazônica³ e ficou caracterizado com muitas palavras dessa língua e de outras línguas indígenas, a exemplo, “igarapé”, “carapanã”, “mucura”, “toró”, “panema”, “teiú”, “jacuruaru”, “meruim”, “mangará”⁴ (GUEDES, 2012).

Assim, tomamos como objetivo principal mapear parte da diversidade lexical da variedade do português falado pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté e como objetivos específicos: levantar o perfil histórico, cultural e sociolinguístico das duas sociedades indígenas; identificar os fatores sócio-culturais que influenciam a variação do português indígena; analisar em um enfoque pluridimensional as variações semântico-lexicais do português indígena imerso nas situações de contato linguístico.

Trabalhar em um espaço onde coexistem duas ou mais línguas não é tarefa fácil para a Dialectologia. Trabalhos feitos nesses espaços só se tornaram relevantes após a elaboração da Dialectologia pluridimensional e relacional, abordagem teórica do projeto *Atlas linguístico diatópico e diastrático do Uruguai* (ADDU) e que vamos chamar apenas de Dialectologia pluridimensional nesta dissertação. O projeto ADDU foi o primeiro estudo geolinguístico que sistematizou um método para interpretar variantes linguísticas de línguas em contato, por isso escolhemos essa abordagem para dar conta de um espaço onde convivem várias variedades linguísticas. Assim, a Dialectologia pluridimensional e relacional encontra-se esboçada em Radtke e Thun (1996), Thun (1998), Thun (2005), Thun (2009) e Thun (2010). Também consideramos Weinreich (1974), Thomason e Kaufman (1988) e Couto (2008) para entender como se apresenta o espaço onde as línguas indígenas e o português estão em contato.

Para a formação do nosso *corpus*, definimos 4 aldeias como pontos linguísticos, 2 Asuriní do Xingu (Kwatinemu e Itaaka) e 2 Araweté (Ipixuna e Pakaña), para compor a nossa rede linguística. Seleccionamos 4 falantes estratificados de cada aldeia de acordo com a idade e com o sexo, assim, trabalhamos com homens e mulheres jovens e homens e mulheres de meia-idade. O total de colaboradores da pesquisa foi de dezesseis falantes às quais aplicamos

³ Língua indígena pertencente à família Tupí-Guaraní (RODRIGUES; CABRAL, 2002).

⁴ As formas “igarapé”, “carapanã”, “panema” (azarado), “teiú” são idênticas às registradas no Vocabulário bilíngue: Nheengatu-Português/Português-Nheengatu (NAVARRO, 2013).

o questionário semântico-lexical (QSL) do projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) em conformidade com outros trabalhos de mesma natureza⁵ para coleta dos dados lexicais. Após a coleta, os dados foram tratados e registrados em cartas linguísticas para as posteriores análises.

O mapeamento lexical que fizemos do português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté apresenta uma diversidade linguística que existe nessas duas sociedades muito influenciada pelos seus comportamentos sociais heterogêneos e pelos diferentes históricos de contato com a sociedade envolvente que cada uma delas possui. Além do mais, a língua portuguesa dessas duas sociedades está passando por algumas transformações em detrimento dos intensos contatos que os Asuriní e os Araweté estão apresentando em suas novas relações com a sociedade envolvente.

Por fim, este trabalho também deu, além da possibilidade de sabermos como se apresenta o léxico da língua portuguesa inserida no contexto de sociedades indígenas, dados que poderão servir para possíveis comparações entre as variedades lexicais do português-indígena que são faladas no estado do Pará ou para além dele por meio do projeto *Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas* (ALIPAI), assim como fazer comparações com trabalhos geolinguísticos vinculados a outros projetos, como o ALiB, por exemplo.

⁵ Já há alguns trabalhos geolinguísticos desenvolvidos em TI com etnias Tupí-Guaraní. Alguns farão parte do projeto *Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas* (ALIPAI). Esses trabalhos foram feitos inicialmente com etnias do estado do Pará, do Maranhão e do Amapá.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, apresentamos a orientação teórica que norteou a pesquisa. Falamos um pouco sobre o cenário de contato das línguas faladas pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté e as influências que essas sociedades apresentam, principalmente na sua variedade de português. Também, abordamos um pouco da genealogia da língua Asuriní do Xingu e da língua Araweté. Por fim, mostramos um breve panorama das pesquisas geolinguísticas feitas em áreas indígenas.

2.1 A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

Um dos marcos importantes na história dos estudos dialetológicos refere-se ao uso pela primeira vez do método da geografia linguística na elaboração de um atlas linguístico⁶ (*sprachatlas*) por Georg Wenker para acelerar a análise comparativa de variantes dialetais. Tal método “pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território” (COSERIU, 1987, p.79), o que faz Chambers e Trudgill (1994) declararem Wenker como o pai da geografia linguística. Mas o primeiro atlas linguístico bem sucedido é o ALF (*Atlas linguistique de La France*), ele marca o início da Geolinguística, não por ser o primeiro trabalho dialetológico a usar o método da geografia linguística, mas, sim, segundo Cardoso (2010), convergindo na mesma definição que Dubois et al. (2014), porque soube aplicar o método com rigor científico.

Coseriu (1982) cunhou um conceito de dialetologia que se resume como “o estudo da variedade diatópica e das relações interdialetais”. Tradicionalmente, ela se ocupou apenas do espaço geográfico, mais precisamente, segundo Trudgill (2000), com a área rural e com o comportamento linguístico de determinadas camadas sociais, ou seja, um grupo de pessoas com idade avançada, composto por homens com baixa escolaridade. Essa área da linguística ficou denominada também de Dialetologia tradicional, monodimensional, horizontal ou areal⁷ em comparação com os estudos dialetológicos atuais, pois sofreu mudanças em seu escopo de

⁶ Segundo Dubois et al. (2014), um *atlas linguístico* compõe-se basicamente de: um questionário; uma determinação dos pontos de inquérito e das pessoas interrogadas; e os mapas linguísticos nos quais se registram ponto por ponto as formas, as palavras e os tipos de construção registradas.

⁷ Sobre as nomenclaturas na literatura linguística aos estudos geolinguísticos que consideram apenas a variável espacial, temos Cardoso (2010) que faz referência a eles como Geolinguística tradicional e Thun (1998) que os chama de Geolinguística areal, horizontal, diatópica e monodimensional.

investigação ao longo do tempo em busca de novos caminhos para analisar com mais precisão as variedades dialetais, ou seja, incluir novas variáveis a variável diatópica.

Devido às reconfigurações do espaço rural no século XX e ao surgimento da Sociolinguística, havia a necessidade de incorporar novos métodos à Dialectologia areal para que pudesse interpretar com mais fidelidade esse espaço, o qual já se apresentava mais heterogêneo socialmente, mas ainda bem menos que os grandes centros urbanos. Sobre esse assunto, Brandão (1991, p.26) faz as seguintes ponderações:

Assim, hoje, torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do *corpus* de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos.

A partir das novas perspectivas nos estudos geolinguísticos, moldou-se um conceito moderno para a Dialectologia que, segundo Cardoso (2010), passou a ser uma área da Linguística que procura identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Mas a autora adverte que a esse conceito atual de dialectologia, que agrega dimensões sociais às suas investigações diatópicas, o comportamento linguístico no espaço segue ainda como seu principal objetivo, como mostra:

Apesar de “consideradas até certo ponto sinônimas”, a dialectologia e a sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante no tratamento do seu objeto de estudo. O enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas. Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialectologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento de dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, concentra-se na correlação entre fatos linguísticos e fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas. (CARDOSO, 2010, p. 26)

Há também críticas à Dialectologia moderna, que alguns a classificam também como estudos geolinguísticos pluridimensionais⁸, por considerar outras dimensões além da

⁸ Sobre a nomenclatura pluridimensional aos atlas linguísticos, Thun (2000, p. 375 apud CARDOSO, 2010, p. 52) os separa em três grupos: potencialmente pluridimensional, parcialmente pluridimensional e sistematicamente pluridimensional. Na classificação desse último, inclui dois atlas brasileiros, o Atlas linguístico de Sergipe e o Atlas linguístico do Paraná (ALP), pois já acrescentavam de forma sistemática a variável diasssexual à variável diatópica, e o ADDU. Mas, posteriormente a isso, Thun (2005) passa a considerar a

dimensão espacial na cartografia de seus dados, é que ela não inclui os ambientes de contato linguístico às suas pesquisas.

Radtke e Thun (1996) dizem que o mapeamento de línguas em contato é essencial, já que não há dialetos puros, principalmente falando do território latino-americano, isso permeia até a coexistência entre língua e variedades e também a influência que exercem uma sobre a outra. Assim, Thun elabora o parâmetro contactual, o qual é uma dimensão independente, para sistematizar o estudo do contato linguístico entre línguas por meio de perguntas referenciais, quer dizer, perguntas referentes à outra língua, aquela que não é, a princípio, a língua nativa do entrevistado. Sobre o assunto, Radtke e Thun (1996) argumentam:

El parámetro contactual es una dimensión independiente. Su estudio abre un nuevo camino que conduce a través de todos los planos de las variedades, desde el idioleto, a través de la desdialectalización, de la regionalización y de la formación de una koiné entre hablas de grupos, hasta el contacto entre lenguas “comunes”. No sólo la dialectología entendida como ciencia de la variación, sino ya la geografía lingüística areal monodimensional debe aprovechar la posibilidad del “estudio geolingüístico bilingüe” (Cl. Wagner), o más bien, “plurilingüe”.

Com as configurações atuais na Geolingüística em busca de controlar melhor novas dimensões e analisar um espaço plurilíngue na sua totalidade é que surge a Dialectologia pluridimensional e relacional, disciplina que, nas palavras de Thun (1998), vem sistematizar uma “ciência geral da variação linguística”. Portanto, é a partir das disciplinas Dialectologia e Sociolingüística que se fez a Dialectologia pluridimensional. A seguir, Thun (1998, p. 704) destaca a confluência dessas duas áreas:

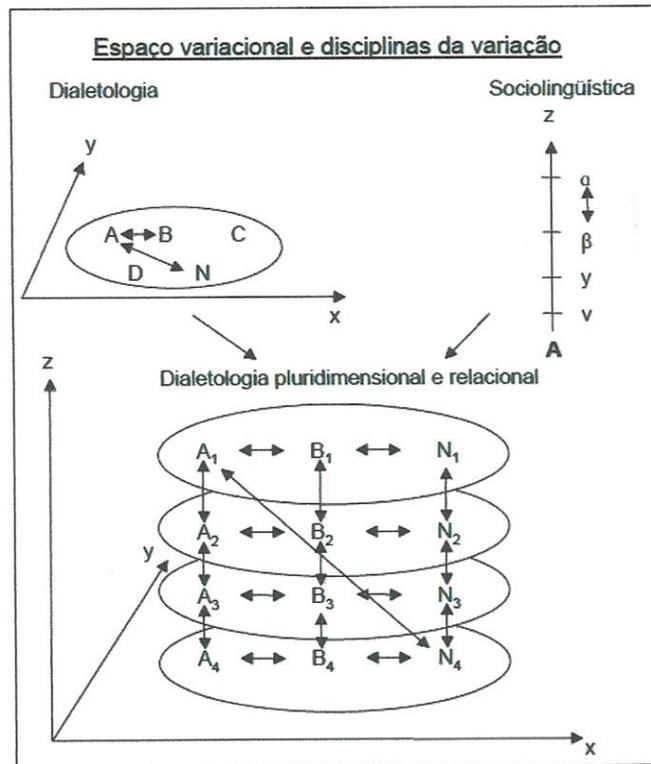
La Dialectología areal y La Sociolingüística, disciplinas históricamente separadas, confluyen en una geolingüística ampliada que puede llamarse oportunamente “Dialectología pluridimensional” y que se entiende como parte de la ciencia general da variación lingüística e de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y hablantes por el otro. [...]. No deja de ser una geolingüística porque la Dialectología pluridimensional no puede renunciar a la variación diatópica y a la superficie bidimensional. Su campo predilecto son la superficie y el espacio lo suficientemente grandes para que aparezcan todas las interrelaciones. Pero esta preferencia por el macroanálisis no excluye la posibilidad de que la Dialectología pluridimensional trabaje en escala menor (en mesozonas y microzonas).

Em conformidade com as perspectivas teórico-metodológicas da Dialectologia areal e da Sociolingüística, Thun (1998) elabora um esquema que correlaciona o espaço

Geolingüística em três tipos: monodimensional, a que considera apenas a variável diatópica, bidimensional, a que considera uma variável a mais para variável diatópica, dando o exemplo do ALP, que se considera “explicitamente bidimensional” por fazer distinções das respostas dadas por homens e mulheres, e a pluridimensional, a que considera três variáveis ou mais.

bidimensional horizontal trabalhado pela Dialectologia tradicional e o espaço vertical da Sociolinguística e que geram o espaço tridimensional da Dialectologia pluridimensional e relacional. Logo, a Dialectologia pluridimensional se assemelha ao ideal para a descrição completa e ordenada do polimorfismo linguístico⁹ e de suas relações com os falantes.

Figura 1: Esquema da Dialectologia pluridimensional e relacional



Fonte: Thun (1998)

Em vista de uma nova superfície para investigação, o espaço da Dialectologia pluridimensional não se limita mais só a observar o dialeto em suas relações espaciais planas como fazia os estudos geolinguísticos tradicionais ou em suas relações sociais como faz a Sociolinguística. Sendo assim, Thun (1998) diz que as variedades mistas dessas duas áreas são de igual interesse, tanto os fenômenos do contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias ou de majorias esquecidos pela Dialectologia tradicional quanto as formas regionais; a variação diafásica (ou estilística); o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (são os que tem mobilidade demográfica) em contraste com os topostáticos (os que tem pouca mobilidade no espaço); a atitude metalinguística dos falantes comparada com o seu comportamento linguístico; e outros parâmetros mais.

⁹ Sobre o polimorfismo linguístico, Alvar (1968, p. 80 apud BRANDÃO, 1992, p.19) declara que há “em todos os falares em que coexistem várias normas, ou seja, em todos os falares que carecem de um grau único de nivelamento”, acrescenta que o polimorfismo consiste em frequente oscilação de pronúncia: ora o falante usa uma variedade linguística, ora usa outra.

Então, a Dialetoologia pluridimensional tem por objetivo ampliar o marco de percepção dos feitos variacionistas e resgatar determinados fenômenos do esquecimento. Thun (1998) expõe uma das problemáticas amenizadas que com a hierarquização de parâmetros relevantes permitiu seguir com maior precisão o caminho que toma a troca linguística e, também, pôde-se descobrir as regularidades sincrônicas e diacrônicas do polimorfismo linguístico.

Devido às críticas de teóricos da Dialetoologia pluridimensional à Geolinguística tradicional por fazer uma sociolinguística reduzida a variantes vinculada a uma camada social e à Sociolinguística por fazer uma dialetoologia reduzida a um ponto linguístico, mas também a não documentação do contato linguístico e do polimorfismo, é que a Dialetoologia pluridimensional conquistou o seu espaço no meio linguístico, reformulando e construindo métodos capazes de analisar todas as dimensões em que a língua sofre influências da variação.

Conforme às dimensões para uma interpretação ampla das variedades linguísticas para confecção de um atlas pluridimensional, Thun (2010) determina as variáveis extralinguísticas adotadas pela Dialetoologia pluridimensional, a seguir:

Tabela 1: Variáveis extralinguísticas

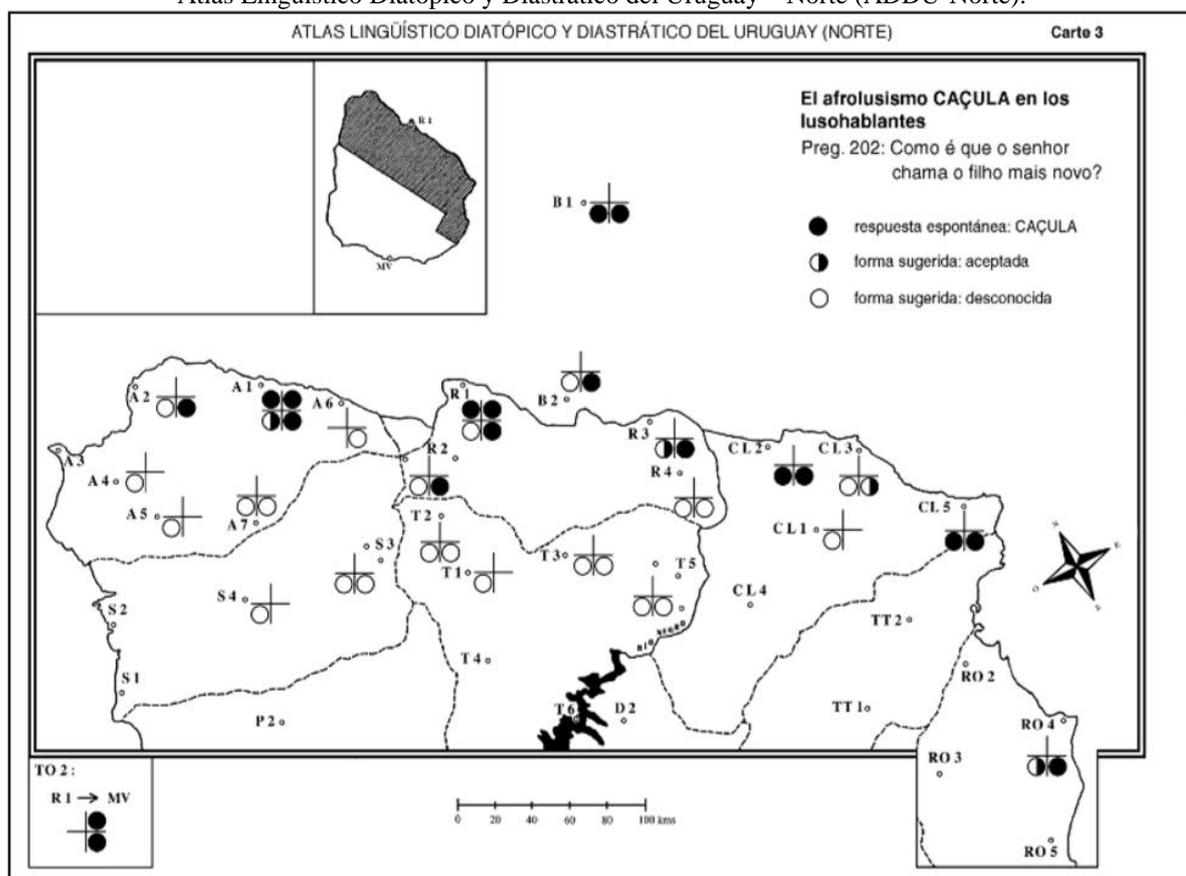
Dimensões	Parâmetros
Dialingual	Estudo do bilinguismo ou do plurilinguismo
Diatópica	Topostática – relação dialetal por meio de pessoas que tem estabilidade local
Diatópica - cinética	Contraste entre pessoas topostáticas e topodinâmicas (pessoas com mobilidade entre locais)
Diastrática	Classe sociocultural – comparação entre escolaridades, classes sociais, rendas.
Diageracional	Geração – comparação entre faixas etárias mais jovens e faixas etárias mais velhas
Diassexual	Comparação entre mulheres e homens
Diafásica	Estilo – comparação entre conversa livre, questionário, leitura
Diarreferencial	Comparação entre fala objetiva e fala metalinguística.

Fonte: Thun (2010)

Como os estudos geolinguísticos pluridimensionais recebem tal titulação por adotarem mais de duas dimensões em seus trabalhos, a Dialectologia pluridimensional não tem um limite de dimensões, visto que dependendo do *locus* elabora outras dimensões, além das já moldadas, para mapear a variação linguística relacionada a todos os contextos extralinguísticos que a influenciam. Isso pode ser visto no projeto *Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata* (ALMA), porém já adotando dimensões a mais como: diarreligiosa e diamésica¹⁰.

Com tantas dimensões em sua estrutura metodológica, a Dialectologia pluridimensional acaba gerando muitos mapas, os quais relacionam todas as dimensões que são adotadas por cada trabalho. E para a confecção de seus atlas, tende a utilizar cartas linguísticas monocromáticas em detrimento de gerir um baixo custo em suas impressões. A seguir, a figura 2 mostra um modelo de carta.

Figura 2: Carta linguística 3 para o uso do aforlusismo “caçula”, pertencente ao Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte (ADDU-Norte).



Fonte: Thun (2001)

¹⁰ No projeto ALMA, coordenado pelos professores Thun e Altenhofen, a dimensão diarreligiosa divide-se em dois parâmetros, católico e evangélico-luterano, ou seja, tipo de localidade conforme as confissões religiosas. Já a dimensão diamésica divide-se também em dois parâmetros, língua em meio escrito *versus* meio falado.

Mas chega-se a um ponto em que a Dialetoologia pluridimensional sofre algumas críticas, Mouton (2015, p. 106 apud DIAS, 2017, p. 107) elucida:

Evidentemente en estos atlas lingüísticos el eje diatópico ha perdido importancia y se combina con otros ejes. A pesar de ser atlas primarios ofrecen sus materiales elaborados como si fueran secundarios y, al superponer en un solo punto los resultados de cuatro informantes o de grupos de informantes, se alejan en gran medida de su dimensión espacial, de ahí que necesiten muchas páginas de texto para explicar unos mapas que acumulan información, pero no la dejan “ver”.

De fato, não podemos negar que os estudos geolinguísticos mudaram e que o seu objetivo essencial, o comportamento linguístico no espaço, passa a se revezar com o comportamento linguístico no seio social, e nem podemos dizer que os estudos geolinguísticos tradicionais e modernos são iguais, neste sentido, novos métodos de investigação podem gerar novas abordagens. É o que vemos com a Dialetoologia pluridimensional.

Sobre o que é fazer geolinguística, Contini e Tuailon (1996, p. 7 apud CARDOSO, 2010) dizem que “a dialetoologia tem por finalidade essencial estudar a variação geolinguística”. Ou seja, para Cardoso (2010), é no espaço que está sua “identidade, a definição do seu campo, a afirmação dos seus objetivos próprios. E Cardoso (2000, p. 415) assinala também que:

(...) a geolinguística hoje, deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados areais.

Sobre o que foi mostrado aqui, podemos dizer que, então, a Dialetoologia pluridimensional opera uma quebra no paradigma geolinguístico em relação ao seu objetivo e que como seu autor, Thun, a considera como uma nova teoria, já que ela não tem mais um foco específico e tende a estudar toda a variação, logo podemos falar que ela é mais uma abordagem que se estabeleceu e conquistou um espaço nos estudos de variação linguística.

2.2 O BILINGUISTO E O CONTATO LINGUÍSTICO NO CENÁRIO ASURINÍ DO XINGU E NO CENÁRIO ARAWETÉ

Weinreich (1974) definiu o contato de línguas se elas fossem usadas alternadamente pela mesma pessoa, sendo, então, o indivíduo o *locus* do contato. Ademais, afirmou que o uso alternado de duas línguas seria o processo de bilinguismo e as pessoas envolvidas em tal processo chamou de bilíngues.

As línguas Asuriní do Xingu e Araweté estão em pleno contato com a língua portuguesa (LP) por meio dos Asuriní do Xingu e dos Araweté falarem as suas línguas étnicas e o português. Além disso, ainda há interações linguísticas entre essas sociedades indígenas com a sociedade envolvente. Esses contatos acabam por implicar rearranjos nas línguas ou variedades de línguas dos indígenas.

Ao observarmos uma comunidade bilíngue ou plurilíngue, podemos concordar com Weinreich o qual chegou à conclusão de que o contato só acontece na pessoa bilíngue, pois só elas carregam a língua. Neste sentido, reafirmaríamos que o bilinguismo ou multilinguismo está apenas no indivíduo. Mas, segundo Calvet (2002), o lugar do contato linguístico pode recair sobre o indivíduo (bilinguismo ou situação de aquisição) ou sobre a comunidade. Na comunidade, entra Ferguson (1959 apud CALVET, 2002) com a noção de diglossia¹¹.

A partir da reavaliação de Fishman (1967) sobre diglossia, podemos dizer que os Asuriní do Xingu apresentam bilinguismo¹² sem diglossia, ou seja, quase toda a sua população fala o português e a língua Asuriní do Xingu, mas há muitas situações instáveis, contextos não definidos, nos usos das línguas que impedem de determinar a sua sociedade

¹¹ Fenômeno social em que numa sociedade coexistem duas variedades linguísticas, uma “baixa” e uma “alta”, muito divergentes e utilizadas em determinadas situações, ou para escrever ou para falar.

¹² Na literatura, não há um consenso sobre a definição de bilinguismo (ROMAINE, 1995). Assim, consideramos aos Asuriní do Xingu e aos Araweté somente as competências em falar e em compreender duas línguas para serem chamados de bilíngues, ou seja, não adianta conhecerem as línguas ou parte delas, mas, sim, realizarem essas duas competências. Também, consideramos que o bilinguismo deles independe de terem boa proficiência nas duas línguas, apresentar proficiência boa em uma língua já é suficiente, ou seja, ter o domínio de apenas um sistema linguístico (*langue*). Assim, para nós, só pode constituir-se bilíngue ou plurilíngue aquele que já se apresenta, no mínimo, monolíngue. Para ficar mais claro, descrevemos nosso ponto de vista, a saber: quando um adulto que tem uma língua (L1) adquire, no mínimo, um subsistema (fonético, fonológico, morfológico, sintático, entre outros) que constitui uma segunda língua (L2) e que lhe dê condição de interação nessa L2, ele torna-se bilíngue. Já se uma criança domina apenas subsistemas de línguas diferentes, ela ainda não é bilíngue, pois ainda não é nem mesmo monolíngue, mas quando essa criança internaliza um sistema completo de apenas uma língua, automaticamente ela será bilíngue sem necessitar internalizar por completo o sistema (*langue*) da segunda língua (L2). E, dependendo das condições de interação, a criança ou o adulto poderão desenvolver o sistema completo da sua segunda língua, podendo chegar a interagir de forma independente linguisticamente em cada língua; ou perder ou fundir os subsistemas da L2 à sua L1, tornando-se novamente monolíngue. Consideramos que um “subsistema” linguístico é a menor categoria para distinguir línguas, também para a definição de variedades de línguas. Para isso, buscamos evidências físicas para separar línguas, não fatores históricos de desenvolvimento ou fatores políticos por trás dessas línguas.

com presença de diglossia. Já os Araweté caminham para um cenário com diglossia, mas ainda não são uma sociedade bilíngue. A língua Araweté é falada no contexto familiar e entre os Araweté e a LP apenas no contexto escolar e com os não-indígenas, mas nem todos os Araweté falam plenamente o português, somente a língua étnica.

O uso da língua portuguesa pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté é crescente. Com os Asuriní, o português passa a ser mais falado do que a língua étnica com as gerações mais jovens e, se a sua situação linguística continuar assim, levará a língua indígena à morte, pois o uso excessivo da LP dentro dessa sociedade já implica na aquisição linguística de algumas crianças, as quais já apresentam o português como primeira língua. Com os Araweté, aparentemente, há uma relação estável entre a LP e a língua Araweté, ou seja, ainda não há ameaça à sua língua étnica em detrimento de usarem a língua portuguesa. O português dos Araweté é falado por metade de seu povo e só um quarto de sua população consegue se comunicar de forma plena nessa língua. Esse um quarto são, na maioria das vezes, jovens e homens.

Os fatores sociais atuais influenciam bastante para um maior uso do português pelos indígenas e para a melhora da proficiência dessa língua, mas existem outros fatores que impedem que só seja falado o português, exigindo muito que se fale a sua língua nativa também, principalmente com os Araweté. Assim, as duas sociedades indígenas vivem e apresentam uma situação linguística bem distinta.

Weinreich (1974) destacou que a interação entre fatores estruturais¹³ e não estruturais¹⁴, que podem ser individuais ou sociais, inerentes às pessoas bilíngues, podem provocar ou impedir interferências¹⁵, o que inclui os empréstimos, em suas línguas.

Sobre as interferências linguísticas que apresentam os Asuriní do Xingu e os Araweté, tomamos como base a abordagem de Thomason e Kaufman (1988)¹⁶ para definir melhor essas influências linguísticas inseridas nos processos de *language maintenance* (manutenção da

¹³ Os fatores estruturais são os que se originam da organização das formas linguísticas em um definido sistema, diferente para cada língua e para um independente grau considerável de comportamentos e experiências não linguísticas.

¹⁴ Entre os fatores não estruturais definidos por Weinreich (1968), temos os do indivíduo bilíngue: facilidade de oralização, manutenção separada de cada língua a parte, atitudes em direção a cada língua, quer idiossincráticas ou estereotipadas. Há também compartilhamentos por grupos bilíngues, fora do plano individual, sendo alguns: o tamanho do grupo bilíngue e sua homogeneidade ou diferenciação sócio-cultural; fatores demográficos; relações políticas e sociais entre esses subgrupos; atitudes estereotipadas em direção a cada língua (prestígio).

¹⁵ As interferências são os momentos de desvio de cada variedade de língua que estão expostas ao contato. Segundo Weinreich (1968), essas interferências implicam remanejamentos (rearranjos) de padrões que resultam na introdução de elementos estrangeiros nos mais altos domínios estruturais da língua e podem ser fônicas, gramaticais e lexicais.

¹⁶ A abordagem de Thomason e Kaufman (1988) vem interpretar os fenômenos que se dão do contato linguístico por meio da Linguística Histórica e destacam as influências sócio-históricas como motivadoras das mudanças que se realizam na estrutura das línguas.

língua), no qual há muitos empréstimos de uma língua dominante para a língua subordinada para tentar manter essa última, e de *language shift* (troca de língua), no qual há interferências para a língua que estão trocando, a língua alvo. Essa abordagem mostrou-se bem regular para definir melhor os tipos de influências, empréstimos ou interferências, que apresentam os Asuriní do Xingu e os Araweté.

Thomason e Kaufman (1988) chegam ao ponto de dizer que as influências da língua dominante para a língua dominada que se realizam no falante se configurariam como empréstimos e o contrário, as influências para a língua dominante, seriam interferências, as quais estariam atreladas a um aprendizado irregular da língua dominante, ou seja, a língua alvo de troca. Mesmo a partir das definições desses autores, não é simples discernir empréstimos de interferências nos Asuriní do Xingu e nos Araweté, ainda que incluindo os fatores sociolinguísticos recomendados por eles para interpretar a situação linguística dessas sociedades.

Para a língua Asuriní do Xingu de alguns indígenas, observamos muitas interferências fonético-fonológicas por influência de um maior uso do português em relação à língua étnica ou por má aprendizagem dessa língua indígena na escola. Vimos que os jovens realizam mais a vogal anterior alta (i) ou a vogal média fechada (e) em vez da vogal central alta (ɨ)¹⁷; apresentam menos realização das consoantes fricativas bilabiais (β e φ) e mais realização de oclusivas bilabiais ou de fricativas labiodentais em palavras que aquelas deveriam aparecer. Tanto a vogal central quanto as consoantes fricativas bilabiais apresentadas são características da língua indígena. Há também mais influências na língua étnica desses jovens do que em seu português¹⁸. Já para a língua Araweté de alguns Araweté, foram constatados apenas muitos empréstimos lexicais oriundos do português.

Na língua portuguesa dos Asuriní do Xingu, não observamos tantas influências¹⁹ por parte de sua língua étnica pelo fato de apresentarem um bilinguismo avançado no que tange a

¹⁷ Notamos que alguns jovens quando falam a língua Asuriní do Xingu e sabem o contexto que deve aparecer a vogal central alta na palavra acabam por realizar, algumas vezes, /e/, e quando não sabem se há a vogal central na palavra utilizam bastante /i/. A dificuldade de realizar o /ɨ/ pode ser um fato de já utilizarem bastante a língua portuguesa, a qual não apresenta a vogal central alta e interfere no contexto fonêmico de sua língua étnica a uma fusão dos fonemas /e/ e /i/, os quais se realizam por /e/, ou /i/ e /ɨ/, os quais se realizam por /i/.

¹⁸ Como os jovens Asuriní dominam bem a língua portuguesa e a usam mais, acabam desconhecendo ou não recebendo (não houve a possibilidade de transmissão) algumas palavras da língua étnica, o que faz esses jovens adaptarem (empréstimos semânticos) muitas palavras no contexto da língua indígena com base no português para suprir a carência do seu léxico indígena. O fato pode ser visto no uso das palavras *uiẽ* (sagrando) em vez de *tuí* (menstruação), *kunumi takipwera* (último filho) em vez de *kunumimapawa* (caçula), *taueratenuema* (barriga cheia) no lugar de *ukaru aiwerete* (cheio, empanturrado).

¹⁹ Notamos poucas interferências e mais no nível fonético-fonológico entre os Asuriní mais velhos, geração em torno de 40 anos, que não vimos nos mais jovens, geração em torno de 20 anos, a saber: palatalização do /s/ (cesto > chesto / sanguessuga > samichuga / sinal > chinal), apagamento do /s/ pós-vocálico (mesmo > memu /

proficiência. Já no português dos Araweté, notamos algumas interferências morfosintáticas e fonético-fonológicas e poucas interferências lexicais quando fazem a troca para essa língua. Como os Asuriní apresentam um bilinguismo mais avançado e há mais tempo em relação aos Araweté, é mais difícil haver influências de sua língua étnica em seu português em detrimento de seus novos comportamentos, muito uso da língua portuguesa, o que evidencia a troca da língua étnica pelo português em sua sociedade. Já parte dos Araweté estão adquirindo não há muito tempo a língua portuguesa e os novos contextos sociais e políticos que esses estão passando pedem bastante o uso dessa língua, a qual acaba apresentando muitas influências (interferências) de sua língua étnica por ainda não dominarem o português aprendido recentemente e nem serem uma sociedade bilíngue²⁰.

Também, vimos variações linguísticas em decorrência do aprendizado pouco regular²¹ que se deu ou que ainda se dá da língua portuguesa pelos indígenas, variações que são encontradas comumente em outros trabalhos dialetológicos, principalmente variações fonético-fonológicas²². Não sabemos a fundo sobre essas variações devido à falta de mais

antes > anti), redução do gerúndio (nascendo > nacenu / molhando > moianu) e apagamento da palatal /ɲ/ (bolinho > bolĩ:u / balinha > balĩ:a). O primeiro fato pode ser explicado pela ausência do fonema /s/ na língua étnica, língua de melhor proficiência dessa geração. Já a redução pode ser explicada pela existência da pré-nasalizada /nd/ na língua Asuriní do Xingu que sofre variação livre, ou seja, ora é realizado com som de [d], ora com som de [n], e que acaba ocasionando variação fonológica na pronúncia do gerúndio do português. O terceiro fato, bem comum nessa geração, foi o apagamento da palatal /ɲ/. Essa palatal não é incomum a eles, pois é realizada em sua língua étnica, mas o contexto é diferente do da língua portuguesa, ou seja, na língua Asuriní do Xingu, o [ɲ] é alofone de /dz/ e só pode ocorrer diante de vogal nasal, não depois dessa.

²⁰ Thomason e Kaufman (1991, p. 119-120) já relatavam que quando uma sociedade se torna bilíngue e troca (deixa de falar) a sua língua étnica em detrimento da língua dominante, acaba por deixar poucas influências nessa língua, a dominante, num cenário de transmissão linguística normal. Mas quando a troca é abrupta e só parte do grupo (algumas gerações) apresenta bilinguismo, ou seja, não houve tempo de todos aprenderem a língua dominante, provavelmente haverá muitas interferências para a língua que estão trocando, a dominante. Ainda é cedo para falar em troca de línguas nos Araweté por mais que algumas pessoas já fazem essa troca, mas pode ser que eles sigam o mesmo caminho que outras sociedades indígenas brasileiras, ou seja, trocam a sua língua étnica pelo português, como já se observa com os Asuriní do Xingu.

²¹ Os Asuriní do Xingu e os Araweté que aprenderam a língua portuguesa no início do contato com os não-indígenas de forma interativa direta, os mais velhos, ainda apresentam muitas variações e influências de suas línguas em seu português. Outra forma de aprendizagem dessa língua é dentro do contexto escolar, o ensino atual do português ainda transmite variações linguísticas e influências em detrimento das línguas indígenas, principalmente com os Araweté. Tal fato deve-se aos professores Araweté por ainda manterem alguns traços de sua língua étnica em seu português e algumas “irregularidades” de pronúncia que ainda permanecem quando tiveram de aprender a LP.

²² As variações foram notadas mais no português dos Araweté, os quais apresentam baixa proficiência dessa língua. Talvez as variações fonético-fonológicas possam ser a interferência da não existência de alguns fonemas na língua Araweté, por exemplo, /l/, /b/ e /s/, e que prejudica no seu português falado. Exemplos são: a rotacização L por R (/r/) (lanterna > ranterna / bala > bara / flor > frô / baladeira > maradera / balanço > barançu); a não pronúncia do S pós-vocálico (pescoço > pecotu / mosquito > moquitu / ônibus > ôndibu); a palatalização do S (cachaça > cachacha / sujo > chuju). Já no nível sintático, observamos a utilização de verbos sem pronome e sem concordância com a pessoa que os fala (eu do discurso) ou com a pessoa com quem se fala, como, por exemplo, o verbo “sabe”, utilizado para “eu sei”, “tu sabes”, “ele sabe”, “sabemos”, etc, e os verbos invariáveis “bebe” e “come”, sempre verbos de terceira pessoa. O fato anterior pode ser reflexo da configuração da língua indígena, ou seja, só há uma forma verbal nessa língua e que interfere na aquisição das formas verbais conjugadas da língua portuguesa, assim acabam por utilizar a forma verbal mais “simples” e mais recorrente no

estudos dos seus contextos sociolinguísticos, mas pode ser que elas sofram influência direta de suas línguas étnicas. Ressaltamos que talvez não percebemos mais influências linguísticas pelo tipo de trabalho e de coleta de dados.

As situações linguísticas que as duas sociedades indígenas, aparentemente, apresentam tomam o caminho em direção à troca da língua étnica pelo português, devido ao contexto sócio-histórico que essas sociedades passam, principalmente os Asuriní do Xingu, os quais já apresentam um grau de bilinguismo muito avançado. Essas situações já demonstram algumas influências na língua alvo da troca, a LP, bem mais que nas suas línguas étnicas, a não ser quando eles tentam manter a língua étnica, observado com os Asuriní.

Tal restrição dos fenômenos empréstimos e interferências linguísticas por Thomason e Kaufman (1988) para determinados contextos linguísticos (*language maintenance* e *language shift*) implica em algumas dificuldades na definição desses fenômenos, porque esses últimos podem mudar independentemente dos contextos. Mas Thomason (2001) já traz novas observações e diz que alguns empréstimos podem ser feito para a língua alvo de troca e interferências podem acontecer em línguas receptoras (*receiving language*), a língua dominada, na situação de *language maintenance*. Por exemplo, no português brasileiro²³, temos “jacaré” e “urubu” como empréstimos (situação 1) e “igarapé” e “carapanã” como

português não-padrão, do cotidiano, a da terceira pessoa. No léxico, notamos aprendizado irregular de alguns nomes por parte dos Araweté, vemos verbos no lugar de substantivos, por exemplo, “chovendo” em vez de “chuva”, “trovejando” no lugar de “trovão”, “balançando” por “balanço”. Na língua Araweté, algumas palavras só apresentam uma forma, que pode indicar tanto a ação ou o processo do “fato” (verbo) quanto o “fato” (substantivo), exemplo, *amĩ* (chuva / chovendo), *ukajikukarahi* (pôr do sol (ocasião) / o Sol vai se escondendo ou sumindo). Os dois últimos casos de interferência apresentados, o do léxico e o da sintaxe, que implicam variação ocorrem mais na língua portuguesa das pessoas com proficiência precária dessa língua e tendem a desaparecer com as pessoas que melhor falam o português dessa sociedade. Também a partir da forma *ukajikukarahi*, percebemos que há interferência semântica em seu português, ou seja, essa palavra significa literalmente “o Sol que se esconde ou some” e foi muito produtiva em sua sociedade, mais uma influência do contato.

²³ Não vimos exemplos explícitos de empréstimos à língua dominante, LP, nos nossos dados. Desse modo, exemplificamos no português brasileiro. Percebemos que os empréstimos da situação 1 podem estar ligados à carência do “fato” na cultura da língua dominante e que é presente e nomeado na cultura da língua dominada, o que implica empréstimos dos nomes na nossa visão. Thomason (2001, p. 67) apresenta fato semelhante à observação anterior e assegura que para a sua definição leva em conta o bilinguismo avançado de falantes nativos da língua dominante, os quais faziam empréstimos da língua dominada à sua língua nativa. Relacionando o fato anterior à nossa primeira observação, podemos dizer que foram os falantes nativos da LP e que tinham boa proficiência na língua indígena que fizeram os empréstimos, jesuítas talvez? Já na situação 2, interferência, o aprendizado da língua dominante (língua alvo de troca), a língua portuguesa, talvez não se completou em algumas pessoas na região amazônica e elas tenderam a manter traços da antiga língua para suprir as carências desse aprendizado. Esses traços podem ser encontrados vastamente no português falado na Amazônia, onde antes dessa língua havia uma língua geral indígena e que devido a uma troca pela língua portuguesa ocasionada pela política pombalina no séc. XVIII, não houve tempo de um aprendizado total da LP, o que caracterizou o português da Amazônia com muitas influências (interferências) dessa língua geral em relação ao português falado no resto do Brasil. Nas sociedades Asuriní do Xingu e Araweté, nomes em línguas indígenas de coisas que só existem em sua cultura podem ser emprestados ao seu português, porém feitos por pessoas dessas sociedades, por exemplo, o nome *turé* em língua Asuriní do Xingu, tipo de flauta Asuriní, faz parte do português dos Asuriní.

interferências (situação 2) para a língua alvo (língua dominante), a LP. Mas para a definição dessas situações, tivemos de levar em conta os fatores sociolinguísticos. Nesta pesquisa, vimos que os Asuriní do Xingu realizam interferências em suas línguas étnicas, exemplificados na nota 17. Essas interferências não se configuram como empréstimos por mais que sejam influências para a língua Asuriní do Xingu, a língua dominada, ou seja, não são empréstimos para manter a língua étnica, mas “irregularidades” devido ao muito uso da LP e ao aprendizado irregular da língua indígena, como falaremos mais adiante.

Os fatores não estruturais definidos por Weinreich (1974) que influenciam as línguas estariam centrados em um cenário psicológico e sócio-cultural do contato linguístico. Fatores sócio-culturais são para Thomason e Kaufman (1988) os principais fatores condicionadores da mudança linguística por meio do contato de línguas. Weinreich apenas definiu o cenário em que as línguas estão em contato, mas não destacou o que influencia as mudanças em decorrência do contato linguístico.

Como vimos, fatores sociais podem condicionar mudanças em uma ou várias línguas em contato com outras línguas. Entre esses fatores temos o aprendizado escolar, a intensidade do contato. Os fatores sociais também podem estar relacionados diretamente nas interações que predizem contato linguístico. Sobre as interações que existem e reforçam o contato de línguas na sociedade Araweté e na sociedade Asuriní do Xingu, citamos algumas: o uso de televisores, rádios e celulares nas aldeias, os quais veiculam ou portam bastante informação em LP; as viagens dos indígenas aos centros urbanos; a participação não-indígena nas aldeias.

Sabemos que os fatores que acarretam mudança, variação e/ou interferências linguísticas no contato de línguas sofrem influências sócio-culturais²⁴. Assim, nos últimos oito anos, os Asuriní do Xingu e os Araweté vem sofrendo muitas influências materiais e não-materiais em suas aldeias devido à construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Com a grande e rápida entrada de coisas e costumes da sociedade envolvente reivindicadas pelos indígenas como compensação aos impactos socioambientais que a obra traria, essas sociedades passaram a ter dificuldades em nomear, em suas línguas étnicas, muitas dessas novas coisas e costumes. O que acabou fazendo com que os indígenas fizessem muitos empréstimos lexicais do português, principalmente os Araweté, ou passassem a utilizar mais a LP, no caso dos Asuriní do Xingu, para tentar relacionar-se com um ambiente reconfigurado.

²⁴ No contexto social dos Araweté, há um tabu sobre o nascimento de crianças gêmeas. Essa sociedade ainda não aceita essas crianças. Esse tabu é tão forte que a palavra “gêmeos” não existe em sua língua étnica e eles nem expressam essa palavra no contexto de seu português, muito menos com “coisas” que pedem a anexação dessa palavra aos seus nomes para complementar os seus sentidos, como “banana gêmeas”, a qual se expressa por outras formas, principalmente “banana casada”.

Em decorrência das abruptas mudanças recentes que passam os Asuriní do Xingu e os Araweté, seus novos comportamentos sociais facilitam mais o contato com a língua da sociedade envolvente. Com o maior uso de objetos de mídias nas aldeias, eles não precisam mais de interação prototípica para trocar ou receber informações. Em seus novos cenários, o costume de assistir a televisão, escutar músicas em dispositivos de rádio ou assistir a vídeos nos celulares acarreta em uma atenção maior à língua portuguesa por parte dos indígenas. Esses aparelhos de mídia veiculam ou portam informação em português na maioria das vezes. É um novo costume que tende a elevar o uso dessa língua, e, se pensarmos em contato de línguas, a grande veiculação de informações em apenas uma língua tende a levar a uma unicidade linguística, mais do que isso, tende a levar também a uma unicidade cultural, como salientou Couto (2009).

Assim, alguns fatores sociolinguísticos privilegiam a uma unicidade linguística com determinados resultados. Dentre alguns resultados, se verificam os pidgins e o crioulo linguístico, que são frutos de uma convergência linguística²⁵, e a necessidade de uma língua veicular que leva a supremacia dessa língua. Os Asuriní do Xingu e os Araweté não presenciaram ou presenciam situações de pidgins ou crioulos²⁶, mas a necessidade de uma língua veicular, o português, para se comunicar com não-indígenas e indígenas de outras etnias próximas e se inserir na sociedade envolvente, eleva o aprendizado da língua portuguesa e seu uso em relação às suas línguas étnicas, conseqüentemente o português torna-se uma ameaça a essas línguas.

Há também fatores sócio-culturais que podem ocasionar resistência a uma unicidade linguística. Tais fatores foram presenciados com os Araweté, entre eles temos o tamanho de sua população. Os Araweté são uma população bem mais numerosa em relação aos Asuriní do Xingu e mais conservadora também, esses dois fatores impedem que a língua portuguesa seja mais falada em relação à língua étnica. Com uma sociedade grande, há muitas pessoas velhas, as quais só dominam a língua Araweté, e que fazem com que os mais jovens utilizem bastante essa língua. Quanto ao seu conservadorismo, ele impediu e ainda impede uma interação mais intensa com os não-indígenas, ou seja, pouca interação com o português, principalmente visto com as mulheres.

²⁵ A noção de “convergência” está ligada ao fato de duas línguas ou mais sofrerem mudanças que fazem com o resultado seja outra língua diferente dessas. (THOMASON, 2001, p. 262).

²⁶ Segundo Thomason (2001, p. 262, 273-274), tanto as línguas crioulas quanto os pidgins são situações que se desenvolvem do contato entre mais de duas línguas e que aquelas podem surgir da nativização destes. Ainda sobre o desenvolvimento do pidgin, a autora comenta que os mais de dois grupos linguísticos não compartilham as suas línguas, isto é, nenhuma língua sozinha é largamente conhecida entre esses grupos em contato, os quais precisam se comunicar regularmente. Fato que não acontece com os Asuriní do Xingu e com os Araweté.

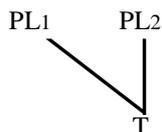
Ainda existe muita participação de não-indígenas nos territórios dos Asuriní do Xingu e dos Araweté. Nos últimos anos, o português esteve bastante presente nas aldeias por meio de agentes de saúde do DSEI, pesquisadores, funcionários da FUNAI, missionários e operários da Norte Energia. Esse último grupo influenciou muito os indígenas, já que os operários estão frequentemente fazendo obras civis em suas comunidades. Além das obras, cada família indígena recebeu da Norte Energia uma voadeira, um tipo de embarcação, e passou a receber uma cota mensal de dinheiro e de gasolina para se deslocarem nos seus barcos para a cidade de Altamira. Com isso, eles passaram a interagir bem mais com a sociedade envolvente indo frequentemente para a cidade, onde o português é língua nativa. As viagens são mais por interesses políticos, necessidades de saúde ou atividades comerciais e tem uma duração curta, a não ser em caso de saúde.

Ao falarmos de deslocamento para outro território, trouxemos conceitos em cima de noções da Ecolinguística para entendermos de forma mais completa as relações linguísticas que as sociedades indígenas deste trabalho estão imersas, ou seja, há toda uma relação entre as suas línguas e os seus ambientes, onde o território faz parte, e que não podemos renunciar. Sendo assim, segundo Couto (2009), para a Ecolinguística, a língua de um povo nada mais é que o reflexo das relações sociais com o seu meio ambiente, o qual se divide em três, são eles: o meio ambiente social, o mental e o natural da língua. É dentro desses meio ambientes que o contato linguístico pode acontecer.

O meio ambiente mental é a área neuro-cerebral em que o contato linguístico acontece e não a exploramos neste trabalho por questões de limites de pesquisa. O meio ambiente social (a comunidade de fala) já foi parcialmente explorado neste tópico para entendermos os fatores sociais relacionados ao contato de línguas. Assim, resta observar apenas o meio ambiente natural, no qual está a relação entre língua e território.

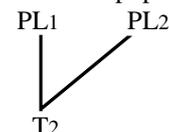
Toda a mudança que acontece nas línguas implica variação como já dizia Weinreich, Labov e Herzog (2006). Um dos fatores para que aconteça a variação é o espaço, ou melhor, a relação de pessoas no espaço e com ele, um determinado território. Ao levar em consideração o meio ambiente natural, percebemos dois tipos de contato que ainda presenciam os Asuriní do Xingu e os Araweté. No primeiro, o povo “mais forte” (PL1), não-indígenas, é que se desloca para o território (T) do povo “mais fraco” (PL2), indígenas, apresentado na figura 3, a seguir.

Figura 3: 1º contato entre populações



Fonte: Couto (2009)

Figura 4: 2º contato entre populações



Fonte: Couto (2009)

A figura 3 apresenta a situação mais comum de contato linguístico que aconteceu nas Américas, onde as línguas europeias tiveram um grande domínio sobre as línguas autóctones, seja pelo poder político, tecnológico, militar ou de prestígio. É uma das realidades que aconteceu e ainda acontece com os Asuriní do Xingu e com os Araweté, influenciando o contexto linguístico dos indígenas. Essa realidade faz com que a língua portuguesa venha a conquistar espaços antes não dominados por ela e se ambientar, relacionar, com esses novos territórios adquirindo, com o tempo, características para poder se estabelecer como uma língua de igual valor (sentimento, utilidade) em relação às línguas indígenas às pessoas nativas (PL₂) desses territórios. Outra realidade que acontece com os Asuriní do Xingu e com os Araweté é a movimentação deles em direção ao território do povo mais forte, a cidade de Altamira, como vemos na figura 4.

Na figura 4, T₂ representa a cidade de Altamira. Nos últimos anos, a participação intensa dos Asuriní do Xingu e dos Araweté na sociedade envolvente fomenta em um aprendizado mais especializado da língua portuguesa em que o português dos indígenas se adapta ou rearranja, principalmente quando adquirido nas aldeias, com um espaço já “moldado” por meio da variedade do português da população dessa cidade. Por outro lado, com as novas reconfigurações das aldeias nos últimos anos, em se tratando de território, o português dos Asuriní e dos Araweté acaba por encontrar um novo contexto, o qual é semelhante ao contexto territorial da cidade de Altamira que é parcialmente apresentado quando os indígenas vão a essa cidade, e que estimula o uso de seu português “readaptado”.

As duas situações de contato de Couto apresentadas anteriormente nos orientaram a perceber alguns dos contextos de imersão em língua portuguesa em que estão inseridos os Asuriní do Xingu e os Araweté. Assim, a relação dos indígenas com o território da sociedade envolvente e de não-indígenas em seu território influencia em seus contextos linguísticos, principalmente no léxico da língua portuguesa dos indígenas que estão mais próximos da cidade²⁷, os Asuriní, o que acarreta muitas variações nesse léxico e mudanças em seu português e em sua língua étnica.

²⁷ A distância geográfica das aldeias dos Asuriní do Xingu para cidade de Altamira sempre foi pequena desde a efetivação dos seus contatos. Já os Araweté só ficaram mais próximos da sociedade envolvente a partir dos anos

Assim, podemos dizer que a língua portuguesa dos Asuriní do Xingu e dos Araweté, hoje, não se limita mais a um território definido, as suas terras. Esse português ficou isolado nos limites das suas comunidades por muito tempo mesmo depois do contato, o que configurava essas sociedades em ilhas linguísticas²⁸ (IL) para essa língua. Desse modo, já que as fronteiras de seus espaços ampliaram²⁹, conseqüentemente as relações sociolinguísticas dentro desses espaços também (comunidade fala), atingindo as suas variedades de língua. Mas podemos ainda inserir os Asuriní e os Araweté em IL se nos atentarmos à situação de suas línguas étnicas, ainda em isolamento dentro de seus territórios.

Ainda sobre o contato de línguas e observando o aprendizado escolar, Thomason e Kaufman (1988) dizem que os diferentes processos de aprendizagem às línguas implicam em um bilinguismo desproporcional. Conseqüentemente, essa situação de bilinguismo pode levar a perda de uma das línguas do falante ou da comunidade. No cenário das duas sociedades indígenas, o aprendizado dos saberes sócio-culturais dos seus ancestrais, em que a língua indígena está inserida na maioria das vezes, se dá com a experiência, vivência, ou seja, com o contato com a “coisa” e mais a participação dos mais velhos, falantes que mais dominam a língua nativa, para apresentar o nome da “coisa”. Logo, o aprendizado linguístico das línguas indígenas requer bastante tempo, Müller (2002) e Silva (2000) já relatavam esse tipo de aprendizado com os Asuriní do Xingu.

Em algumas sociedades há a escola, lugar onde se aprende um saber linguístico-cultural de forma mais rápida. A escolarização chegou aos Asuriní do Xingu na década de 80 e aos Araweté nos anos 2000. Ela trouxe consigo uma estrutura de ensino que expressava os saberes culturais da sociedade envolvente, além de professores não-indígenas, falantes apenas de português. Os conteúdos disciplinares ou linguísticos, principalmente da língua portuguesa, passavam a ser mais veiculados ou só veiculados nessa língua em relação às línguas

2000, quando as suas aldeias foram remanejadas para as proximidades do rio Xingu. Assim, os Araweté saíram do médio curso do igarapé Ipixuna e foram para a sua foz, o que intensificou os seus contatos com os não-indígenas.

²⁸ A noção de ilha linguística que apresentamos aqui advém da concepção de Couto (2009), o qual a diferencia de enclave linguístico, pois a primeira, nas palavras desse autor, leva em consideração a importância maior da relação do território da sociedade envolvente com a sua IL do que a IL com o seu território de origem.

²⁹ Altenhofen (2014) destaca que fronteiras políticas e fronteiras linguísticas podem não coincidir. Ele chama de “territorialização horizontal” os espaços ocupados por uma população, que tem uma língua, vistos com as migrações, ou seja, no nosso trabalho, a língua portuguesa chegou (“migrou”) até as aldeias indígenas. Quando a língua se estabelece em um determinado espaço, ela ganha “territorialidade” e, a partir dessa “territorialidade”, a língua começa a apresentar “territorialização vertical”, isto é, influências sociolinguísticas dos “meios ambientes” que a circundam. Então, como destacado sobre território neste texto e inserindo-o nos conceitos de Altenhofen, a “territorialidade” da variedade do português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté não se limita mais aos seus territórios, ela abrange até a cidade de Altamira, pois as relações dos indígenas no espaço (território) aumentaram, conseqüentemente, a sua variedade de português acaba por sofrer outras influências sociolinguísticas, as do “meio ambiente” dessa cidade.

indígenas. Pereira (2009) observara, na sua época de pesquisa, que só existia professores não-indígenas ensinando os Asuriní. Esses professores não apresentavam muito conhecimento da língua Asuriní do Xingu e quando ensinavam as pronúncias de algumas letras, como a vogal central alta (i), característica dessa língua, acabavam por ensinar a pronúncia da vogal anterior alta (i), com som natural da língua nativa dos professores, o português. Além de as escolas das duas sociedades apresentarem professores não capacitados à realidade das línguas indígenas, elas eram um recanto, principalmente, para as crianças, como salientou Alves (2008), com os Araweté.

Hoje, as escolas dos Asuriní do Xingu e dos Araweté já apresentam projetos políticos pedagógicos interdisciplinares voltados a sua cultura e professores bilíngues, os quais são nativos dessas sociedades. Ela passou a ter forte influência nos indígenas, mas é ainda um espaço que privilegia o conhecimento linguístico (leitura, escrita), principalmente do português. Logo, a escola acaba por preparar os alunos a um domínio maior da língua portuguesa do que das línguas indígenas.

O que apresentamos neste tópico foi uma breve observação de campo a respeito da situação sociolinguística dos Asuriní do Xingu e dos Araweté. Ainda há muitos fatores a serem explorados sobre essas duas sociedades que podem influenciar em suas línguas e que, talvez, possamos discuti-los posteriormente, em pesquisas futuras.

2.3 AS LÍNGUAS ASURINÍ DO XINGU E ARAWETÉ NA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ

Os Asuriní do Xingu e os Araweté são sociedades muito próximas geograficamente e linguisticamente. É difícil falar com exatidão sobre o histórico deles, já que não existem registros impressos conservados sobre eles de anos atrás, mas há algo importante que podemos destacar além de suas narrativas que contam sobre passados recentes; trata-se do fator linguístico.

A língua é a parte de um povo que o acompanha em toda a sua trajetória histórica e pode sofrer influências que a modificam. A gramática de uma língua contém traços que a caracterizam como um tipo de sistema único. Traços sonoros e morfossintáticos de uma língua podem apresentar semelhanças com traços de outras línguas. Quando essas semelhanças são muito próximas e regulares dizemos que há relações genéticas entre as línguas, já que sob o olhar da Linguística Histórica, tais relações geram árvores genealógicas relacionando os graus de parentesco das línguas.

As relações de parentesco entre as línguas são uma das formas que nos trazem evidências sobre as relações de parentesco entre as sociedades indígenas brasileiras. Sobre as relações linguísticas das línguas indígenas da família Tupí-Guaraní, trazemos o quadro de Rodrigues e Cabral (2002) que é uma revisão sobre a classificação interna da família linguística Tupí-Guaraní de Rodrigues (1985), a seguir:

Tabela 2: Revisão da classificação interna das línguas da família Tupí-Guaraní

RAMO I	<i>Guaraní Antigo</i>
	<i>Kaiwá (Kayová, Pãí), Ñandeva (Txiripá), Guaraní Paraguaio</i>
	<i>Mbyá</i>
	<i>Xetá (Serra dos Dourados)</i>
	<i>Tapieté, Chiriguano (Ava), Izoceño (Chané)</i>
	<i>Guayakí (Aché)</i>
RAMO II	<i>Guarayo (Guarayú), Sirionó, Horá (Jorá)</i>
RAMO III	<i>Tupí, Língua Geral Paulista (Tupí Austral)</i>
	<i>Tupinambá, Língua Geral Amazônica (Nhe'engatú)</i>
RAMO IV	<i>Tapirapé</i>
	<i>Asuriní do Tocantins, Parakanã, Suruí (Mujetire)</i>
	<i>Avá-Canoeiro</i>
	<i>Tembé, Guajajara, Turiwára</i>
RAMO V	<i>Araweté, Ararandewára-Amanajé, Anambé do Cairarí</i>
	<i>Asuriní do Xingu</i>
RAMO VI	<i>Kayabí, Apiaká</i>
	<i>Parintintín (Kagwahíb), Tupí-Kawahíb (Tupí do Machado, Pawaté, Wiraféd, Urueuwauwau, Amondáva, Karipúna, etc.)</i>
	<i>Júma</i>
RAMO VII	<i>Kamayurá</i>
RAMO VIII	<i>Wayampí (Oyampí), Wayampípukú, Emérillon, Jo'é</i>
	<i>Urubu-Ka'apór, Anambé de Ehrenreich</i>
	<i>Guajá</i>
	<i>Awré e Awrá</i>
	<i>Takunhapé</i>

Fonte: Rodrigues & Cabral (2002)

Cabe ressaltar que há outras classificações genéticas das línguas da família Tupí-Guaraní, entre elas temos a de Mello (2000) e a de Dietrich (2010). Aquele separa as línguas Asuriní do Xingu e Araweté em grupos diferentes. A seguir, dispomos o quadro 1 somente com os subgrupos que apresentam as línguas Asuriní do Xingu e Araweté.

Quadro 1: Subgrupo VI e VII da família linguística Tupí-Guaraní

Subgrupo VI	Asurini do Trocará, Suruí, Parakanã
	Tembé
	Tapirapé
	Asurini do Xingu
Subgrupo VII	Araweté, Aurê e Aura, Anambé, Guajá

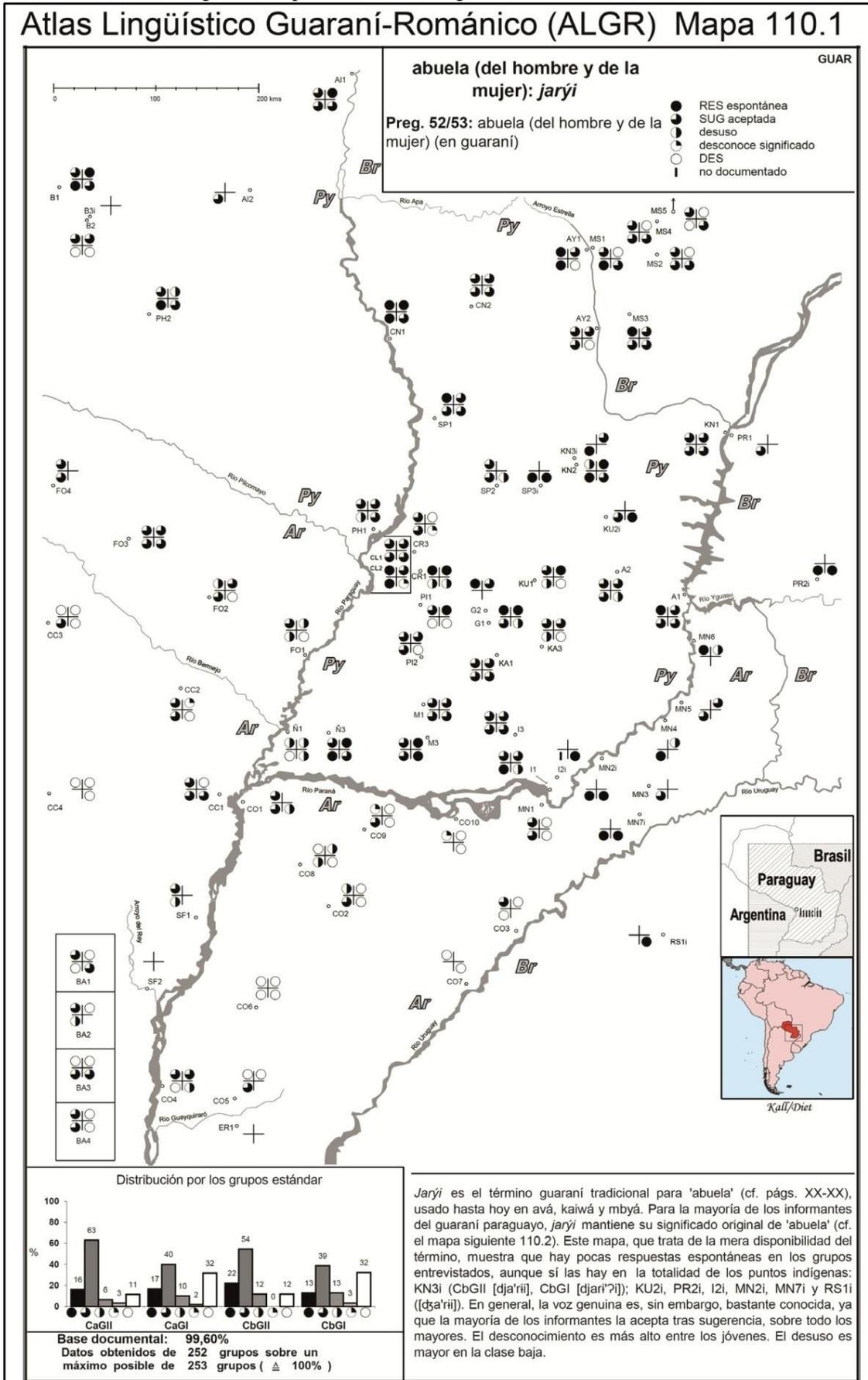
Fonte: Mello (2000)

Ambas as classificações dos autores mostradas levam em conta fatores fonológicos para comparação das línguas indígenas, mas a classificação de Rodrigues e Cabral considera critérios a mais, como lexicais e morfossintáticos.

2.4 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS DO PORTUGUÊS EM TERRAS INDÍGENAS

Falar em geolinguística do português em contato com línguas indígenas implica apresentar o *Atlas lingüístico Guaraní-Románico*, primeiro estudo de natureza dialetológica envolvendo a língua portuguesa e uma língua autóctone do Brasil. A seguir, apresentamos um mapa que integra o referido atlas:

Figura 5: Mapa 110.1 – Atlas lingüístico Guaraní-Románico



Fonte: Thun et al (2010)

Thun et al. (2010) concretizaram a primeira parte de um atlas linguístico envolvendo línguas românicas, no caso, português e espanhol, em contato com uma língua indígena, o Guaraní. O projeto ALGR se tornou importante, pois foi o pioneiro em mapear a língua portuguesa e uma língua indígena em contato no Brasil.

Hoje, há também o projeto *Mapeamento Geossociolinguístico do Português Falado em Áreas Indígenas nos Estados do Pará e Maranhão* (MGPFAl)³⁰, que desenvolve o ALIPAI. A seguir, apresentamos um quadro resumido de trabalhos geolinguísticos do projeto MGPFAl e do português-indígena desenvolvidos no projeto GeoLinTerm.

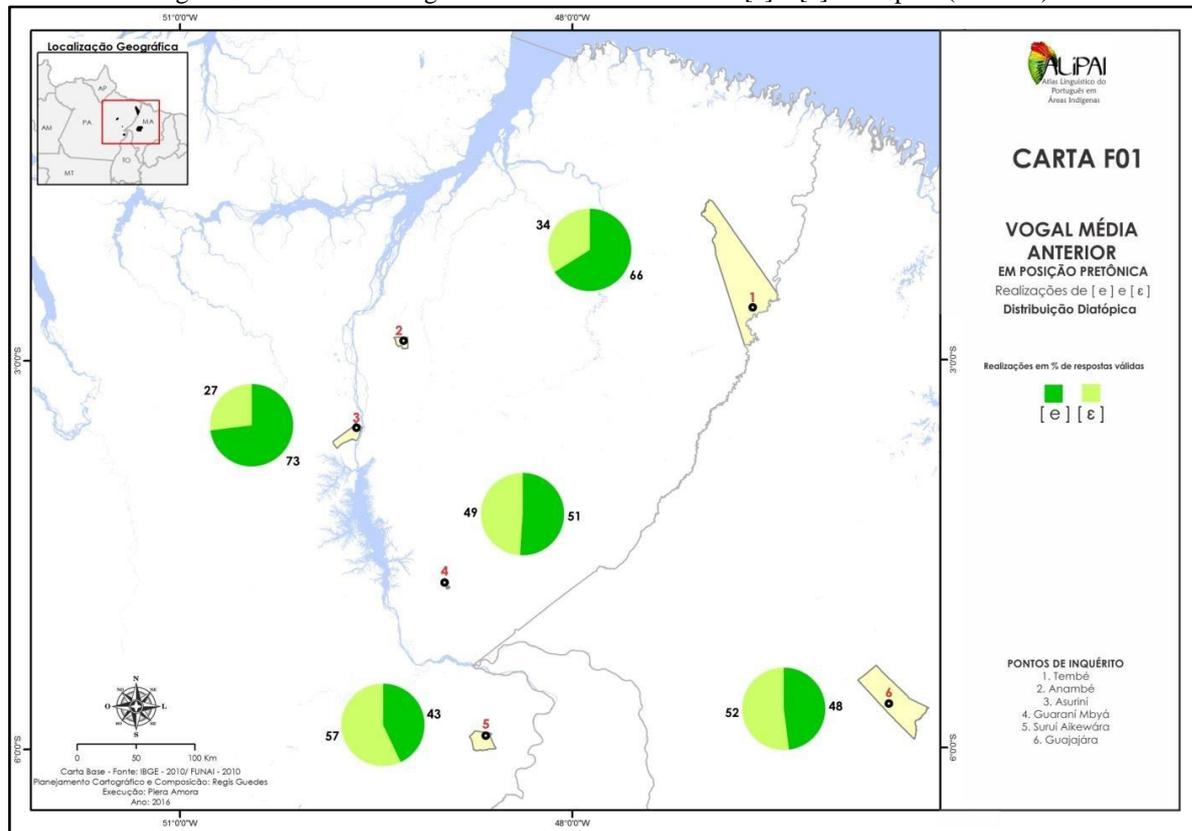
Quadro 2: Trabalhos geolinguísticos do português em terras indígenas

Título do trabalho	Descrição	Natureza e referência
<i>Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas tupi-guarani nos estados do Pará e Maranhão</i>	Estudo fonético-fonológico do português nas TIs: Alto Rio Guamá (Tembé), Nova Jacundá (Guarani Mbyá), Sororó (Suruí do Tocantins), Trocará (Asuriní do Tocantins) e Arariboia (Guajajara)	Tese concluída (doutorado): Guedes (2017)
<i>Estudo geossociolinguístico do léxico do português falado em áreas indígenas de língua Tupi-Guarani nos estados do Pará e Maranhão</i>	Estudo semântico-lexical do português nas TIs: Nova Jacundá (Guarani Mbyá), Sororó (Suruí do Tocantins), Trocará (Asuriní do Tocantins) e Arariboia (Guajajara)	Tese concluída (doutorado): Costa (2015)
<i>Mapeamento Lexical do Português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: Uma abordagem Geossociolinguística</i>	Estudo semântico-lexical do português nas aldeias: Aramirã, Pairakae, CTA, Mariry e Kurani'yty.	Dissertação concluída (mestrado): Rodrigues (2017)
<i>A variação lexical do português em contato com as línguas Nheengatu, Baniwa e Tucano: um estudo geossociolinguístico</i>	Estudo semântico-lexical	Tese em andamento (doutorado)
<i>Microatlas linguístico bilíngue (português-kheól) da área indígena dos Karipuna do Amapá</i>	Estudo semântico-lexical	Tese em andamento (doutorado)

³⁰ O projeto MGPFAl foi iniciado em 2014 pelo projeto GeoLinTerm da Universidade Federal do Pará, é vinculado ao projeto ALSLIB e o tem como referência para desenvolver pesquisas do português em terras indígenas.

Na figura 6, apresentamos uma carta linguística de Guedes (2017), trabalho desenvolvido com etnias Tupí-Guaraní:

Figura 6: Carta F01 – Vogal Média Anterior Pretônica [e] e [ɛ] Diatópica (ALIPAI)



Fonte: Guedes (2017)

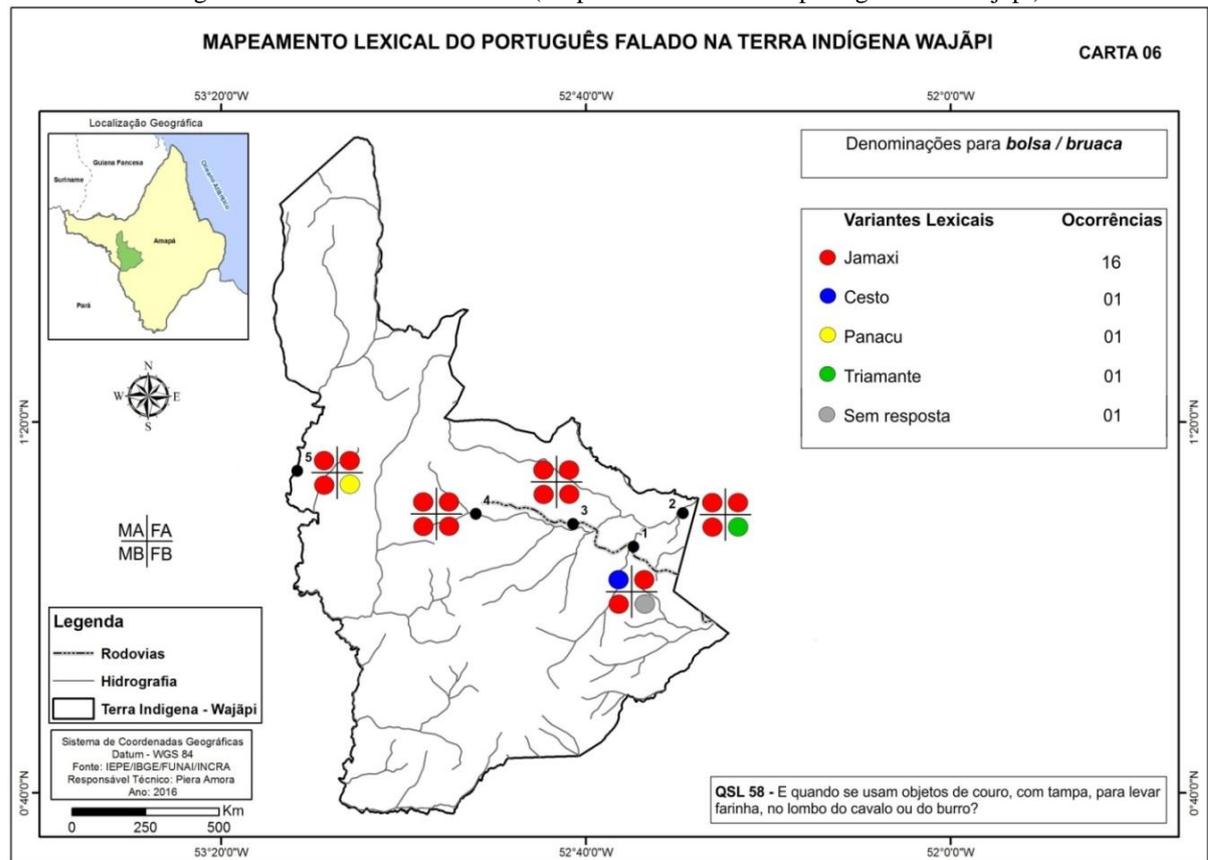
A tese de Guedes (2017) foi um dos primeiros trabalhos a ser concluído com a temática da geolinguística do português em terras indígenas. A figura 6 apresenta o mapeamento da vogal média anterior pretônica realizada como [e] ou [ɛ].

A partir da carta F01, o trabalho destacou que as TIs localizadas mais ao norte apresentaram maior frequência da vogal média fechada [e] enquanto que nas TIs mais ao sul foi predominante o uso da vogal média aberta [ɛ].

O estudo menciona que há a possibilidade das cidades mais ao norte do estado do Pará terem influência no português das sociedades indígenas mais ao norte, já que há uma preferência pela vogal média fechada. Já as TIs mais ao sul, na carta F01, preferem mais a vogal média aberta da mesma forma que as cidades próximas a essas terras.

A seguir, apresentamos uma carta linguística da dissertação de Rodrigues (2017), trabalho desenvolvido com os Wajãpi.

Figura 7: Carta 06 - bolsa/bruaca (Mapeamento lexical do português dos Wajãpi)



O trabalho de Rodrigues (2017) foi o pioneiro em abordar a geolinguística em TI no estado do Amapá. Com a carta 06, o estudo mostrou que a variante lexical *jamaxi* apresentou a maior frequência no português dos Wajãpi ao item “bolsa/bruaca”.

A carta apresenta um fato importante: a palavra “jamaxi” é um termo oriundo do tronco linguístico Tupí, logo se explica a alta frequência de *jamaxi* nas comunidades, já que a língua Wajãpi pertence a esse tronco linguístico.

Os estudos dialetológicos em comunidades indígenas mostram certa influência de uma variedade da língua portuguesa no português falado pelos indígenas. Mas esses estudos também podem mostrar como uma língua indígena pode afetar uma variedade do português, seja sonora ou lexicalmente.

3 METODOLOGIA

Este capítulo destina-se a apresentar o contexto norteador do presente trabalho e as etapas metodológicas cumpridas com a finalidade do mapeamento lexical.

Para os procedimentos metodológicos de uma pesquisa geolinguística pluridimensional, adotamos as orientações da Dialetologia pluridimensional e relacional, porém adequada com a realidade das sociedades indígenas e com o tempo de dois anos para a pesquisa.

3.1 O CONTEXTO DA PESQUISA

Para contextualizar o estudo, apresentamos um breve panorama do município de Altamira, da região do Médio Xingu e das TIs Koatinemo e Araweté Igarapé Ipixuna, territórios pertencentes aos Asuriní do Xingu e aos Araweté.

Para aprofundar mais o conhecimento sócio-cultural dos Asuriní do Xingu e dos Araweté, recorreremos aos trabalhos de Castro et al. (2016) e Silva (2009) e, principalmente, aos relatórios da Norte Energia. Esses relatórios registram tudo o que acontece atualmente em cada sociedade indígena do Médio Xingu.

3.1.1 O MUNICÍPIO DE ALTAMIRA

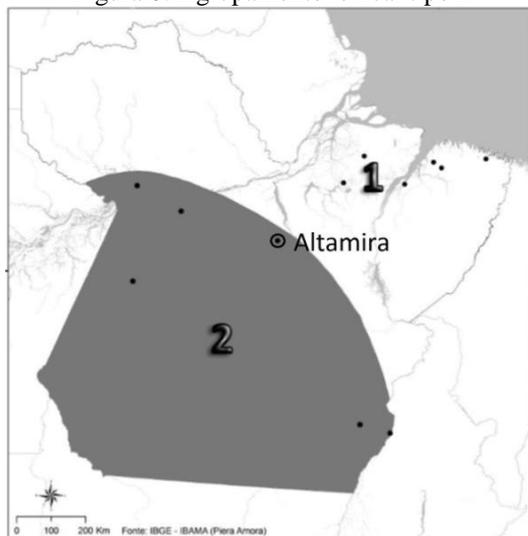
O município de Altamira foi fundado em 1911: está localizado na mesorregião Sudoeste do estado do Pará, o qual pertence à região Norte do Brasil, e faz parte do bioma Amazônia. Segundo o IBGE (2017), o município possui uma área territorial de 159.695,938 km² e uma população de 111.435 habitantes.

A sede municipal de Altamira é uma cidade de médio porte, desenvolveu-se a partir da construção da rodovia BR-230, a Transamazônica, a qual corta o extremo norte do município de leste a oeste e é a única rota terrestre de entrada e saída da cidade, a qual se localiza no início do baixo Xingu, à margem desse rio. Ela possui média infra-estrutura, o que a faz um centro sub-regional importante na região central do estado.

Já a situação linguística da cidade de Altamira, a variedade lexical de seu português, foi explorada em Guedes (2012). Ele mostrou que a cidade está inserida em uma área dialetal, por vezes, com cidades da região sul do estado do Pará, por vezes, com cidades do norte do

estado. A seguir, apresentamos as ilustrações das zonas de agrupamentos lexicais do estado do Pará.

Figura 8: Agrupamento lexical tipo 2



Fonte: Guedes (2012) adaptada

Figura 9: Agrupamento lexical tipo 3



Fonte: Guedes (2012) adaptada

As figuras 8 e 9 destacam que cidade de Altamira faz parte de duas rotas de fluxo de pessoas, a primeira é a rota do rio Amazonas e a segunda é a rota da Transamazônica. Esses fluxos caracterizaram a cidade com dois comportamentos lexicais. Assim, a cidade apresenta comportamento lexical similar às cidades às margens do rio Amazonas e comportamento similar às cidades às margens da BR-230.

Nos últimos oito anos, a cidade atraiu milhares de pessoas oriundas de outros municípios do estado do Pará e de além dele que trabalhavam no Complexo Hidrelétrico de Belo Monte (CHBM), tais pessoas podem ter influenciado o dialeto de Altamira e consequentemente o português das sociedades indígenas que vivem em seu entorno, pois a cidade é importante aos indígenas.

A cidade de Altamira também é um ponto de reunião entre as sociedades indígenas do Médio Xingu, porque, além de ser um centro municipal de médio porte, ela atende às suas necessidades, já que mantém sedes de instituições ligadas às suas causas, entre elas estão a sede da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Distrito sanitário especial indígena (DSEI), Instituto socioambiental (ISA). Além do mais, nessa cidade, localiza-se a sede do empreendimento Norte Energia, empresa que mantém reuniões constantes com os indígenas do Médio Xingu. A seguir, apresentamos a nova casa de saúde indígena (CASAI) construída pela Norte Energia e administrada pelo DSEI.

Imagem 1: Nova sede da CASAI em Altamira



Fonte: Norte Energia (2016b)

A cidade de Altamira também possui uma Casa do Índio. Ela concentra muitos indígenas da região do Médio Xingu. Na imagem 2, vemos a nova sede da Casa do Índio construída pela Norte Energia.

Imagem 2: Nova sede da casa do índio



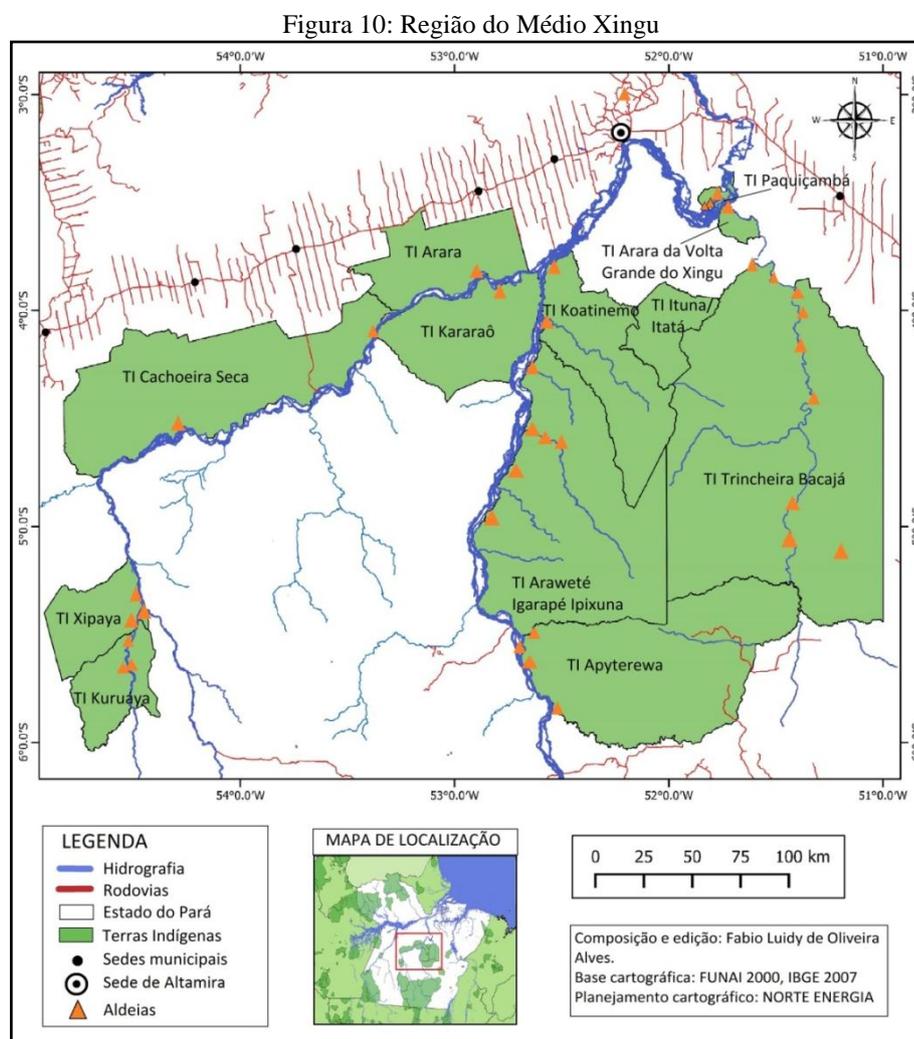
Fonte: Norte Energia (2017)

Além da cidade possuir relativa estrutura para atender as sociedades indígenas, ela foi palco, nos últimos anos, de intensas manifestações por parte das mesmas, pois foi construído no município vizinho, próximo a sede municipal de Altamira, a Usina Hidrelétrica de Belo Monte (UHBM) e que impactaria as sociedades indígenas da região do Médio Xingu. Essas sociedades entraram em um acordo com a empresa Norte Energia, construtora da UHBM, e solicitaram para si, como compensação pela construção da usina, investimentos materiais, como mostrados nas imagens anteriores, e não-materiais.

3.1.2 A REGIÃO DO MÉDIO XINGU

Falar da região do Médio Xingu no estado do Pará significa ter de falar da suas relações sócio-políticas. A região localiza-se geograficamente no centro do estado e é cortada por dois grandes rios, o rio Xingu e o rio Iriri. Faz parte dessa região um complexo de TIs e há uma sociedade indígena em cada terra, são elas: Asuriní do Xingu, Araweté, Parakanã, Juruna, Xipaya e Kuruaya (tronco linguístico Tupi); Xikrin e Kararaô (tronco linguístico

Macro-Jê); Arara (tronco linguístico Karib). A seguir, apresentamos a ilustração da região do Médio Xingu.



Fonte: Norte Energia (2016) (adaptada)

A região do Médio Xingu concentra uma grande diversidade linguística e cultural. As sociedades indígenas que ali vivem possuem históricos bem diferentes nas suas relações de interações entre elas e entre a sociedade envolvente. Segundo o Centro de Trabalho Indigenista (2017), a evidência desse processo heterogêneo é vista, atualmente, em que parte destes povos vive em terras indígenas, parte vive na cidade de Altamira e parte vive no “beiradão” dos rios Xingu e Iriri. Há também a possibilidade de que alguns pequenos grupos continuem em isolamento voluntário na região do interflúvio Xingu-Bacajá e na Terra do Meio.

Por ser uma grande área e ficar em uma região rica e estratégica da Amazônia Legal, o Médio Xingu atrai madeireiros, mineradores, fazendeiros e, principalmente, obras

governamentais, como a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Tais grupos geram atividades de grande impacto ambiental na região e, conseqüentemente, quem depende diretamente dos recursos naturais da região acaba sofrendo os mesmos impactos, é o que leva as sociedades indígenas a uma integração recíproca entre elas e entre as instituições do Estado para proteger as suas terras e o seu *modus vivendi*.

Em defesa de suas causas políticas, as sociedades indígenas do Médio Xingu passaram a se aproximar mais. Muito dessa aproximação deveu-se por causa da construção da Usina de Belo Monte. Os reflexos da aproximação desses povos são vistos em casamentos inter-étnicos, professores que lecionam fora de suas TIs de origem em outras TIs, como exemplo, a TI Paquiçambá, que trouxe professores Juruna de outras TIs para ensinar a língua Juruna às crianças de sua terra indígena. Além disso, há muitos indígenas que trabalham em instituições voltadas às suas causas, reforçando as relações de caráter político que acontecem entre essas sociedades do Médio Xingu.

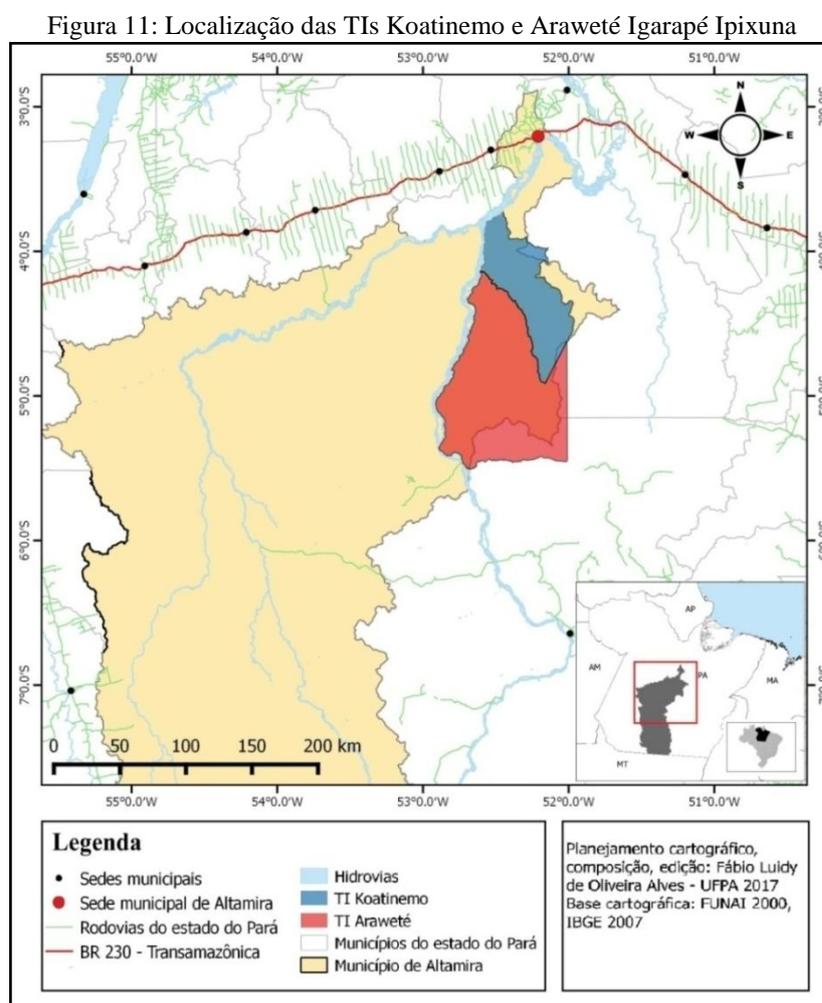
A empresa Norte Energia participa de forma intensa nas aldeias do Médio Xingu. Além dos trabalhadores da construção civil, a Norte Energia envia profissionais à capacitação da população indígena. Há capacitação para cuidados ambientais, capacitação em atividades voltadas a subsistência indígena, capacitação de agentes de endemias, capacitação de professores das aldeias, entre outras.

As aldeias e as sociedades indígenas do Médio Xingu estão passando por grandes transformações. Elas fazem parte do projeto Complexo Hidrelétrico de Belo Monte da empresa Norte Energia, que se propõe a construir, em cada aldeia, um sistema de abastecimento de água, uma escola, um posto de saúde, as casas de cada família, as casas de farinha e os aviários. Além disso, a empresa fornece uma voadeira e uma cota mensal de combustível para os indígenas se deslocarem de suas aldeias até a cidade de Altamira e retornarem.

Mas nem sempre a convivência entre os indígenas da região do Médio Xingu seguiu de forma aparentemente pacífica. Antes de se firmarem os contatos entre indígenas e não-indígenas, tal região era um campo de batalha entre as etnias que ali viviam a ponto de as vermos chegar próximo a extinção. A influência do contato com a sociedade envolvente modificou bastante as relações entre as sociedades autóctones que ali vivem, ou seja, os indígenas passaram a ter um determinado território e totalmente demarcado, o que diminuiu bastante as guerras com outros povos. A influência de missionários e a participação da FUNAI também fizeram com que as relações entre os indígenas se tornassem menos conflituosas.

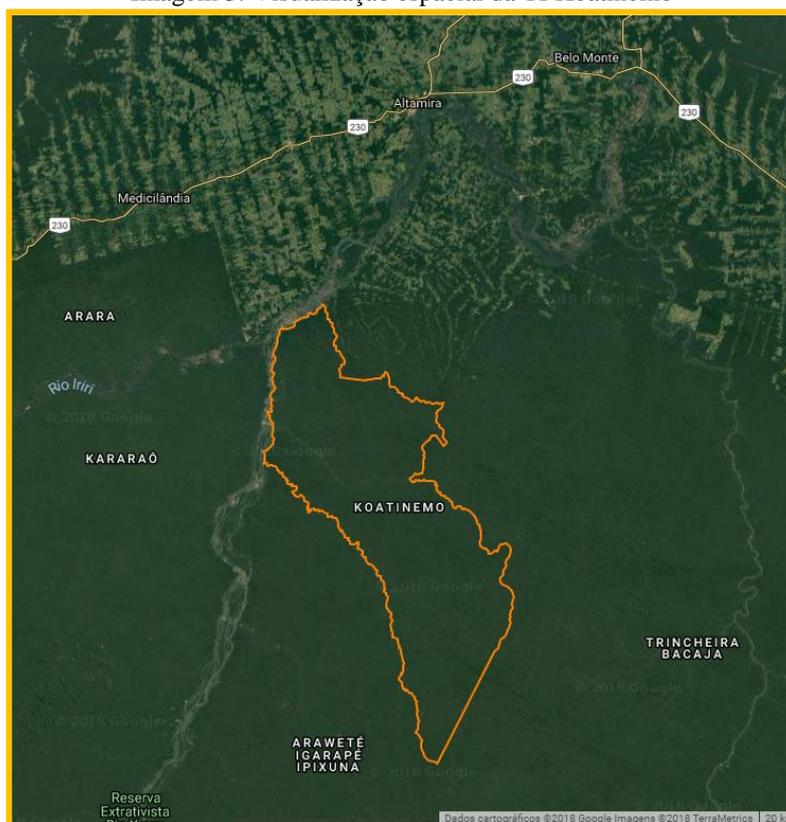
3.1.3 AS TIs KOATINEMO E ARAWETÉ IGARAPÉ IPIXUNA E SUAS ALDEIAS

As TIs Koatinemo e Araweté Igarapé Ipixuna fazem parte em suas maiorias territoriais do domínio político do município de Altamira. Compõem o complexo de terras indígenas do Médio Xingu. São terras vizinhas e separadas, em parte, pelo igarapé Piranhaquara. Suas localizações em relação às outras TIs do complexo favorecem, em parte, a não invasão direta de suas terras por madeireiros e posseiros. As duas TIs são banhadas a oeste de suas margens pelo rio Xingu. A seguir, apresentamos a localização das TIs no município de Altamira.



Segundo o Instituto Socioambiental (2017), a TI Koatinemo possui uma área 387.834 hectares, ocupa os domínios políticos do município de Altamira e Senador José Porfírio. Fica a 75 quilômetros da sede municipal de Altamira e comporta uma população de 181 pessoas distribuídas em duas aldeias (DSEI, 2014). A seguir, a visualização espacial da terra indígena identificada por meio do Google Maps em uma das plataformas do ISA.

Imagem 3: Visualização espacial da TI Koatinemo

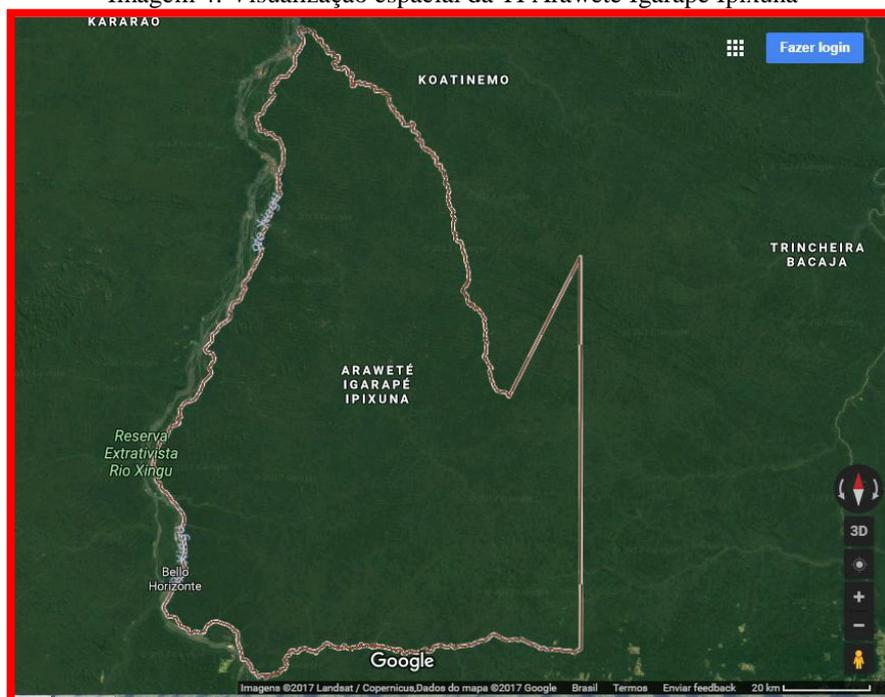


Fonte: ISA (2017)

A partir da imagem 3, vemos o avanço do desmatamento em direção a TI Koatinemo. Isso mobilizou os Asuriní do Xingu a iniciar a construção de mais uma aldeia no extremo norte de sua terra para protegê-la de invasões de madeireiros. A nova aldeia se chamará *Takujã*.

Já a TI Araweté Igarapé Ipixuna, segundo o Instituto Socioambiental (2017), possui uma área de 940.901 hectares, recobre os domínios políticos do município de Altamira, São Felix do Xingu e Senador José Porfírio. Fica a 130 quilômetros da sede municipal de Altamira. Segundo o DSEI (2014), a TI comporta uma população de 448 pessoas distribuídas em 6 aldeias. A seguir, apresentamos a visualização espacial da terra indígena apresentada pelo ISA.

Imagem 4: Visualização espacial da TI Araweté Igarapé Ipixuna

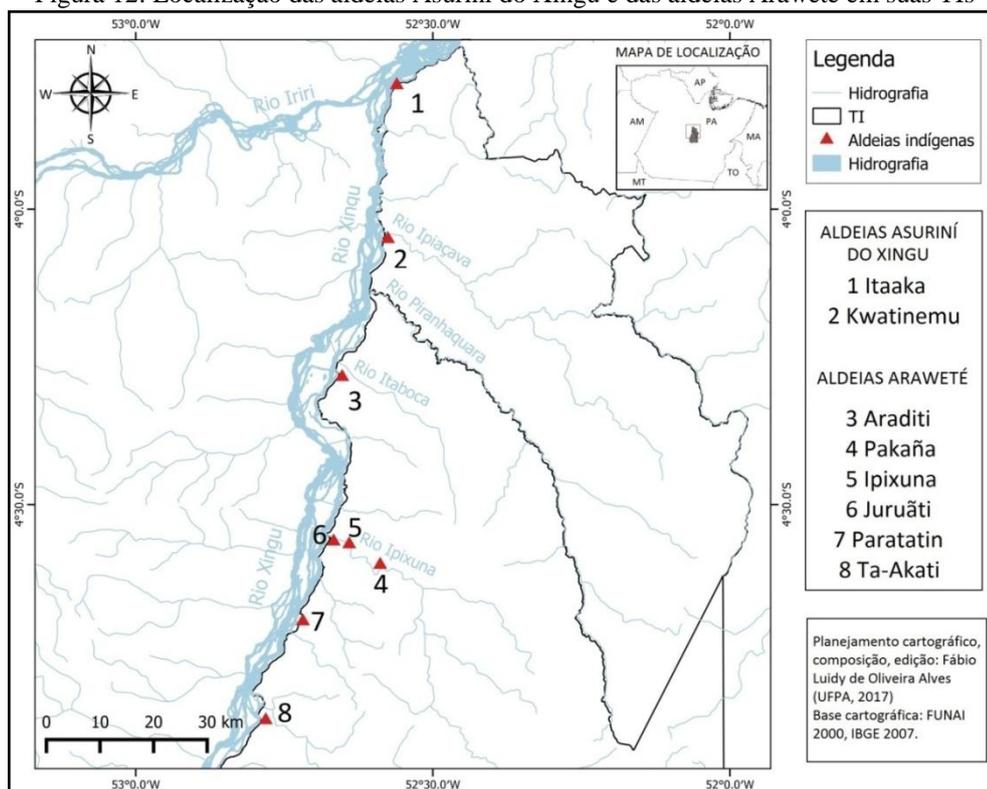


Fonte: ISA (2017)

A partir da imagem 4, é visível a preservação em torno da TI dos Araweté, mas já não podemos falar o mesmo da TI Koatinemo. A TI dos Asuriní está mais vulnerável a invasões por parte de não-indígenas, porque não há cobertura ao norte dela seja por uma reserva ambiental ou por uma reserva indígena.

A seguir, apresentamos a localização de todas as aldeias da TI Koatinemo e da TI Araweté Igarapé Ipixuna.

Figura 12: Localização das aldeias Asuriní do Xingu e das aldeias Araweté em suas TIs



Existem apenas duas aldeias Asuriní do Xingu habitadas. Kwatinemu é a aldeia mais antiga e Itaaka é a mais nova. A aldeia mais nova foi construída no ano de 2011 para ocupar mais o território.

As aldeias Araweté localizadas às margens do igarapé Ipixuna são as mais antigas. A aldeia Ipixuna foi fundada em 2001, a aldeia Pakaña em 2005 e a aldeia Juruãti em 2008. Já as três aldeias às margens do rio Xingu são mais novas e ficam mais próximas de sedes municipais, seja de Altamira ou de São Felix do Xingu. Outros fatores que motivaram a construção das aldeias às margens do Rio Xingu foram o inchaço populacional das aldeias antigas, a existência do projeto CHBM, o qual opera na infraestrutura das aldeias, e a seca do rio Ipixuna que, na época do verão, torna o rio inavegável. Bem recentemente, parte dos Araweté se separaram e construíram mais quatro novas aldeias às margens do rio Xingu. Elas se chamam Ajuruti (2016), Taxingu (2018), Marupai (2018) e Teriwetĩ (2016).

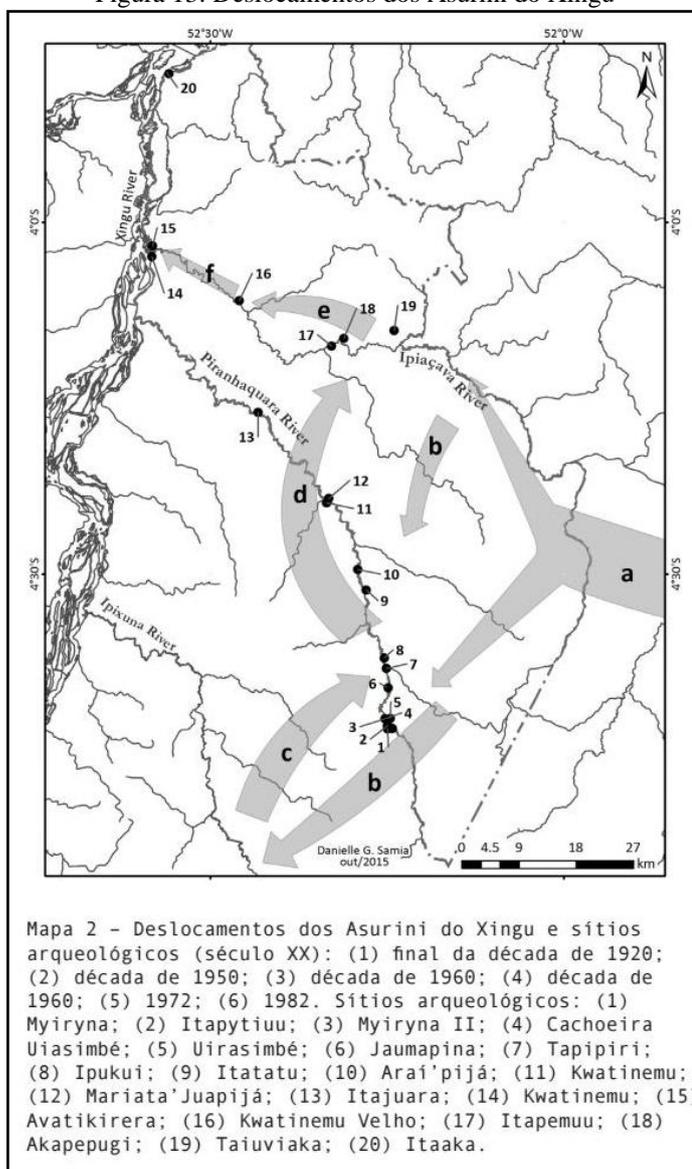
3.2 OS ASURINÍ DO XINGU

Apresentamos um pouco da história dos Asuriní do Xingu. Também destacamos como estão as situações social, educacional e linguística dessa sociedade.

3.2.1 O HISTÓRICO DO POVO ASURINÍ DO XINGU E OS PRIMEIROS CONTATOS

Para alguns, os Asuriní do Xingu são dissidentes dos Asuriní do Tocantins (Trocará) e por conta de problemas internos parte da população Asuriní resolveu separar-se e foi em direção ao rio Xingu. Segundo Silva (2016), os Asuriní do Xingu habitavam as proximidades da região do rio Bacajá a partir da segunda metade do século XIX e teriam vindo dessa região em direção ao rio Xingu em detrimento das pressões de extrativistas e dos ataques dos Gorotire-Kayapó. A figura 13 apresenta a ilustração dos deslocamentos dos Asuriní do Xingu pela região do Xingu.

Figura 13: Deslocamentos dos Asuriní do Xingu



Fonte: Silva (2016)

3.2.2 A SOCIEDADE ASURINÍ DO XINGU ATUALMENTE

Os Asuriní do Xingu se denominam de *Awaeté*, “gente de verdade”, mas também usam o etnônimo Asuriní³¹. A cultura Asuriní sofreu processos muito rápidos de mudança por influências do contato com o não-indígena. Isso pode ser visto no alto grau de proficiência linguística do português, na fabricação dos artesanatos para fins de comercialização, na intensa prática esportiva de futebol. Tudo isso mostra a alta integração da sociedade Asuriní do Xingu com a cultura da sociedade envolvente. Mas eles ainda preservam muitas tradições, são elas: as suas pinturas, os seus cantos, a sua dança e a sua religião.

Imagem 5: Produção de artesanatos por mulheres Asuriní



Fonte: O autor

Imagem 6: Dança tradicional dos Asuriní do Xingu



Fonte: O autor

Como destacado sobre o projeto CHBM, em que a empresa Norte Energia assumiu a administração ambiental, educacional, de saúde e de planejamento das aldeias Asuriní, apresentamos algumas das novas construções entregues aos Asuriní do Xingu.

Imagem 7: Posto de saúde (Itaaka)



Fonte: Norte Energia (2016b)

Imagem 8: Sistema de abastecimento de água (Itaaka)



Fonte: Norte Energia (2016b)

³¹ O termo “asuriní” vem da língua juruna, *asonéri*, que significa “vermelho”. Eram denominados dessa forma, pois utilizavam como pintura corporal o urucum (MÜLLER, 1990). Já o termo Xingu é para diferenciá-los de um outro povo, os Asuriní do Tocantins ou do trocará. Aqueles por viverem às margens do Rio Xingu e estes por viverem às margens do Rio Tocantins.

Apresentamos também as novas casas das aldeias Asuriní construídas pela Norte Energia. As casas são todas de alvenaria, antes eram de pau a pique e palha.

Imagem 9: Casa Asuriní do Xingu



Fonte: Norte Energia (2016b)

Imagem 10: Casa Asuriní do Xingu



Fonte: Norte Energia (2016b)

Além das obras já mostradas, a Norte Energia também construiu, em cada aldeia, as casas de farinha e ainda estão em finalização de construção os prédios escolares. A seguir, apresentamos a casa de farinha da aldeia Kwatinemu.

Imagem 11: Casa de farinha (Kwatinemu)



Fonte: Norte Energia (2016b)

A influência da sociedade envolvente foi muito forte nos últimos anos nos Asuriní do Xingu. Não foi só influência material, mas no modo de viver deles também.

3.2.3 A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA

Todos os Asuriní do Xingu ainda falam a sua língua étnica, porém em graus de proficiência diferentes. Outra língua presente nessa sociedade é o português. Segundo a Fundação Ipiranga (2017), 90% dos Asuriní falam a língua portuguesa, com exceção dos bem velhos, acima de 60 anos. Esses somam cinco pessoas que só falam Asuriní do Xingu.

Ultimamente, a língua portuguesa é tão falada do quanto à língua Asuriní do Xingu, principalmente com as gerações mais jovens. Já a língua Asuriní do Xingu é falada com mais frequência pelos indígenas mais velhos. A seguir, apresentamos o pajé Mureyra, falante apenas de Asuriní do Xingu.

Imagem 12: Pajé Mureyra Asuriní



Fonte: O autor

A geração do Pajé Mureyra fala apenas a língua Asuriní do Xingu. Essa geração é a fonte de conhecimento linguístico indígena às gerações mais jovens.

Há quatro perfis linguísticos identificados nos Asuriní do Xingu, são eles: o da geração entorno dos 60 anos, a qual apresenta excelente domínio da língua indígena (LI) e pouco ou nenhum domínio do português; o da geração em torno dos 40 anos, a qual apresenta excelente domínio da LI e bom domínio da LP; o da geração em torno dos 20 anos, a qual apresenta bom domínio da LI e excelente domínio da LP; o da geração em torno dos 5 anos, a qual apresenta bom domínio da LP e pouco domínio da LI.

Todas as situações linguísticas apresentadas evidenciam os caminhos que as línguas faladas pelos Asuriní do Xingu estão tomando influenciados pelo maior uso do português.

3.2.4 A EDUCAÇÃO ESCOLAR

O processo de escolarização dos Asuriní do Xingu teve início na metade dos anos 80 e a primeira escola só foi fundada no final dessa década. Atualmente, a educação escolar nas aldeias limita-se ao ensino fundamental. A falta de profissionais capacitados e investimentos por parte do governo estadual e municipal fazem com o ensino não ultrapasse o quinto ano. O ensino nas escolas é dividido em dois ciclos, os quais, cada, têm duração de três anos, e mais o ensino infantil, que tem duração de dois anos, para as crianças de quatro e de cinco anos. Os ciclos são adaptados para dar conta de todo conteúdo do ensino fundamental, similar ao EJA (educação de jovens e adultos), e para suprir a falta de investimentos a um ensino regular.

As escolas são administradas pela SEMED de Altamira. Há quatro professores, os quais são jovens e Asuriní. Já existe a solicitação de mais pessoas Asuriní para serem

professores, mas é necessário ter curso de magistério indígena e diploma de nível médio e isso requer bastante dedicação deles, já que as escolas não possuem ensino para tal nível, o que faz com que alguns dos Asuriní repitam os anos escolares para continuar com os estudos.

Os professores ensinam tanto a língua portuguesa e a língua Asuriní do Xingu quanto nessas línguas, além das disciplinas básicas aos anos iniciais do ensino fundamental. Eles recebem constantemente capacitação profissional voltada ao ensino das disciplinas básicas às séries escolares. As capacitações são feitas por projetos sociais que atuam nas aldeias em acordo com a Norte Energia ou pela secretária municipal de educação (SEMED). Já existem cartilhas e materiais bem didáticos voltados ao ensino da língua Asuriní do Xingu para as crianças produzidas em co-participação com os próprios professores Asuriní, além de outros projetos didáticos para elevar o conhecimento e o aprendizado de sua língua étnica e de sua cultura.

3.3 OS ARAWETÉ

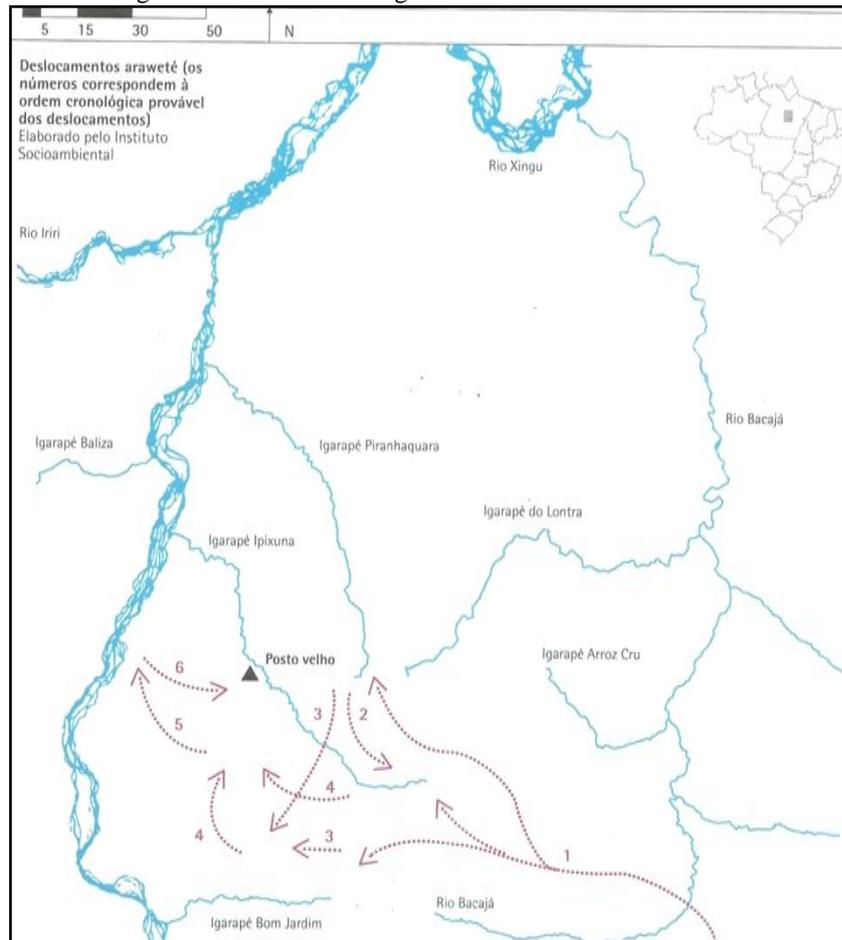
Apresentamos um pouco da história do povo Araweté, dos primeiros contatos, da situação social atualmente, da educação escolar e da sua situação linguística.

3.3.1 O HISTÓRICO DO POVO ARAWETÉ E OS PRIMEIROS CONTATOS

Segundo Castro (1986), o povo Araweté³² habitava a margem esquerda do médio curso do igarapé Ipixuna, dentro dos limites do município de Senador José Porfírio. Relata que na região era grande a população de felinos, o que atraiu caçadores de pele na década de 60 e conseqüentemente a “descoberta” deste povo. Mas o contato efetivo só se deu em 1976 quando os Araweté procuraram os brancos, já por se sentirem territorialmente encurralados em detrimento das sociedades indígenas vizinhas com as quais tinham rivalidades. Assim, terminava os seus deslocamentos constantes em busca de terras livres de inimigos. A seguir, apresentamos a ilustração dos deslocamentos Araweté:

³² Sobre o etnônimo *Araweté*, Castro (1986) relata que há uma confusão com a origem da palavra. Provavelmente os Araweté foram nomeados com esse etnônimo pelo sertanista J. E. Carvalho o qual entendeu que o termo *araweté* fosse um derivado na língua Araweté à palavra *awa eté* “gente de verdade”, utilizada por outras sociedades Tupí-Guaraní como denominação própria.

Figura 14: Ordem cronológica dos deslocamentos Araweté



Fonte: Castro et al. (2016)

Castro (1986), na década de 80, relatara que os Araweté possuíam uma cultura material muito simples³³ em relação aos outros povos da família Tupí-Guaraní. Esse simplismo refletia em suas técnicas artesanais e agrícolas, as quais eram bem rústicas. Também tinham “pouco senso artístico” em relação aos vizinhos Asuriní, visto em sua técnica de plumagem, pintura corporal e nos rituais de interação social. O autor revelara ainda que os Araweté não estratificavam em segmentos ou classes sociais o seu povo. Possuíam certa fluidez da divisão sexual do trabalho. Havia pouca relação com os mortos ou as aldeias cujos entes mortos foram enterrados. O autor chegara a uma conclusão de que o “simplismo” Araweté, em suas relações sócio-culturais ou com o meio em que vivem, podia ser reflexo das fugas das batalhas que se envolviam. Mas também podemos dizer que o seu nomadismo em parte era cultural, já que não gostavam de viver nos assentamentos onde os seus antepassados

³³ A cultura material “simples” dos Araweté descrita por Castro (1986) e ainda vista hoje somente é compreensível ao observar outras etnias Tupí-Guaraní. Podemos dizer que os objetos Araweté carecem de ornamento, em Estética, elementos decorativos de uma composição.

eram enterrados, ou seja, como salientara Castro (1986), não compartilhavam os lugares que um dia pertenceram aos mortos.

3.3.2 A SOCIEDADE ARAWETÉ ATUALMENTE

Atualmente, os Araweté vivem distribuídos em 6 aldeias. O nomadismo ainda é presente neste povo e o contato reflete nas novas construções das aldeias, cada vez mais próximas de centros municipais. Ainda conseguimos ver características sócio-culturais dos Araweté descritas por Castro (1986) e por Ribeiro (1983), como o modo tradicional de se vestir das mulheres Araweté com suas saias típicas, as suas crenças tradicionais, a sua simplicidade artesanal. Nas imagens, a seguir, apresentamos mulheres Araweté com trajes típicos sentadas na palha fazendo artesanato e o povo Araweté em sua dança tradicional.

Imagem 13: Mulheres Araweté fazendo artesanato



Fonte: O autor

Imagem 14: Dança tradicional Araweté



Fonte: O autor

Mesmo com todas as mudanças que acontecem na sociedade Araweté, ainda são muito fortes os seus costumes e as suas tradições. A sociedade Araweté se manteve bem preservada, pois seu antigo assentamento, o posto velho, ficava bem distante do rio Xingu, rio de muitos fluxos de pessoas. Eles passaram a habitar às proximidades do rio Xingu, inicialmente na aldeia Ipixuna, no ano de 2001, quando a FUNAI realocou os Araweté, até então, afetados por uma epidemia de catapora, que atingiu a antiga aldeia. Essa realocação foi feita para facilitar contato entre os agentes da FUNAI e os indígenas.

Em detrimento da construção da usina de Belo Monte, os Araweté passaram a interagir bem mais com a sociedade envolvente e os jovens assimilaram bastante a cultura dessa

sociedade. A seguir, apresentamos a capacitação para manejo sustentável de castanha e as novas construções feitas pela Norte Energia na TI Araweté Igarapé Ipixuna.

Imagem 15: Comercialização de castanha



Fonte: Norte Energia (2016c)

Imagem 16: Novas casas Araweté (Pakaña)



Fonte: Norte Energia (2017)

3.3.3 A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA

Todos os Araweté ainda falam e conhecem a sua língua étnica muito bem. Metade deles consegue se comunicar em língua portuguesa e concentram-se entre as faixas etárias de 10 a 45 anos, segundo a Fundação Ipiranga (2017).

Os Araweté que falam a língua portuguesa só a utilizam quando há a necessidade de comunicação nessa língua e os que apresentam um bom conhecimento da leitura e da escrita em ambas as línguas, em sua maioria os mais jovens, acabam se tornando professores.

Tal aprendizado da língua portuguesa está aumentando em detrimento dos novos comportamentos dos Araweté, ou seja, as famílias Araweté viajam constantemente ao centro urbano, assistem à televisão, escutam músicas (tecnomelody, forró) nos rádios e celulares, fato que também fora observado por Heurich em 2011 (CASTRO et al., 2016). Assim, os Araweté estão bastante em contato com a língua portuguesa.

3.3.4 A EDUCAÇÃO ESCOLAR

As escolas das aldeias Araweté têm o apoio da SEMED de Altamira na manutenção dos professores e na capacitação dos mesmos, além de outros projetos sociais que ajudam na formação desses professores em conjunto com a empresa Norte Energia. As escolas funcionam até o quinto ano do ensino fundamental e não vão além por falta de professores específicos para cada disciplina da grade curricular, por falta de investimentos do Estado e por falta de mais apoio do Município.

Da mesma forma que os Asuriní do Xingu, inseridos nos projetos da Norte Energia, os Araweté estão desenvolvendo o seu projeto político pedagógico e materiais didáticos voltados ao ensino de sua língua étnica. O ensino educacional também funciona em ciclos e, recentemente, a maioria dos professores são os próprios indígenas. Hoje, eles somam sete pessoas, mas ainda há três professoras não-indígenas que lecionam nas aldeias. Eles ensinam o processo da leitura e da escrita tanto na língua portuguesa quanto na língua Araweté e conteúdos de outras disciplinas relativas ao ensino fundamental. Todos os professores indígenas são homens e jovens, com média de idade de 25 anos.

3.4 OS PONTOS LINGUÍSTICOS

Para a dimensão diatópica (topoestático) da pesquisa, fazem parte dos pontos linguísticos as duas aldeias Asuriní do Xingu, Kwatinemu (135 pessoas) e Itaaka (56 pessoas), e as duas aldeias Araweté mais antigas, Ipixuna (80 pessoas) e Pakaña (80 pessoas). Para a seleção das aldeias Araweté, consideramos apenas as mais antigas, pois também estão entre as mais populosas, o que facilitava encontrar colaboradores bilíngues. O total de pontos da rede linguística ficou delimitado em 4 comunidades.

Em cada ponto, selecionamos quatro pessoas para colaborar com a pesquisa, dois homens e duas mulheres. A seguir, detalhamos os perfis dos colaboradores.

3.5 OS COLABORADORES

Participaram da pesquisa 16 colaboradores. Eles estão estratificados nas dimensões diageracional (faixa etária) e diassexual (sexo). Também levamos em consideração outros critérios, a saber: serem nativos da comunidade ou fazer parte da fundação da mesma; não terem se afastado mais que um terço de sua vida da comunidade; serem bilíngues. O último critério foi determinado para trabalharmos em uma possível dimensão dialingual (português e línguas indígenas).

Ressaltamos que delimitamos apenas três dimensões aos colaboradores porque não havia falantes suficientes em cada aldeia para completar o perfil se adotássemos outras dimensões, como a diastrática (escolaridade) ou a diarreligiosa. A seguir, apresentamos a estratificação detalhada do perfil dos colaboradores.

Tabela 3: Estratificação dos colaboradores

Colaboradores	Representação adotada para as cartas linguísticas
Homem entre 18 e 25 anos (1ª geração)	H1
Homem entre 35 e 45 anos (2ª geração)	H2
Mulher entre 18 e 25 anos (1ª geração)	M1
Mulher entre 35 e 45 anos (2ª geração)	M2

A definição do período de idade da segunda geração deu-se pela escassez de pessoas acima dos 45 anos que falassem a língua portuguesa, principalmente entre os Araweté. A diferença mínima entre os parâmetros etários adotados foi de 10 anos para verificarmos possíveis variações em tempo aparente. Não conseguimos acompanhar outros modelos de trabalhos geolinguísticos de mesma natureza no que tange as faixas etárias, pois as duas sociedades indígenas desta pesquisa apresentam uma realidade de contato distinta de outras etnias Tupí-Guaraní já pesquisadas como, por exemplo, as do projeto ALIPAI. A seguir, apresentamos alguns colaboradores da pesquisa.

Imagem 17: Colaboradora Mara Asuriní da aldeia Kwatinemu à esquerda



Fonte: O autor

Imagem 18: Colaborador Apu Araweté da aldeia Ipixuna à esquerda



Fonte: O autor

Mais futuramente, talvez, possamos ampliar as dimensões, já que segundo Thun (1998), quanto maior a pluralidade de informantes correspondentes aos mesmos parâmetros, melhor, mais completa e segura será obtenção de informação.

3.6 OS DADOS LEXICAIS

Para a coleta de dados³⁴, utilizamos o QSL do projeto ALiB, questionário já utilizado em outros estudos que trabalham o léxico do português indígena. Acrescentamos ao

³⁴ Tanto os dados linguísticos quanto todas as imagens apresentadas têm autorização para serem utilizadas neste trabalho e autorização para fins acadêmicos.

questionário ilustrações, as quais reforçaram na interpretação dos colaboradores juntamente com as perguntas contextualizadas do QSL, para termos informações mais seguras. O QSL possui duzentas e duas questões, distribuídas em quatorze campos semânticos³⁵, as quais buscam abranger a diversidade lexical do português brasileiro. Os dados foram registrados com um gravador sonoro digital modelo *Zoom H1 Handy Recorder*.

Ainda em campo, não aplicamos algumas questões, pois a maioria dos colaboradores ou, em alguns casos, todos não conheciam o objeto apresentado ou explicitado³⁶. Também, houve algumas respostas incoerentes, principalmente para a língua Araweté. A baixa proficiência dos Araweté em português dificultou o entendimento de algumas perguntas por parte deles, os quais, às vezes, davam respostas fora do contexto determinado e que só foram esclarecidas com a validação dos dados.

Após o tratamento dos dados, as variantes das línguas indígenas passaram por etapas de validações e revisões. A primeira etapa foi a comparação dos dados lexicais com base em teses e dissertações sobre a língua Asuriní do Xingu e sobre a língua Araweté para conferir as suas transcrições. Além do mais, tais trabalhos ajudam a entender como se constitui a morfologia dessas línguas, o que facilitou compreender parte de seu léxico. Na segunda etapa, retornamos a campo e selecionamos três professores indígenas de cada etnia, os quais, além de serem falantes nativos de suas línguas étnicas, apresentam amplo conhecimento das línguas faladas por eles, incluindo o português, para revisão das transcrições e validação dos dados já comparados e de outros ainda não registrados. Outro fator para escolha de professores deve-se ao tipo de questionário adotado, ou seja, o QSL não é um questionário específico, abrange várias áreas do conhecimento, assim os professores foram o perfil adequado a essa etapa, pois são os que mais conhecem essas áreas e como elas são definidas (nomeadas) pelos falantes de suas sociedades.

Quanto ao procedimento da segunda etapa de validação, apresentamos as variantes, principalmente as das línguas indígenas, e os contextos em que elas faziam parte. Assim, os professores validaram e revisaram as transcrições de acordo com os seus conhecimentos. A seguir, apresentamos a segunda etapa.

³⁵ Os campos semânticos são: acidentes geográficos; fenômenos atmosféricos; astros e tempo; atividades agropastoris; fauna; corpo humano; ciclos da vida; convívio e comportamento social; religião e crenças; jogos e diversões infantis; habitação; alimentação e cozinha; vestuário e acessórios; vida urbana.

³⁶ Os itens desconhecidos em ambas as sociedades foram: “chuva de pedra” (questão (Q) 15), “alvorada” (Q 24), “caminho de Santiago” (Q 33), “meses com nomes especiais” (Q 35), “tresanteontem” (Q 38), estrela dalva, estrela matutina, “camomila” (Q 41), “girassol” (Q 48), “forquilha” (Q 54), “cangalha” (Q 55), “canga” (Q 56), “bolsa/bruaca” (Q 58), “borrego” (Q 59), “corcunda” (Q 107), “fanhoso” (Q 101), “xará” (Q 143), “presépio” (Q 154), “brinquedo de papel sem varetas” (Q 159), “cabra-cega” (Q 161), “ferrolho” (Q 163), “chicote-queimado” (Q 164), “amarelinha” (Q 167), “meio-fio” (Q 197).

Imagem 19: Validação dos dados da língua Asuriní do Xingu com o professor Moapemy.



Fonte: O autor

Imagem 20: Validação dos dados da língua Asuriní do Xingu com professores Asuriní.



Fonte: O autor

Além do professor Moapemy Asuriní, participaram da validação dos dados da língua Asuriní do Xingu os professores Asuriní Kwatirei e Kurupira. A seguir, apresentamos os professores Araweté que ajudaram na pesquisa.

Imagem 21: Professores Araweté que participaram da validação dos dados lexicais da língua Araweté



Fonte: O autor

Na imagem 21, apresentamos os professores Wiwiti, Ximira e Irawadi que ajudaram na validação dos dados da língua Araweté. Após os procedimentos de tratamento e de validação, os dados lexicais foram registrados em cartas linguísticas.

Ressaltamos que o léxico das línguas indígenas foi parcialmente apresentado neste trabalho. Observamos que são necessárias outras validações de algumas variantes dessas línguas e mais estudos a cerca delas para cartografá-las de forma segura.

Como os professores indígenas não têm uma formação teórica linguística, é difícil para eles compreender alguns fenômenos semântico-lexicais e de formação de palavras que acontecem em suas línguas. Portanto, além de terem um conhecimento amplo da língua, é sempre bem-vindo a eles um acompanhamento linguístico para o esclarecimento e a discussão do léxico de suas línguas.

Para apresentar as variantes da língua Asuriní do Xingu e da língua Araweté, adotamos uma representação dos fonemas dessas línguas no quadro 3. Essa representação é

similar a ortografia usada por essas duas sociedades. Não adotamos suas ortografias, pois elas estão passando por adequações.

Quadro 3: Representação dos fonemas das línguas indígenas adotada no trabalho

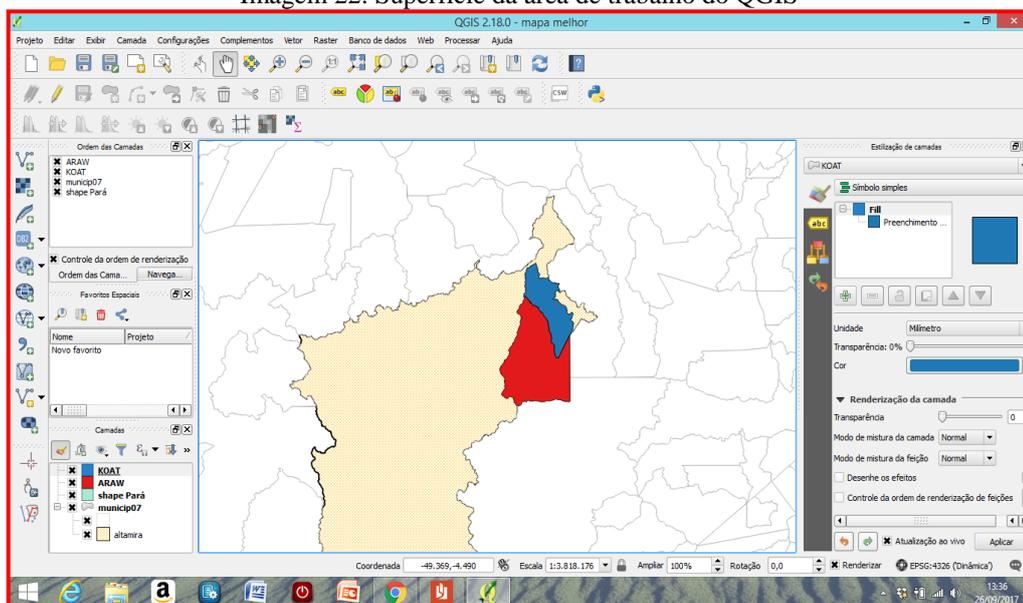
Língua Asuriní do Xingu		Língua Araweté	
Fonemas	Representação adotada	Fonemas	Representação adotada
p	p	p	p
t	t	t	t
		d	d
k	k	k	k
m	m	m	m
n	n	n	n
ŋ	g		
kw	ku		
ɖʃ	j		
tʃ	s	tʃ	x
ϕ	pw		
β	w		
ʔ	'	ʔ	'
h	h	h	h
r	r	r	r
w	u	w	w
j	i	j	j
i	i	i	i
ĩ	ĩ	ĩ	ĩ
ɨ	y	ɨ	y
ĩ	ỹ	ĩ	ỹ
u	u	u	u
ũ	ũ	ũ	ũ
e	e	e	e
ẽ	ẽ	ẽ	ẽ
a	a	a	a
ã	ã		

3.6.1 AS CARTAS LINGUÍSTICAS

O quantitativo cartográfico definido para a pesquisa foi de 46 cartas linguísticas, as quais apresentam as variantes lexicais registradas nos Asuriní do Xingu e nos Araweté. A seleção de apenas 46 itens cartografados para apresentação baseou-se no critério de produtividade lexical, por exemplo, as cartas monoléxicas não foram apresentadas, mas mencionadas.

Utilizamos como ferramenta para construção das cartas o programa computacional QGIS 2.18. Ele ajudou na composição e edição das cartas, junto com os *shapefiles*, mapas bases, retirados dos bancos de dados cartográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que permitiram a realização das nossas cartas. A seguir, podemos ver a captura da superfície de trabalho do programa QGIS com a composição da TI Koatinemo e da TI Araweté Igarapé Ipixuna.

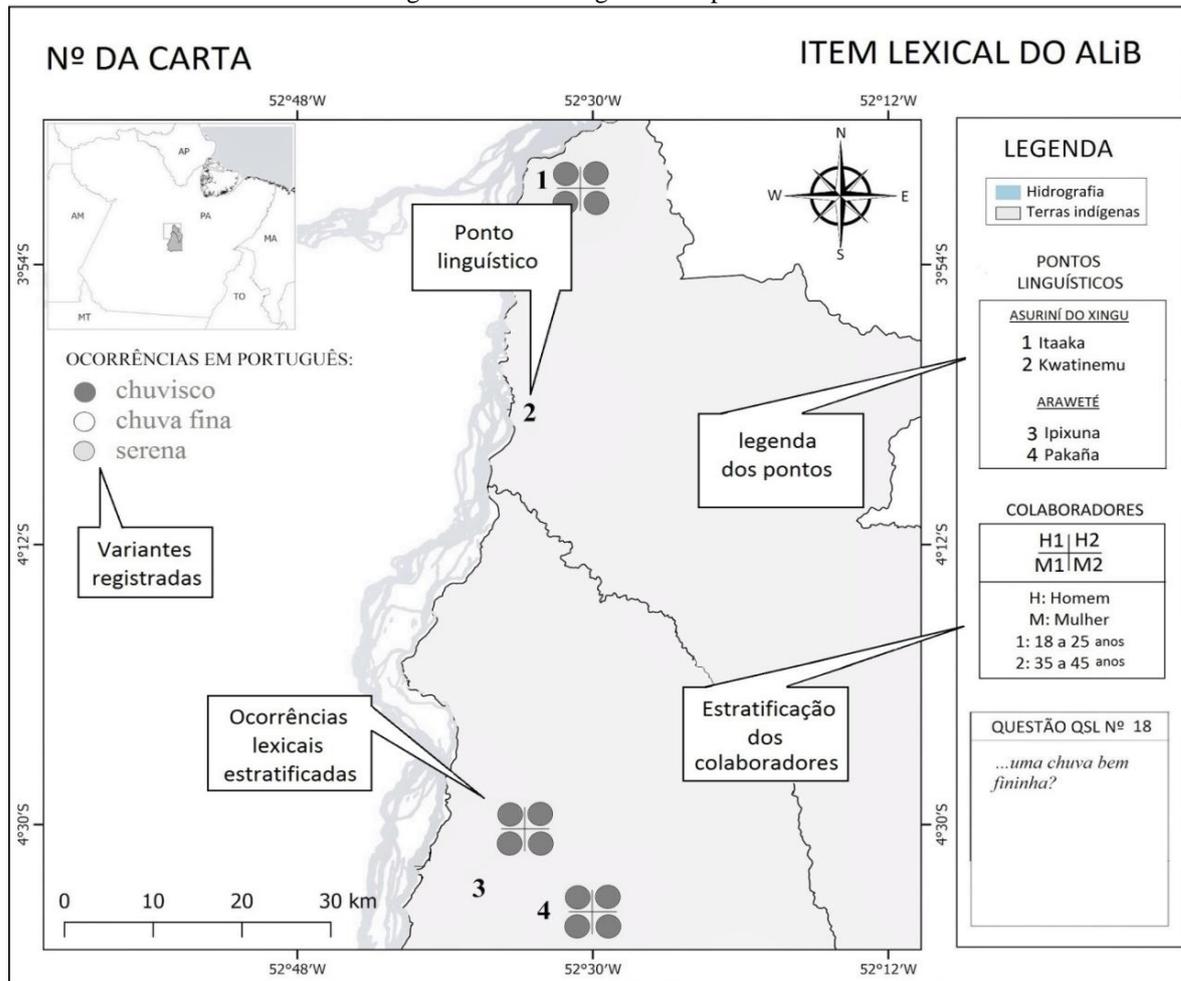
Imagem 22: Superfície da área de trabalho do QGIS



Fonte: O autor

Sobre a cartografia da Dialetoologia pluridimensional, nossas cartas linguísticas foram baseadas de acordo com o estilo cartográfico dessa abordagem. A seguir, apresentamos uma carta linguística do presente trabalho com finalidade explicativa.

Figura 15: Carta linguística explicativa



Fonte: O autor

Nas cartas, apresentamos as variantes lexicais e as suas ocorrências nos colaboradores estratificados de cada comunidade. Também aparecem nas cartas os itens lexicais, os números das questões e as perguntas propostos pelo QSL do projeto ALiB.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, analisamos dezenove cartas linguísticas. A seleção dessas cartas para a análise deveu-se por elas mostrarem índices representativos de variação lexical para um mesmo item e para evidenciar a diversidade da língua portuguesa nos vários campos semânticos do questionário adotado.

Foi feita uma divisão de análises a depender do número de variantes para cada pergunta. Assim, as cartas linguísticas apresentam análise diatópica; análise diassexual; análise diageracional ou todas elas.

Como nos propomos a analisar os parâmetros das dimensões sociais, revolvemos fazer análises separadas à cada sociedade indígena, pois são duas sociedades que possuem organização social diferente e tiveram contatos com a sociedade envolvente de forma distinta. Se as juntássemos para fazer as análises das variantes no seio social, os resultados não seriam esclarecedores. Desse modo, isso refletiria no perfil sociolinguístico dos Asuriní do Xingu e dos Araweté e, conseqüentemente, nas nossas análises.

Também destacamos que apresentamos resultados generalizantes das 46 cartas seguindo o mesmo padrão de análises sociais feita neste capítulo com a finalidade de confirmar qual o grupo social, mulheres, jovens, homens ou velhos, apresenta um perfil lexical mais diversificado ao português de sua sociedade e que influenciou diretamente na confecção das nossas cartas. Essa análise reforçou o que tínhamos observado em campo em relação ao português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté.

Também comparamos algumas variantes lexicais do português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté com variantes da cidade de Altamira a partir do projeto *Atlas Linguístico do Pará* (ALIPA) trabalhadas por Guedes (2012), o que não foi proposto nos nossos objetivos. Isso foi feito para reforçar as nossas observações sobre a influência que a cidade apresenta na língua portuguesa dos indígenas.

Apresentamos também alguns dados da língua Asuriní do Xingu e da língua Araweté no rodapé deste capítulo para contextualizar as nossas análises e observações sobre a situação dos contatos linguísticos que os Asuriní do Xingu e os Araweté vivenciam.

Antes de apresentar as análises das cartas, exibimos o quadro 4, que expõe o perfil das questões do QSL com base nas ocorrências lexicais obtidas à variedade do português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté. Tal quadro propõe-se a mostrar os campos semânticos com o seu quantitativo absoluto de questões que não apresentaram ocorrências; de questões de caráter categórico e de questões de caráter heteroléxico. Além disso, ele exhibe o percentual

relativo (relat.) das questões de caráter heteroléxico por campo para auxiliar a interpretação dos resultados. Assim, destacamos o comportamento lexical que as duas sociedades demonstraram e que poderá servir como base para estudos que querem explorar de forma mais ampla a variedade do léxico do português indígena adaptando o seu próprio questionário, ou seja, explorando mais determinados campos semânticos.

Quadro 4: Perfil das questões do QSL por campo semântico

Campo semântico do QSL do projeto ALiB	Quantitativo de questões				Total de questões
	Sem ³⁷ resultados	De caráter categórico	De caráter heteroléxico		
			Absol.	Relat.	
1 – Acidentes geográficos	-	-	6	100%	6
2 – Fenômenos atmosféricos	1	1	13	86%	15
3 – Astros e tempo	6	4	7	41%	17
4 – Atividades agropastoris	7	5	13	52%	25
5 – Fauna	-	12	13	52%	25
6 – Corpo humano	2	8	22	68%	32
7 – Ciclos da vida	-	4	11	73%	15
8 - Convívio e comportamento social	1	-	10	91%	11
9 – Religião e crenças	1	2	5	62%	8
10 – Jogos e diversões infantis	5	2	6	46%	13
11 – Habitação	-	3	5	62%	8
12 – Alimentação e cozinha	-	3	9	75%	12
13 – Vestuário e acessórios	-	4	2	33%	6
14 – Vida urbana	1	4	4	55%	9
Total de questões	24	53	125		202

Das 202 questões do QSL, 24 não apresentaram resultados, ou seja, não apresentaram ocorrências. Tais questões já foram destacadas na nota 36, no tópico 3.6 (os dados lexicais). 53 questões apresentaram caráter categórico e 125 demonstraram caráter³⁸ heteroléxico. Assim, mais da metade das questões do QSL apresentaram-se produtivas à variação.

A partir do quadro 4, observamos que os campos semânticos “astros e tempos”, “atividades agropastoris” e “jogos e diversões infantis” apresentaram ausência de ocorrências lexicais. Isso ainda se deve ao pouco conhecimento da cultura da sociedade envolvente referente a esses campos pelos indígenas. Outros campos pouco produtivos foram “fauna” e

³⁷ Questões aplicadas e que não obtivemos respostas.

³⁸ Para a definição dos resultados com usos heteroléxicos, consideramos apenas os itens que apresentaram duas ou mais variantes registradas.

“*vestuário e acessórios*”, os quais apresentaram muitas questões com resultados categóricos. A seguir, apresentamos os itens lexicais com seus resultados de caráter categórico.

Quadro 5: Itens lexicais do QSL com seus resultados categóricos

CAMPO SEMÂNTICO DO QSL	ITEM	RESULTADO CATEGÓRICO	CAMPO SEMÂNTICO DO QSL	ITEM	RESULTADO CATEGÓRICO	
2 - Fenômenos atmosféricos	17 (Arco-íris)	<i>arco-íris</i>	6 - Corpo humano	103 (Solução)	<i>solução</i>	
				108 (Axila)	<i>sovaco</i>	
3 - Astros e tempo	26 (Crepúsculo)	<i>tarde</i>		118 (Tornozelo)	<i>tornozelo</i>	
	34 (Meses do ano)	<i>meses do ano</i>		119 (Calcanhar)	<i>calcanhar</i>	
	36 (Ontem)	<i>ontem</i>		120 (Cosca)	<i>cosca</i>	
	37 (Antes de ontem)	<i>antes de ontem</i>	123 (Parteira)	<i>parteira</i>		
4 - Atividades agropastoris	40 (Amendoim)	<i>amendoim</i>	7 - Ciclos da vida	125 (Gêmeos)	<i>gêmeos</i>	
	44 (Parte terminal da Inflorescência da bananeira)	<i>ponta</i>		132 (Menino)	<i>menino</i>	
				133 (Menina)	<i>menina</i>	
	50 (Aipim)	<i>macaxeira</i>	9 - Religião e crenças	150 (Amuleto)	<i>amuleto</i>	
	51 (Mandioca)	<i>mandioca</i>		152 (Curandeiro)	<i>pajé</i>	
	52 (Carrinho de mão)	<i>carrinho de mão</i>	10 - Jogos e diversões infantis	157 (Estilingue)	<i>baladeira</i>	
				166 (Balanço)	<i>balanço</i>	
5 - Fauna	64 (Urubu)	<i>urubu</i>	11 - Habitação	169 (Veneziana)	<i>janela</i>	
	65 (Beija-flor)	<i>beija-flor</i>		173 (Isqueiro)	<i>isqueiro</i>	
	68 (Papagaio)	<i>papagaio</i>		174 (Veneziana)	<i>lanterna</i>	
	69 (Sura)	<i>galinha sem rabo</i>	12 - Alimentação e cozinha	181 (Mungunzá)	<i>mingau de milho</i>	
	71 (Gambá)	<i>mucura</i>		186 (Pão francês)	<i>pão</i>	
	73 (Crina de pescoço)	<i>cabelo</i>		187 (Pão bengala)	<i>pão</i>	
		74 (Crina de cauda)	<i>rabo</i>	13 - Vestuário e acessórios	188 (Sutiã)	<i>sutiã</i>
		77 (Chifre)	<i>chifre</i>		189 (Cueca)	<i>cueca</i>
		79 (Cabra sem chifre)	<i>cabra sem chifre</i>		191 (Ruge)	<i>maquiagem</i>
		81 (Rabo)	<i>rabo</i>		190 (Calcinha)	<i>calcinha</i>
		84 (Sanguessuga)	<i>sanguessuga</i>	14 - Vida urbana	194 (Sinal)	<i>sinal</i>
		85 (Libélula)	<i>jacinta</i>		197 (Rotatória)	<i>rotatória</i>
6 - Corpo humano	89 (Pálpebras)	<i>pele do olho</i>	200 (Ônibus interurbano)		<i>ônibus</i>	
	96 (Catarata)	<i>catarata</i>	201 (Ônibus urbano)		<i>ônibus</i>	
	98 (Dente do siso)	<i>dente final</i>				

A seguir, apresentamos as análises das cartas linguísticas e os resultados que obtivemos com elas.

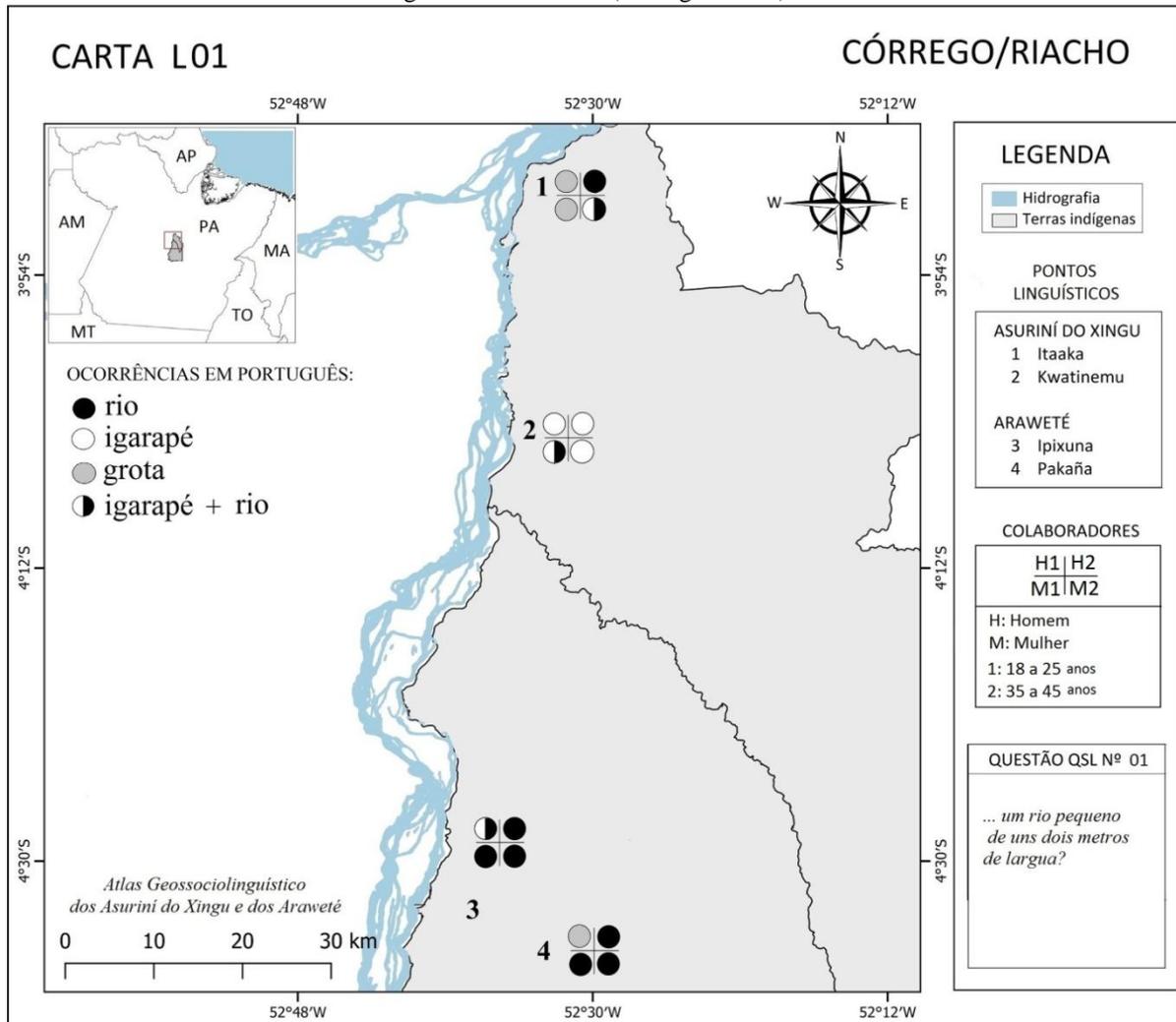
4.1 ACIDENTES GEOGRÁFICOS

Para o campo semântico I do QSL do projeto ALiB, que contém 6 perguntas sobre acidentes geográficos, analisamos duas cartas linguísticas. Elas referem-se aos itens “córrego/riacho” e “redemoinho (de água).

4.1.1 Córrego/riacho- Carta L01

A partir da aplicação da questão número 1 do QSL, cuja pergunta é “... *um rio pequeno com dois metros de largura*”, obtivemos dezenove ocorrências lexicais. Elas estão distribuídas entre as variantes: *rio*, *igarapé* e *grota*. A figura 16 apresenta as variantes mapeadas.

Figura 16: Carta L01 (Córrego/riacho)³⁹



³⁹ Riacho –

Asuriní do Xingu:

Yatawu'u [iataβu'ʔu] (3 ocorrências) – Igarapé.

Ykajĩma [ika'nĩma] (1 ocorrência) – Igarapé sinuoso e não trafegável.

Y [ʔi] (1 ocorrência) – Água. (pode ser usado como variante para igarapé)

Jywy [dʒidʒi'βi] (1 ocorrência) – Igarapé onde há muitos açaizeiros.

Língua Araweté: Riacho

Paranĩ [para'nĩ] (7 ocorrências) – Rio.

I'uhu [i'ʔo'hu] (1 ocorrência) – Igarapé / grotta.

Na carta L01, verificamos que houve o uso de três variantes. A variante mais produtiva da questão foi *rio*, a qual apresentou dez ocorrências e que representam 52,6% de frequência. A segunda variante mais recorrente foi *igarapé*, que obteve 31,6% de frequência, com seis ocorrências. A menos frequente foi *grot*, com 15,8% de frequência.

Dimensão diatópica - Córrego/riacho

Algumas variantes se sobressaíram em determinadas comunidades, tendo-se preferências diferentes a depender do ponto pesquisado. A seguir, apresentamos as frequências das variantes por ponto.

Tabela 4: Frequência diatópica das variantes lexicais para “córrego/riacho”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>rio</i>	20%	10%	40%	30%	100%
<i>igarapé</i>	16,7%	66,6%	16,7%	-	100%
<i>grot</i>	66,6%	-	-	33,3%	100%

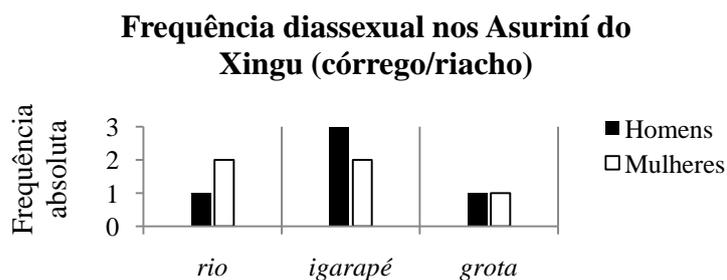
A variante *rio* foi mais produtiva no Ipixuna e esteve presente na fala de todos os entrevistados desse ponto. Ela foi menos frequente no Kwatinemu. Em termos gerais, pode-se dizer que *rio* é preferido entre os Araweté.

Já a variante *igarapé* foi mais usada no Kwatinemu e a preferida dessa comunidade. Ela foi menos usada nos pontos 1 (Itaaka) e 3 (Ipixuna). Tal variante só não teve ocorrência no Pakaña. Também registramos a variante *grot* que só foi usada em Itaaka e no Pakaña. *grot* foi mais usada na comunidade Asuriní.

Dimensão diassexual - Córrego/riacho

Apresentamos as frequências das variantes de “córrego/riacho” dos Asuriní do Xingu.

Gráfico 1: Frequência diassexual das variantes lexicais para “córrego/riacho” nos Asuriní



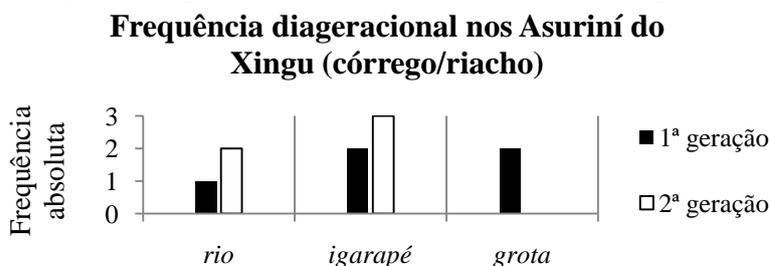
Notamos, no gráfico 1, que os homens utilizaram mais a variante *igarapé* em relação às mulheres. Já *rio* teve mais produtividade no sexo feminino. A variante *grota* ocorreu na mesma proporção em ambos os sexos.

Para os Araweté, além de *rio*, há ocorrências singulares de outras variantes, *grota* e *igarapé*. Mulheres fazem maior uso da variante predominante, *rio*. Também notamos que é justamente na fala dos homens que aparecem *igarapé* e *grota*, variantes que talvez ainda estejam em processo de inserção nessa sociedade. São eles os indivíduos que mais interagem, estabelecem mais contato, portanto apresentaram mais diversidade lexical.

Dimensão diageracional - Córrego/riacho

Apresentamos as frequências das variantes lexicais para “córrego/riacho” dos Asuriní.

Gráfico 2: Frequência diageracional das variantes lexicais para “córrego/riacho” nos Asuriní



Nos Asuriní, vemos que a 1ª e a 2ª gerações usam *rio* e *igarapé* com pequena diferença de frequência. Aqui, o registro principal diz respeito ao uso de *grota* pela geração mais jovem, falantes que dominam mais a língua portuguesa em relação a sua língua étnica. Podemos dizer, também, que a geração mais jovem apresentou resultado mais heteroléxico.

Os Araweté mostram pouco caráter heteroléxico, mas, no que tange à faixa etária, há apenas diferença na fala de duas pessoas jovens que apresentaram *igarapé* e *grota*; as demais usaram *rio*. Fazendo alusão aos resultados relativos à dimensão diasssexual, pode-se dizer que são os homens mais jovens que introduzem nessa sociedade usos mais heteroléxicos.

Frequências das variantes nas sociedades - Córrego/riacho

A seguir, apresentamos os percentuais de frequência das variantes lexicais para “córrego/riacho” nas sociedades Asuriní do Xingu e Araweté.

Tabela 5: Frequência das variantes lexicais para “córrego/riacho” nas sociedades

Variantes	Frequência das variantes na sociedade	
	Asuriní do Xingu	Araweté
<i>rio</i>	30%	77,8%
<i>igarapé</i>	50%	11,1%
<i>grotta</i>	20%	11,1%
Total	100%	100%

A tabela 5 mostra que a variante preponderante nos Asuriní do Xingu é *igarapé*. Nos Araweté, a variante *rio* obteve a mais alta frequência. Foi muitíssimo predominante em relação às outras variantes co-ocorrentes.

Sobre o português falado dos Asuriní do Xingu e dos Araweté, podemos dizer que *grotta* é uma variante pouco recorrente nessas duas sociedades. É de uso exclusivo entre os jovens, o que mostra sua força como tendência. Tal variante é um empréstimo da palavra *grotta* da língua italiana (CARDOSO; CUNHA, 1978) ao português e que apresenta mais ocorrências em trabalhos dialetais realizados nas regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil, como visto em Romano (2008) e Azevedo (2015), em relação à região Norte.

Mas *grotta* apresenta registro na cidade de Altamira, conforme dados do projeto ALIB (MOREIRA; SANCHES, 2017). Assim, podemos dizer que há certa influência linguística de Altamira sobre as sociedades indígenas, dado o contato dos moradores das comunidades indígenas com a variedade do português dessa cidade.

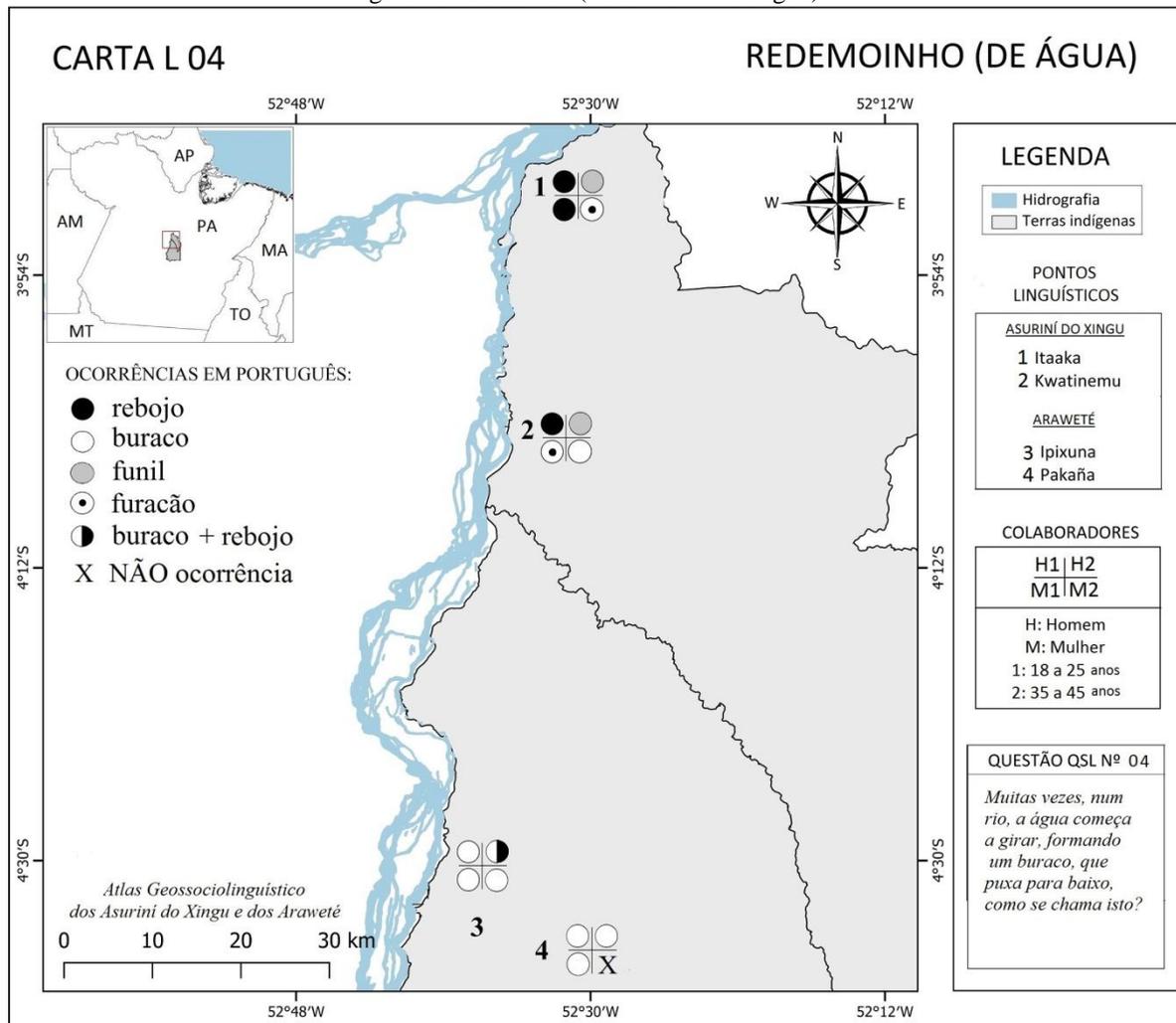
Já a variante *igarapé* é uma palavra predominante no dialeto do português falado na Amazônia como se verifica em Razky & Sanches (2016). Vale ressaltar que *igarapé* é um vocábulo de origem indígena da família Tupí-Guaraní amplamente usado no português amazônico e que faz parte do português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté. De acordo com a coleta realizada em língua indígena, o léxico usado por essas duas etnias, quando aplicada à mesma questão do QSL, não inclui a forma “igarapé”, ou seja, constatamos que “igarapé” não tem presença no léxico das línguas Asuriní do Xingu e Araweté, ambas pertencentes à família Tupí-Guaraní.

4.1.2 Redemoinho de água - Carta L04

Para a questão 4 do QSL, que possui a pergunta: “*Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, que puxa para baixo, como se chama isto?*”,

registramos 16 ocorrências lexicais distribuídas entre 4 variantes, sendo as formas encontradas: *rebojo*, *furacão*, *funil* e *buraco*. A figura 17 retrata as ocorrências mapeadas.

Figura 17: Carta L04 (Redemoinho de água)⁴⁰



A partir da visualização da carta L04, vemos que a variante de maior ocorrência no corpus, relativo à questão em análise, foi *buraco*, que apresentou 8 registros, o que corresponde a 50% de frequência. Em segundo lugar, com 4 ocorrências, ficou *rebojo*, com 25% de frequência. As variantes menos frequentes, com 12,5%, cada, foram *furacão* e *funil*, ambas as variantes ocorreram duas vezes.

⁴⁰ Redemoinho -

Asuriní do Xingu:

Ykuairu [ikway'ru] (7 ocorrências) – Rebojo.

Ywykuara [iʔi'kwara] (1 ocorrência) – Buraco.

Araweté:

Iwikū [iʔi'kũ] (6 ocorrências) – Buraco.

Amumume'e [amumume'ʔe] (1 ocorrência) – Rebojo.

Dimensão diatópica – Redemoinho (de água)

Na tabela 6, apresentamos a frequência das variantes por ponto linguístico.

Tabela 6: Frequência diatópica das variantes lexicais para “redemoinho (de água)”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>rebojo</i>	50%	25%	25%	-	100%
<i>buraco</i>	-	12,5%	50%	37,5%	100%
<i>furacão</i>	50%	50%	-	-	100%
<i>funil</i>	50%	50%	-	-	100%

A tabela 5 mostra que a variante *buraco*, a preponderante da questão, ocorreu em três pontos, sendo predominante no Ipixuna. No Pakaña, ela foi a única variante registrada. Podemos dizer, também, que *buraco* foi a variante preferida pelos Araweté.

A variante *rebojo* apresentou maior frequência no ponto 1 (Itaaka) em relação aos pontos 2 (Kwatinemu) e 3 (Ipixuna), localidades onde essa variante foi registrada.

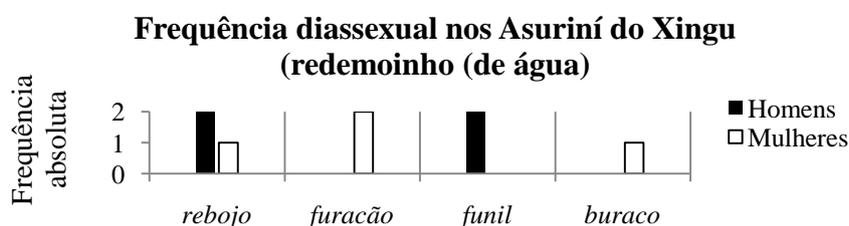
Já as variantes *furacão* e *funil* ocorreram só nos pontos Asuriní. Em ambos os pontos, as variantes apresentaram a mesma frequência.

Percebemos, também, que a produtividade de variantes diminui nos pontos mais distantes da sociedade envolvente, as comunidades Araweté.

Dimensão diasssexual – Redemoinho (de água)

A seguir, apresentamos as frequências das variantes da sociedade Asuriní do Xingu.

Gráfico 3: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “(redemoinho de água)” nos Asuriní



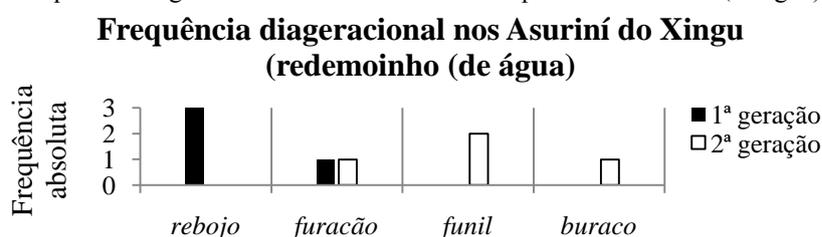
A partir do gráfico 3, fica claro que a variante *rebojo* foi mais produtiva entre os homens. Já as variantes *furacão* e *buraco* só ocorreram no sexo feminino enquanto que *funil* só ocorreu no sexo masculino. Vemos ainda que as mulheres apresentaram usos mais heteroléxicos.

Quanto ao efeito diassexual nos Araweté, os resultados revelam que a variante *buraco* foi usada mais pelos homens. Os destaques ficaram para um colaborador que apresentou uma variante diferente do padrão de sua sociedade e para uma colaboradora que desconhecia um nome para responder à questão posta, o que foi registrado como “NÃO ocorrência”. Os resultados evidenciam, no que se refere ao item proposto, um maior conhecimento lexical pelos homens Araweté em relação às mulheres.

Dimensão diageracional - Redemoinho (de água)

O gráfico 4 apresenta as frequências das variantes da sociedade Asuriní do Xingu.

Gráfico 4: Frequência diageracional das variantes lexicais para “redemoinho (de água)” nos Asuriní



Vemos, no gráfico 4, que a variante *rebojo* só ocorreu na 1ª geração. Já a variante *furacão* apresentou a mesma frequência para ambas as gerações. As variantes *funil* e *buraco* só ocorreram na 2ª geração. Também destacamos que os mais velhos apresentaram resultados mais heteroléxicos que os mais jovens.

Nos Araweté, a variante *buraco* foi mais recorrente entre os mais jovens. Já a única variante diferente dessa, *rebojo*, foi usada por um homem da segunda faixa etária. Assim, a 2ª geração foi a que apresentou uso mais heteroléxico.

Frequências das variantes nas sociedades - Redemoinho (de água)

Na tabela 7, apresentamos as frequências das variantes nas sociedades indígenas.

Tabela 7: Frequência das variantes lexicais para “redemoinho (de água)” nas sociedades

Variantes	Frequência das variantes na sociedade	
	Asuriní do Xingu	Araweté
<i>rebojo</i>	37,5%	12,5%
<i>furacão</i>	25%	-
<i>funil</i>	25%	-
<i>buraco</i>	12,5%	87,5%
Total	100%	100%

A partir da tabela 7, nos Asuriní do Xingu, *rebojo* foi a variante mais frequente.

A pesquisa de Guedes (2012), a qual tomou como base os dados do projeto ALIPA, apresentou as seguintes variantes: *redemoinho*, *funil* e *rebojo*, ao item “redemoinho”, mas na cidade mais próxima das comunidades Asuriní, Altamira, só houve a ocorrência de *redemoinho*, ou seja, outras variantes estão se incorporando ao léxico do português dos Asuriní que não foram, à época, registrados pelo projeto ALIPA nas localidades próximas às comunidades indígenas. Nesse sentido, o português dessa sociedade vem apresentando-se mais heteroléxico que o registrado nas áreas rurais não-indígenas próximas. Talvez, isso pode ser um indício das influências linguísticas de pessoas que Altamira atraiu com a construção da usina de Belo Monte nos últimos oito anos, ou seja, influências que podem ter atingido os indígenas.

Nos Araweté, a variante *buraco* foi bastante predominante. Essa sociedade, em relação à Asuriní do Xingu, apresentou uso menos heteroléxico. O frequente uso de uma variante deve estar ligado ao fato de *buraco* ter como corresponde, na língua Araweté, *iwikũ*, que significa “buraco (na terra)”. Assim, a variante *buraco* é utilizada pela maioria dos indígenas por fazer alusão a essa concepção e pelo fato de ainda não conhecerem outros termos já usados por falantes do português para referir-se a redemoinho de água. Logo, acabam por utilizar “buraco”, forma genérica, pelo fato de redemoinho lembrar um buraco na terra.

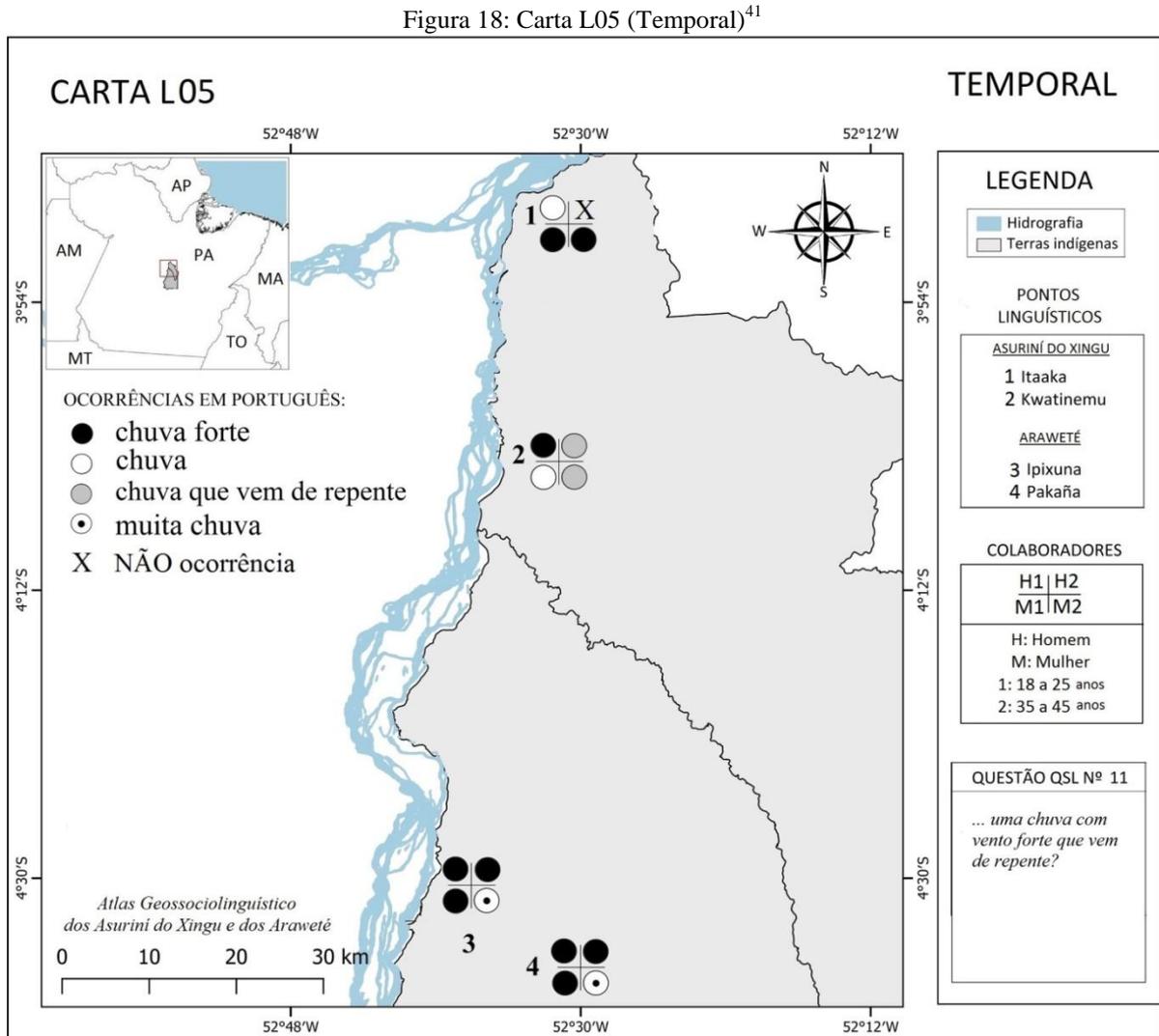
4.2 FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

No campo semântico II do QSL, que contém 15 questões sobre fenômenos atmosféricos, houve altos índices de variação lexical. Tal índice sofre influência da localização das comunidades, ou seja, elas pertencem à região Norte, onde as mudanças climáticas são frequentes, principalmente quando se fala sobre chuva, o que torna difícil haver um consenso pelos moradores dessa região a um nome específico para uma determinada chuva. Fato que pode ser observado em outros trabalhos geolinguísticos feitos nessa região, em Guedes (2012), Dias (2017), Gomes (2012). A seguir, apresentamos as análises de algumas cartas linguísticas.

4.2.1 Temporal - Carta L05

Para a questão 11 do QSL, cuja a pergunta é “... *uma chuva com vento forte que vem de repente*”, registramos 12 ocorrências lexicais nos quatro pontos de inquérito distribuídas

entre 4 variantes, são elas: *chuva forte*, *chuva*, *chuva que vem de repente* e *muita chuva*. A figura 18 apresenta a distribuição das variantes pelos pontos.



Na carta L05, vemos que variante *chuva forte* foi a única presente em todas os pontos, foi a preponderante no *corpus* da questão, com 60% de frequência (9 ocorrências). Já as variantes *chuva*, *chuva que vem de repente* e *muita chuva* apresentaram, cada, 2 ocorrências, o que representa 13,3% de frequência para cada uma delas na questão.

⁴¹ Temporal -

Asurini do Xingu:

Amyna aiwerete [amina ayβeɾe'te] (1 ocorrência) – Chuva forte.

Amyna (6 ocorrências) – Chuva.

Araweté:

Amiuhu [amiw'hu] (3 ocorrências) – Chuva forte.

Amiuitu [ami'iti] (3 ocorrências) – Chuva com vento.

Dimensão diatópica – Temporal

Apresentamos as frequências das variantes para “temporal” pelos pontos.

Tabela 8: Frequência diatópica das variantes lexicais para “temporal”

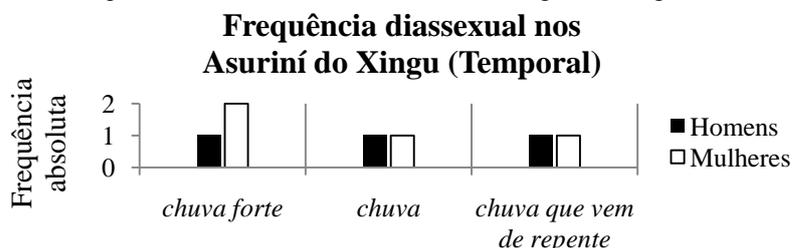
Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>chuva forte</i>	22,2%	11,1%	33,3%	33,3%	100%
<i>muita chuva</i>	-	-	50%	50%	100%
<i>chuva</i>	50%	50%	-	-	100%
<i>chuva que vem de repente</i>	-	100%	-	-	100%

Constatamos que a variante de maior ocorrência na questão, *chuva forte*, sobressaiu-se no Ipixuna (ponto 3) e no Pakaña (ponto 4). Sua menor frequência deu-se no Kwatinemu (ponto 2). Já a variante *chuva* ocorreu só nas localidades Asuriní e *muita chuva* só nas localidades Araweté, ambas as variantes apresentaram a mesma frequência em cada local de ocorrência. Já *chuva que vem de repente* apresentou frequência absoluta na aldeia Kwatinemu.

Dimensão Diassexual – Temporal

Apresentamos apenas as análises das variantes lexicais dos Asuriní, pois, nos Araweté, houve pouca variação para discutirmos. A seguir, o gráfico 5 mostra a frequência das variantes dos Asuriní.

Gráfico 5: Frequência diassexual das variantes lexicais para “Temporal” nos Asuriní

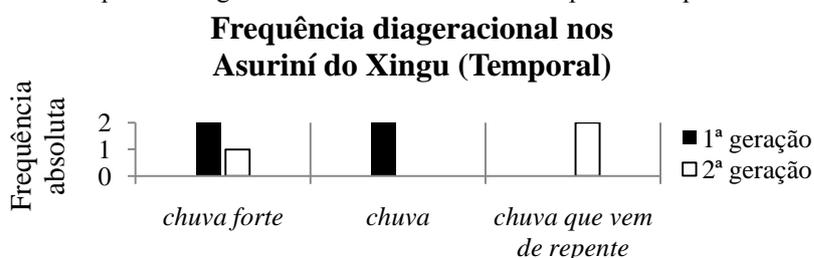


Podemos ver que apenas a variante *chuva forte* apresentou predominância em um dos sexos, ou seja, a variante foi mais produtiva nas mulheres. Nos Asuriní, houve produtividade igual de variantes para “temporal” a ambos os sexos.

Dimensão Diageracional – Temporal

O gráfico 6 apresenta as ocorrências lexicais para “temporal” nas gerações Asuriní. Aos Araweté, não discutimos esta dimensão, da mesma forma que a dimensão diasssexual.

Gráfico 6: Frequência diageracional das variantes lexicais para “Temporal” nos Asuriní



Vemos um domínio dos jovens Asuriní em relação aos mais velhos no que diz respeito às ocorrências para *chuva forte* e *chuva* enquanto que a variante *chuva que vem de repente* só predominou nos mais velhos. Ambas as gerações apresentaram a mesma produtividade de variantes.

Frequências das variantes nas sociedades – Temporal

Na tabela 9, apresentamos as frequências das variantes nas duas sociedades indígenas.

Tabela 9: Frequência das variantes lexicais para “temporal” nas sociedades

Variantes	Frequência das variantes na sociedade	
	Asuriní do Xingu	Araweté
<i>chuva forte</i>	43%	75%
<i>chuva</i>	28,5%	-
<i>chuva que vem de repente</i>	28,5%	-
<i>muita chuva</i>	-	25%
Total	100%	100%

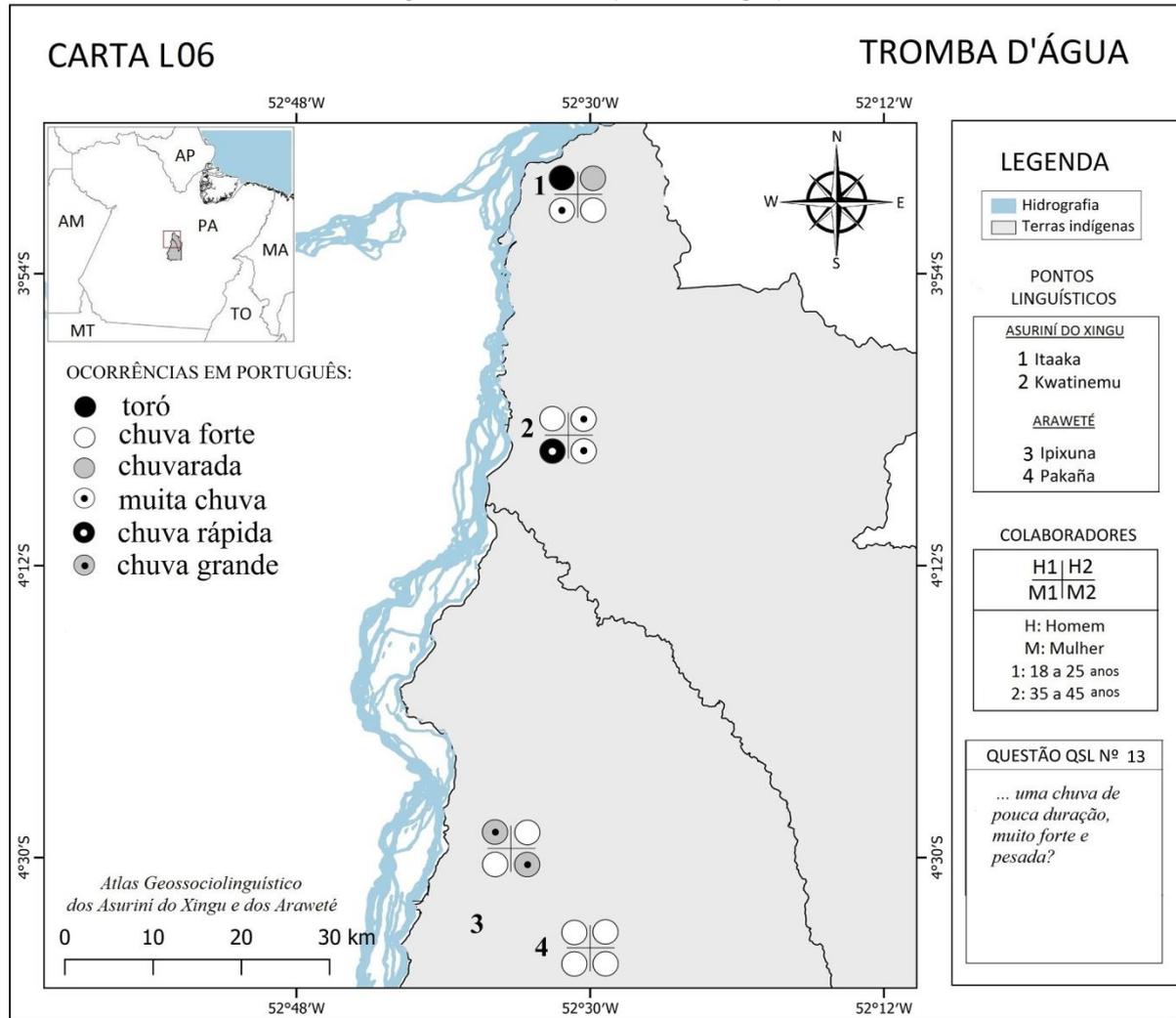
Vemos uma preferência pela variante *chuva forte* nos Asuriní e nos Araweté.

Observamos que há mais diversidade lexical no português dos Asuriní do Xingu que no dos Araweté à variável linguística “temporal”. Isso reforça as observações sobre a situação linguística dos Asuriní em relação às comunidades investigadas de sua TI vizinha no que tange à aquisição do português. Situação essa que se apresenta mais avançada nos Asuriní.

4.2.2 Tromba d'água – Carta L06

Para a questão 13 do QSL, em que temos a pergunta: “*uma chuva de pouca duração muito forte e pesada*”, foram registradas 16 ocorrências lexicais distribuídas entre 6 variantes, as quais são: *toró*, *chuva forte*, *chugarada*, *muita chuva*, *chuva rápida* e *chuva grande*. A figura 19 apresenta o registro das ocorrências pelos pontos.

Figura 19: Carta L06 (Tromba d'água)⁴²



⁴² Tromba d'água -

Asurini do Xingu:

Amyna aiwerete [a'mina ayβere'te] (5 ocorrências) – Chuva forte / muita chuva.

Amyna kumeteje [a'mina kōmetete'dʒe] (1 ocorrência) – Chuva rápida.

Amynau (1 ocorrência) - Chuva grande.

Araweté:

Amīuhu [amīw'hu] (4 ocorrências) – Chuva grande (forte).

Amīuhu hete [a'mī u'hu hε'te] (1 ocorrência) – Chuva grande e forte (toró).

A carta L06 apresenta-se bastante heteroléxica. A variante lexical com maior ocorrência no *corpus* da questão foi *chuva forte*, que obteve 8 registros, apresentando 50% de frequência. Em segundo lugar, *muita chuva*, com 18,7% de frequência, apresentou 3 ocorrências. Em terceiro, *chuva grande*, a qual obteve 12,5% de frequência. Com frequências singulares, ficaram as variantes *toró*, *chubarada* e *chuva rápida*, com 6,3%, cada variante.

Dimensão diatópica – Tromba d’água

A seguir, apresentamos as frequências das variantes para “tromba d’água” por ponto.

Tabela 10: Frequência diatópica das variantes lexicais para “tromba d’água”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>chuva forte</i>	12,5%	12,5%	25%	50%	100%
<i>muita chuva</i>	33,4	66,6	-	-	100%
<i>chuva grande</i>	-	-	100%	-	100%
<i>chuva rápida</i>	-	100%	-	-	100%
<i>toró</i>	100%	-	-	-	100%
<i>chubarada</i>	100%	-	-	-	100%

Notamos que a variante lexical de maior ocorrência da questão, *chuva forte*, que ocorreu em todas os pontos, foi preponderante no ponto 4 (Pakaña) e a única variante registrada nesse local. Essa variante apresentou as menores frequências nos pontos 1 e 2.

A segunda variante com maior ocorrência na questão foi *muita chuva*, que só foi registrada nas localidades Asuriní. Foi predominante no Kwatinemu (ponto 2) em relação ao Itaaka (ponto 1).

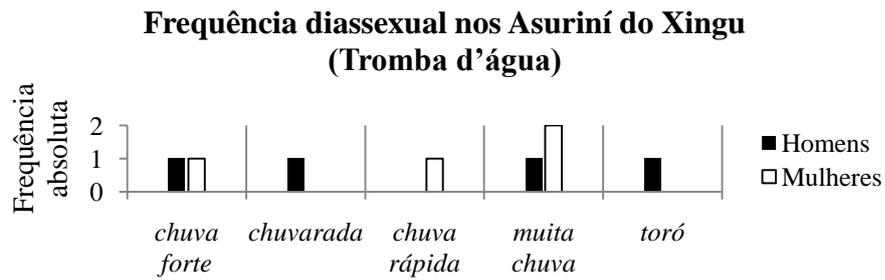
As demais variantes foram *toró*, *chubarada*, *chuva rápida* e *chuva grande*. Cada variante apresentou frequência máxima, porque foram características de cada ponto.

Percebemos que a produtividade de variantes diminuiu de acordo com os pontos mais distantes da sociedade envolvente.

Dimensão Diassexual – Tromba d’água

A seguir, apresentamos as frequências das variantes para ambos os sexos Asuriní.

Gráfico 7: Frequência diassexual das variantes lexicais para “tromba d’água” nos Asuriní.

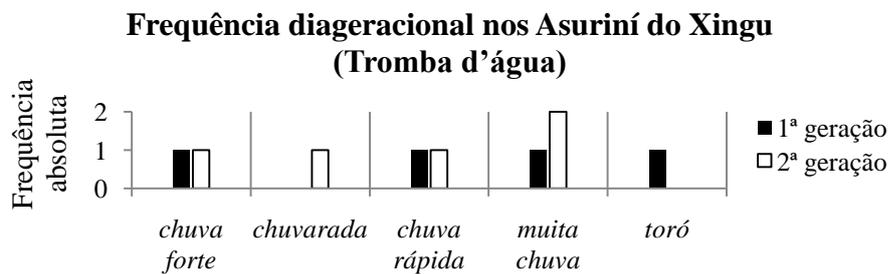


Para as variantes que ocorreram em ambos os sexos, apenas a variante *muita chuva* mostrou-se preponderante em um só sexo, no feminino. Já as variantes *chubarada* e *toró* só foram frequentes entre os homens e *chuva rápida* só apresentou frequência entre as mulheres. Notamos que os homens apresentaram usos mais heteroléxicos em relação às mulheres.

Dimensão Diageracional – Tromba d’água

O gráfico 8 apresenta as ocorrências lexicais pelas gerações Asuriní.

Gráfico 8: Frequência diageracional das variantes lexicais para “tromba d’água” nos Asuriní



Conforme vemos no gráfico 8, a única variante que apresenta predomínio em determinada geração foi *muita chuva*, na 2ª geração. Já *toró* foi frequente só nos mais jovens enquanto que *chubarada* só nos mais velhos. Notamos que ambas as gerações apresentaram produtividade igual de variantes.

Frequências das variantes nas sociedades – Tromba d’água

Na tabela 11, a seguir, apresentamos as frequências das variantes nas sociedades indígenas.

Tabela 11: Frequência das variantes lexicais para “tromba d’água” nas sociedades

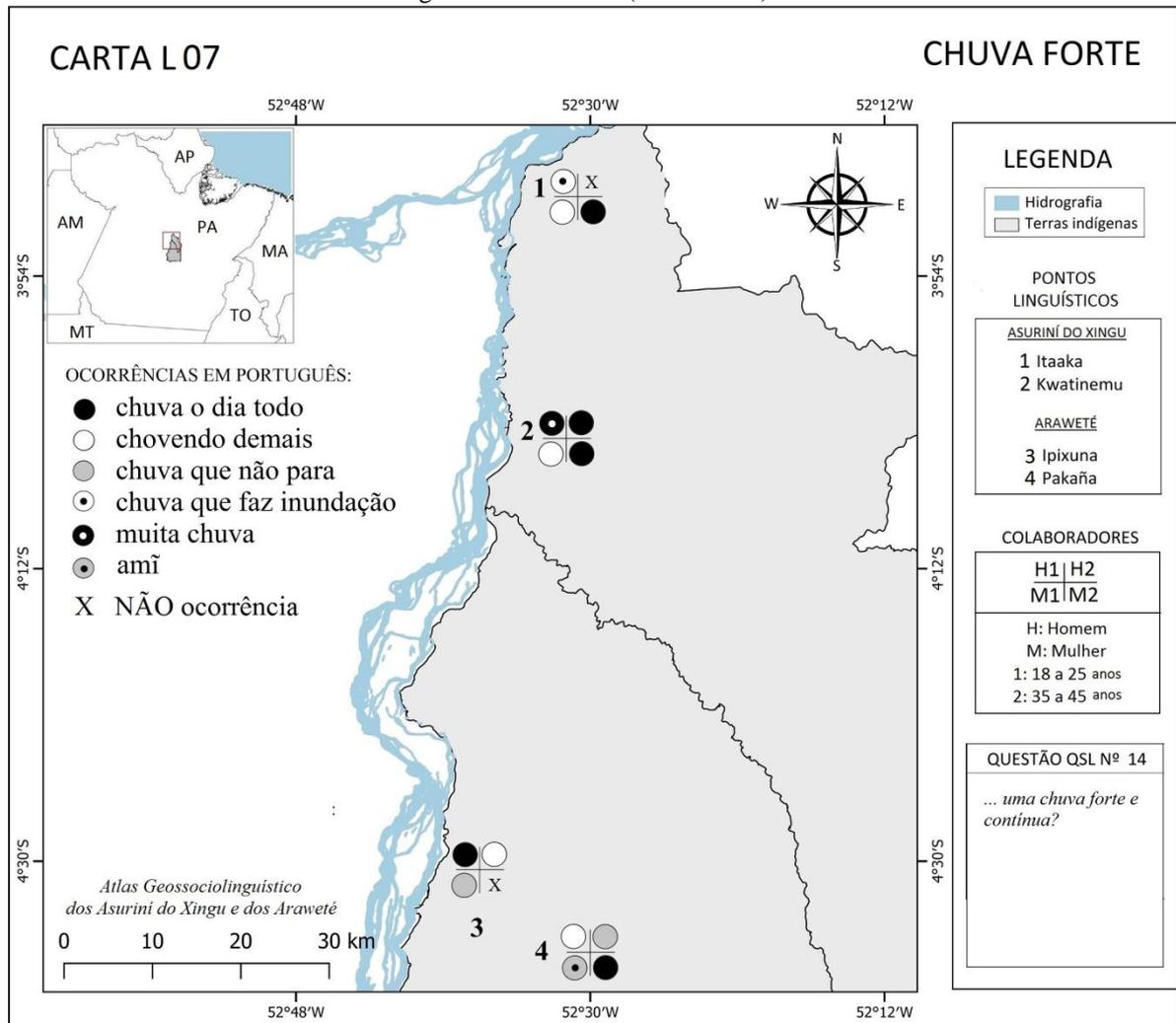
Variantes	Frequência das variantes na sociedade	
	Asuriní do Xingu	Araweté
<i>chuva forte</i>	25%	75%
<i>muita chuva</i>	37,5%	-
<i>toró</i>	12,5%	-
<i>chuvarada</i>	12,5%	-
<i>chuva rápida</i>	12,5%	-
<i>chuva grande</i>	-	25%
Total	100%	100%

Vemos que os Asuriní apresentaram mais diversidade lexical em relação à sociedade vizinha, com destaque para *muita chuva*, que foi a variante preponderante nos Asuriní.

Nos Araweté, *chuva forte* apresentou maior frequência, sendo a variante predominante em relação à outra variante que se registrou, *chuva grande*.

4.2.3 Chuva forte – Carta L07

Sobre a questão 14 do QSL, cuja pergunta é “*uma chuva forte e contínua*”, houve 6 variantes lexicais para um total de 14 ocorrências registradas, as variantes são: *chuva o dia todo*, *chovendo demais*, *chuva que não para*, *chuva que faz inundação*, *muita chuva* e *amã*. A seguir, na figura 20, vemos a distribuição das variantes nos pontos.

Figura 20: Carta L07 (Chuva forte)⁴³

Na carta L07, a variante *chuva o dia todo*, com 5 ocorrências, obteve 35,7% de frequência. Já *chovendo demais* apresentou 28,6% de frequência (4 registros). *chuva que não para*, com 2 ocorrências, ficou com 14,2% de frequência. Com frequências menores, 7,2%, temos as variantes *chuva que faz inundação*, *muita chuva* e *amĩ*.

Dimensão diatópica – Chuva forte

A seguir, apresentamos as frequências das variantes lexicais pelos pontos.

⁴³ Chuva Forte -

Asurini do Xingu:

Amynareua [amina´rewa] (5 ocorrências) – Chuva do dia todo.

Amyna aiwerete [a´mina ayBere´te] (2 ocorrências) – Muita chuva.

Araweté:

Amĩuhu hete [a´mĩ u´hu he´te] (1 ocorrência) – Chuva grande e forte.

Amĩmuka´aru [a´mĩ muka´a´ru] (2 ocorrências) - Chuva o dia todo.

Tabela 12: Frequência diatópica das variantes lexicais para “chuva forte”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>chuva o dia todo</i>	20%	40%	20%	20%	100%
<i>chovendo demais</i>	25%	25%	25%	25%	100%
<i>chuva que não para</i>	-	-	50%	50%	100%
<i>chuva que faz inundação</i>	100%	-	-	-	100%
<i>muita chuva</i>	-	100%	-	-	100%
<i>amã</i>	-	-	-	100%	100%

Vemos que a variante de maior frequência da questão, *chuva o dia todo*, foi mais predominante no ponto 2 (Kwatinemu) e apresentou frequências iguais nos demais pontos.

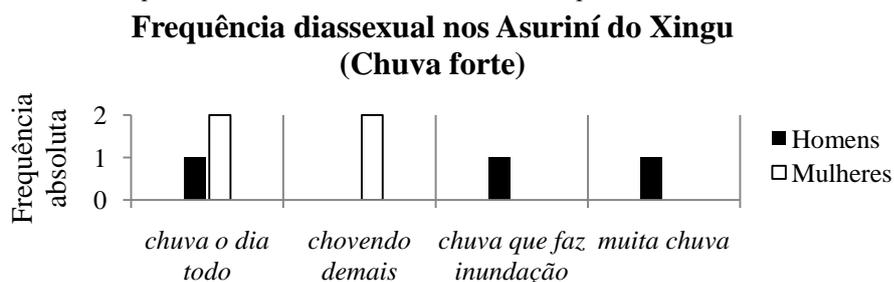
Para as variantes *chovendo demais* e *chuva que não para*, não houve predomínio em nenhum ponto, assim cada variante apresentou a mesma frequência pelos pontos onde ocorreram.

Com ocorrências menores, *chuva que faz inundação*, *muita chuva* e *amã* apresentaram frequência absoluta em determinado ponto, ou seja, foram características de cada localidade.

Dimensão Diassexual – Chuva forte

No gráfico 9, apresentamos as frequências em homens e em mulheres Asuriní.

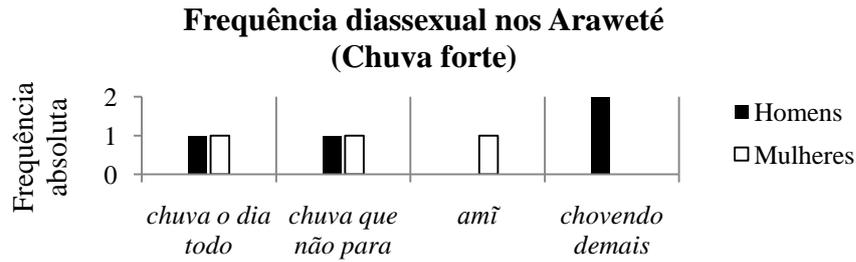
Gráfico 9: Frequência diassexual das variantes lexicais para “chuva forte” nos Asuriní



Observamos que a variante *chuva o dia todo* foi mais predominante no sexo feminino. Já as variantes *chuva que faz inundação* e *muita chuva* ocorreram só nos homens e *chovendo demais* só nas mulheres. Atentamos, também, que os homens apresentaram mais variantes.

A seguir, o gráfico 10 apresenta as variantes distribuídas nos homens e nas mulheres Araweté.

Gráfico 10: Frequência diassexual das variantes lexicais para “chuva forte” nos Araweté

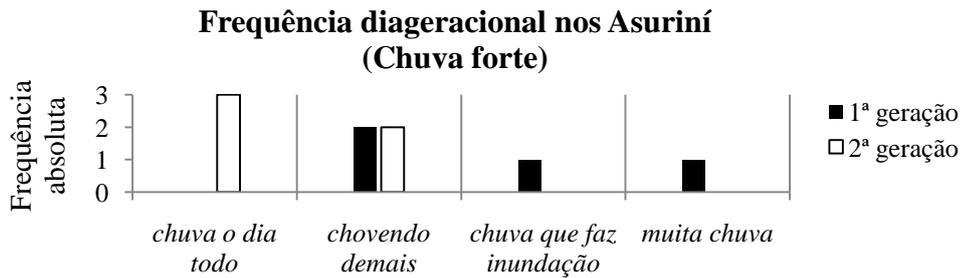


Nos Araweté, as variantes lexicais oriundas do português apresentaram as mesmas frequências em ambos os sexos com exceção de *chovendo demais*, que ocorreu só entre os homens. Já a variante *amĩ*, interferência lexical, só ocorreu entre as mulheres.

Dimensão Diageracional – Chuva forte

O gráfico 11 apresenta a distribuição das variantes nas gerações Asuriní.

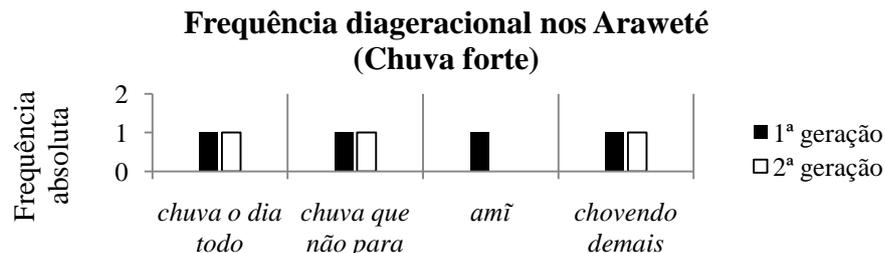
Gráfico 11: Frequência diageracional das variantes lexicais para “chuva forte” nos Asuriní



Nos Asuriní, observamos que a variante *chovendo demais* apresentou a mesma frequência em ambas as gerações. Já *chuva o dia todo* ocorreu só nos mais velhos. As variantes *chuva que faz inundação* e *muita chuva* foram registradas somente nos mais jovens. Os jovens apresentaram um maior número de variantes em relação à geração mais velha.

O gráfico 12 apresenta o registro das variantes lexicais pelas gerações Araweté.

Gráfico 12: Frequência diageracional das variantes lexicais para “chuva forte” nos Araweté



Nos Araweté, não houve predominância de uma geração sobre a outra para as variantes do português. Já a variante *amĩ* ocorreu só na faixa etária jovem.

Frequências das variantes nas sociedades – Chuva forte

A tabela 13 destaca as variantes lexicais mais frequentes em cada sociedade.

Tabela 13: Frequência das variantes lexicais para “chuva forte” nas sociedades

Variantes	Frequência das variantes na sociedade	
	Asuriní do Xingu	Araweté
<i>chovendo demais</i>	42,5%	28,6
<i>chuva o dia todo</i>	28,5%	28,6
<i>chuva que não para</i>	-	28,6
<i>chuva que faz inundação</i>	14,5%	-
<i>muita chuva</i>	14,5%	-
<i>amĩ</i>	-	14,2%
Total	100%	100%

Vemos que a variante *chovendo demais* foi a mais predominante nos Asuriní.

Nos Araweté, foram registradas quatro variantes. Ficaram com frequência iguais todas as variantes oriundas do português.

Ressaltamos que a variante *amĩ* é oriunda da língua Araweté e significa “chuva”. Foi registrada nas ocorrências em português, pois foi um caso de interferência lexical. Resolvemos registrá-la, pois é um dado importante que representa a realidade que acontece no atual português dos Araweté e que pode deixar de existir com o aumento da proficiência da língua portuguesa por parte dessa sociedade.

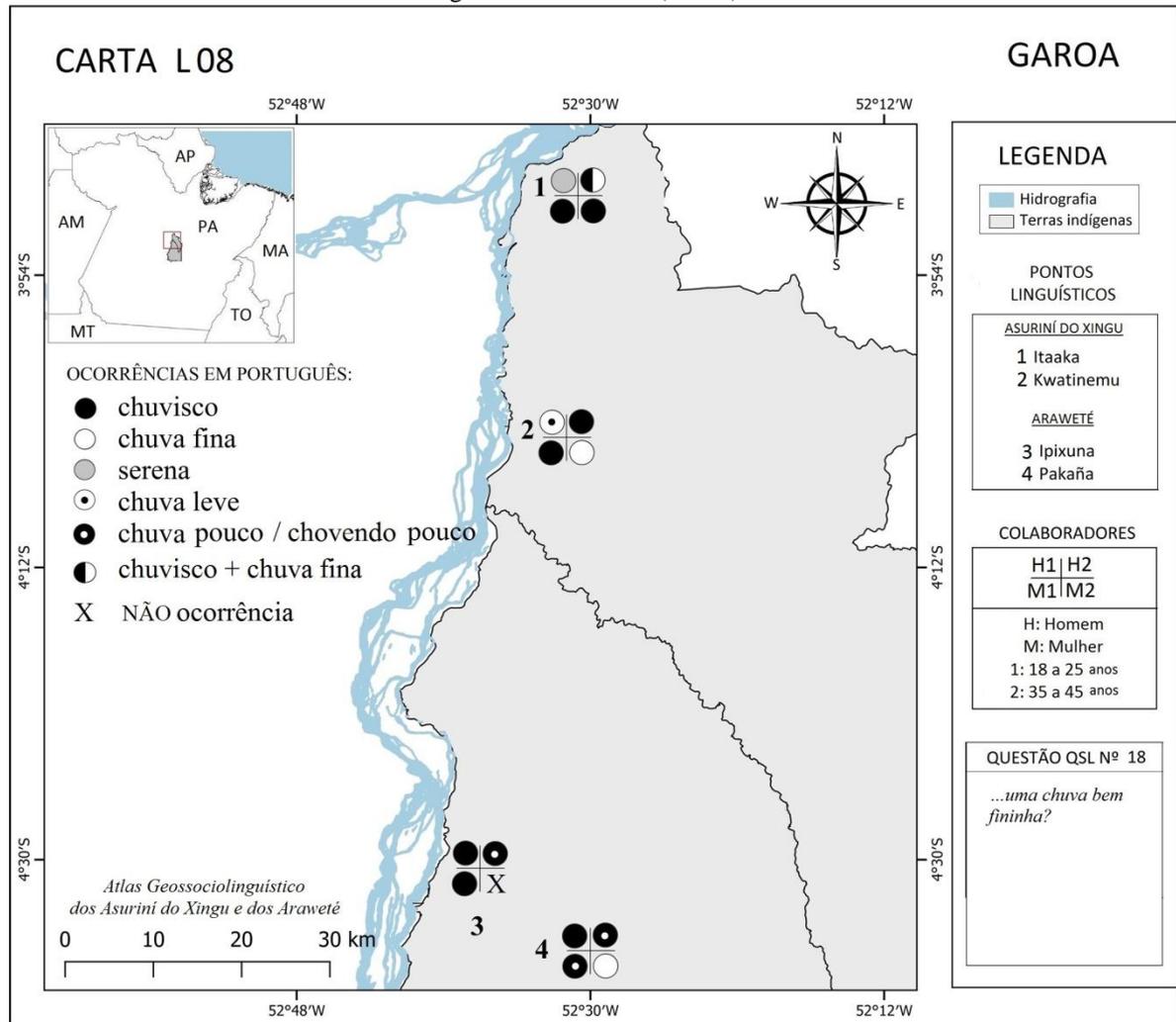
Notamos que as variantes do português das duas sociedades podem ser reflexo (interferência) de como expressam o tal fenômeno em suas línguas étnicas ou vice-versa, ou seja, reflexo na língua étnica em detrimento de como o fenômeno é expressado na língua portuguesa. Assim, “aminareua” e “amĩmuka’aru” significam literalmente “chuva do dia todo / chove pelo dia todo”, ou seja, a partir das traduções das variantes das línguas indígenas, percebemos que elas são semelhantes às correspondentes registradas ao português dos indígenas. Da mesma forma que o fato anterior, vemos nas outras variantes “amyna aiwerete” e “amĩuhu hete, as quais, literalmente, querem dizer “uma chuva grande e/ou forte”.

Não conseguimos definir se houve reflexo de uma língua sobre a outra, pois necessitamos de mais informações sociolinguísticas a cerca dessas situações.

4.2.4 Garoa – Carta L08

Para a questão 18 do QSL, em que temos “*uma chuva bem fininha*” como pergunta, obtivemos 16 ocorrências lexicais. Essas ocorrências estão agrupadas entre as variantes: *chuvisco*, *chuva fina*, *serena*, *chuva leve* e *chovendo pouco*. A figura 21 apresenta as variantes mapeadas.

Figura 21: Carta L08 (Garoa)⁴⁴



Ao observar a carta L08, podemos dizer que, com 8 ocorrências, a variante *chuvisco* foi a preponderante da questão, com 50% de frequência. Em segundo lugar, com 3

⁴⁴ Garoa -

Asuriní do Xingu:

Amynaiwi [aminay'βi] (7 ocorrências) – Chuvisco. (Garoa)

Araweté:

Haiyuri [haywí'ri] (3 ocorrências) – Chuvisco. (Garoa)

Ami'y [ami'ʔi] (3 ocorrências) – Chuvisco. (Garoa)

Ijapi [iza'pi] (1 ocorrência) – Sereno / orvalho.

ocorrências, cada, temos *chuva fina* e *chovendo pouco*, cada variante apresentou 18,7% de frequência. Já as variantes menos frequentes, com 6,2%, cada, foram *serena* e *chuva leve*.

Dimensão diatópica – Garoa

A tabela 14 apresenta a frequência das variantes lexicais por ponto.

Tabela 14: Frequência diatópica das variantes lexicais para “garoa”

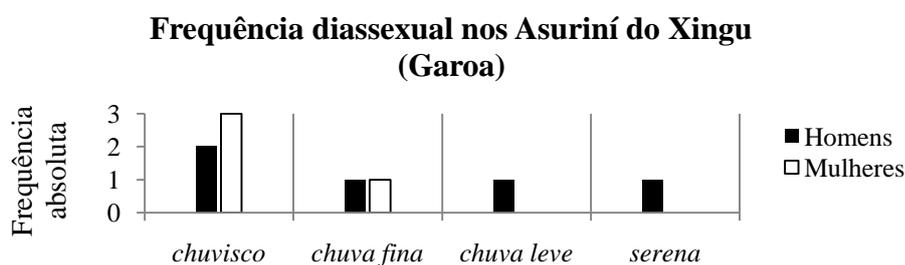
Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>chuvisco</i>	37,5%	25%	25%	12,5	100%
<i>chuva fina</i>	33,3%	33,3%	-	33,3%	100%
<i>chovendo pouco</i>	-	-	33,3%	66,6%	100%
<i>chuva leve</i>	-	100%	-	-	100%
<i>serena</i>	100%	-	-	-	100%

Notamos que a variante *chuvisco*, a mais produtiva da questão, foi preponderante no Itaaka em relação aos outros pontos. Já *chuva fina*, que teve a segunda maior produtividade, apresentou a mesma frequência em cada comunidade onde ocorreu. Outras variantes foram características de determinado local, são elas: *chuva leve* e *serena*.

Dimensão Diassexual – Garoa

O gráfico 13 apresenta as ocorrências lexicais nos homens e nas mulheres Asuriní.

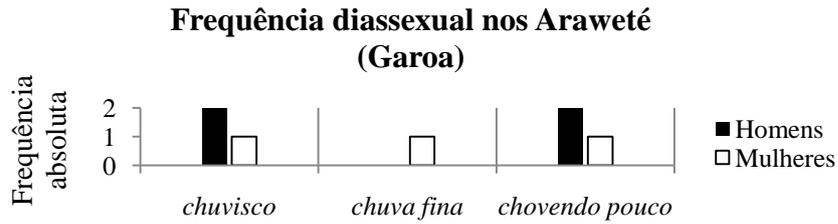
Gráfico 13: Frequência diassexual das variantes lexicais para “garoa” nos Asuriní



Verificamos que a variante *chuvisco* predominou mais nas mulheres Asuriní. *chuva fina* apresentou mesma frequência em ambos os sexos. Já *chuva leve* e *serena* foram frequentes somente nos homens. Vale ressaltar que foram registradas mais variantes no sexo masculino em relação ao feminino.

A seguir, apresentamos as frequências das variantes em ambos os sexos Araweté.

Gráfico 14: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “garoa” nos Araweté

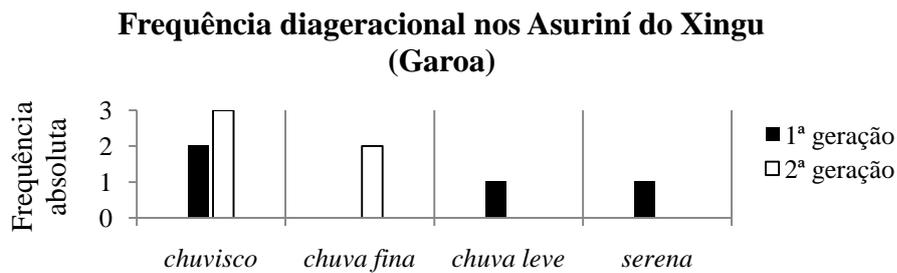


As variantes *chuvisco* e *chovendo pouco* foram mais predominante no sexo masculino. Já a variante *chuva fina* ocorreu somente nas mulheres. Ao item “garoa”, as mulheres foram o sexo que apresentou mais diversidade lexical.

Dimensão Diageracional – Garoa

A seguir, apresentamos as ocorrências lexicais nas gerações Asuriní.

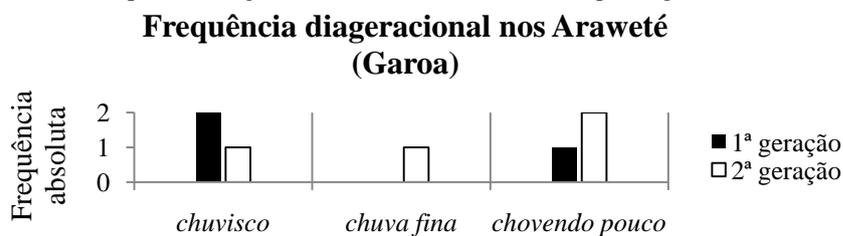
Gráfico 15: Frequência diageracional das variantes lexicais para “garoa” nos Asuriní



Vemos que a variante *chuvisco* apresentou maior frequência nos mais velhos. Já *chuva leve* e *serena* ocorreram só nos mais jovens enquanto que *chuva fina* ocorreu somente na geração mais velha. No presente caso, os mais jovens apresentaram uso mais heteroléxico.

O gráfico 16 apresenta a frequência das variantes nas gerações Araweté.

Gráfico 16: Frequência diageracional das variantes lexicais para “garoa” nos Araweté



Nos Araweté, *chuvisco* foi mais frequente na primeira geração e *chovendo pouco* mais frequente na segunda. Já *chuva fina* só apresentou frequência na geração mais jovem. Destacamos que a segunda geração mostrou resultado mais heteroléxico.

Frequências das variantes nas sociedades – Garoa

Na tabela 15, apresentamos as frequências das variantes nas sociedades.

Tabela 15: Frequência das variantes lexicais para “garoa” nas sociedades

Variantes	Frequência das variantes na sociedade	
	Asuriní do Xingu	Araweté
<i>chuvisco</i>	55,5%	42,8%
<i>chuva fina</i>	22,3%	14,2%
<i>chovendo pouco</i>	-	42,8%
<i>chuva leve</i>	11,1%	-
<i>serena</i>	11,1%	-
Total	100%	100%

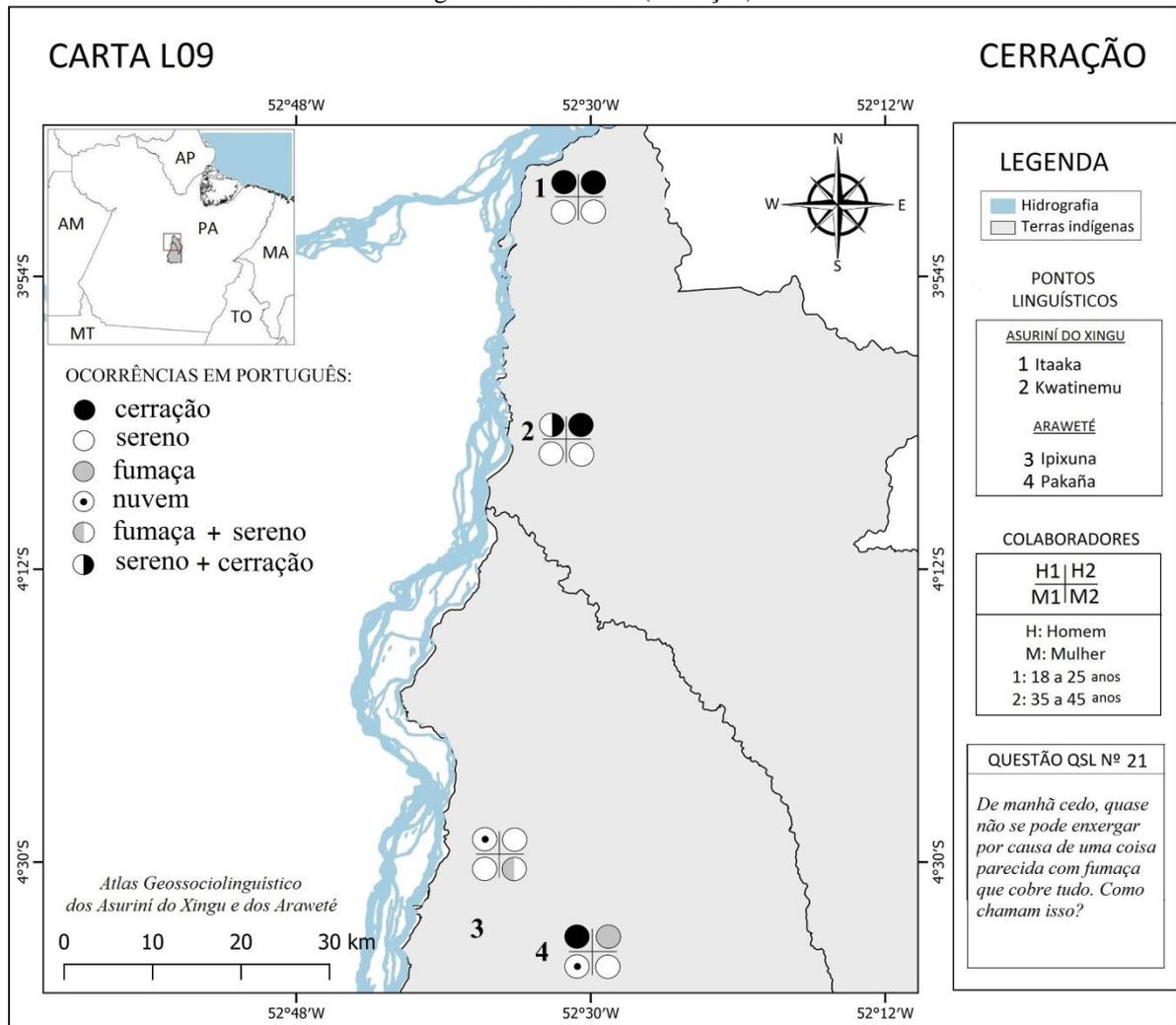
Podemos ver que a variante *chuvisco* é a preferida nos Asuriní.

Nos Araweté, houve preferência pelas variantes *chuvisco* e *chovendo pouco*. Essa sociedade apresentou-se menos diversidade lexical que os Asuriní.

A partir do projeto ALIPA, Altamira apresenta *chuvisco* e *sereno* como variantes pertencentes ao seu léxico, elas estão em concordância com variantes registradas nas duas sociedades indígenas, principalmente com a alta frequência de *chuvisco*. Mais uma vez, a cidade apresenta suas influências linguísticas nessas sociedades.

4.2.5 Cerração – Carta L09

Com a aplicação da questão 18 do QSL, cuja pergunta é “*De manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça que cobre tudo. Como chamam isso?*”, registramos 18 ocorrências lexicais dispostas entre 4 variantes. Elas são: *sereno*, *cerração*, *nuvem* e *fumaça*. A seguir, a figura 22 apresenta o mapeamento das variantes.

Figura 22: Carta L09 (Cerração)⁴⁵

Conforme observamos na carta L09, confirmamos que a variante preponderante da questão, *sereno*, com 9 registros, obteve 50% de frequência. A segunda variante mais frequente foi *cerração*, com 27,8% (5 ocorrências). Já as variantes *nuvem* e *fumaça* apresentaram 11,1% de frequência, cada variante (2 ocorrências de cada).

Dimensão diatópica – Cerração

A seguir, a tabela 16 apresenta as frequências das variantes lexicais por ponto linguístico.

⁴⁵ Cerração -
Asuriní do Xingu:
Kuitigu'u [kwetʃĩnu'ʔu] (8 ocorrências) – Cerração.

Araweté:
Iwanataty [iʃanata'ʃi] (6 ocorrências) – Cerração.
Ijapi [iza'pi] (1 ocorrência) – Sereno.
Tataty [tata'ʃi] (1 ocorrência) – Fumaça.

Tabela 16: Frequência diatópica das variantes lexicais para “cerração”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>sereno</i>	22,2%	33,3%	33,3%	11,1%	100%
<i>cerração</i>	40%	40%	-	20%	100%
<i>nuvem</i>	-	-	50%	50%	100%
<i>fumaça</i>	-	-	50%	50%	100%

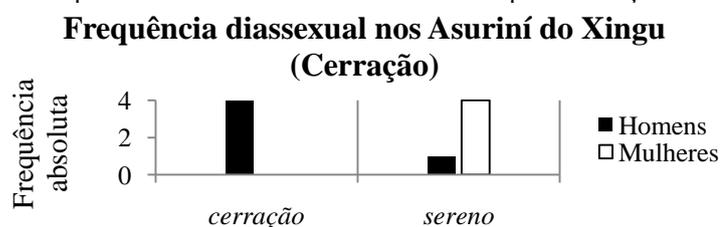
No espaço geográfico, constatamos que a variante *sereno* foi mais preponderante nos pontos 2 (Kwatinemu) e 3 (Ipixuna) e apresentou a menor frequência no Pakaña.

A variante *cerração* apresentou as maiores frequências só nas localidades Asuriní. Já *nuvem* e *fumaça* ocorreram só nas comunidades Araweté, cada variante apresentou a mesma frequência em cada ponto.

Dimensão diasssexual – Cerração

O gráfico 17 mostra as ocorrências lexicais nos homens e nas mulheres Asuriní.

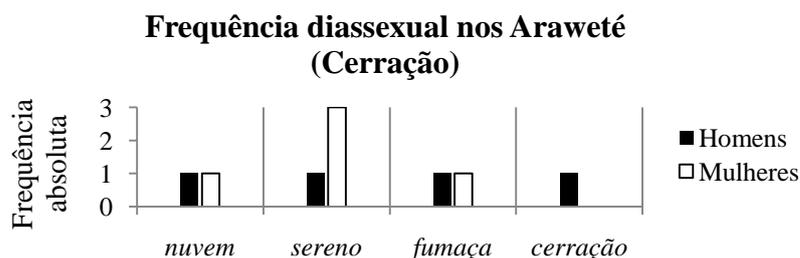
Gráfico 17: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “cerração” nos Asuriní



Observamos que a variante *cerração* apresentou ocorrência apenas nos homens. Já *sereno* foi mais predominante nas mulheres. Ressaltamos, ainda, que o sexo masculino mostrou um maior conhecimento de variantes em relação ao feminino.

O gráfico 18 apresenta as variantes lexicais nos homens e nas mulheres Araweté.

Gráfico 18: Frequência diasssexual das variantes lexicais para “cerração” nos Araweté

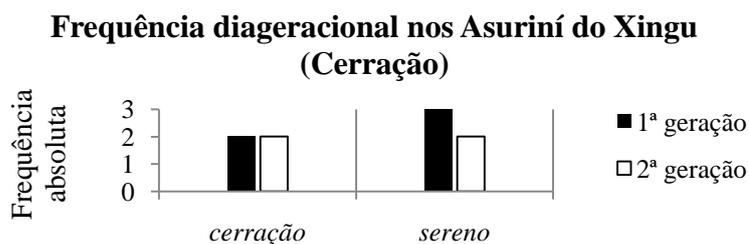


Com o gráfico 18, vemos que as variantes *nuvem* e *fumaça* apresentaram a mesma frequência em ambos os sexos Araweté. Já a variante *sereno* foi mais predominante nas mulheres, e a variante *cerração* foi frequente somente nos homens.

Dimensão diageracional – Cerração

Apresentamos as ocorrências lexicais ao item “cerração” pelas gerações Asuriní.

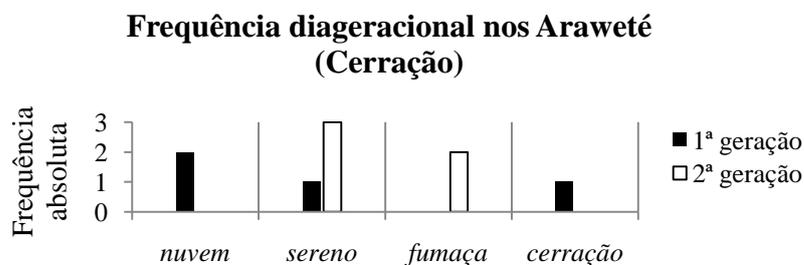
Gráfico 19: Frequência diageracional das variantes lexicais para “cerração” nos Asuriní



Vemos que a variante *cerração* apresentou a mesma frequência em ambas as gerações Asuriní. Já *sereno* apresentou predominância nos mais jovens.

A seguir, apresentamos a distribuição das variantes pelas gerações Araweté.

Gráfico 20: Frequência diageracional das variantes lexicais para “cerração” nos Araweté



Nos Araweté, vemos que as variantes *nuvem* e *cerração* ocorreram somente nos mais jovens enquanto que *fumaça* ocorreu só nos mais velhos. Já a variante *sereno* foi mais predominante na segunda geração. Os mais jovens Araweté apresentaram uso mais heteroléxico.

Frequências das variantes nas sociedades – Cerração

A seguir, apresentamos as frequências das variantes nas sociedades indígenas.

Tabela 17: Frequência das variantes lexicais para “cerração” nas sociedades

Variantes	Frequência das variantes na sociedade	
	Asuriní do Xingu	Araweté
<i>sereno</i>	55,5%	44,4%
<i>cerração</i>	44,5%	11,1%
<i>nuvem</i>	-	22,2%
<i>fumaça</i>	-	22,2%
Total	100%	100%

Os resultados mostram que *sereno* foi a variante preferida nas duas sociedades. Notamos, também, que os Araweté apresentaram mais diversidade lexical que seus vizinhos Asuriní na questão sobre “cerração”.

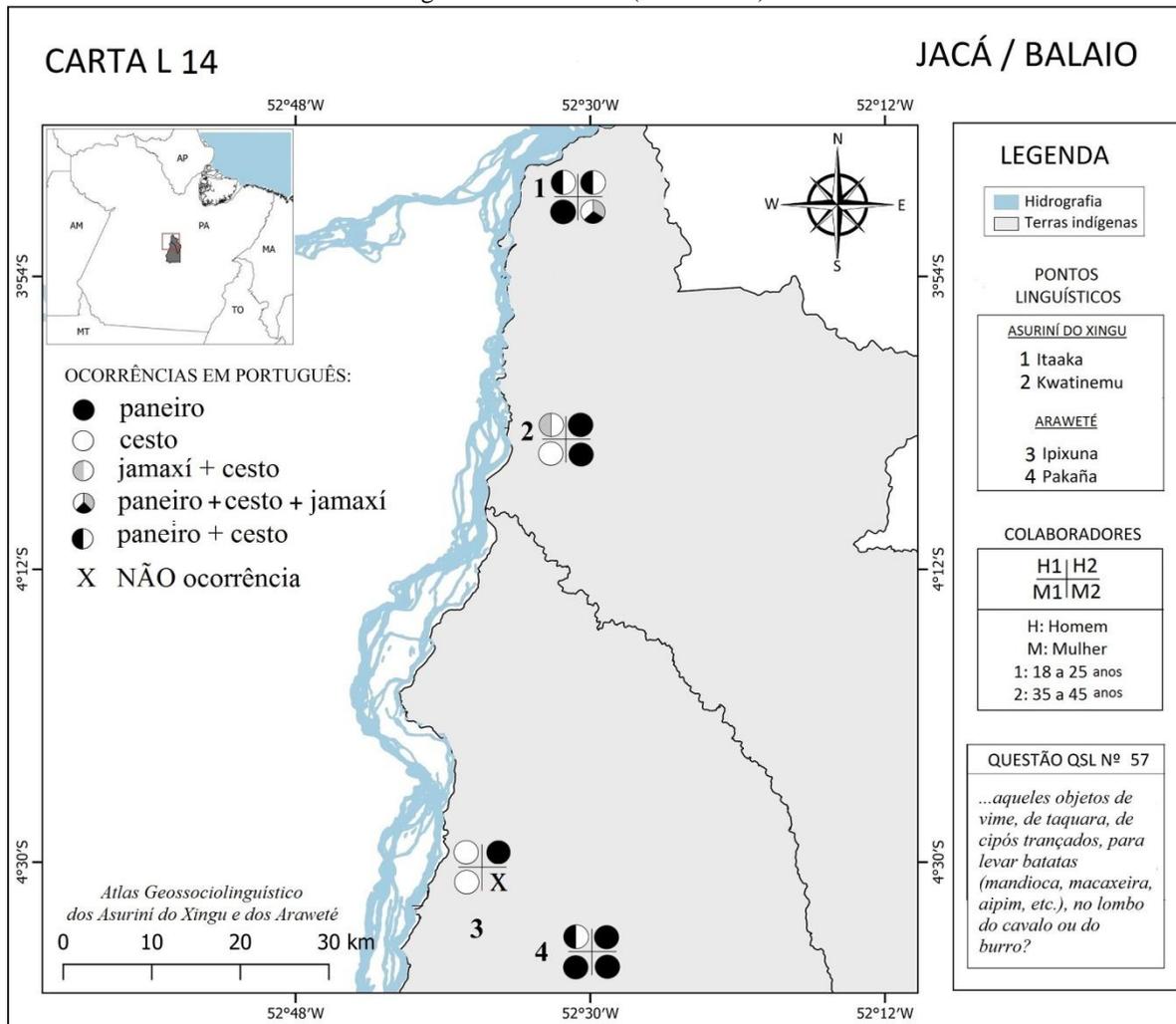
O projeto ALiB registra as variantes *cerração* e *neblina* na cidade de Altamira. As duas sociedades preferem variantes diferentes dessa cidade, mas, mesmo assim, os Asuriní são bem regulares com o padrão lexical de Altamira, pois apresentaram bastante a variante *cerração*.

4.3 ATIVIDADES AGROPASTORIS

Para o campo semântico IV do QSL, atividades agropastoris, selecionamos apenas uma questão para análise, pois apresentou elevada produtividade de variantes em relação às outras questões pertencentes a este campo.

4.3.1 Jacá / balaio – Carta L14

A questão 57 do QSL, que possui a pergunta: “... *aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançados, para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro?*”, apresentou 21 ocorrências lexicais divididas entre 3 variantes. Elas são: *paneiro, cesto e jamaxí*. A seguir, visualizamos as variantes distribuídas pelos pontos.

Figura 23: Carta L14 (Jacá/balaio)⁴⁶

Na questão, com 11 ocorrências, *paneiro* foi a variante mais produtiva. Ela apresentou 52,5% de frequência. Em segundo, com 8 registros, temos a variante *cesto*, que obteve 38% de frequência. Em terceiro, *jamaxí*, que ocorreu 2 vezes, sendo a menos frequente, com 9,5%.

Dimensão diatópica – Jacá/balaio

Apresentamos, a seguir, a frequência das variantes nos pontos.

⁴⁶ Jacá/balaio -

Asurini do Xingu:

Timapiriapara [timapiriá'para] (5 ocorrências) - Cesto de cipó para carga.

Pyrywysiga [piribi'tjiga] (3 ocorrências) – Cesto de palha para carga.

Araweté:

Iru [i'ro] (5 ocorrências) – Cesto paneiro (recipiente).

Pehiti [pehi'fi] (3 ocorrências) – Cesto paneiro fechado.

Tabela 18: Frequência diatópica das variantes lexicais para “Jacá/balaio”

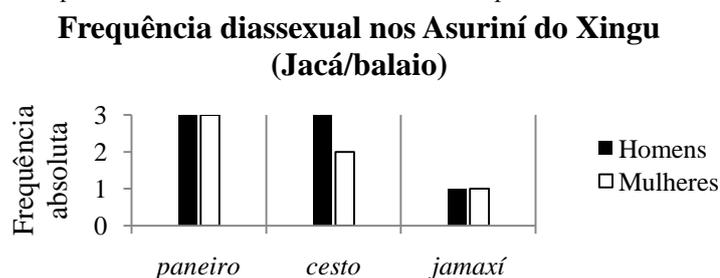
Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>paneiro</i>	36,3%	18,2%	9,1%	36,3%	100%
<i>cesto</i>	37,5%	25%	25%	12,5%	100%
<i>jamaxi</i>	50%	50%	-	-	100%

Notamos, na tabela 18, que a variante *paneiro*, a que teve mais registros no *corpus* da questão, apresentou as maiores frequências no ponto 1 (Itaaka) e no 4 (Pakaña). Ao tratar da variante *cesto*, ela apresentou maior produtividade no Itaaka. Já a variante *jamaxi*, que só ocorreu nas comunidades Asuriní, apresentou a mesma frequência em ambos os pontos.

Dimensão diasssexual – Jacá/balaio

O gráfico 21 apresenta as ocorrências lexicais nos homens e nas mulheres Asuriní.

Gráfico 21. Frequência diasssexual das variantes lexicais para “Jacá/balaio” nos Asuriní

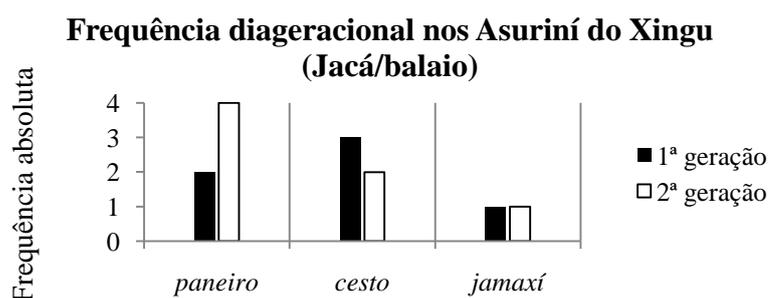


Vemos que as variantes *paneiro* e *jamaxi* apresentaram frequências equitativas para ambos os sexos. Apenas a variante *cesto* apresentou predomínio em um sexo, no masculino.

Dimensão diageracional – Jacá/balaio

No gráfico 22, vemos a disposição das ocorrências lexicais pelas gerações Asuriní.

Gráfico 22. Frequência diageracional das variantes lexicais para “Jacá/balaio” nos Asuriní



A partir do gráfico 22, nos Asuriní, os mais velhos preferiram mais a variante *paneiro* enquanto que *cesto* foi mais preferida pelos jovens. Já *jamaxí* apresentou-se igual para ambas as gerações.

Frequências das variantes nas sociedades – Jacá/balaio

Na tabela 19, apresentamos as frequências das variantes nas sociedades indígenas.

Tabela 19: Frequência das variantes lexicais para “Jacá/balaio” nas sociedades

Variantes	Frequência das variantes na sociedade	
	Asuriní do Xingu	Araweté
<i>paneiro</i>	46,2%	62,5%
<i>cesto</i>	38,4%	37,5%
<i>jamaxi</i>	15,4%	-
Total	100%	100%

Vemos que a variante mais frequente nos Asuriní e nos Araweté é *paneiro*.

Ainda se vê que os Asuriní do Xingu continuam demonstrando um repertório lexical mais diversificado que os Araweté. Vale ressaltar que as três variantes do português estiveram presentes nas duas comunidades Asuriní.

A palavra “*jamaxí*” é oriunda do tronco linguístico Tupí, entrou nas comunidades Asuriní por meio da língua portuguesa. Os Asuriní usam essa palavra mais para se referir a um cesto com tampa. Ressaltamos que há um estudo de Silva (2009) sobre os cestos Asuriní, ele também não registrou essa palavra no léxico da língua Asuriní do Xingu, os cestos apresentavam outros nomes, incluindo os que registramos na nossa pesquisa à essa língua.

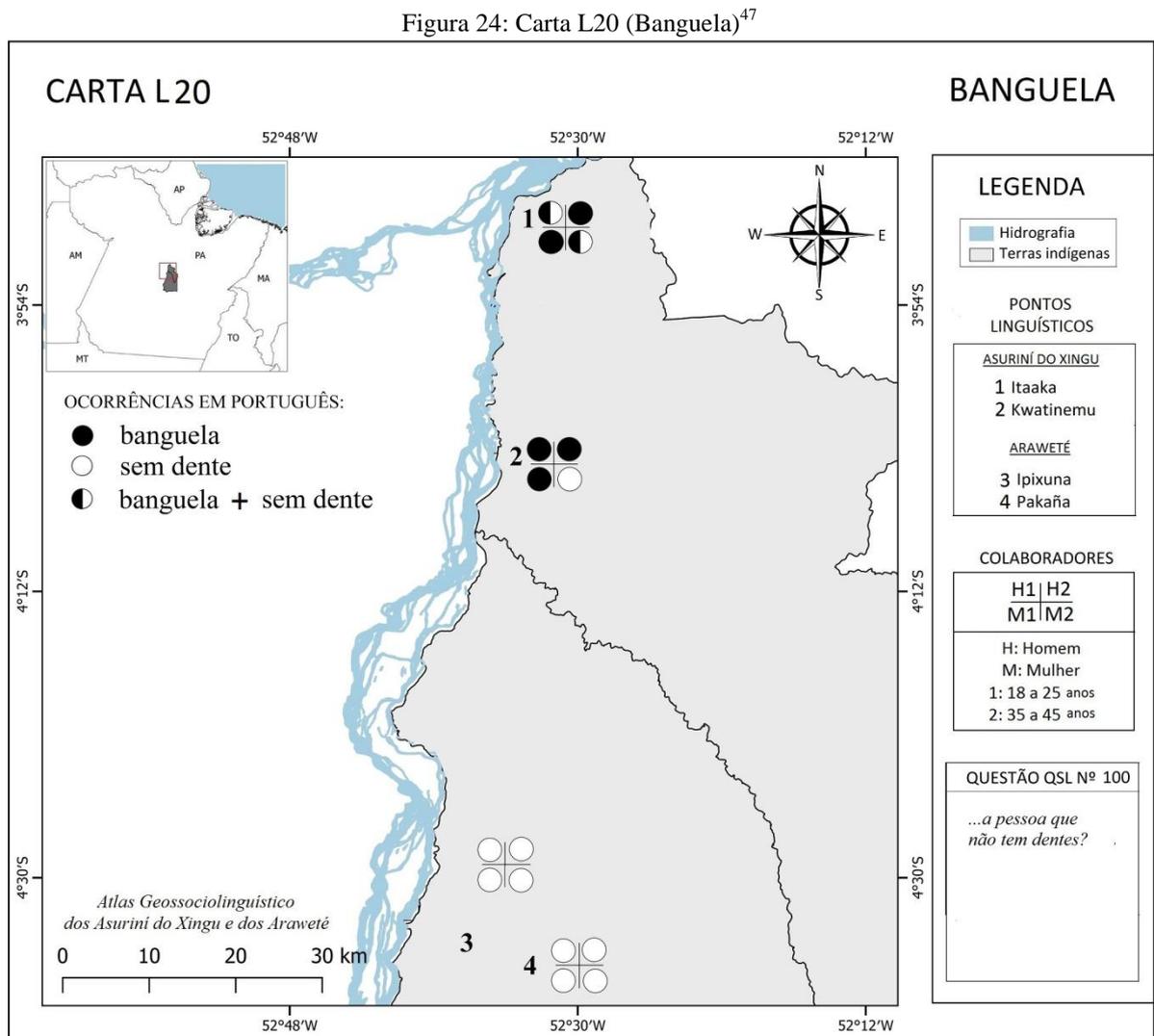
A cidade de Altamira é uma das poucas localidades do Pará que apresenta a variante *jamaxí*, as outras variantes da cidade são *balaio* e *caçuá* (Guedes, 2012). Podemos dizer que “*jamaxí*” seja outra influência da sociedade envolvente no português dos Asuriní.

4.4 CORPO HUMANO

O campo semântico VI do QSL, corpo humano, contém 32 questões. Para este campo, selecionamos duas questões para apresentar as análises de algumas variantes lexicais mapeadas.

4.4.1 Banguela – Carta L20

Para a questão 100 do QSL, cuja pergunta é “... a pessoa que não tem dentes?”, registramos 18 ocorrências lexicais distribuídas entre 2 variantes. As variantes foram: *banguela* e *sem dente*. A figura 24 apresenta as variantes mapeadas.



Para a carta L20, a variante *sem dente* foi a preponderante com 11 ocorrências e que representa 61,1% de frequência. Já *banguela* apresentou 8 ocorrências, 38,9% de frequência.

⁴⁷ Banguela -

Asuriní do Xingu:

Nayma'ẽ [naĩma'ʔẽ] (3 ocorrências) – Sem dente.

Tẽguyema [tẽɲu'eĩma] (3 ocorrências) – Sem dente.

Araweté:

Hajiwime'e [hadzi'βime'ʔe] (5 ocorrências) - Sem dente.

Dimensão diatópica – Banguela

A tabela 20 apresenta as frequências das variantes por ponto linguístico.

Tabela 20: Frequência diatópica das variantes lexicais para “banguela”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>Sem dente</i>	18,2%	9,1%	36,3%	36,3%	100%
<i>banguela</i>	57,1%	42,9%	-	-	100%

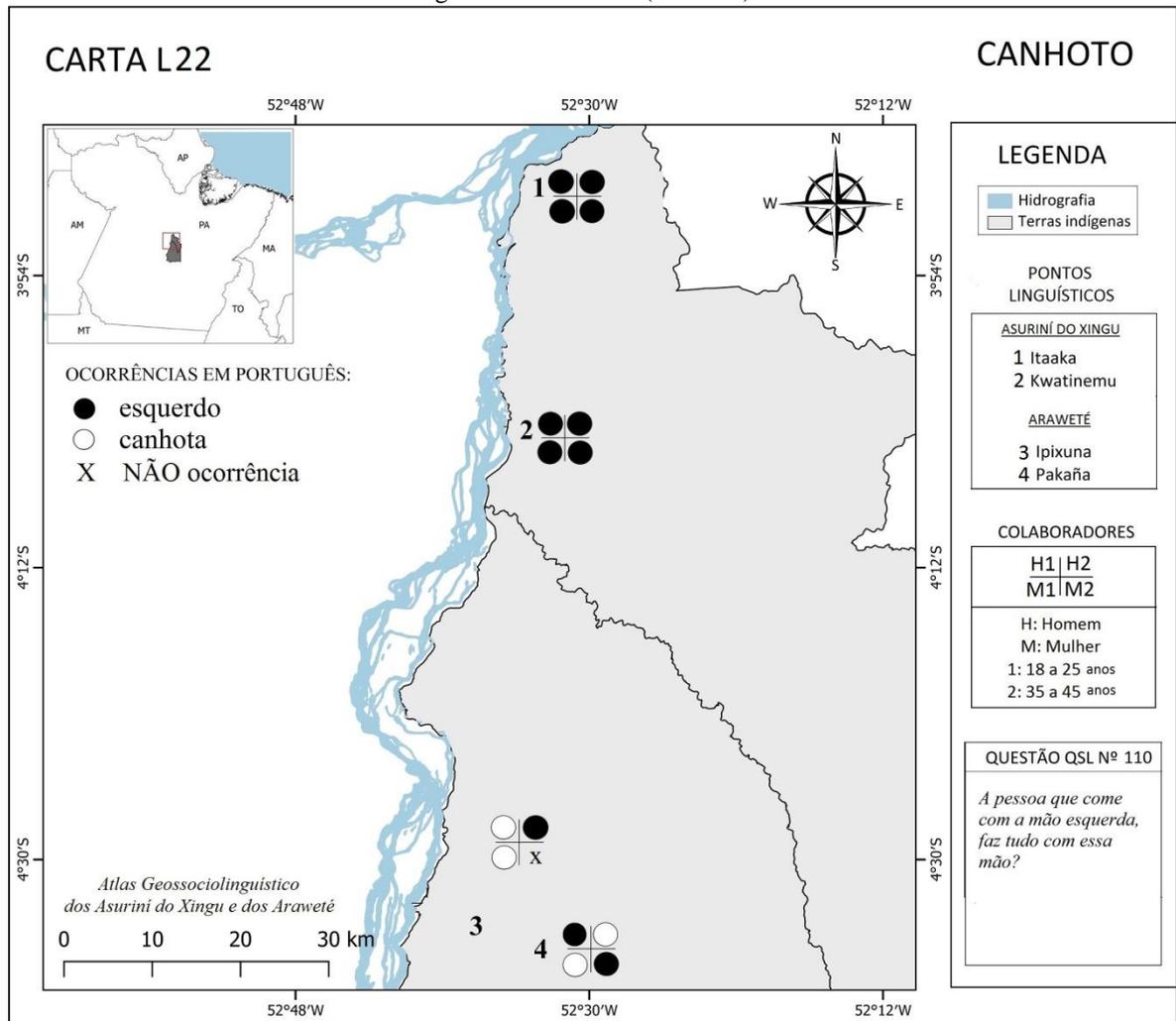
Vemos que a variante *banguela* só ocorreu nas comunidades Asuriní. Ela foi mais predominante no Itaaka. Já *sem dente* ocorreu em todos os pontos. Foi mais preponderante nas duas comunidades Araweté, onde apresentou a mesma frequência.

Na sociedade Asuriní do Xingu, a variante *banguela* foi a mais predominante, 75% de frequência, em relação a *sem dente*. Nos Araweté, só houve a presença da variante *sem dente*. Mais uma vez, os Asuriní apresentaram mais diversidade no seu léxico.

No estado do Pará, predominam as variantes *banguela*, *sem dente* e *desdentado*. Em Altamira, a variante *banguela* foi a única registrada (GUEDES, 2012). Isso reforça os indícios de influências linguísticas dessa cidade sobre as comunidades mais próximas, as comunidades Asuriní.

4.4.2 Canhoto – Carta L22

A partir da aplicação da questão 110 do QSL, que contém a pergunta “A pessoa que come com a mão esquerda faz tudo com essa mão?”, registramos 15 ocorrências lexicais distribuídas entre 2 variantes. Elas são: *esquerdo* e *canhota*. A seguir, figura 25 apresenta o mapeamento das variantes.

Figura 25: Carta L22 (Canhoto)⁴⁸

Na questão, a variante *esquerdo* foi a preponderante, com 73,3% de frequência, apresentou 11 ocorrências. Já *canhota*, com 4 ocorrências, foi menos frequente, com 26,6%.

Dimensão diatópica – Canhoto

A seguir, apresentamos as frequências das variantes por ponto.

⁴⁸ Canhoto -

Asuriní do Xingu:

Ijauma'ê [ijauma'ʔê] (1 ocorrência) – Aquele que é esquerdo.

Ijau [ija'u] (7 ocorrências) – Esquerdo.

Araweté:

Ujahuwe [udʒahu'wɛ] (8 ocorrências) - Esquerdo.

Tabela 21: Frequência diatópica das variantes lexicais para “canhoto”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>esquerdo</i>	36,3%	36,3%	9,1%	18,2%	100%
<i>canhota</i>	-	-	50%	50%	100%

A variante de maior ocorrência da questão, *esquerdo*, apresentou as maiores frequências nos pontos Asuriní. Já a variante *canhota* ocorreu somente nas comunidades Araweté, nas quais obteve mesma frequência.

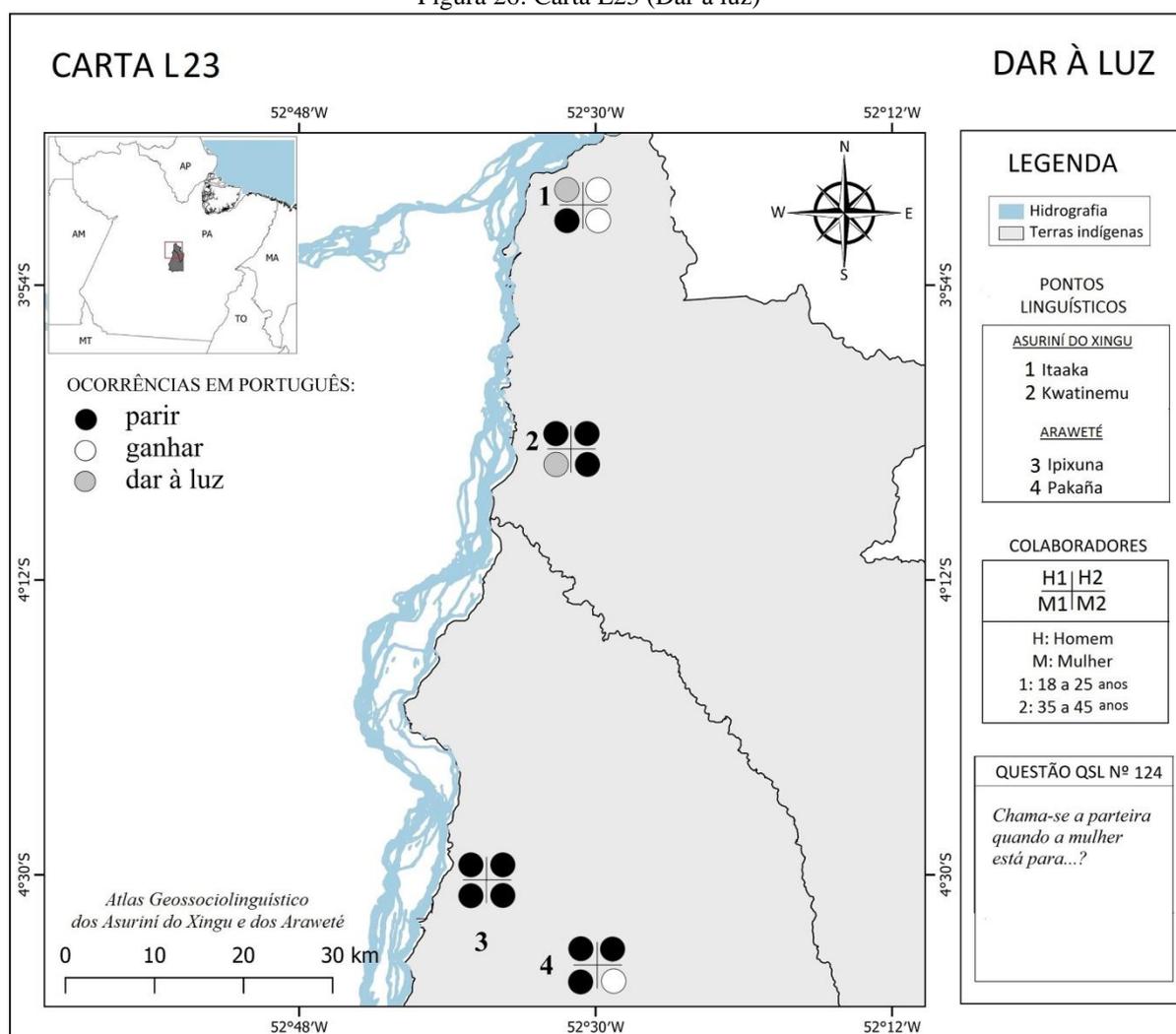
Na sociedade Asuriní do Xingu, a variante *esquerdo* apresentou frequência absoluta, pois foi a única variante registrada. Na sociedade Araweté, *canhoto* foi a variante mais frequente em relação a *esquerdo*.

4.5 CICLOS DA VIDA

A respeito do campo semântico VII, ciclos da vida, que contém 15 questões, apresentamos a análise de apenas uma questão, 124, pois se mostrou produtiva à variação.

4.5.1 Dar à luz – Carta L23

Com a questão 124 do QSL, que possui a pergunta: “*Chama-se a parteira quando a mulher está para...*”, obtivemos 16 ocorrências lexicais distribuídas entre 3 variantes. As variantes são: *parir*, *ganhar* e *dar à luz*. A seguir, a figura 26 apresenta a disposição das variantes pelos pontos linguísticos.

Figura 26: Carta L23 (Dar à luz)⁴⁹

A partir da carta L23, vemos que a variante *parir* foi a mais predominante da questão, com 11 ocorrências, o que representa 68,7% de frequência. A segunda variante mais frequente foi *ganhar*, com 18,8% (3 ocorrências). Em terceiro, a variante *dar à luz* apresentou 12,5% de frequência.

Dimensão diatópica – Dar à luz

A seguir, apresentamos as frequências das variantes lexicais por ponto.

⁴⁹ Dar à luz -

Asuriní do Xingu:

Kunumimuara [Kunumimu'ara] (5 ocorrências) – Dar à luz.

Araweté:

Mua [mo'ã] (7 ocorrências) - Parir.

Tabela 22: Frequência diatópica das variantes lexicais para “dar à luz”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>parir</i>	9,1%	27,3%	36,3%	27,3%	100%
<i>ganhar</i>	66,6%	-	-	33,4%	100%
<i>dar à luz</i>	50%	50%	-	-	100%

A variante *parir* ocorreu em todos os pontos e foi a única variante presente no Ipixuna, onde apresentou a sua maior frequência. Já a variante *ganhar* foi registrada apenas no Itaaka (ponto1) e no Pakaña (ponto 4). No ponto 1, *ganhar* apresentou maior predominância. *dar à luz* foi característica dos Asuriní e, em ambas as comunidades, obteve mesma frequência.

Frequências das variantes nas sociedades – Dar à luz

Na tabela 23, apresentamos as frequências das variantes nas sociedades indígenas.

Tabela 23: Frequência das variantes lexicais para “dar à luz” nas sociedades

Variantes	Frequência das variantes na sociedade	
	Asuriní do Xingu	Araweté
<i>parir</i>	50%	87,5%
<i>ganhar</i>	25%	12,5%
<i>dar à luz</i>	25%	-
Total	100%	100%

Nos Asuriní e nos Araweté, a variante *parir* foi a mais frequente. Essa variante e *ganhar* foram as únicas a ocorrer nas duas sociedades.

Ressaltamos que a variante *ganhar* foi registrada dessa forma nas comunidades e representa “dar à luz”.

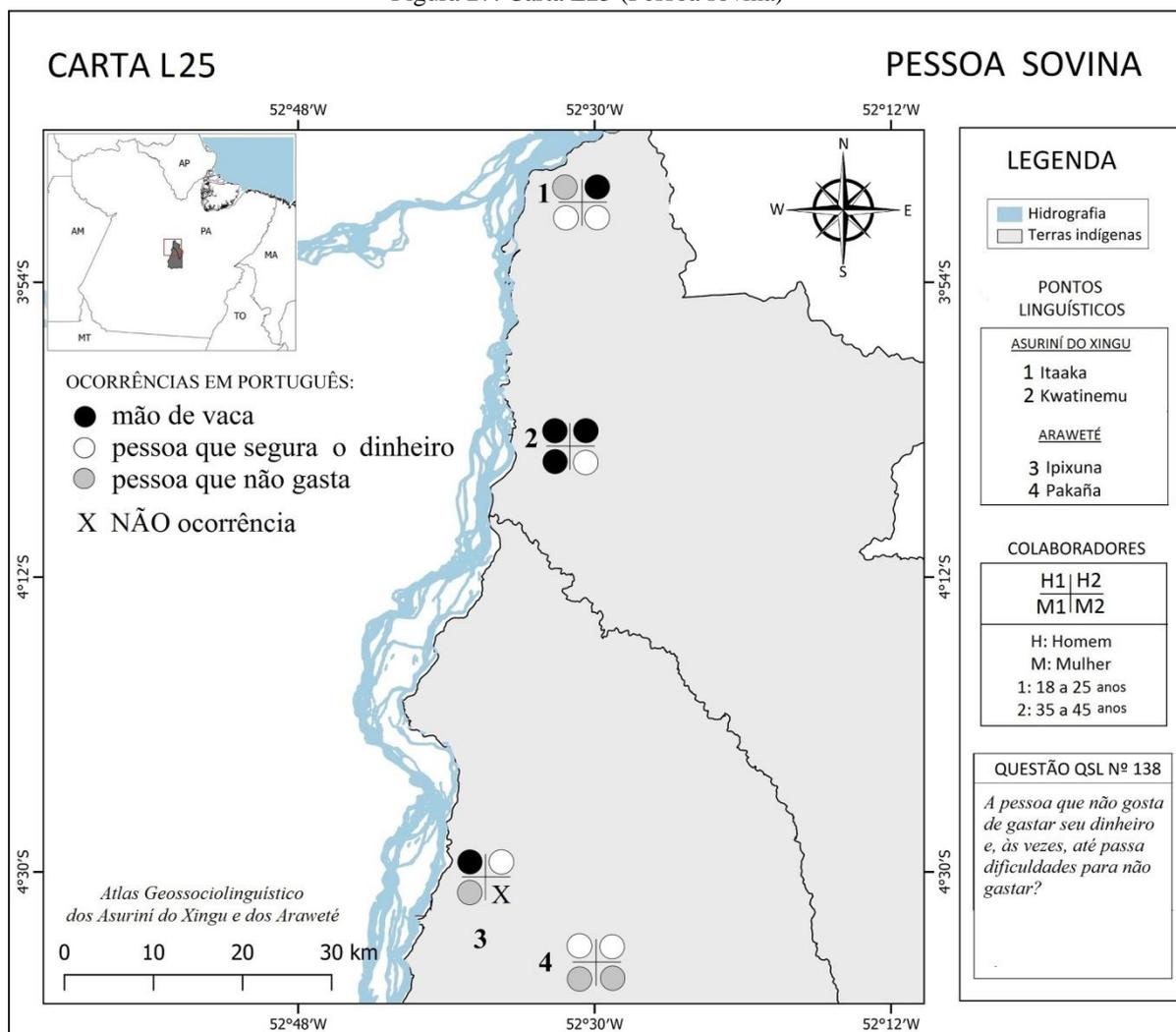
4.6 CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

O campo semântico VIII do QSL, que contém 11 questões sobre convívio e comportamento social, se mostrou bastante produtivo quanto a variantes em diversas questões. Selecionamos apenas dois itens lexicais, “pessoa sovina” e “cigarro de palha”, para discutir as suas variantes mapeadas.

4.6.1 Pessoa sovina – Carta L25

A questão 138 do QSL, cuja pergunta é “*A pessoa que não gosta de ganhar o seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?*”, apresentou 15 ocorrências lexicais divididas entre as variantes *mão de vaca*, *pessoa que segura o dinheiro* e *pessoa que não gasta*. A seguir, apresentamos a distribuição das variantes nos pontos.

Figura 27: Carta L25 (Pessoa sovina)⁵⁰



⁵⁰ Sovina – As duas sociedades não conhecem nomes em suas línguas nativas para tal item, mas, mesmo assim, colaboradores singulares apresentaram alguns nomes, que registramos aqui.

Asuriní do Xingu:

Kateymama'ê [kateĩmama'ʔẽ] (2 ocorrências) – Ruim de emprestar.

Tekateyema [tekate'ĩma] (1 ocorrências) – Ruindade.

Araweté:

Ume'eraihume'e [umɛrayhumɛ'ʔɛ] (2 ocorrências) – O que não dá as suas coisas.

A partir da carta L25, constatamos que a variante *pessoa que segura o dinheiro* foi a mais produtiva da questão, com 40% de frequência. Já as variantes *mão de vaca* e *pessoa que não gasta*, menos frequentes, apresentaram, respectivamente, 33,3% e 26,6% de frequência.

Dimensão diatópica – Pessoa sovina

Na tabela 24, estão as frequências das variantes lexicais em relação aos pontos.

Tabela 24: Frequência diatópica das variantes lexicais para “pessoa sovina”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>pessoa que segura o dinheiro</i>	33,3%	16,7%	16,7%	33,3%	100%
<i>mão de vaca</i>	20%	60%	20%	-	100%
<i>pessoa que não gasta</i>	25%	-	25%	50%	100%

Vemos que a variante *pessoa que segura o dinheiro*, única variante presente em todos os pontos, foi mais produtiva no Itaaka e no Pakaña. Já *mão de vaca* apresentou maior frequência no ponto 2, Kwatinemu. Por fim, a variante *pessoa que não gasta* foi preponderante no Pakaña.

Frequências das variantes nas sociedades – Pessoa sovina

A tabela 25 apresenta as frequências das variantes lexicais em cada sociedade.

Tabela 25: Frequência das variantes lexicais para “pessoa sovina” nas sociedades

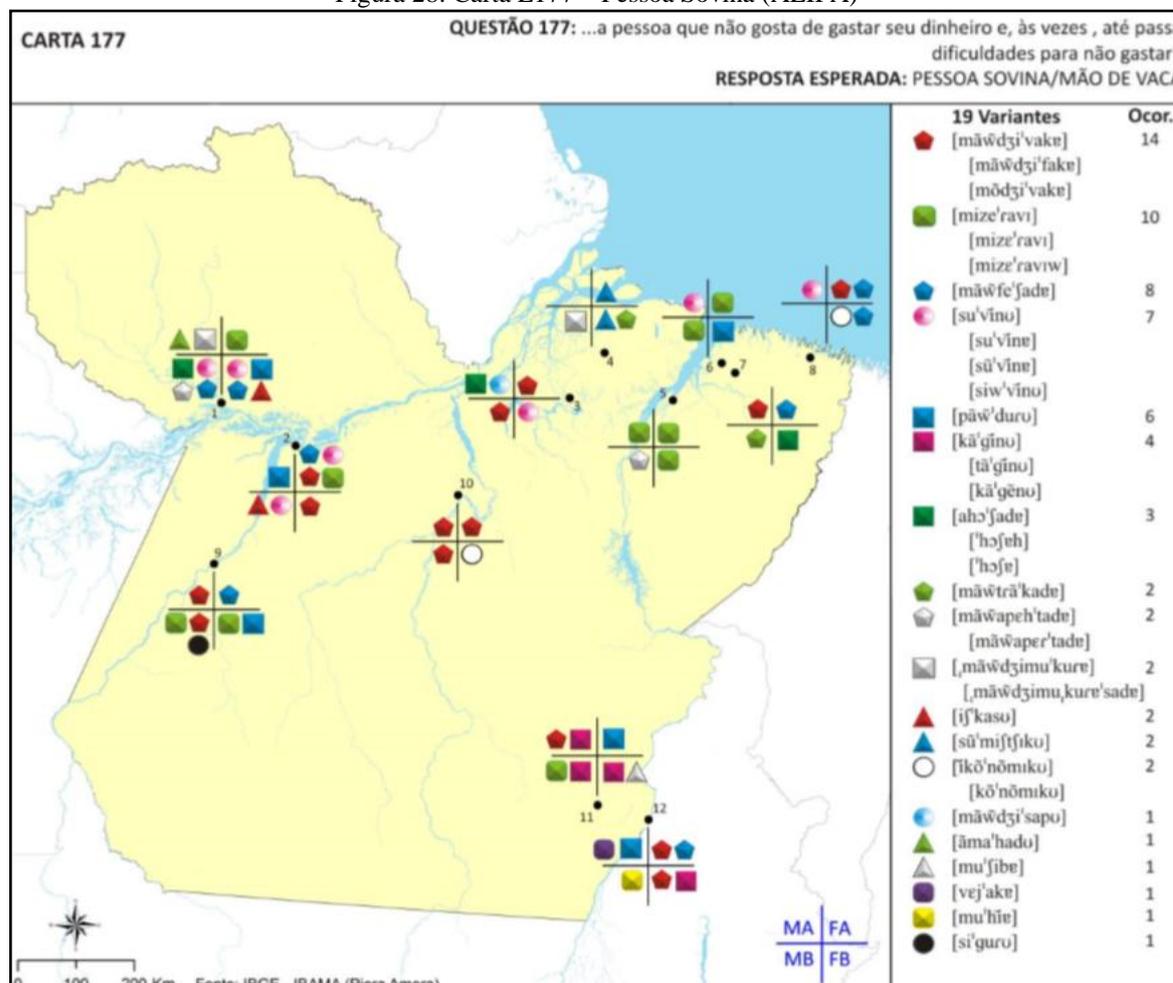
Variantes	Frequência das variantes na sociedade	
	Asuriní do Xingu	Araweté
<i>mão de vaca</i>	50%	14,2%
<i>pessoa que segura o dinheiro</i>	37,5%	42,9%
<i>pessoa que não gasta</i>	12,5%	42,9%
Total	100%	100%

Percebemos que a variante *mão de vaca* foi a preferida pelos Asuriní. Já os Araweté preferem mais as variantes *pessoa que não gasta* e *pessoa que segura o dinheiro*.

No projeto ALIPA, a variante *mão de vaca* é preponderante na cidade de Altamira, da mesma forma que na sociedade mais próxima dessa cidade, a Asuriní do Xingu, em relação

aos Araweté. A seguir, apresentamos a carta de Guedes (2012) sobre o referido item em que Altamira é o ponto 10, está no centro do mapa do estado Pará.

Figura 28: Carta L177 – Pessoa Sovina (ALIPA)

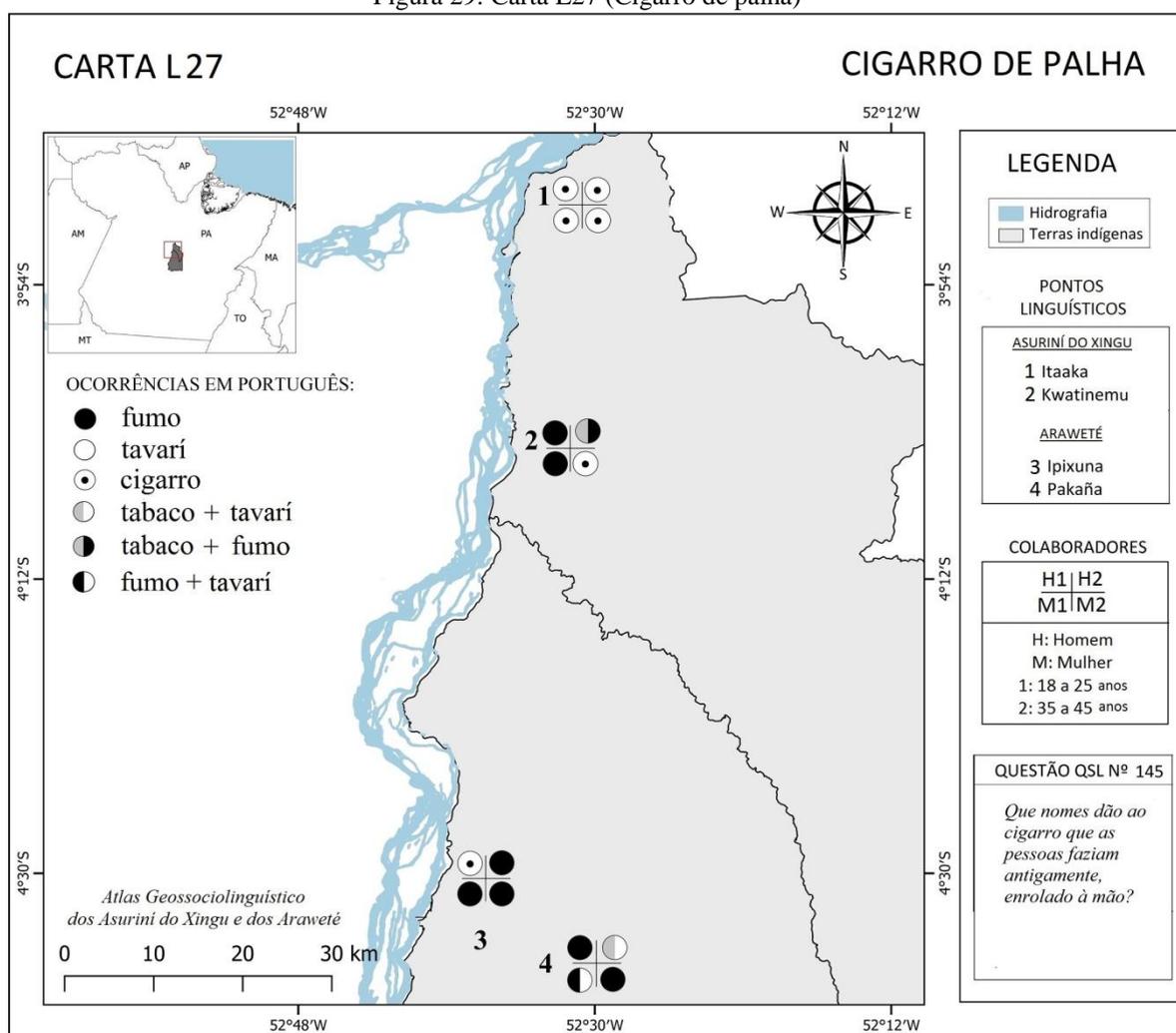


Fonte: Guedes (2012)

Já as outras duas variantes do português das duas sociedades indígenas não foram registradas pelo projeto ALIPA. Talvez a variante menos produtiva seja reflexo da própria pergunta do questionário e a mais produtiva seja um fraseologismo que se estabeleceu pelas comunidades.

4.6.2 Cigarro de palha – Carta L27

Com a questão 145 do QSL, que possui a pergunta: “*Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?*”, registramos dezenove ocorrências lexicais distribuídas entre quatro variantes. As variantes são: *fumo*, *tavarí*, *tabaco* e *cigarro*. A seguir, a figura 28 apresenta o mapeamento das variantes.

Figura 29: Carta L27 (Cigarro de palha)⁵¹

Ao observar a carta L27, verificamos que a variante *fumo* foi a que apresentou mais ocorrência na questão, ficou com 47,5% de frequência. A segunda variante mais frequente foi *cigarro*, com 31,5%, com seis registros. Com duas ocorrências estão as variantes *tabaco* e *tavarí*, as quais apresentaram 10,5% de frequência, cada uma.

Dimensão diatópica – Cigarro de palha

A seguir, apresentamos as frequências variantes pelos pontos.

⁵¹ Cigarro de palha -

Asuriní do Xingu:

Petyma [pe'fĩma] (8 ocorrências) – Fumo.

Araweté:

Petĩ [pe'fĩ] (8 ocorrências) – Fumo.

Tabela 26: Frequência diatópica das variantes lexicais para “cigarro de palha”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>fumo</i>	-	33,3%	33,3%	33,3%	100%
<i>tavarí</i>	-	-	-	100%	100%
<i>tabaco</i>	-	50%	-	50%	100%
<i>cigarro</i>	66,6	16,7%	16,7%	-	100%

Com a leitura da tabela 26, constatamos que a variante *fumo* não foi preponderante em nenhuma comunidade. Já *tavarí* foi característica do Pakaña, ponto 4. A variante *tabaco* apresentou a mesma frequência nas duas comunidades em que foi registrada, pontos 2 e 4. E *cigarro* foi mais produtiva no ponto 1 em relação aos outros pontos em que foi presente.

Mesmo que as comunidades de uma mesma sociedade apresentem um perfil lexical semelhante, é possível ver que há algumas distinções. Nesta questão, Itaaka preferiu a variante *cigarro* e Kwatinemu, *fumo*.

Frequências das variantes nas sociedades – Cigarro de palha

A tabela 27 apresenta as frequências das variantes nas duas sociedades indígenas.

Tabela 27: Frequência das variantes lexicais para “cigarro de palha” nas sociedades

Variantes	Frequência das variantes na sociedade	
	Asuriní do Xingu	Araweté
<i>fumo</i>	33,4%	60%
<i>tavarí</i>	-	20%
<i>cigarro</i>	55,5%	10%
<i>tabaco</i>	11,1%	10%
Total	100%	100%

Ambas as sociedades indígenas se mostraram muito produtivas à variação de “cigarro de palha”. O destaque ficou à variante *fumo*, que foi a preponderante nos Araweté, e a *cigarro*, que foi presente em mais da metade das ocorrências dos Asuriní.

Sobre *tavarí*, ela é uma variante da língua Araweté e significa um tipo de fumo feito da árvore de tauarí. Mas, no português amazônico, chama-se também o cigarro enrolado à mão de “tauarí” (GUEDES, 2012), o que pode fazer com que alguns Araweté utilizem a sua variante linguística que é semelhante a palavra “tauarí” para expressar o tal cigarro no

contexto de seu português, sentido da expressão adquirido, talvez, com os contatos com o não-indígena. Ressaltamos que o projeto ALIPA registra a variante *tauarí* apenas em cidades à margem do rio Tapajós à oeste do Pará. E que, em Altamira, predominou bastante a variante *porronca*, seguindo o padrão do estado.

A segunda variante mais frequente do estado do Pará é *fumo*, ela pode ter aparecido nas sociedades indígenas, da mesma forma que as outras variantes registradas ao item, a partir dos recentes acontecimentos em Altamira, cidade que influencia o português dos indígenas, ou não foi registrada pelo projeto ALIPA na época de sua coleta de dados.

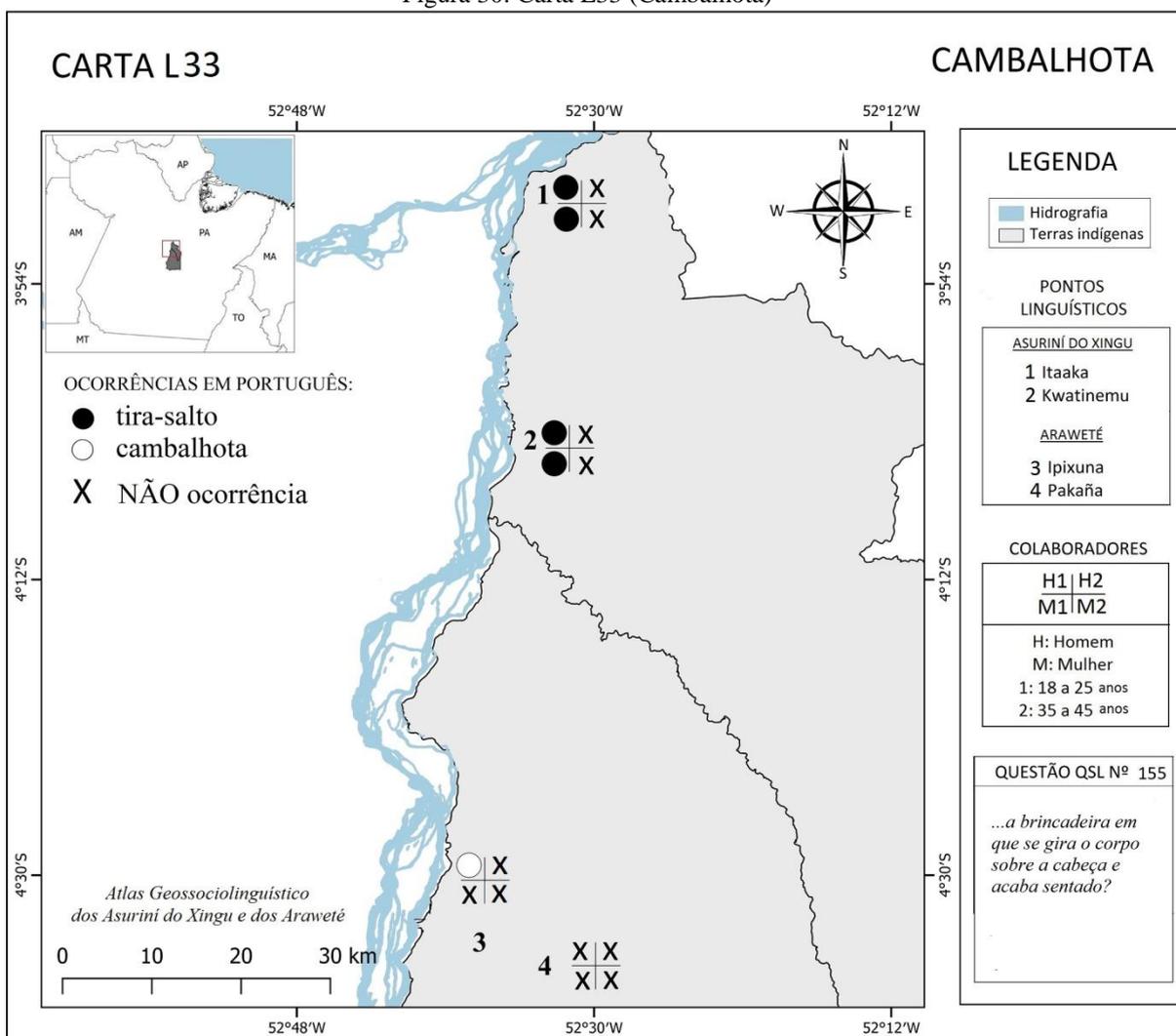
4.7 JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

O campo semântico X do QSL, jogos e diversões infantis, contém 13 questões. As questões desse campo apresentaram muitas não-ocorrências e poucas variantes, o que fez das cartas dele apresentarem norma heteroléxica restrita.

Para a apresentação do campo semântico, selecionamos apenas uma questão, que foi a 155, referente ao item “cambalhota”.

4.7.1 Cambalhota – Carta L33

A seguir, a figura 30 apresenta as variantes lexicais registradas à questão 155 do QSL, que possui a pergunta: “... *a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?*”. As variantes são: *tira-salto* e *cambalhota*.

Figura 30: Carta L33 (Cambalhota)⁵²

Para esta questão, a variante *tira-salto* foi a mais recorrente e apresentou 80% de frequência. Já *cambalhota* foi menos frequente, com 20%.

A partir da carta L33, é evidente que *tira-salto* foi a única variante na sociedade Asuriní do Xingu. Ela foi presente somente nos colaboradores jovens, isso dar a dizer que a brincadeira entrou recentemente em sua sociedade e é uma prática de um público jovem.

A respeito do nome “tira-salto”, não encontramos nenhum registro dessa palavra como variante de “cambalhota” em trabalhos geolinguísticos ou em dicionários da língua portuguesa. Parece tratar-se de uma variante criada pelos Asuriní do Xingu e que faz parte de seu português.

⁵² Cambalhota - Apenas algumas pessoas Araweté apresentaram nomes em suas línguas nativas para tal item.

Araweté:

***Jakarawa** [zakara'wã] (2 ocorrências) – Cambalhota / girando.

O projeto ALIPA apresenta a variante *salto-mortal* em Altamira, uma das poucas cidades que apresentou tal variante no estado do Pará (GUEDES, 2012). Ela pode ser um indício de que os Asuriní modificaram essa variante quando incorporada ao seu léxico.

Na sociedade Araweté, só registramos uma variante, foi *cambalhota*. Ela ocorreu só em um jovem. A partir do projeto ALIPA, a variante *cambalhota* ocorre mais nas cidades à oeste do estado do Pará e, em Altamira, só ocorreu *carambela*, a qual foi a variante predominante. Mais uma vez os indígenas estão apresentando variantes que estavam fora do contexto linguístico de Altamira.

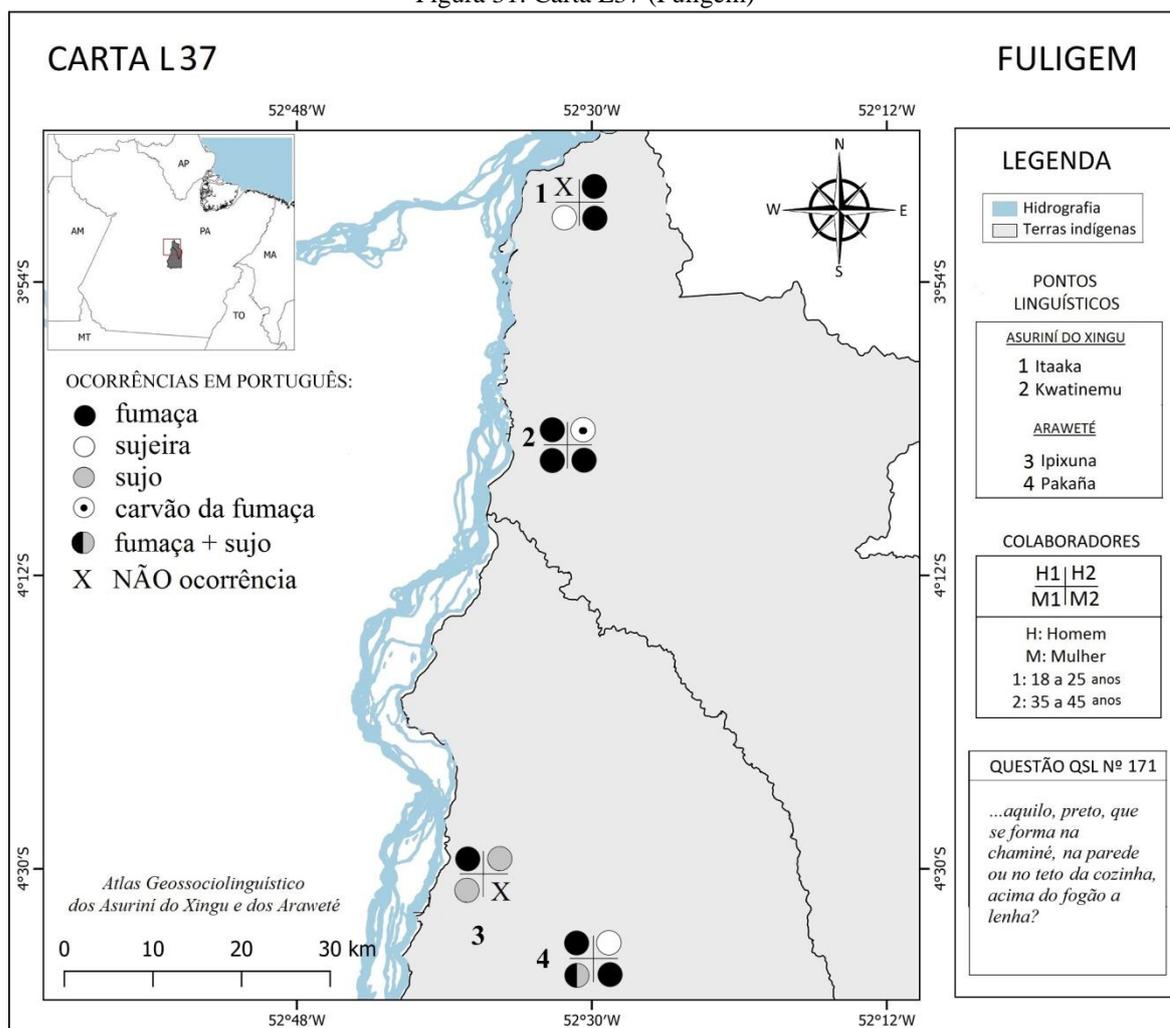
Verificamos que a maior parte dos colaboradores de ambas as sociedades apresentaram desconhecimento ao item proposto e as poucas ocorrências foram registradas nas pessoas jovens. Isso é um indício de que a brincadeira apareceu alguns anos atrás nas aldeias, após o contato com o não-indígena, conseqüentemente os nomes também.

4.8 HABITAÇÃO

Para o campo semântico XI do QSL, habitação, que contém oito questões, apresentamos apenas a análise do item “fuligem”, relativa à questão 171. O presente campo semântico se mostrou parcialmente heteroléxico, em comparação com os outros campos mais heteroléxicos mostrados neste capítulo.

4.8.1 Fuligem – Carta L37

Para a questão 171 do QSL, cuja pergunta é “... *aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?*”, registramos quinze ocorrências lexicais divididas entre quatro variantes. São elas: *fumaça*, *sujeira*, *sujo* e *carvão da fumaça*. A seguir, a figura 31 apresenta o mapeamento das variantes.

Figura 31: Carta L37 (Fuligem)⁵³

Na carta L37, a variante *fumaça* foi a mais produtiva da questão, com nove ocorrências, o que representa 60% de frequência. A segunda variante mais frequente foi *sujo*, com 20%. Já as variantes menos frequentes da questão foram *sujeira* e *carvão de fumaça*, respectivamente, apresentaram 13,3% e 6,7% de frequência.

Dimensão diatópica – Fuligem

A seguir, a tabela 28 apresenta as frequências das variantes lexicais por pontos.

⁵³ Fuligem -

Asuriní do Xingu:

Tatasýga [tataˈtʃĩŋga] (6 ocorrências) – Fumaça.

Tatasýguna [tatatʃĩˈŋgũna] (1 ocorrência) - Fumaça preta.

Mama'ciaua [mamaʔɛˈyawa] (1 ocorrência) – Sujeira.

Araweté:

Tatafi [tataˈfi] (100% de frequência) – Fumaça.

Tabela 28: Frequência diatópica das variantes lexicais para “fuligem”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>fumaça</i>	22,2%	33,3%	11,1%	33,3%	100%
<i>sujeira</i>	50%			50%	100%
<i>sujo</i>			66,6%	33,3%	100%
<i>carvão da fumaça</i>		100%			100%

Observamos que a variante *fumaça* apresentou as maiores frequências no Kwatinemu (ponto 2) e no Pakaña (ponto 4). Já *sujeira* obteve a mesma frequência em ambas as comunidades em que foi presente. *sujo* foi mais frequente no Ipixuna, ponto 3. E *carvão da fumaça* foi característica do ponto 2.

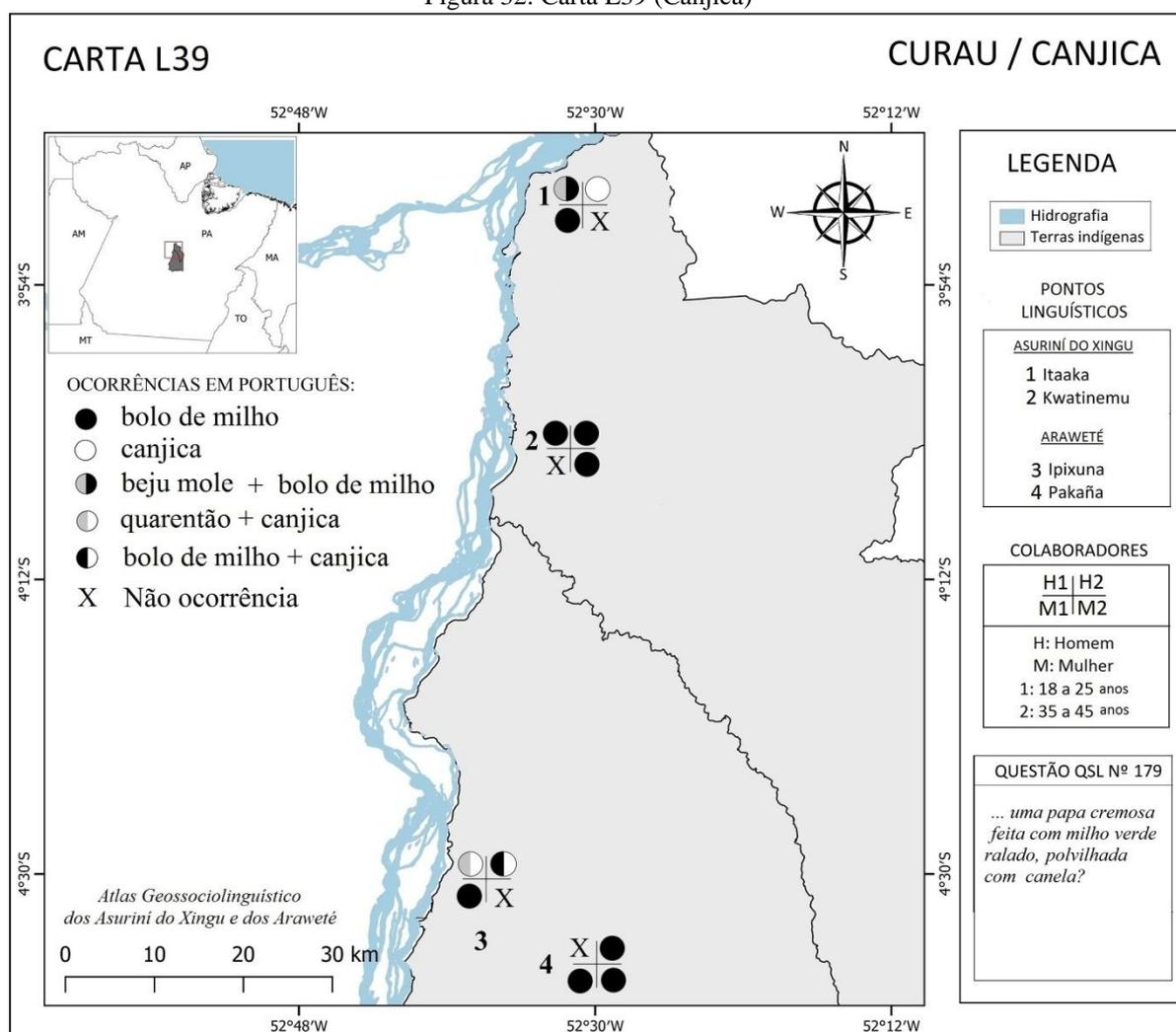
A cidade de Altamira apresenta *fumaça* como variante predominante (GUEDES, 2012), as outras variantes foram *tisna* e *pocumõ*, variante fonética de “picumã”. Pode ser que *fumaça* seja outro reflexo lexical da cidade sobre as comunidades indígenas.

4.9 ALIMENTAÇÃO E COZINHA

O campo semântico XII do QSL, alimentação e cozinha, contém 12 questões. Para este campo, apresentamos análises de três questões referentes aos itens lexicais “canjica”, “aguardente” e “bala/bombom”.

4.9.1 Canjica – Carta L39

Para a questão 179 do QSL, cuja pergunta é “... *uma papa cremosa feita com milho verde ralado, polvilhada com canela?*”, registramos 15 ocorrências lexicais distribuídas entre três variantes. São elas: *bolo de milho*, *beju mole*, *canjica* e *quarentão*. A seguir, a figura 32 apresenta as variantes mapeadas.

Figura 32: Carta L39 (Canjica)⁵⁴

Após a visualização da carta L39, verificamos que a variante *bolo de milho* foi a preponderante na questão e apresentou 66,6% de frequência. A segunda variante mais frequente foi *canjica*, com 20%. As menores frequências ficaram com *quarentão* e *beju mole*, com 6,7%, cada variante.

Dimensão diatópica – Canjica

A seguir, apresentamos as frequências das variantes por ponto linguístico.

⁵⁴ Canjica-

Asuriní do Xingu:

Mejutumeua(awati) [bedzutu'pewa aβa'ti] (3 ocorrências) – Bolo (de milho).

Mejuryna [bedzu'rîna] (3 ocorrências) – Pão / bolo (Beiju falso).

Araweté:

Ymunipire [imunipi're] (2 ocorrências) – Bolo feito de milho

***(Awati)Meju** [awaɕime'dzu] (2 ocorrências) – Bolo (de milho).

Awatiuhu (1 ocorrência) – Milharina.

Tabela 29: Frequência diatópica das variantes lexicais para “canjica”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>bolo de milho</i>	20%	30%	20%	30%	100%
<i>canjica</i>	33,4%	-	66,6%	-	100%
<i>quarentão</i>	-	-	100%	-	100%
<i>beju mole</i>	100%	-	-	-	100%

Vemos que a variante *bolo de milho* foi mais produtiva nos pontos 2 (Kwatinemu) e 4 (Pakaña). Já *canjica* apresentou maior frequência no Ipixuna. *quarentão* foi característica do ponto 3 (Ipixuna) e *beju mole* do ponto 1.

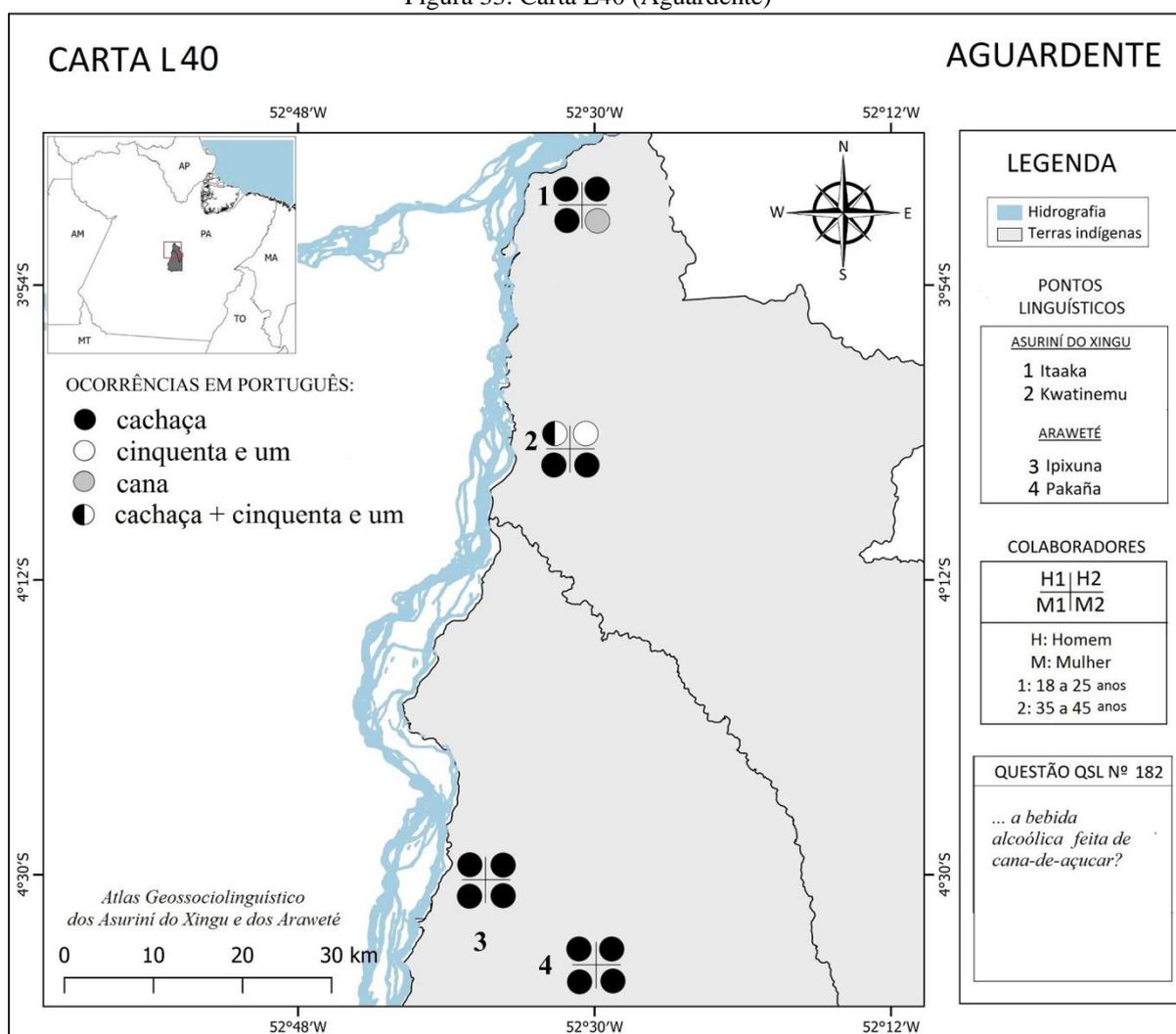
Tanto nos Asuriní do Xingu quanto nos Araweté, a variante preferida foi *bolo de milho*, a qual apresentou mais da metade das ocorrências em cada sociedade.

Nos Asuriní, registramos a variante *beju mole* em seu português. A forma “beju” vem de sua língua nativa e significa “tapioca”. Para que não houvesse confusão de sentido, acrescentou-se a palavra “mole” a “beju” para fazer referência ao bolo. Um caso de mistura de línguas.

No contexto do português dos Asuriní, a forma “beju” é um caso de interferência nessa língua. A palavra se mantém na sua sociedade mesmo depois da troca para a língua alvo, a língua portuguesa.

4.9.2 Aguardente – Carta L40

A questão 182 do QSL, cuja pergunta é “... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?”, apresentou 17 ocorrências lexicais. As ocorrências estão divididas entre três variantes: *cachaça*, *cinquenta e um* e *cana*. A seguir, a figura 33 apresenta as variantes mapeadas.

Figura 33: Carta L40 (Aguardente)⁵⁵

Na questão, a variante que apresentou maior frequência foi *cachaça*, com 82,3%. As variantes menos frequentes foram *cinquenta e um*, com 11,7%, e *cana*, com 9,1%.

Dimensão diatópica – Aguardente

A seguir, a tabela 30 apresenta as frequências das variantes pelos pontos.

⁵⁵ Aguardente –
Asurini do Xingu:
Itaia [i'taya] (8 ocorrências) – Cachaça

Araweté:
Kanamute [kãnamu'tɛ] (8 ocorrências) – Cachaça / cerveja.

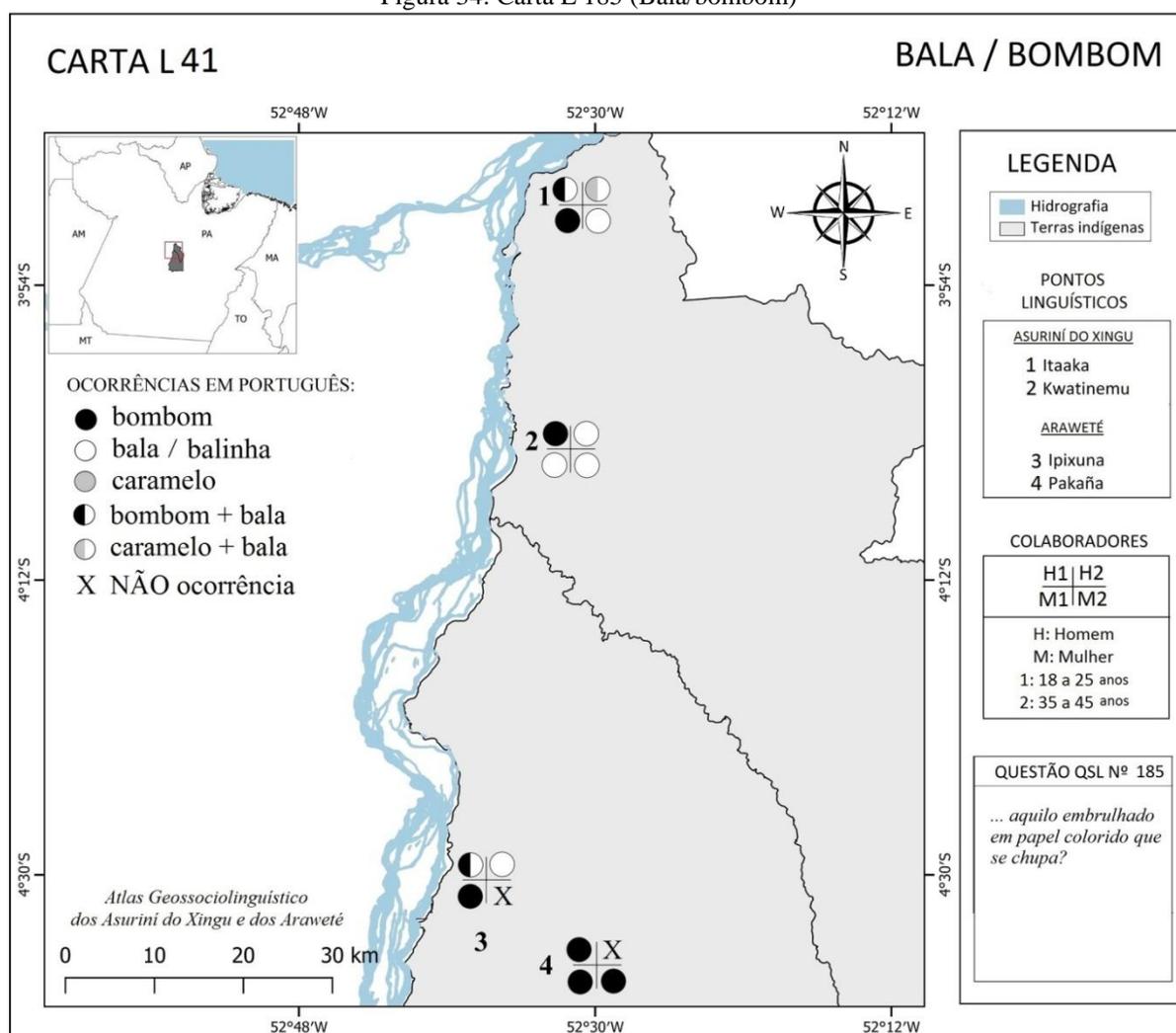
Tabela 30: Frequência diatópica das variantes lexicais para “aguardente”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>cachaça</i>	21,5%	21,5%	28,5%	28,5%	100%
<i>cinquenta e um</i>	-	100%	-	-	100%
<i>cana</i>	100%	-	-	-	100%

Constatamos que a variante *cachaça*, a que ocorreu em todos os pontos, foi mais predominante nas comunidades Araweté (pontos 3 e 4). Já as variantes *cinquenta e um* e *cana* foram características, cada uma, de uma comunidade Asuriní.

4.9.3 Bala/bombom – Carta L 185

Para a questão 185 do QSL, que possui a pergunta: “... *aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa?*”, registramos 17 ocorrências lexicais distribuídas entre três variantes, as quais são: *bombom*, *bala/balinha*, *caramelo*. A seguir, a figura 34 apresenta o registro das variantes.

Figura 34: Carta L 185 (Bala/bombom)⁵⁶

As variantes de maiores ocorrências da questão, *bombom* e *bala/balinha*, apresentaram frequências iguais, 47,1%, cada. Já *caramelo*, menos ocorrente, ficou com 5,8% de frequência.

Dimensão diatópica – Bala/bombom

A tabela 31, a seguir, apresenta as frequências das variantes lexicais por ponto.

⁵⁶ Bombom –
Asuriní do Xingu:
Emu'i [ẽbu'ʔi] (8 ocorrências) – Bala, bombom.

Araweté:
Bombom, Bala (8 ocorrências) – Empréstimo do português.

Tabela 31: Frequência diatópica das variantes lexicais para “canjica”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>bombom</i>	25%	12,5%	25%	37,5%	100%
<i>bala/balinha</i>	37,5%	37,5%	25%	-	100%
<i>caramelo</i>	100%	-	-	-	100%

A partir da tabela 31, percebemos que a variante *bombom* apresenta maior frequência no ponto 4, Pakaña. Já *bala/balinha* foi preponderante só nos pontos Asuriní. A variante *caramelo* foi característica do Itaaka, ponto 1.

Ao observar as sociedades, constatamos que a variante *bombom* foi a preferida pelos Araweté enquanto que a variante preferida pelos Asuriní foi *bala/balinha*.

4.10 PERFIL HETEROLÉXICO DO PORTUGUÊS DAS SOCIEDADES INDÍGENAS

A partir do conjunto de cartas linguísticas do presente trabalho, apresentamos uma avaliação geral dos perfis lexicais das duas sociedades indígenas. A seguir, apresentamos o desempenho da produtividade de variantes por cada sociedade.

Tabela 32: Quantitativo de cartas de caráter mais heteroléxico por sociedade

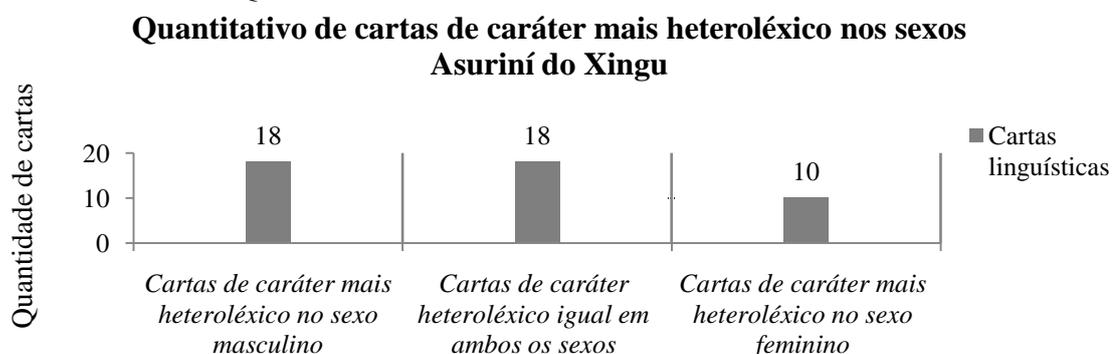
Quantitativo de cartas de caráter mais heteroléxico por sociedade		
Cartas de caráter mais heteroléxico nos Asuriní	Cartas de caráter mais heteroléxico nos Araweté	Cartas que refletem caráter heteroléxico idêntico em ambas as sociedades
19 cartas (41,3%)	13 cartas (28,3%)	14 cartas (30,4%)

Confirmamos o que já vínhamos observando em análises anteriores que os Asuriní do Xingu apresentam um português mais diversificado que os vizinhos Araweté. A maioria das cartas linguísticas mostrou desempenho mais heteroléxico para aquela sociedade. Esse resultado guarda relação com informações apresentadas em capítulos anteriores; o contato mais intenso que os Asuriní apresentam com seu entorno (Altamira) quando comparadas aos Araweté. Assim, somando ao olhar diatópico, vemos que as influências linguísticas de Altamira (diversidade do português dessa cidade) alcançam mais as aldeias Asuriní, pois estão mais próximas da cidade em relação às aldeias Araweté.

4.10.1 Perfil heteroléxico nas dimensões sociais dos Asuriní do Xingu

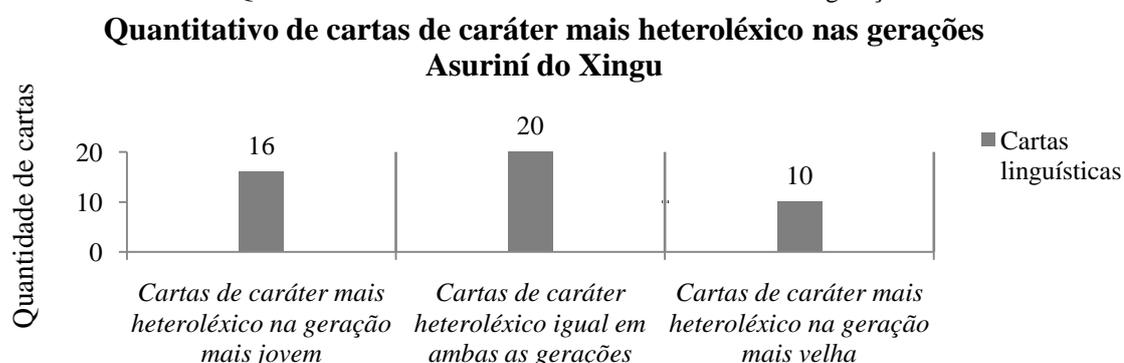
Apresentamos as generalizações para a confirmação do quantitativo de cartas mais heteroléxicas nos parâmetros sexuais dos Asuriní.

Gráfico 23: Quantitativo de cartas de caráter mais heteroléxico nos sexos Asuriní



Observamos que os homens Asuriní se sobressaíram, em relação às mulheres, no que diz respeito ao número de variantes usadas. O fato de os homens serem mais produtivos pode ter a ver, talvez, com sua maior participação/interação com a sociedade não-indígena. A seguir, apresentamos as generalizações dos Asuriní nos parâmetros etários.

Gráfico 24: Quantitativo de cartas de caráter mais heteroléxico nas gerações Asuriní

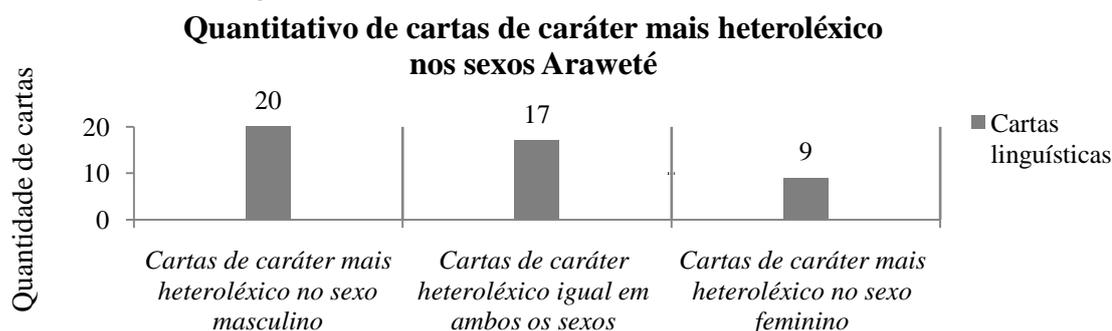


Confirmamos que os jovens Asuriní apresentam mais diversidade lexical que os mais velhos. Esses jovens são bem mais interativos com os costumes da sociedade envolvente, seja com a música, com atividades esportivas, etc., o que influencia essa diversidade.

4.10.2 Perfil heteroléxico nas dimensões sociais Araweté

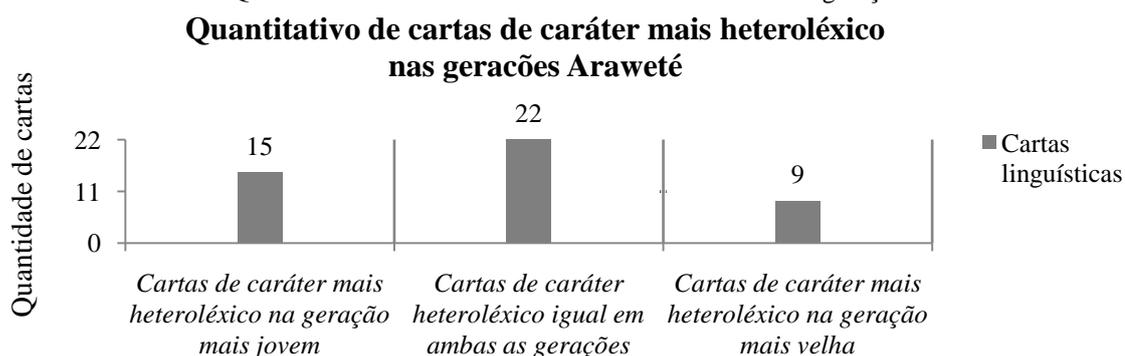
A seguir, apresentamos as generalizações das análises nas dimensões Araweté.

Gráfico 25: Quantitativo de cartas de caráter mais heteroléxico nos sexos Araweté



Observamos que os homens apresentam mais diversidade que as mulheres. Da mesma forma que os Asuriní, os homens Araweté são mais participativo e interativo que as mulheres de sua sociedade com os não-indígenas, fator bem evidente nessa sociedade. A seguir, apresentamos as generalizações nas gerações.

Gráfico 26: Quantitativo de cartas de caráter mais heteroléxico nas gerações Araweté



Ao observar as gerações Araweté, confirma-se que os mais jovens apresentam maior diversidade lexical em relação à geração mais velha.

Além dos jovens serem mais interativos com a cultura da sociedade envolvente, eles foram os primeiros a ir à escola desde a infância. O fator escolar foi e ainda é um grande espaço para o aprendizado linguístico do português dentro das comunidades Araweté, já que muitos Araweté não dominam a língua portuguesa e a transmissão dessa língua no contexto familiar é bem restrita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo geossociolinguístico que mapeou parte da diversidade lexical do português falado pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté apresentou um perfil da variedade da língua portuguesa falada por sociedades indígenas bem como o efeito de fatores sociais que afetam diretamente a diversidade dessa variedade.

A partir das cartas linguísticas que compõem o *corpus*, pudemos confirmar que as duas sociedades indígenas possuem níveis diferenciados de conhecimento lexical do português. Tais diferenças podem ser vistas na análise do perfil heteroléxico das cartas, ou seja, os Asuriní do Xingu apresentam bem mais diversidade lexical que os Araweté. Entre os motivos que fazem os Asuriní ter essa grande diversidade, como já destacado na pesquisa, está o tempo do contato com os não-indígenas; a proximidade geográfica com a cidade de Altamira que faz com que a variedade lexical dessa cidade alcance mais as suas comunidades; o tamanho de sua sociedade, a qual não resiste com o intenso fluxo de informação em português.

Observamos que a variedade do português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté sofreu e ainda sofre muitas influências linguísticas da cidade de Altamira, não apenas pela entrada de não-indígenas dessa cidade nas aldeias, mas também pela intensa participação desses indígenas no cotidiano dessa cidade. Essas influências também são observadas quando feito a comparação dos dados lexicais desta pesquisa com dados de outros estudos de mesma natureza que pesquisaram o dialeto de Altamira, como o trabalho de Guedes (2012) com base nos dados do projeto ALIPA.

Além disso, as duas sociedades apresentaram variantes bem distintas do padrão lexical da cidade de Altamira. Isso nos leva a crer que Altamira também sofreu influências linguísticas por parte dos milhares de trabalhadores que atraiu nos últimos oito anos e essas influências chegaram até a língua portuguesa dos Asuriní do Xingu e dos Araweté, os quais também passaram a frequentar bastante essa cidade nesses anos, o que melhorou a proficiência linguística de seu português, que por tempos ficou muito restrito aos limites de suas comunidades, ou seja, a melhora da proficiência nessa língua veio acompanhada de um aumento na sua diversidade lexical, a qual já não concorda, em parte, com a diversidade lexical da sociedade envolvente registrada pelo projeto ALIPA antes das influências migratórias na cidade.

Sobre a crescente diversidade lexical da língua portuguesa dos Asuriní Xingu e dos Araweté, podemos vê-la nas comparações entre as suas diferentes gerações feitas neste

trabalho e, sobre a melhora da proficiência linguística das duas sociedades, pode ser observada explicitamente dentro das nossas cartas linguísticas, as quais apresentam poucos vazios lexicais ao português das gerações mais jovens em relação às muitas não-ocorrências, desconhecimento lexical, das pessoas mais velhas, principalmente nos Araweté. Isso pode evidenciar o processo de rearranjo, readaptação, que a variedade do português dessas sociedades pode estar passando ou passou, ou seja, perde algumas características próprias, as influências linguísticas advindas de suas línguas étnicas, as quais dão suporte a sua variedade de português adquirida de forma irregular por meio dos contatos primários, em troca de outras (formas mais padrões) em detrimento das novas e contínuas influências sociolinguísticas da sociedade envolvente, como a escolarização.

As contínuas influências da língua portuguesa alinhado aos fatores sócio-culturais atuais que essas sociedades estão vivenciando acabam por elevar o uso dessa língua em relação às suas línguas étnicas ocasionando de forma gradual, nos Asuriní do Xingu, ou abrupta, nos Araweté, uma troca pela língua da sociedade envolvente, o português. Essa troca acaba por deixar interferências no substrato da língua portuguesa das duas sociedades indígenas, o que confirma a nossa hipótese de que o português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté apresenta influências de suas línguas étnicas e de seus fatores sociais.

Além do nível de conhecimento heterolexical ser distinto entre as duas sociedades, há também distinção entre as suas variantes, ou seja, algumas variantes são preferidas mais pelos Asuriní (AS) e outras mais pelos Araweté (AR), como vemos nas cartas **L01** (AS) *igarapé X rio* (AR), **L04** (AS) *rebojo X buraco* (AR), **L06** (AS) *muita chuva X chuva forte* (AR), **L12** (AS) *banana grudada X banana casada* (AR), **L19** (AS) *conjuntivite X olho doendo* (AR), **L20** (AS) *banguela X sem dente* (AR), **L22** (AS) *esquerdo X canhoto* (AR), **L25** (AS) *mão de vaca X pessoa que não gasta* (AR), **L26** (AS) *pé inchado X cachaceiro* (AR), **L27** (AS) *cigarro X fumo* (AR), **L29** (AS) *assombração X alma* (AR), **L33** (AS) *tira-salto X cambalhota* (AR), **L41** (AS) *bala X bombom* (AR). Isso evidencia que a relação de interação entre essas duas sociedades não é tão intensa, mesmo que estejam tão próximas geograficamente, e que elas apresentam um português com diferenças, aqui trabalhadas principalmente por meio do léxico. Assim, somando as outras distinções linguísticas observadas entre os Asuriní do Xingu em relação aos Araweté, podemos dizer que a variedade do português falado por eles são diferentes, em alguns aspectos.

Por mais que os Asuriní do Xingu e os Araweté, hoje, estejam distribuídos em mais de uma aldeia pelos seus territórios, não faz muito tempo que cada sociedade vivia somente em um local, ou seja, todos os indígenas de cada sociedade se concentravam apenas em uma

aldeia. Explicitamente não há muitas diferenças linguísticas quando fazemos comparação apenas entre as aldeias Asuriní e comparação apenas entre as aldeias Araweté, mesmo assim, já se observa que essas localidades já apresentam certas distinções e preferências lexicais dentro de suas sociedades, como vemos entre as aldeias Asuriní, Itaaka (IT) e Kwatinemo (K), nas cartas **L01** (IT) *rio+grota X igarapé* (K), **L19** (IT) *sapatão X conjuntivite* (K), **L23** (IT) *ganhar X parir* (K), **L27** (IT) *cigarro X fumo* (K), **L28** (IT) *resto de cigarro X pedaço de cigarro* (K), **L29** (IT) *fantasma X assombração* (K); e, bem pouco, entre as aldeias Araweté, Pakaña (PK) e Ipixuna (I), nas cartas **L14** (PK) *paneiro X cesto* (I), **L37** (PK) *fumaça X sujo* (I) e **L21** (PK) *catinga X sovaco está fedendo* (I). Tais diferenças podem ser um reflexo dos contatos de forma independente que a população de cada localidade já apresenta com a sociedade envolvente; da aproximação das novas aldeias em relação a essa sociedade e do distanciamento (fator diatópico) que as pessoas das novas aldeias tomaram de seu local de origem.

Sobre as similaridades sociolinguísticas observadas entre os correspondentes parâmetros sociais dos Asuriní do Xingu e dos Araweté, elas são influenciadas por suas semelhanças sócio-culturais, pela proximidade geográfica dessas sociedades em relação à cidade de Altamira e pelas semelhantes interações que cada parâmetro possui com a língua portuguesa ou com falantes nativos dessa língua. Assim, jovens e homens indígenas apresentam um perfil lexical mais diversificado que mulheres e mais velhos indígenas; os jovens por serem mais flexível às mudanças que essas duas sociedades estão passando e passam, o que inclui a proficiência de seu português, e os homens por serem os que tomam as primeiras atitudes, incluindo a interação com o não-indígena ou a ida a Altamira, ou seja, interagem mais. Assim, ao correlacionar os parâmetros, destacamos que o perfil social do homem jovem é o mais importante fator condicionador da produtividade lexical do português de suas sociedades atualmente e, conseqüentemente, da variação lexical dele.

Esta pesquisa que é inédita e que tem um objeto de estudo pouco explorado no Brasil até agora, a variação linguística de sociedades indígenas brasileiras, seja de suas línguas nativas ou de seu português, registrou mais um dado importante, principalmente do léxico do português, com a realização deste trabalho. O estudo ainda é reduzido, mas pode ser ampliado voltando-se mais às línguas indígenas ou para outros níveis do português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté, seja morfossintático ou fonético-fonológico, aprofundando e esclarecendo ainda mais as discussões e as análises geossociolinguísticas acerca dessas duas sociedades indígenas.

Por fim, a partir dos fatos que apresentamos aqui, este estudo pode dar subsídios à possibilidade, futuramente, de entendermos melhor como se configurou a língua portuguesa no Brasil ou, mais especificamente, na Amazônia brasileira, em que o português estava em pleno contato com as línguas indígenas, as quais deixaram bastantes influências no substrato do português falado nessa região.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, J. F. *Fonética e fonologia da língua Araweté: uma nova contribuição*. 2008, Dissertação (Mestrado em Linguística), UNB, Brasília, 2008.

ALTENHOFEN, C. V. *O “território de uma língua”*: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNÁNDEZ, A. L. da R. N. et al. *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?*. Pelotas: Editora UFPel, 2014.

AZEVEDO, A. T. G. de. *Atlas Semântico-Lexical do Norte de Mato Grosso – ASLNMAT: suas influências topodinâmicas*, 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2015.

BRANDÃO, S. F. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CABRAL, A. S. A. C. et al. *L’Atlas linguistique sonore des langues indigènes du Brésil: un projet en cours*. Géolinguistique, Grenoble, n. 15, 2015, p. 215 - 227.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CARDOSO, S. A. M. da S.. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, W.; CUNHA, C. *Estilística e gramática histórica: português através de textos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CASTRO, E. B. V. *Araweté: Os Deuses Canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

CASTRO, E. V. et al. *Araweté: um povo tupi da Amazônia*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA. *Os Povos Indígenas no Médio Xingu e suas Terras*. Disponível em: <<https://trabalhoindigenista.org.br/home/>>, Acessado em: 10/06/2017.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La Dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.

COSERIU, E. *Sentido y Tareas de la Dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México / Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

_____. *O homem e sua linguagem*. 2 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed. da UEL, 2001.

COUTO, H. H. do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, E. O. da. *Mapeamento geossociolinguístico do léxico do português falado em terras indígenas dos estados do Pará e Maranhão*. In: RAZKY, A. *Pesquisa variacionista, educação e informática: ampliando as fronteiras da formação em Letras na Amazônia / VI Seminário Regional de Geossociolinguística*. Belém: UFPA, 2015.

DIAS, M. P. *Atlas geossociolinguístico quilombola do nordeste do Pará (AGQUINPA)*. 2017, Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

DIETRICH, W. *O tronco tupi e as suas famílias de línguas: Classificação e esboço tipológico*. In: NOLL, VOLKER & DIETRICH. *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

DISTRITO SANITÁRIO ESPECIAL INDÍGENA (DSEI). Cartografia 2014. Disponível em: <<http://www.saudeindigena.spdm.org.br/index.php/dsei/altamira>>, Acessado em: 08/11/2016.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2014.

FISHMAN, J. A. *Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism*. Journal of Social Issues, 1967.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO (FUNAI). Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/>>. Acessado em: 12/06/2017.

FUNDAÇÃO IPIRANGA. *Cartografia social dos Asuriní do Xingu e dos Araweté*. Belém, 2017.

GUEDES, R. J. da C. *Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará*. 2012, Dissertação (Mestrado em letras), Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

_____. *Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas tupi-guarani nos estados do Pará e Maranhão*. 2017, Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

GOMES, E. de F. *Variação lexical em seis municípios da mesorregião sudeste paraense*. 2013, Dissertação (Mestrado em letras), Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acessado em: 08/06/ 2017.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Povos indígenas do Brasil*. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal>. Acessado em: 06/06/ 2017.

MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MELLO, A. A. S. *Estudo histórico da família lingüística Tupi-Guarani: Aspectos Fonológicos e Lexicais*. 2000, Tese (Doutorado em linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

MOREIRA, S. T.; SANCHES, R. D. *Variação geossocial do item lexical riacho/córrego nas não capitais do norte do Brasil*. In: *Seminário Regional de Geossociolinguística 7*. (2017): Belém, PA. *Caderno de Resumos do VII SERGEL – VII Seminário Regional de Geossociolinguística / RAZKY, A. et al.* Belém: UFPA/Faculdade de Letras, 2017, p. 86.

MÜLLER, R. *As Crianças no Processo de Recuperação Demográfica dos Asuriní do Xingu*. In: LOPES DA SILVA, A; SILVA MACEDO, A.V. L. da; NUNES, A (orgs). *Crianças indígenas, ensaios antropológicos*. São Paulo: Global/MARI/FAPESP, 2002, p. 188-209.

_____. *Os Asurini do Xingu: História e Arte*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

NAVARRO, E. de A. *Vocabulário bilíngue: Nheengatu-Português/Português-Nheengatu*. São Paulo: USP, 2013.

NORTE ENERGIA. *Relatório Belo Monte Projeto Básico ambiental componente indígena: diálogo permanente com as comunidades indígenas*. Altamira, 2016a.

_____. *Cronograma de acompanhamento das obras indígenas*. Altamira, 2016b. Disponível em:

<<http://licenciamento.ibama.gov.br/Hidretricas/Belo%20Monte/Relatorios%20Semestrais/6%C2%BA%20RC%20PBA%20CI/Cap%C3%ADtulo%202/>>. Acessado em: 20/10/ 2017.

_____. *Programa de atividades produtivas: projeto de desenvolvimento de atividades produtivas e comercialização*. Altamira, 2016c. Disponível em: <<http://licenciamento.ibama.gov.br/Hidretricas/Belo%20Monte/Relatorios%20Semestrais/6%C2%BA%20RC%20PBA%20CI/Cap%C3%ADtulo%202/7.1/>>. Acessado em: 20/10/ 2017.

_____. *Projeto Básico Ambiental Componente Indígena*. Altamira, 2017. <<http://licenciamento.ibama.gov.br/Hidretricas/Belo%20Monte/Relatorios%20Semestrais/6%C2%BA%20RC%20PBA%20CI/Cap%C3%ADtulo%202/>>. Acessado em: 20/10/ 2017.

PEREIRA, A. A. *Estudo morfossintático do Asuriní do Xingu*. 2009, Tese (doutorado em linguística), Unicamp, Campinas, 2009.

RADTKE, E.; THUN, H. *Nuevos caminos de la geolinguística românica*. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAZKY, A; SANCHES, R. D. *Variação geossocial do item lexical 'riacho/córrego' nas capitais brasileiras*. Revista Gragoatá (UFF), v. 21, n. 40, 2016, p.70-89.

RIBEIRO, B. *Araweté: a índia vestida*. Revista de Antropologia, v. 26, São Paulo: 1983.

ROMANO, V. P. *Áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil sob uma perspectiva geolinguística*. Revista de Estudos da Linguagem, v. 26, n. 1, 2018, p.103-145.

RODRIGUES, A. D. *Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani*. Revista de Antropologia, v. 27/28, 1985, p. 33-53.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. *Reverendo a classificação interna da família Tupi-Guarani*. In: *Atas do I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL*, vol. 1, Belém: EDUFPA, 2002.

RODRIGUES, A. D. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013.

RODRIGUES, M. D. G. *Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no estado do Amapá: uma abordagem Geossociolinguística*. 2017, Dissertação (Mestrado em letras), Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 1995.

SILVA, F. A. *As tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Assurini do Xingu e da cestaria dos Kaiapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica*. 2000, Tese (Doutorado em Ciência Social) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. *A variabilidade dos trançados dos Asurini do Xingu: uma reflexão etnoarqueológica sobre função, estilo e frequência dos artefatos*. Revista de arqueologia, v. 22, 2009.

SILVA, I. de O. G. e. *De Awaete a Asurini: histórias do contato (1971-1991)*. 2009, Dissertação (Mestrado em antropologia), UFPA, Belém, 2009.

SOLANO, E. de J. B. *Descrição gramatical da língua araweté*. 2009, Tese (doutorado em linguística), UnB, Brasília, 2009.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1988.

THOMASON, S. G. *Language contact: an introduction*. Georgetown University Press, 2001.

THUN, H. *La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático do Uruguay)*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY. *Atti del XXI Congresso internazionale di linguistica e filologia romanza*, 21., 1995, Palermo. In: RUFINO, Gilvanni (Org.). Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.

_____. *Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay-Norte (ADDU-Norte)*. Kiel: Universität zu Kiel, 2001.

_____. *A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata*. In: STAHL ZILLES, Ana Maria (org.). *Estudos de variação lingüística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p. 63-92.

_____. *Pluridimensional cartography*. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Stefan (Eds.). *Language mapping*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010, p. 506-523.

THUN, H. et al. *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico*. Tomo 1: Léxico del cuerpo humano (Dialectología pluridimensionalis Románica). *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* Vol. 8, Miscelánea de lingüística iberoamericana, 2010, p. 239-242.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. Penguin books, 2000.

WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. Paris: Mouton, 1974.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. L. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXOS

1 - Inventário fonêmico da língua Asuriní do Xingu de acordo com Pereira (2009):

		Fonemas consonantais					
		Bilabial	alveolar	pós-alveolar	palatal	velar	glotal
oclusivas	surdas	/p/	/t/			/k/	/ʔ/
	labializada					/kw/	
Nasais		/m/	/n/			/ŋ/	
Fricativas	surdas	/ɸ/					/h/
	sonoras	/β/					
Africadas	surdas			/dʒ/			
	sonora			/tʃ/			
Tepe			/r/				
aproximantes		/w/			/j/		

Fonemas vocálicos

i ã i ã u ã
 e ã
 ε (e)
 a ã

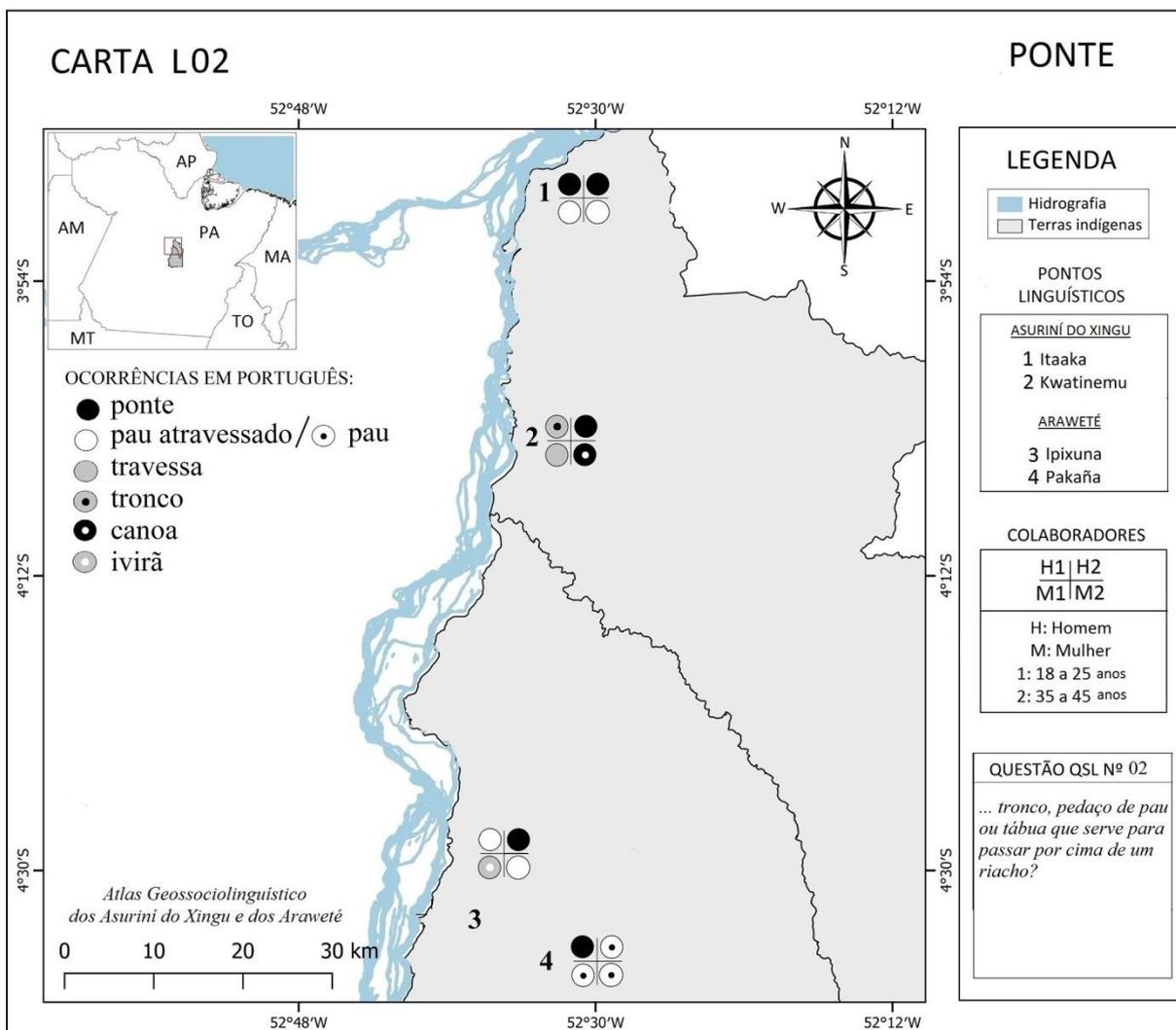
2 - Inventário fonêmico da língua Araweté de acordo com Solano (2009):

Fonemas consonantais					
	Bilabiais	Alveolares	Alveopalatais	Velar	Glotais
Oclusivas orais sem ressonância nasal	/p/ [p]	/t/ [t] [tʰ] [tʰ̃] /d/ [d] [dʰ] [dʰ̃]	/tʃ/ [tʃ] [tʃʰ]	/k/ [k]	/?/ [ʔ]
Oclusivas orais com ressonância nasal	/m/ [m] [b]	/n/ [n]			
Fricativa					/h/ [h]
Aproximantes	/w/ [β] [w]	/r/ʰ	/j/ [j] [j̃] [ɹ] [ɹʰ] [dʒ] [dʒʰ]		

Fonemas vocálicos

i ã ĩ ã̃ u ã̃
e ã̃
a

APÊNDICES



Questão nº 02 do QSL: ...tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um riacho?

Língua Asuriní do Xingu: Ponte

Yara [ˈyara] (5 ocorrências) – Ponte/pinguela/canoa.

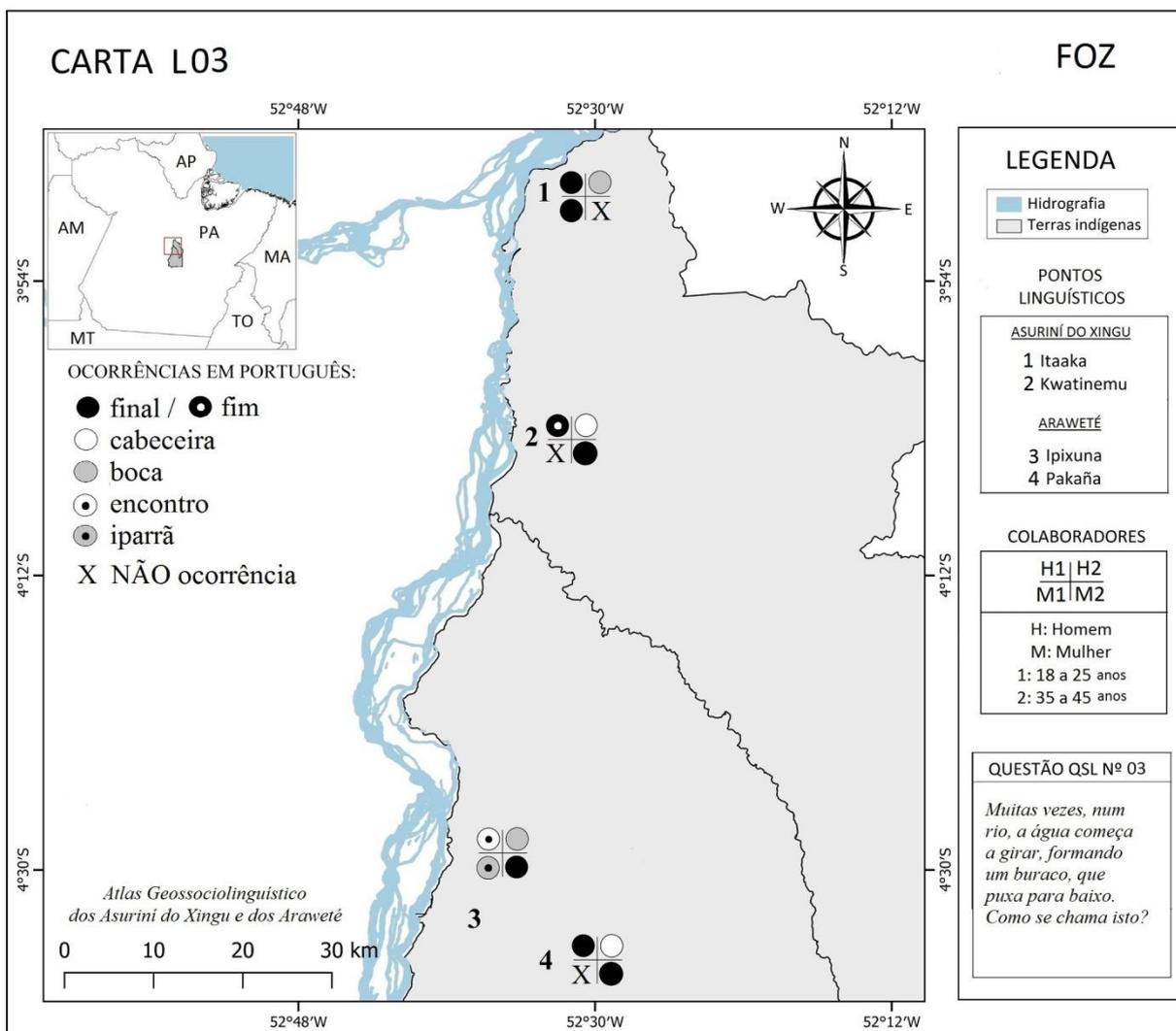
Uruyaawa [urwiaˈaβa] (1 ocorrência) – Travessa.

Ywyrapeawa [iβirapeˈaβa] (1 ocorrência) – Ponte.

Língua Araweté: Ponte

Iwira [iβiˈrã] (5 ocorrências) – Pau.

Iriwawũ [iriβaˈβũ] (3 ocorrências) – Ponte.



Questão nº 03 do QSL: *Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, que puxa para baixo. Como se chama isto?*

Língua Asuriní do Xingu: Foz

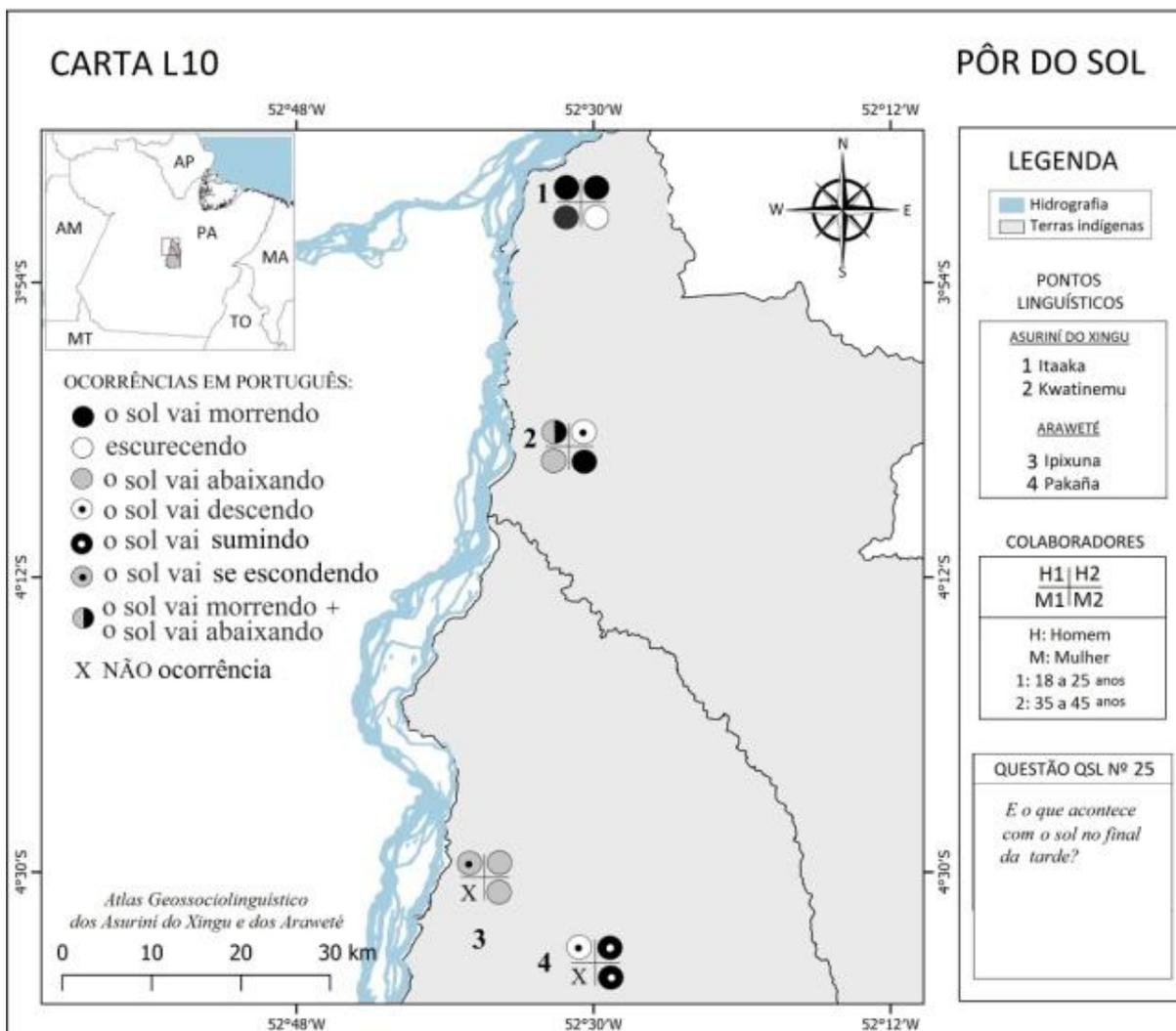
Yryapyra [ĩria'pĩra] (4 ocorrências) – Nascente.

Yrymiawa [ĩrimi'ãʒa] (2 ocorrências) – Fim do rio.

Língua Araweté: Foz

I/paranĩ-paha [pahã] (4 ocorrências) – Fim do rio.

Tiapi [tya'pi] (4 ocorrências) – Final.



Questão nº 25 do QSL: *E o que acontece com o sol no final da tarde?*

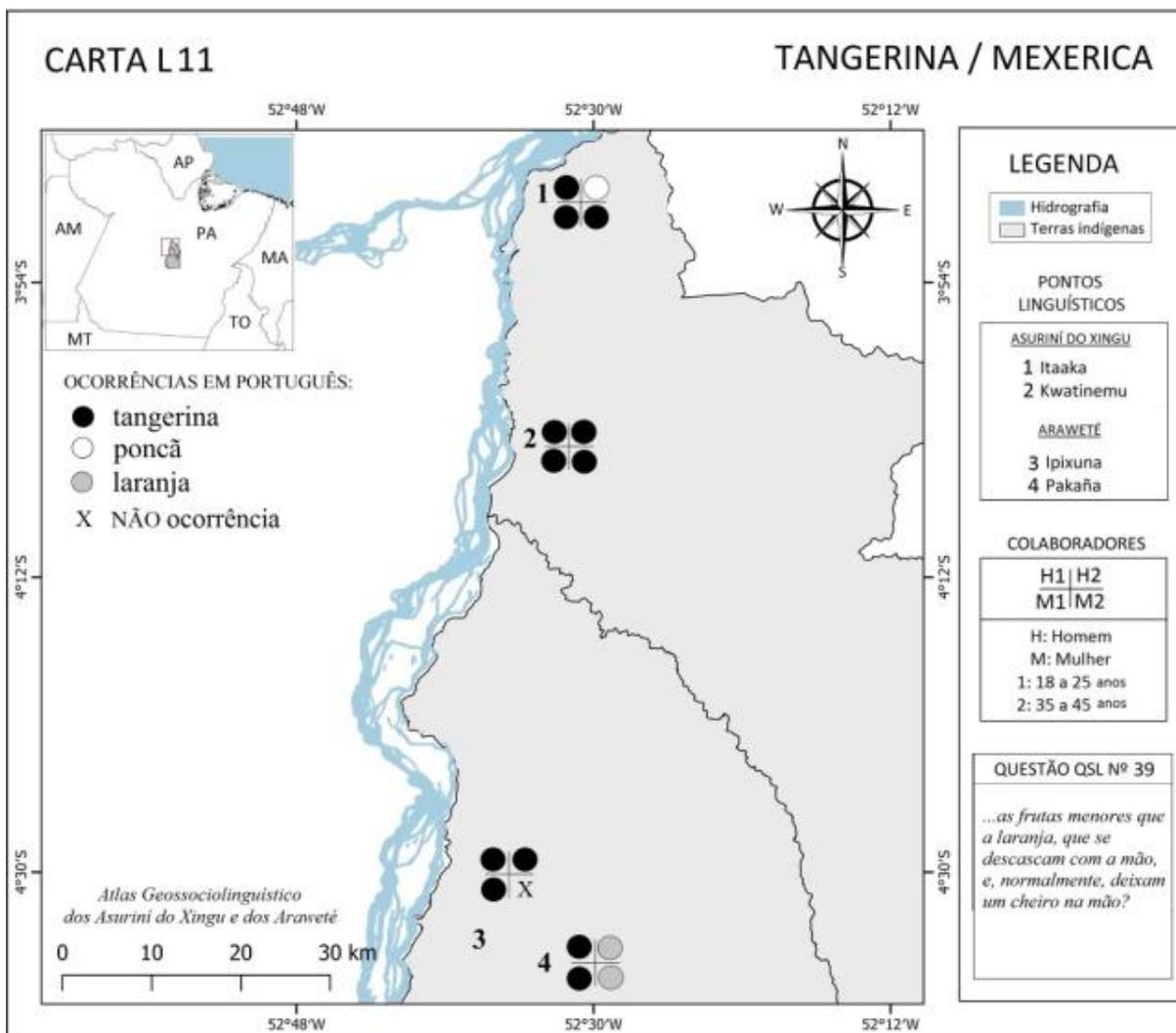
Língua Asurini do Xingu: Por do sol

Kuarapaua [kwara'pawa] (7 ocorrências) – O sol está morrendo/entardecer.

Kuaraupap [kwarau'pap] (1 ocorrência) - O sol está morrendo.

Língua Araweté: Por do sol

Ukajikukarahi [ukajikukara'hi] (5 ocorrências) – O sol vai descendo.



Questão nº 39 do QSL: ... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão?

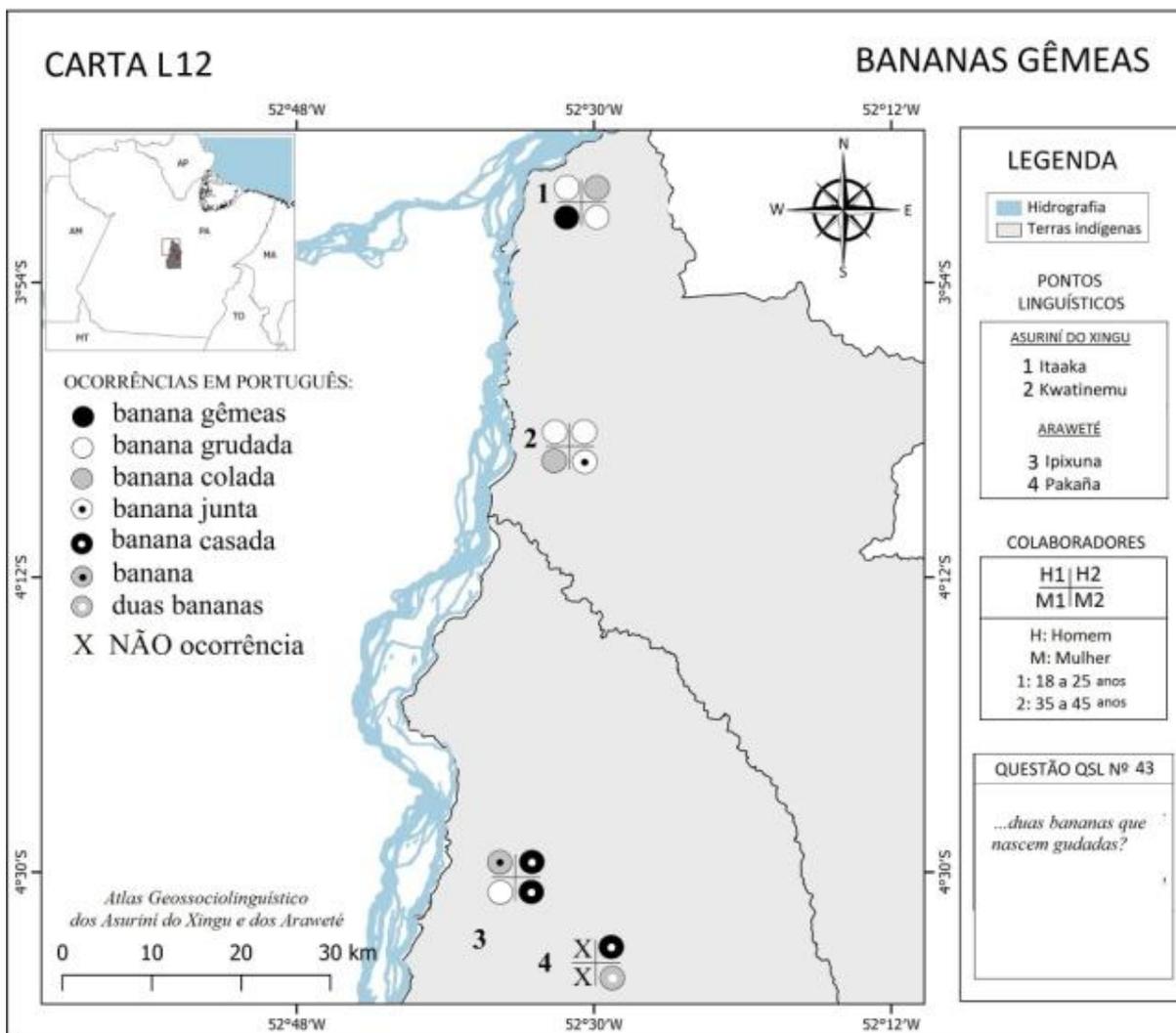
Língua Asuriní do Xingu: Tangerina

Apwuwireri [aɸuβire'ri] (2 ocorrências) – Tangerina.

Urajīwaiu [oraɲĩβa'yu] (5 ocorrências) – Laranja.

Língua Araweté: Tangerina

Não existe nome na língua, fazem empréstimo do português.



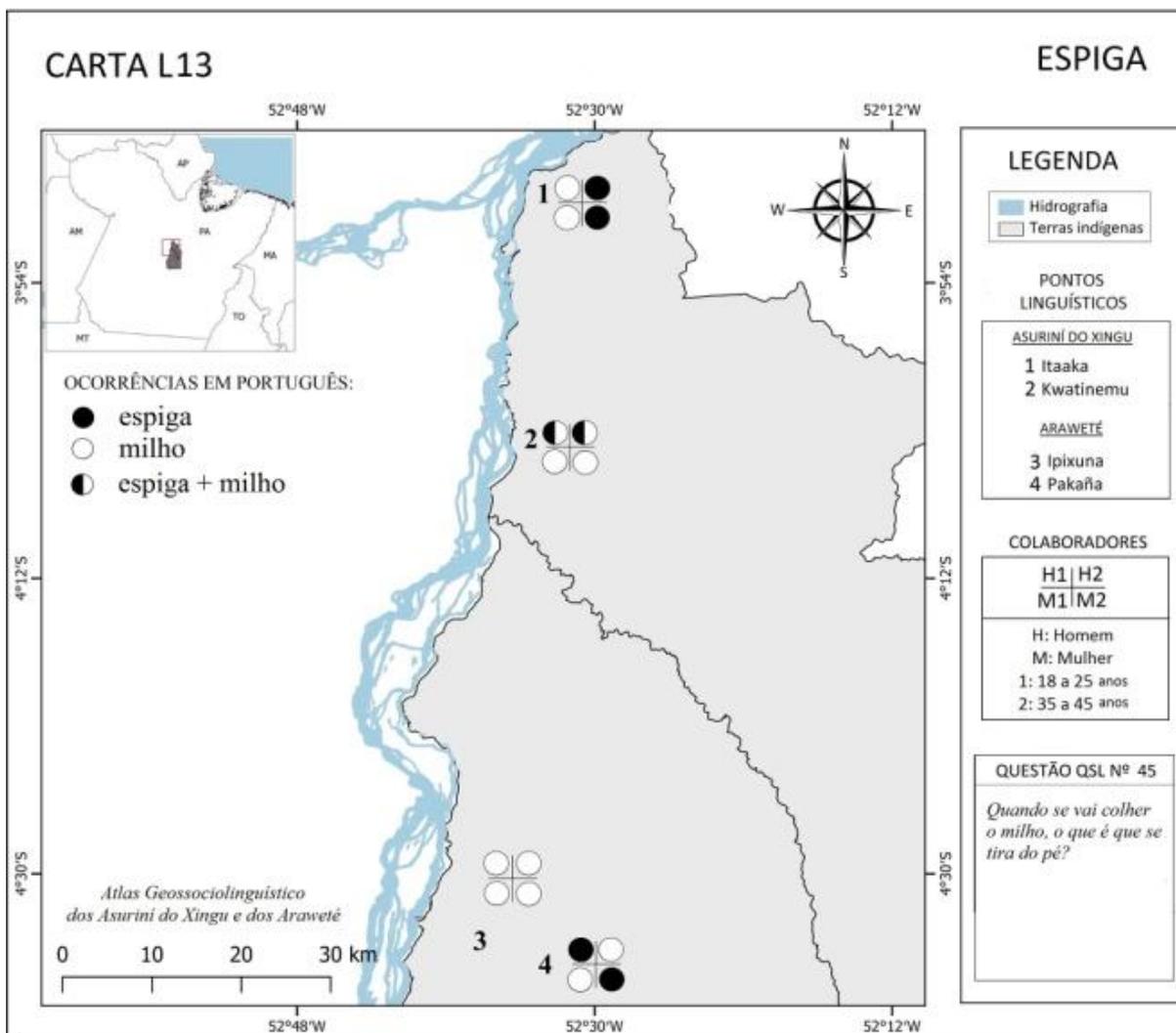
Questão nº 43 do QSL: ...duas bananas que nascem grudadas?

Língua Asurini do Xingu: Bananas gêmeas

Pakarenu'u ujupyukete [pakarenũ'ʔu udzupuike'te] (5 ocorrências) – Banana grudada.

Língua Araweté: Bananas gêmeas

Padydymemire [padzi'dzimemi're] (5 ocorrências) – Banana casada.



Questão nº 45 do QSL: *Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé?*

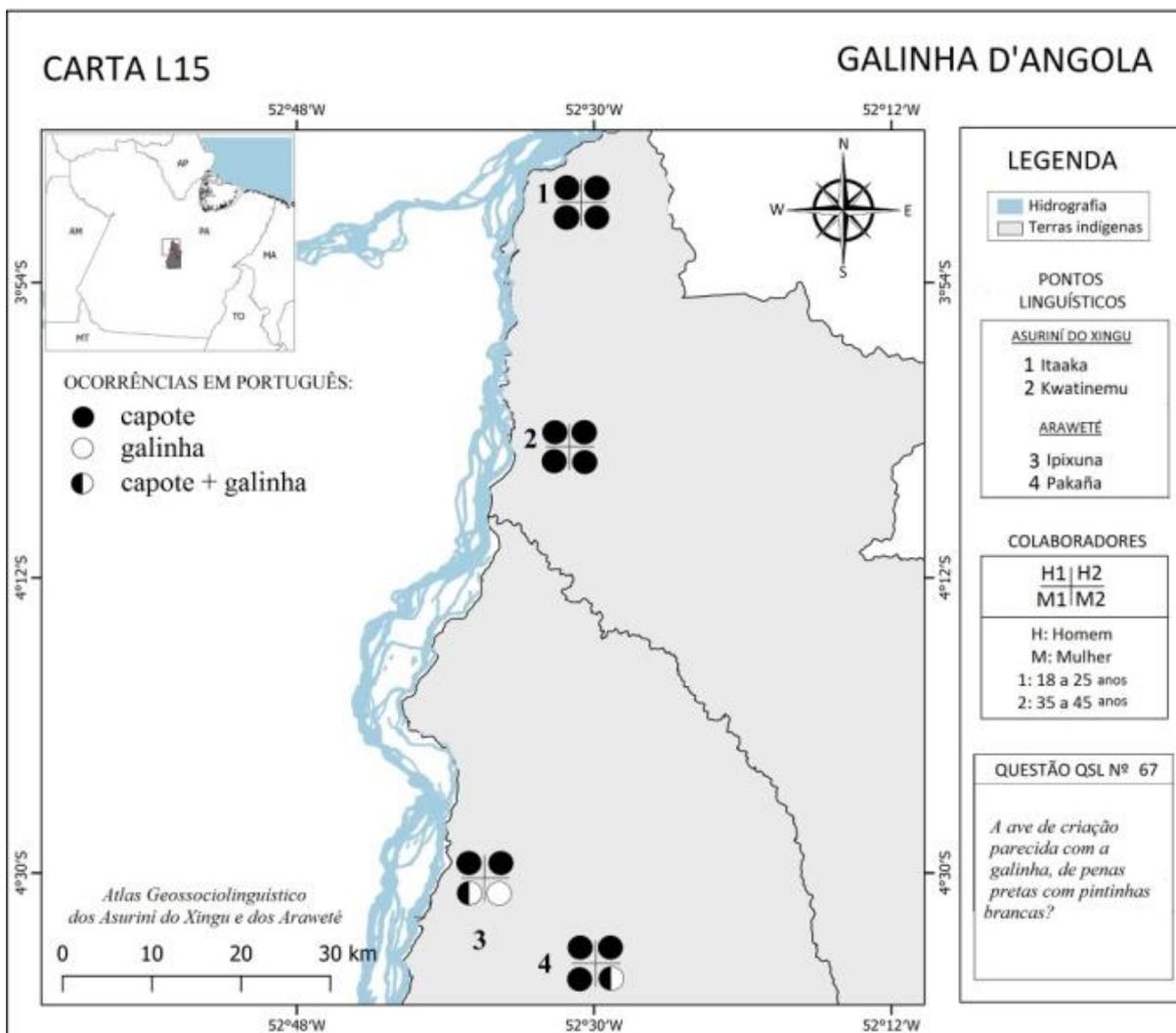
Língua Asuriní do Xingu: Espiga

Awati (5 ocorrências) – Milho.

Awatirara [aʃaʃiˈra] (3 ocorrências) – Espiga de milho.

Língua Araweté: Espiga

Awati [awaˈʃi] (8 ocorrências) – Milho.



Questão nº 67 do QSL: *A ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?*

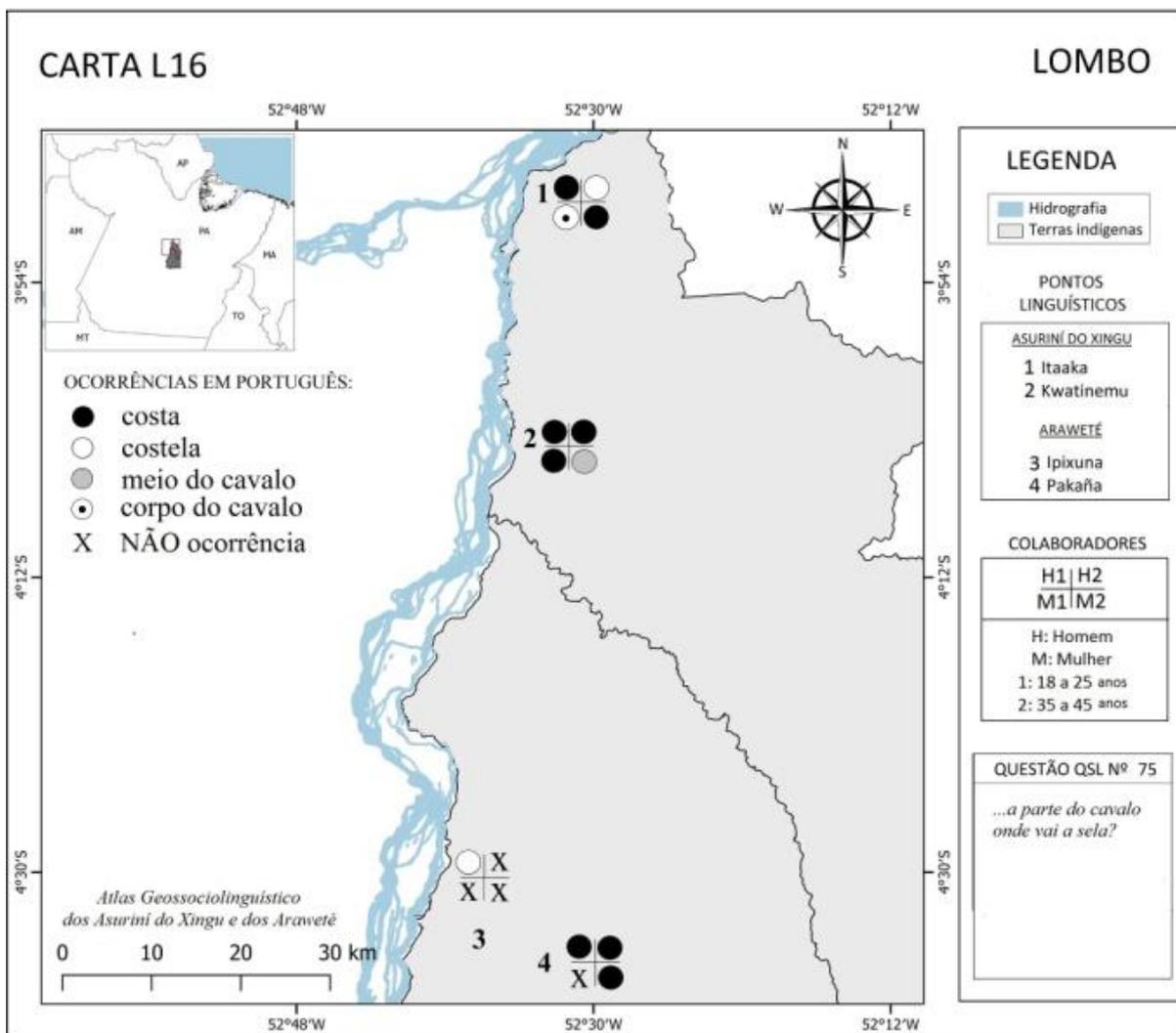
Língua Asuriní do Xingu: Galinha d'angola

Inamurýna [inamu' rýna] (8 ocorrências) – Capote.

Língua Araweté: Galinha d'angola

Arakuri [araku' ri] (5 ocorrências) – Galinha.

Inamu [inã' mu] (2 ocorrências) – Capote / Inambu.



Questão nº 75 do QSL: *...a parte do cavalo onde vai a sela?*

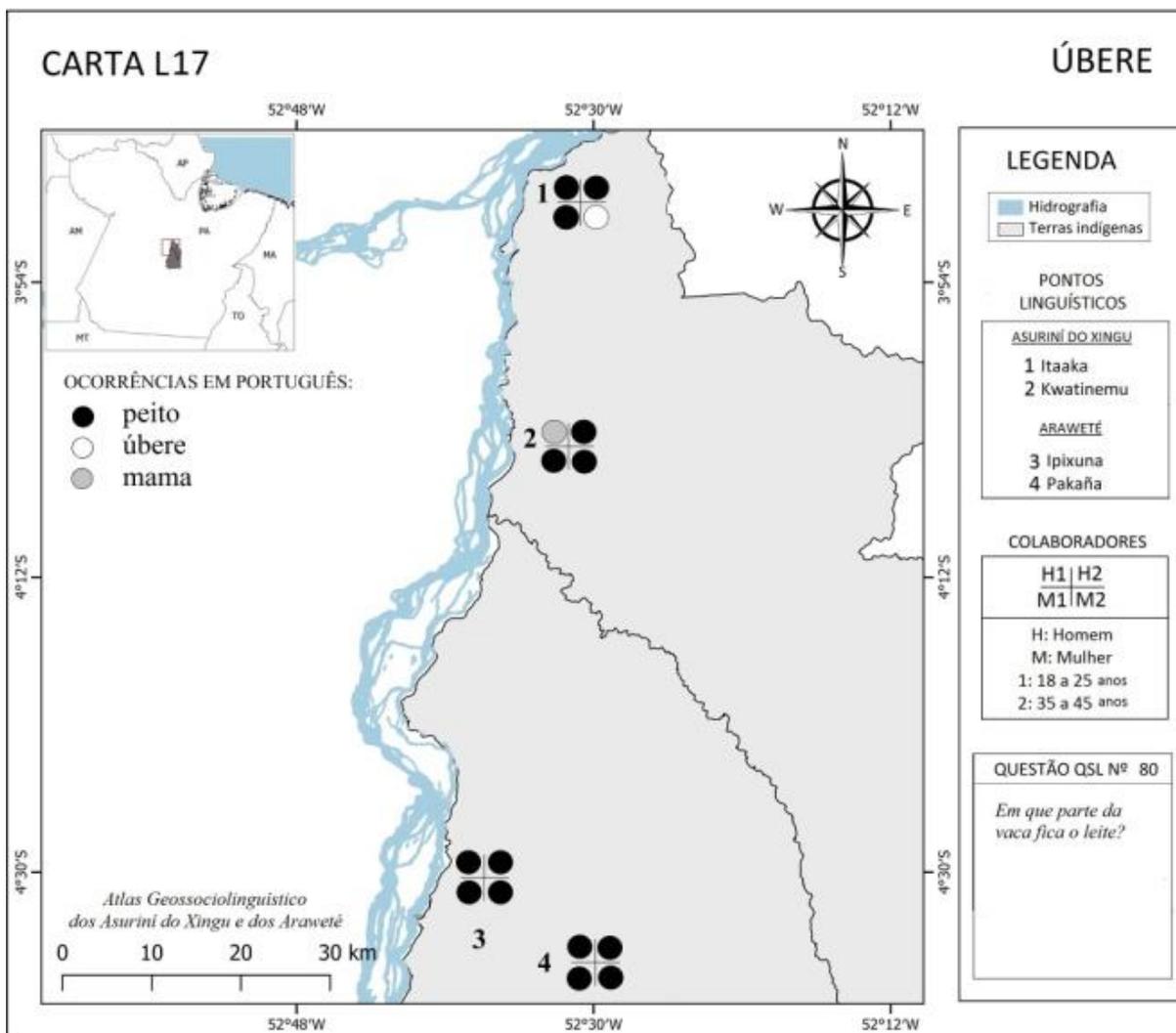
Língua Asuriní do Xingu: Lombo

ga-Ku'a [ku'ʔa] (4 ocorrências) – Corpo dele.

ga-Ape [a'pɛ] (1 ocorrência) – Costas dele.

Língua Araweté: Lombo

Kupe [ku'pɛ] (6 ocorrências) – Costas.



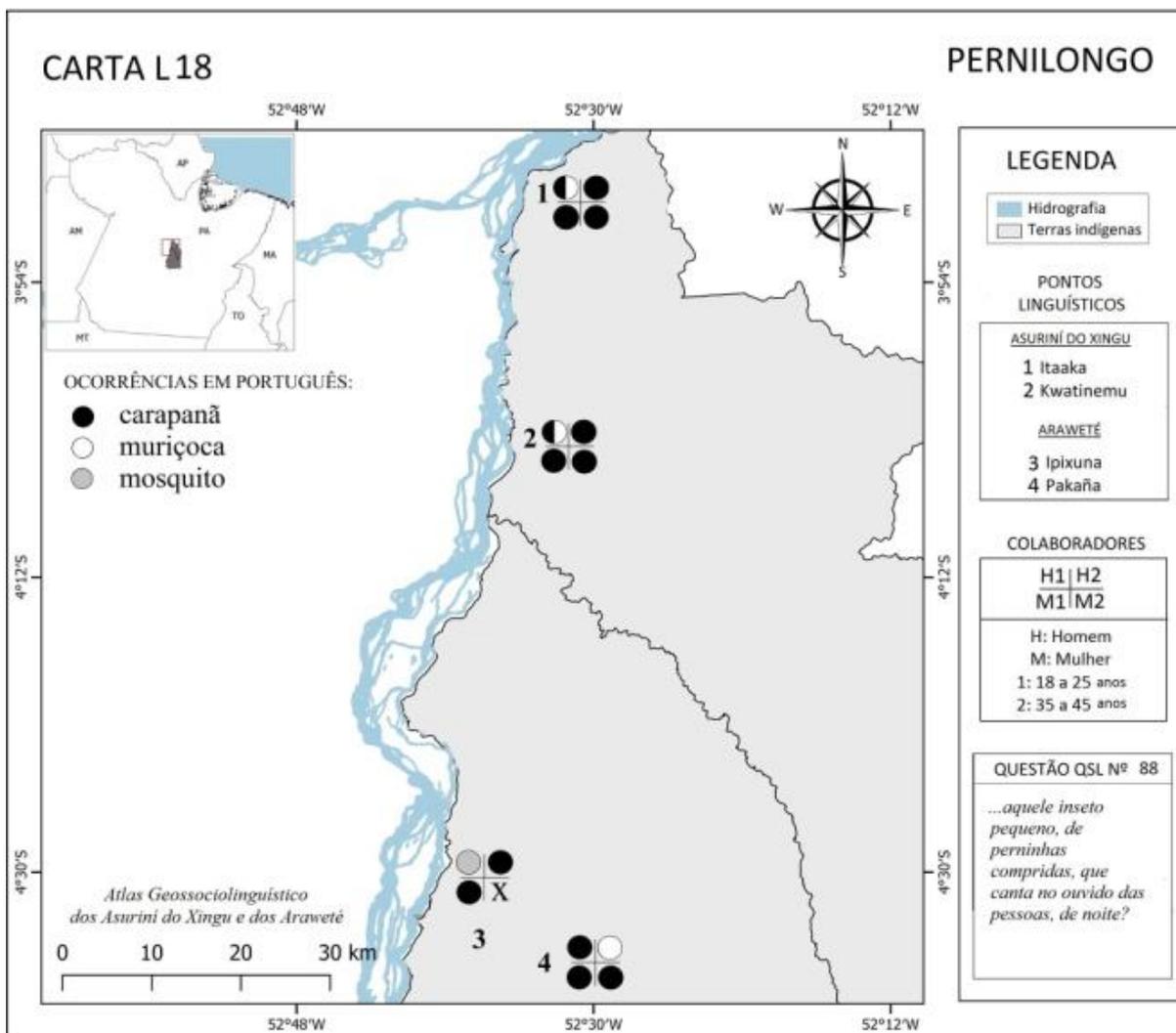
Questão nº 80 do QSL: *Em que parte da vaca fica o leite?*

Língua Asuriní do Xingu: Úbere

Ky^{ma} [ˈkĩma] (6 ocorrências) – Peito (mama).

Língua Araweté: Úbere

Ixĩ [iˈtʃĩ] (7 ocorrências) – Peito (mama).



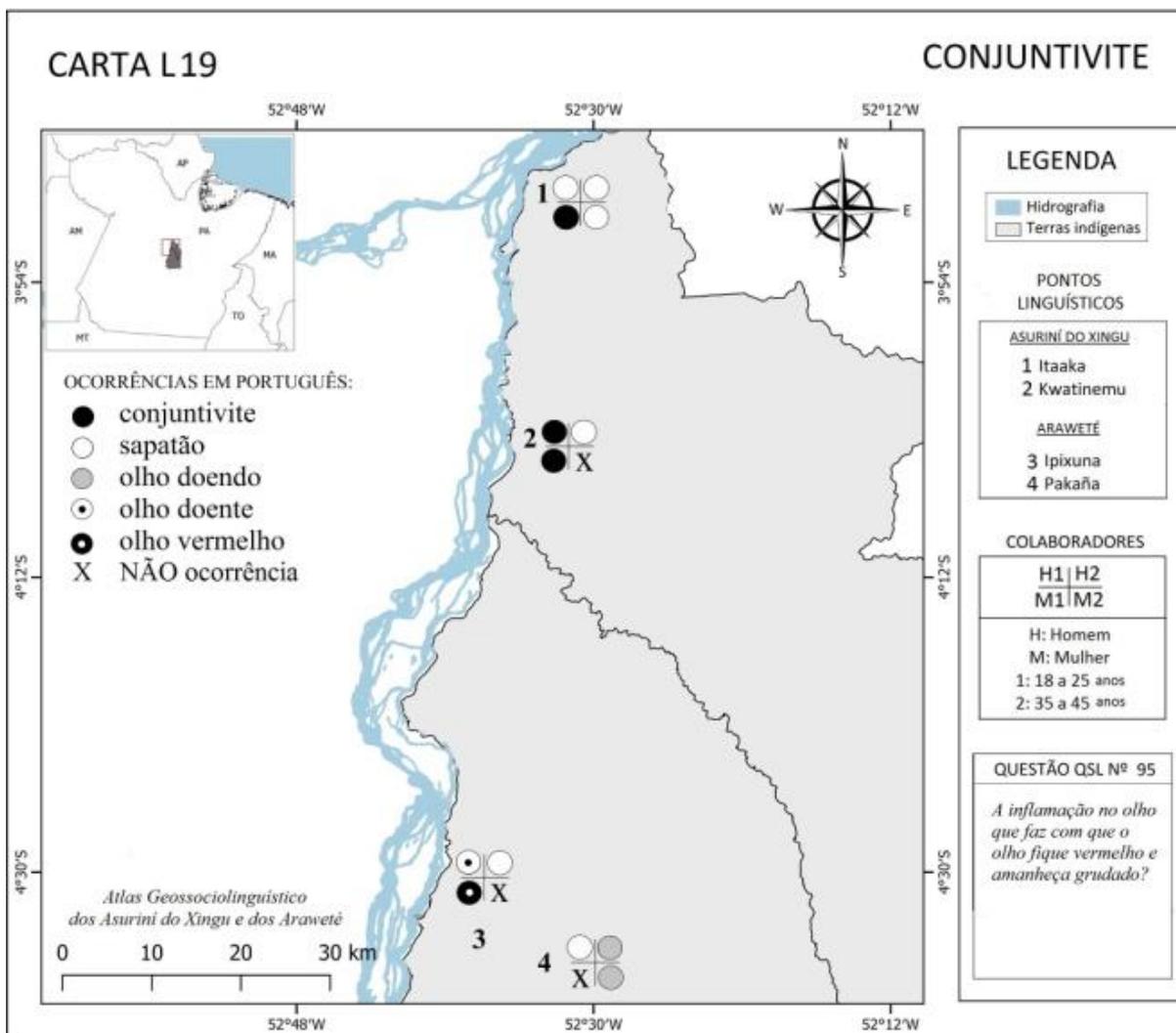
Questão nº 88 do QSL: *...aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?*

Língua Asuriní do Xingu: Pernilongo

Jatiũ [dʒatʃi'ũ] (8 ocorrências) – Carapanã.

Língua Araweté: Pernilongo

Jaty'ũ [dʒatʃi'ũ] (8 ocorrências) – Carapanã.



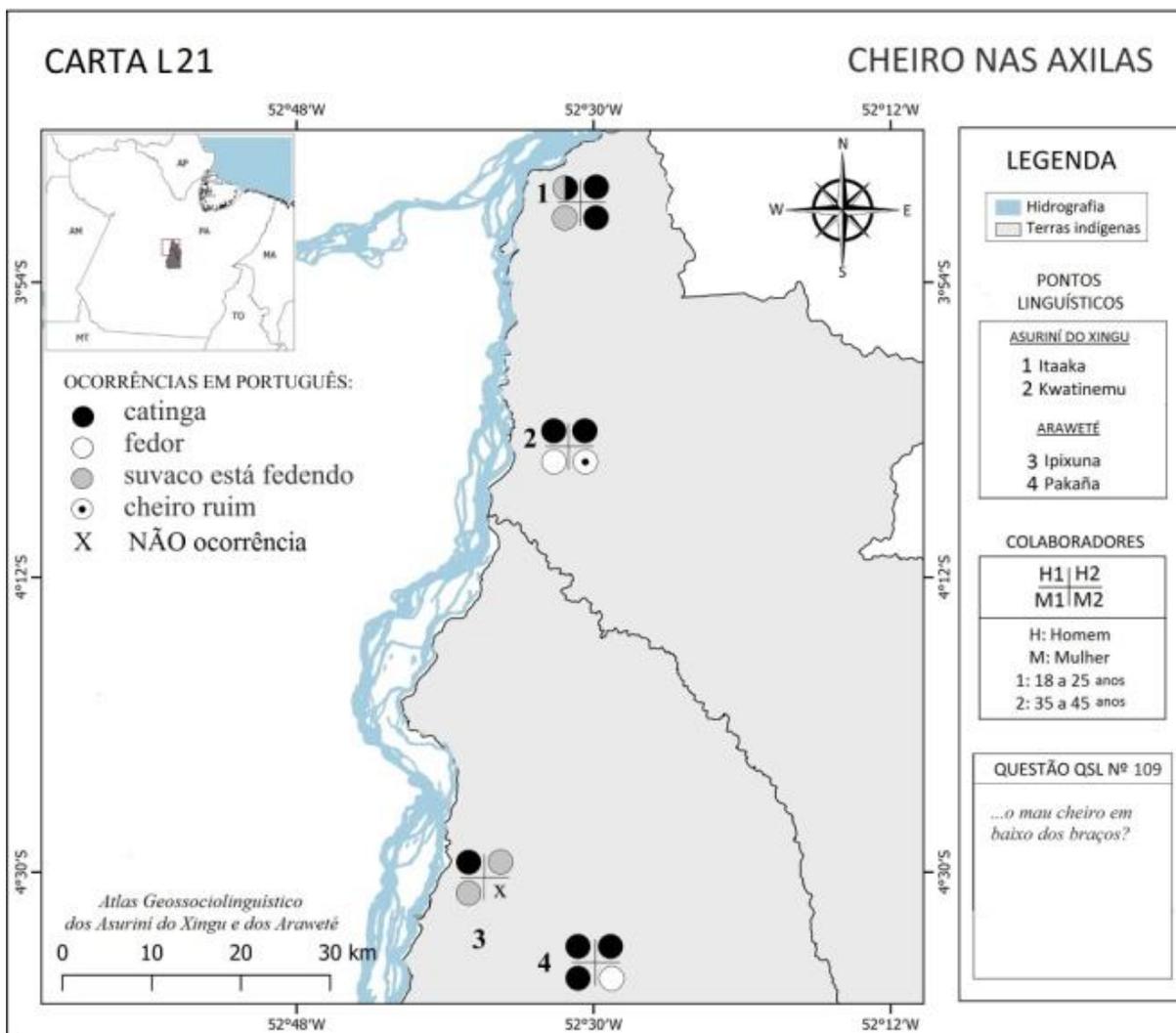
Questão nº 95 do QSL: *A inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?*

Língua Asurini do Xingu: Conjuntivite

Te'awerawa [teʔaβe'raβa] (6 ocorrências) – Conjuntivite.

Língua Araweté: Conjuntivite

Heha nahime'e [he'ha na'hime'ʔe] (4 ocorrências) – Conjuntivite.



Questão nº 109 do QSL: *...mau cheiro em baixo dos braços?*

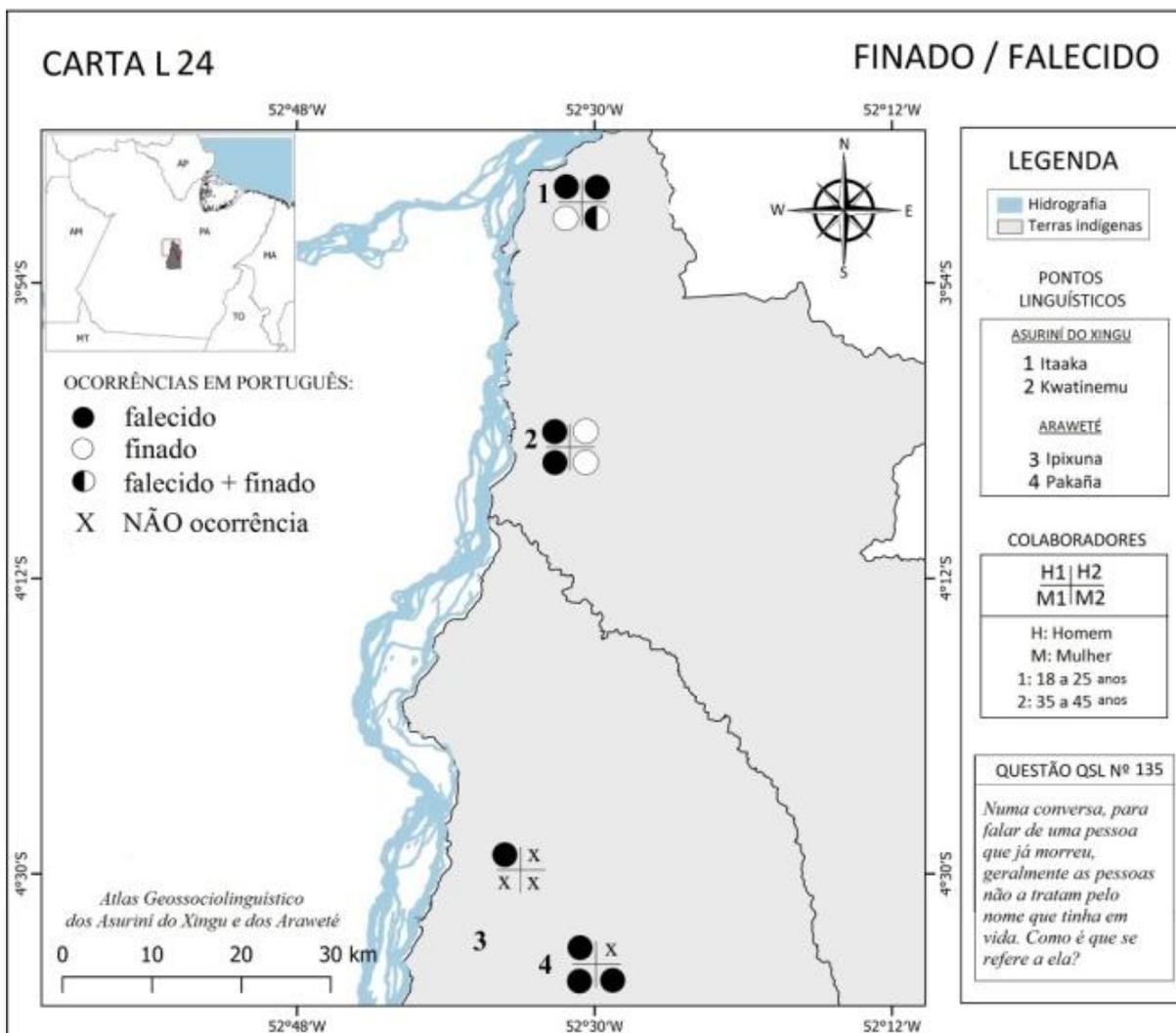
Língua Asuriní do Xingu: Cheiro nas axilas

Katíga [ka'tʃĩŋga] (5 ocorrências) – Catinga.

Inema [i'něma] (3 ocorrências) – Fedor.

Língua Araweté: Cheiro nas axilas

Pepukaŋi [pepuka'ŋi] (7 ocorrências) – Catinga.



Questão nº 135 do QSL: *Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se refere a ela?*

Língua Asuriní do Xingu: Finado

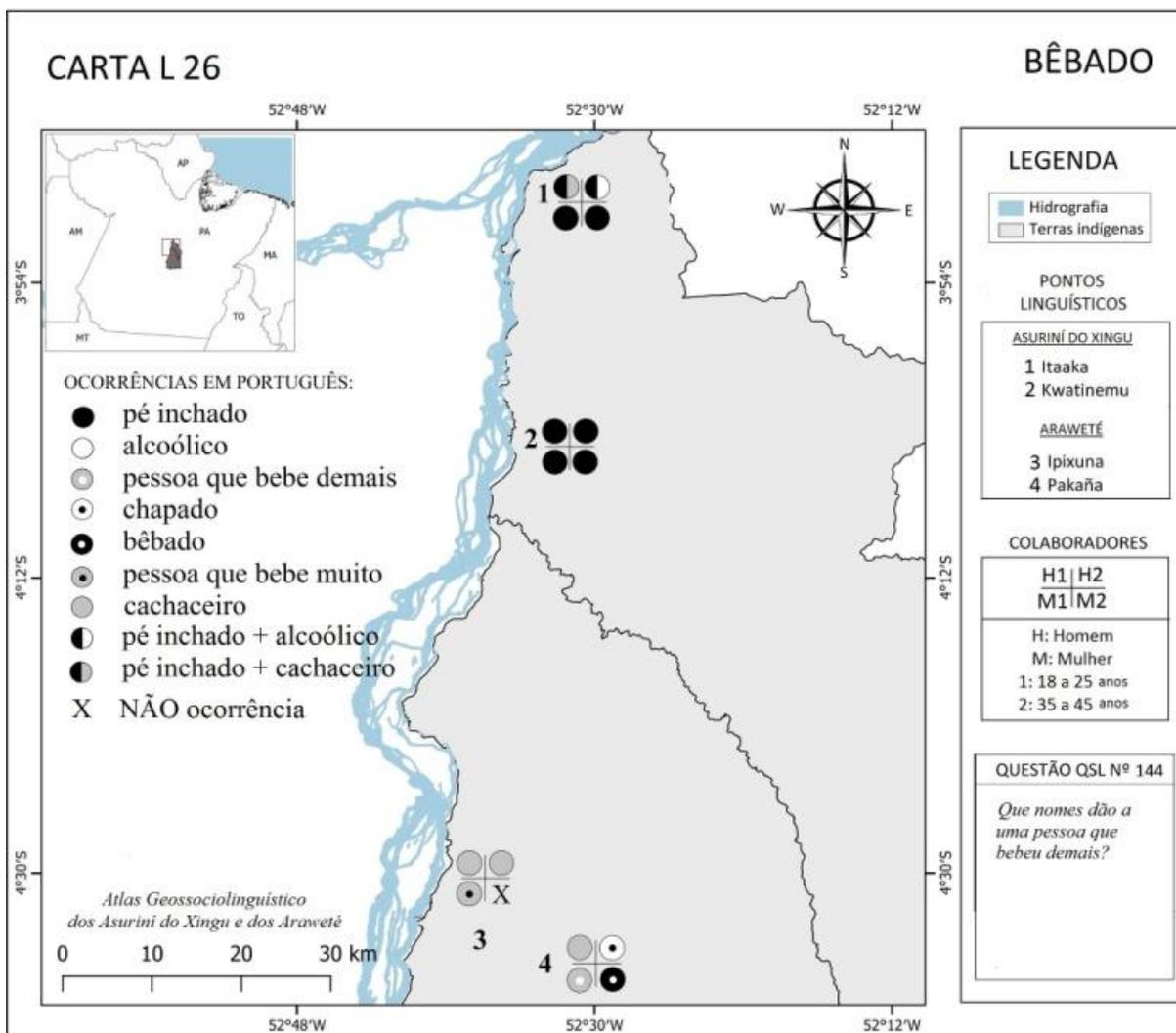
Umanuma'ẽ [umanumaʔẽ] (2 ocorrências) – Falecido.

Umanumaipwera [umanumay'ɸera] (4 ocorrências) – Aqueles que morreram / falecido.

Mawa ['baʔa] (1 ocorrência) – Finado.

Língua Araweté: Finado

Manuxe [manu'tʃe] (4 ocorrências) – Falecido.



Questão nº 144 do QSL: *Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?*

Língua Asuriní do Xingu: Bêbado

Itaiuara [ítaya'wara] (2 ocorrências) – Cachaceiro.

Kasa(ga) u'u aiwerete [ka'tʃaga u'ʔu ayβerε'tε] (2 ocorrências) – Cachaceiro.

Ukaru aiwama'ẽ [uka'ru ayβama'ʔε] (1 ocorrência)- O comedor/bebedor de coisa ruim.

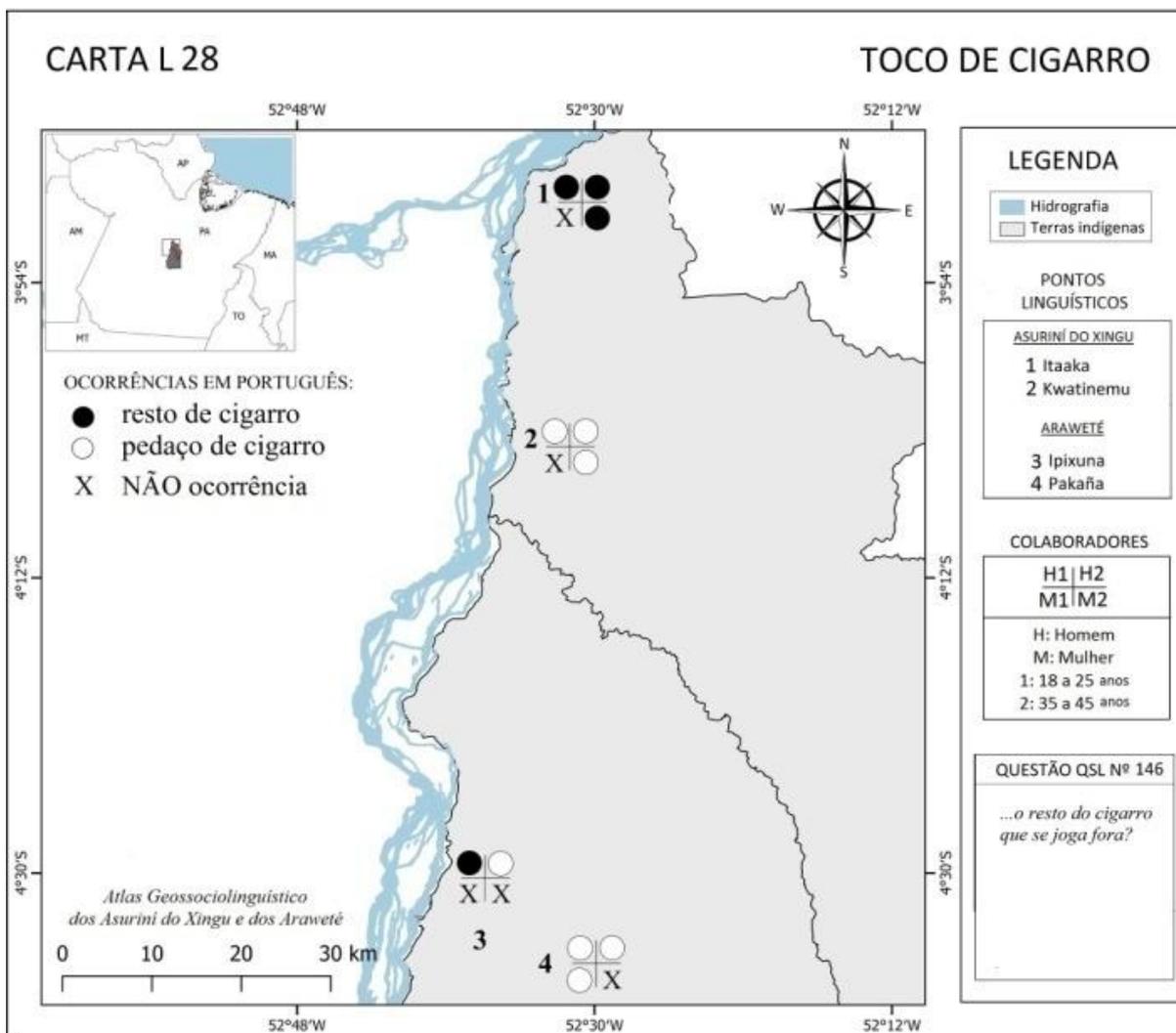
Kasauara [katʃaw'ara] (2 ocorrências) – Cachaceiro.

Itaia u'u aiwerete [i'taya u'ʔu ayβerε'tε] (1 ocorrência) – Cachaceiro.

Língua Araweté: Bêbado

Ukaume'e [ukaume'ʔε] (3 ocorrências) – Bêbado.

Kanamute'a [kãnamu'tεʔa] (4 ocorrências) – Cachaceiro.



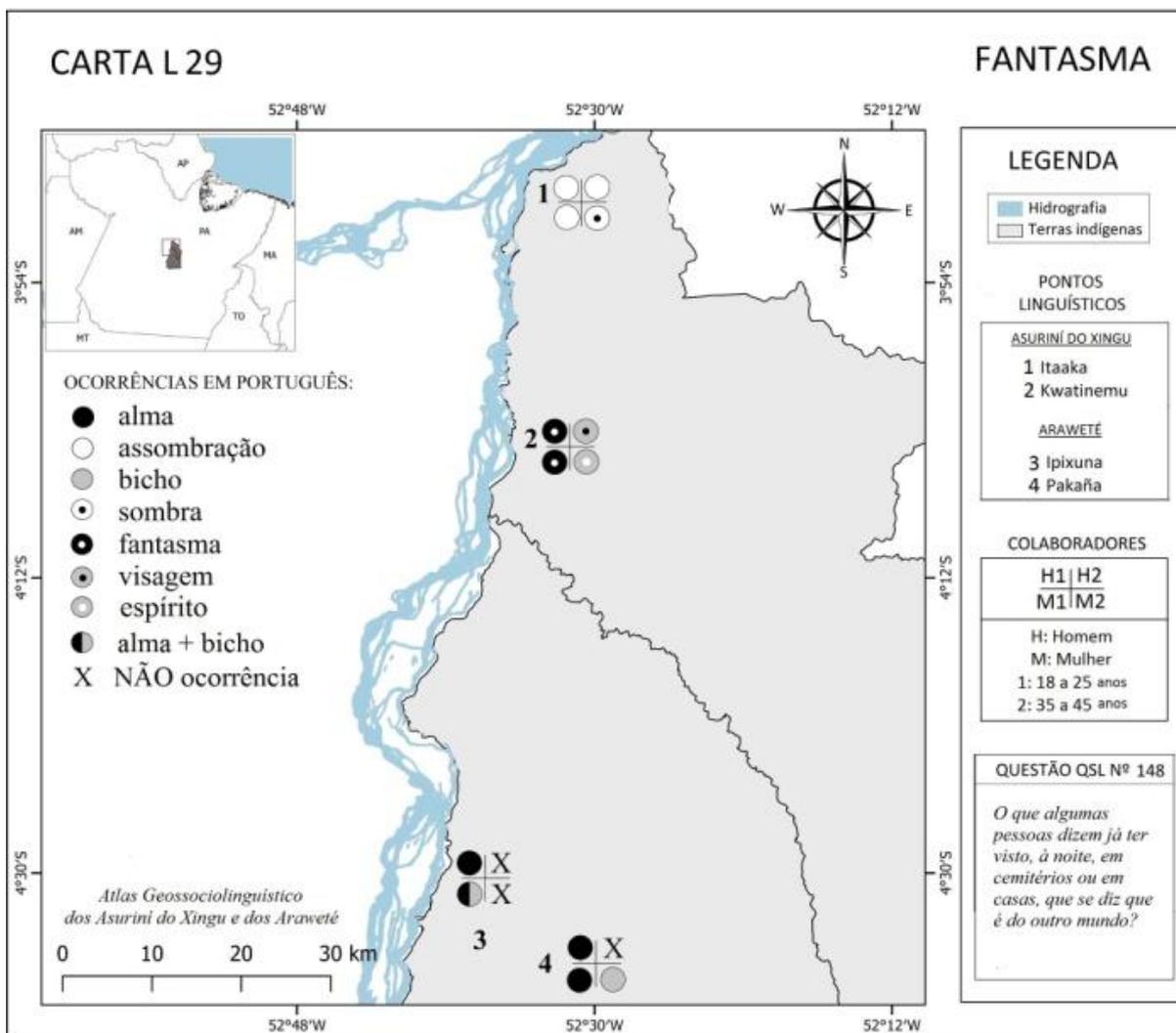
Questão nº 146 do QSL: ...o resto do cigarro que se joga fora?

Língua Asuriní do Xingu: Toco de cigarro

Petymapirera [petʃĩmapiˈɾɛɾa] (8 ocorrências) – Pedaço de cigarro.

Língua Araweté: Toco de cigarro

Petĩxeỹ [petĩtʃeˈĩ] (7 ocorrências) – Pedaço de cigarro.



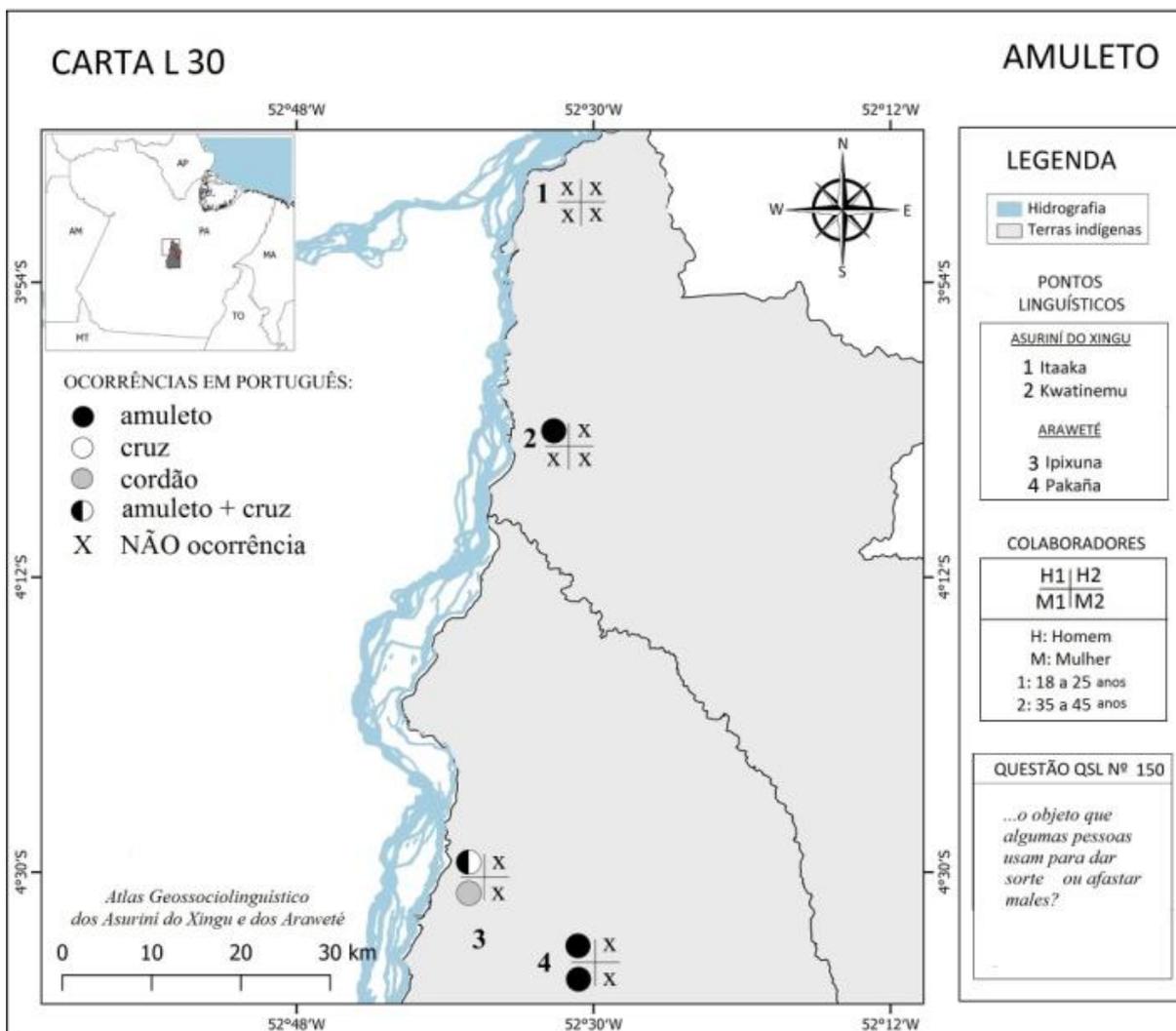
Questão nº 148 do QSL: *O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em casas, que se diz que é do outro mundo?*

Língua Asuriní do Xingu: Fantasma

Aj̃yga [aɲ̃yga] (8 ocorrências) – Assombração.

Língua Araweté: Fantasma

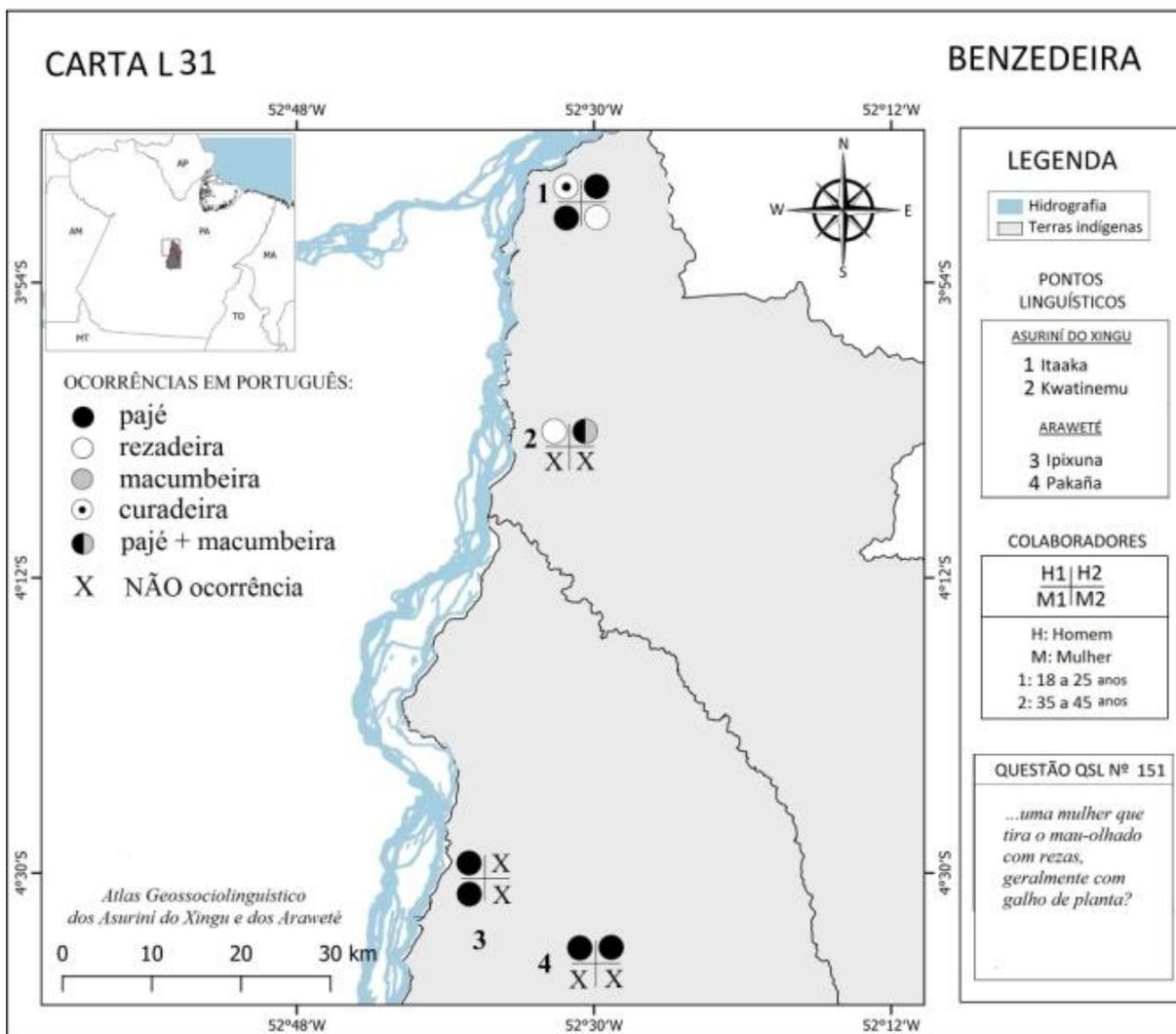
Ta'uwe [tau'βe] (7 ocorrências) – Alma.



Questão nº 150 do QSL: ...o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

Língua Asurini do Xingu: Não houve ocorrência (desconhecimento).

Língua Araweté: Não houve ocorrência (desconhecimento).



Questão nº 151 do QSL: *...uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?*

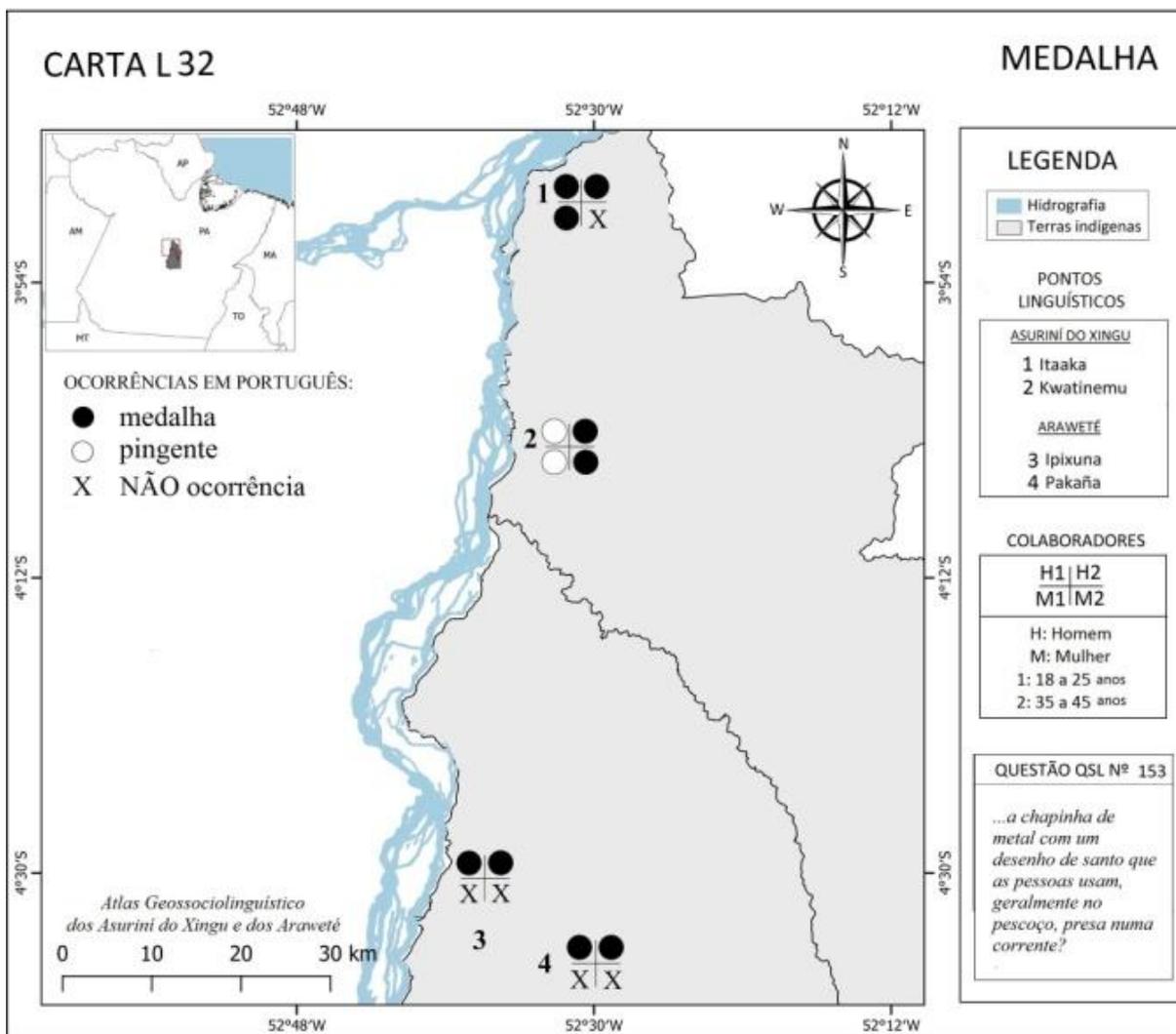
Língua Asuriní do Xingu: Benzedeira

Pajé [pa'ɲɛ] (8 ocorrências) – Pajé.

Língua Araweté: Benzedeira

Peje [pe'dʒɛ] (5 ocorrências) – Pajé.

Maidexaka [maydetʃã'kã] (3 ocorrências) – Pajé.



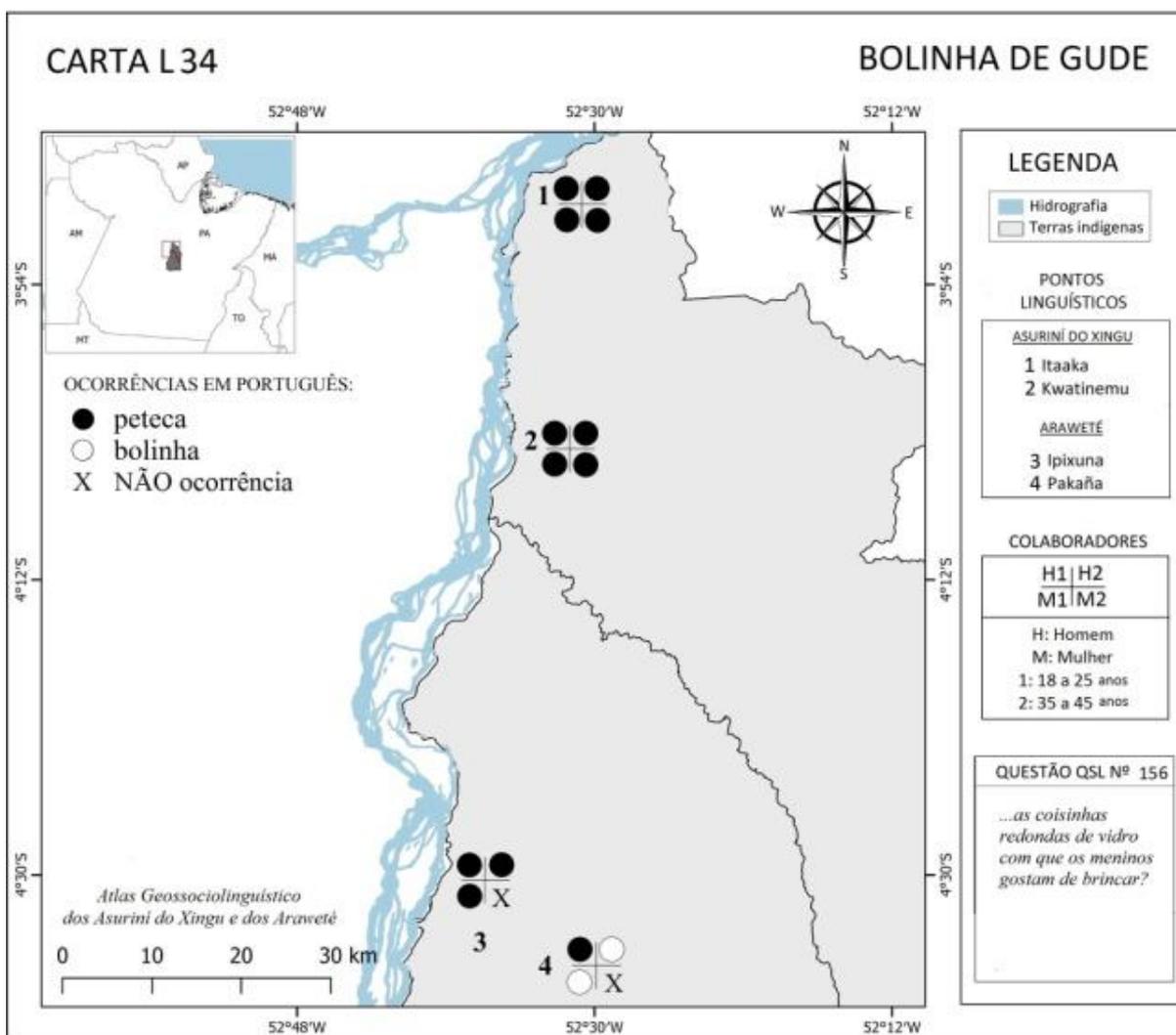
Questão nº 153 do QSL: *...a chapinha de metal com um santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?*

Língua Asuriní do Xingu: Medalha

Pyjara [pi'dzara] (3 ocorrências) – Medalha/pingente.

Língua Araweté: Medalha

Ajuha [adzuhã] (3 ocorrências) – Medalha.



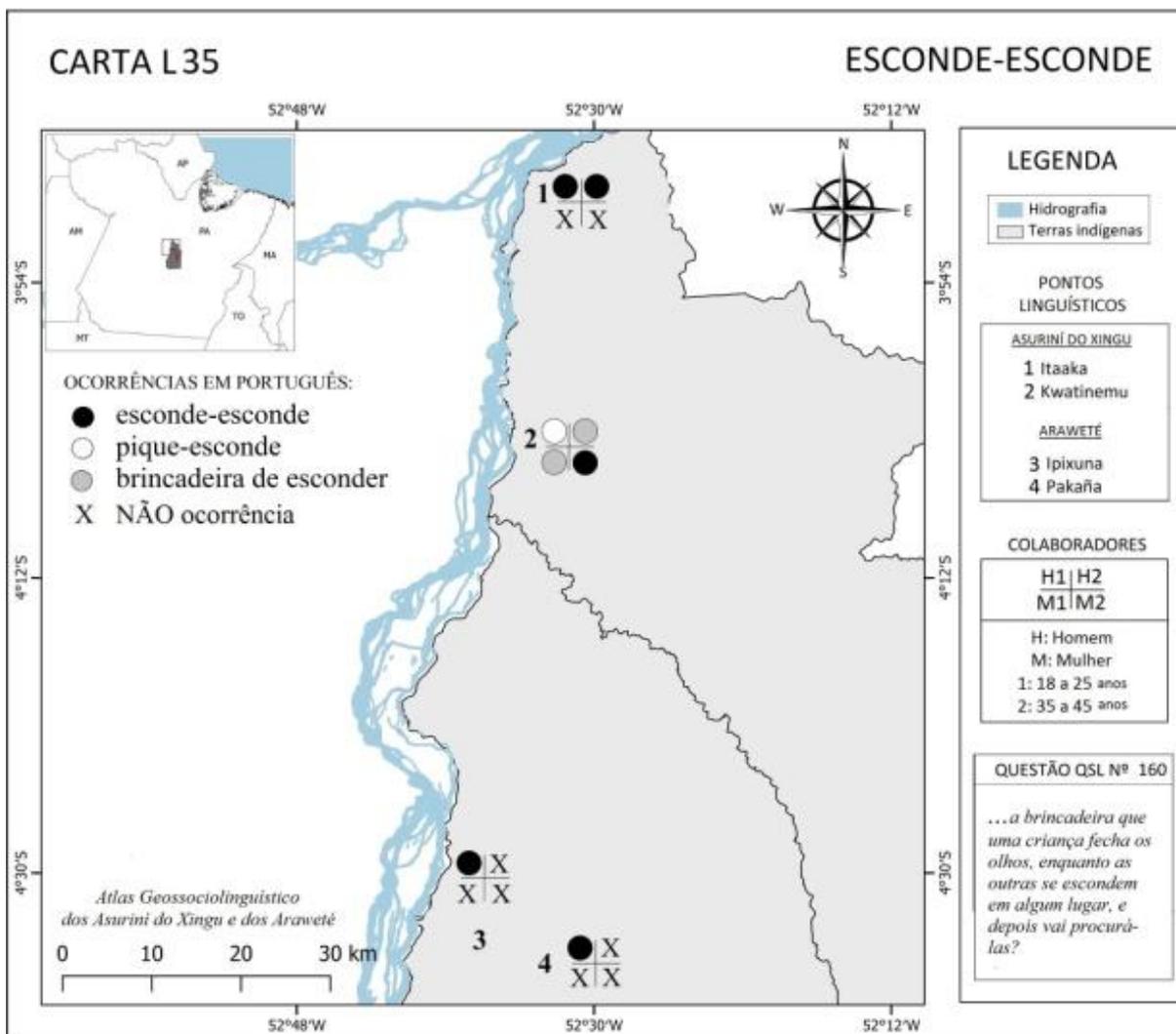
Questão nº 156 do QSL: *...as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*

Língua Asuriní do Xingu: Bolinha de gude

Não existe nome na língua.

Língua Araweté: Bolinha de gude

Hetimi [heĩ´mi] (4 ocorrências) – Peteca.



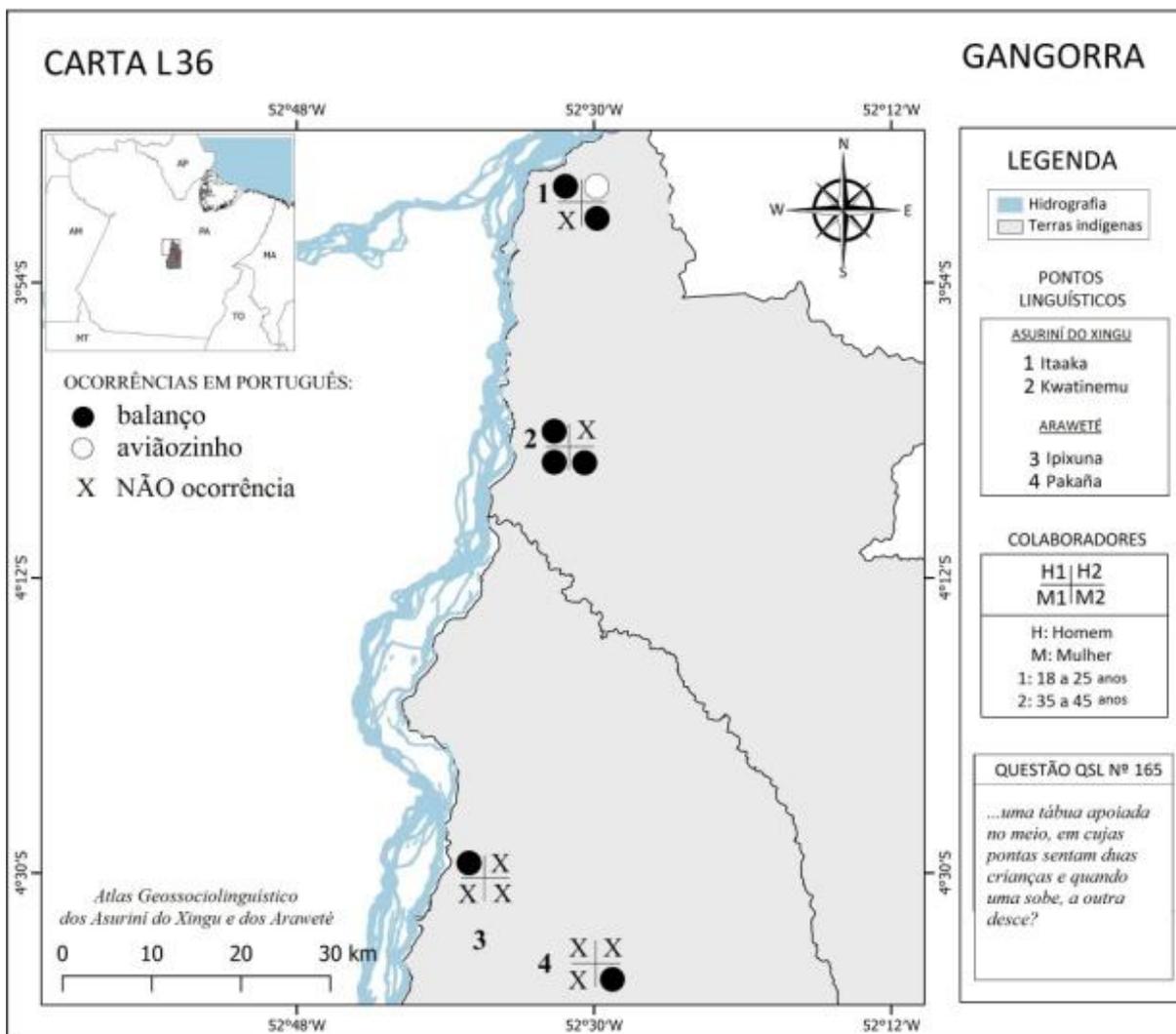
Questão nº 160 do QSL: *...a brincadeira que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar, e depois vai procurá-las?*

Língua Asuriní do Xingu: Esconde-esconde

Jemimama'ẽ [dʒe'mĩmama'ʔẽ] (4 ocorrências) – Esconde-esconde.

Língua Araweté: Esconde-esconde

Ukajĩkajĩ [ukaɲĩka'ɲĩ] (6 ocorrências) – Esconde-esconde.



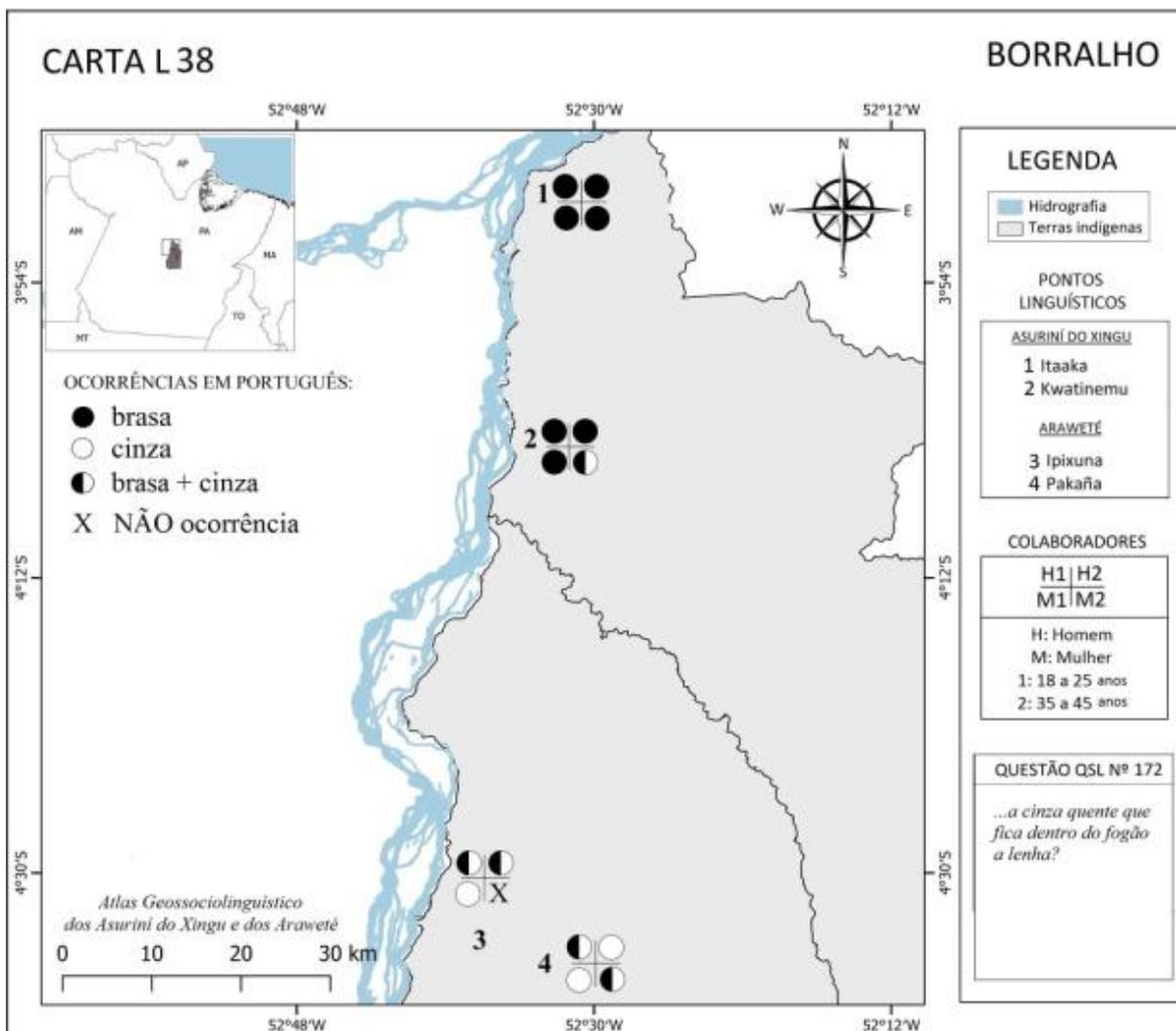
Questão nº 165 do QSL: *...uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?*

Língua Asuriní do Xingu: Gangorra

Não existe nome na língua.

Língua Araweté: Gangorra

Não existe nome na língua.



Questão nº 172 do QSL: *...a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?*

Língua Asuriní do Xingu: Borralho

Tatapýga [tatapĩŋg] ~ [tatapĩŋa] (6 ocorrências) – Brasa.

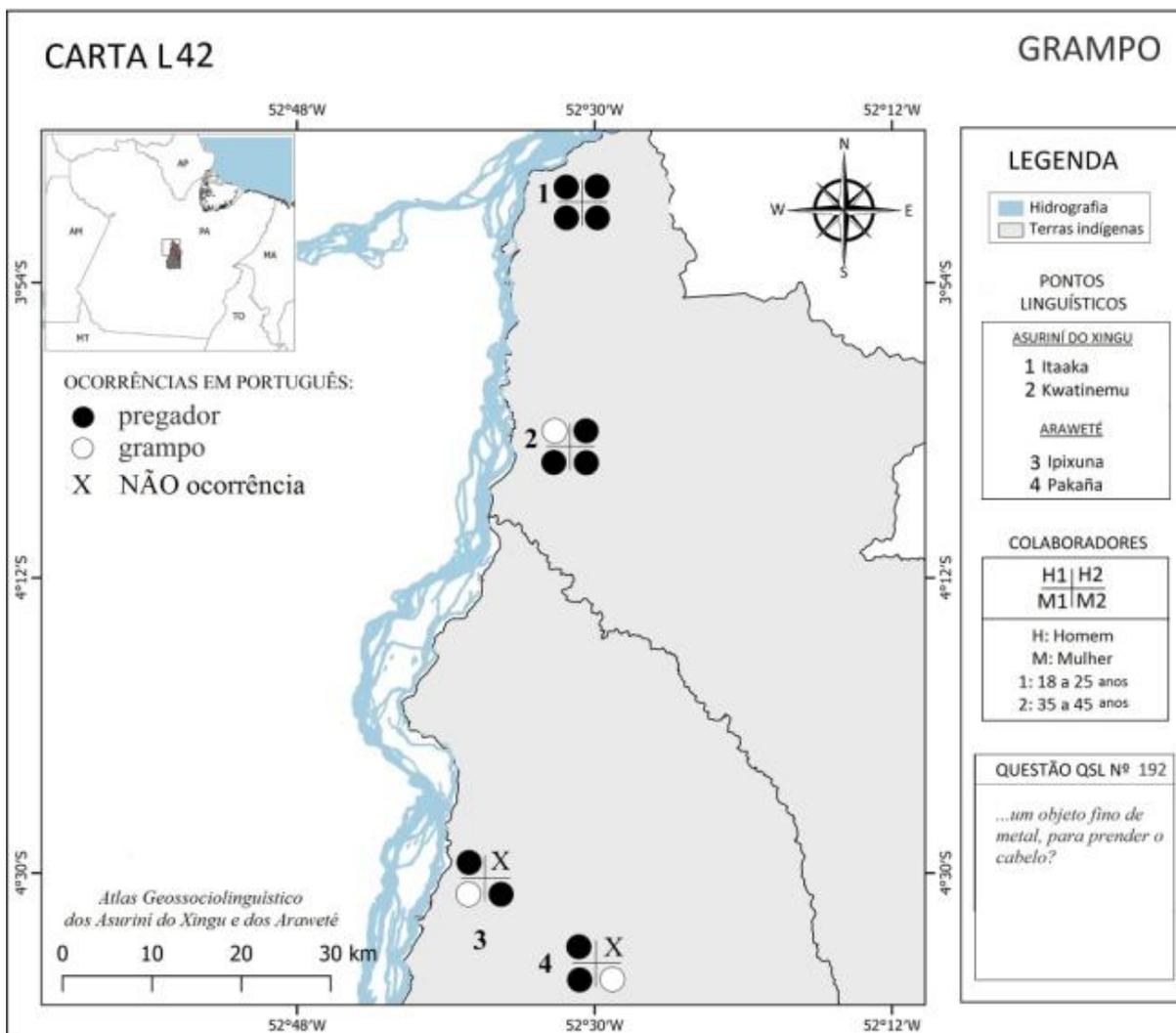
Tanimuka [tanĩˈbuka] (1 ocorrência) – Brasa.

Língua Araweté: Borralho

Tatahapĩje [tatãhapĩˈje] (2 ocorrências) – Brasa.

Hapĩje [hapĩˈje] (1 ocorrência) – Cinza.

Tadymu [tadzĩˈmu] (3 ocorrências) – Brasa.



Questão nº 192 do QSL: *...um objeto fino de metal, para prender o cabelo?*

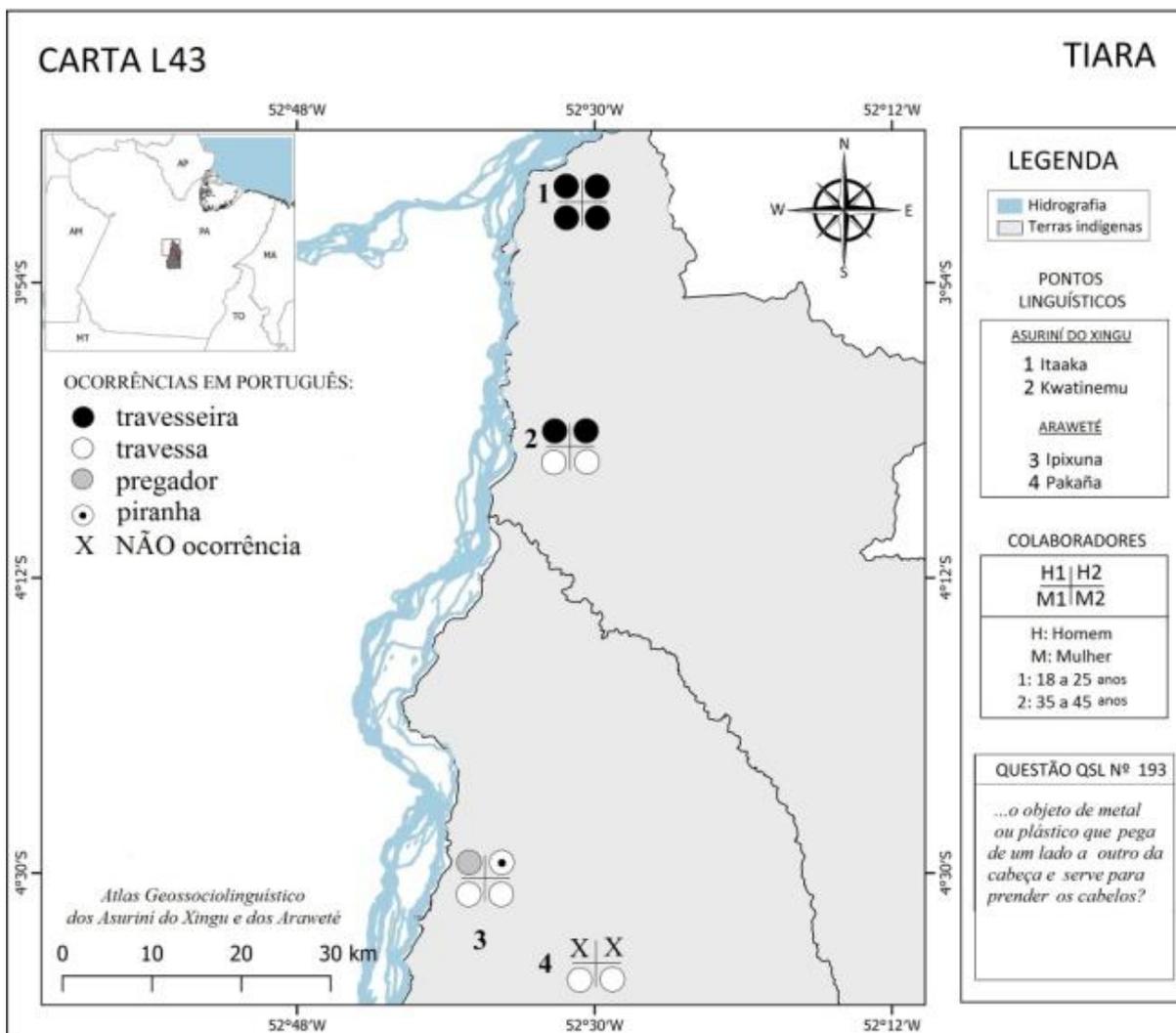
Língua Asuriní do Xingu: Grampo

Awamutipawa [aʁamutiˈpaʁa] (1 ocorrência) – Amarrador.

Awapy'ykawa [aʁapiˈʔiˈkaʁa] (3 ocorrências) – Pregador.

Língua Araweté: Grampo

Japepiha [dʒapepiˈhã] (4 ocorrências) – Pregador / grampo.



Questão nº 193 do QSL: *...o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos?*

Língua Asuriní do Xingu: Tiara

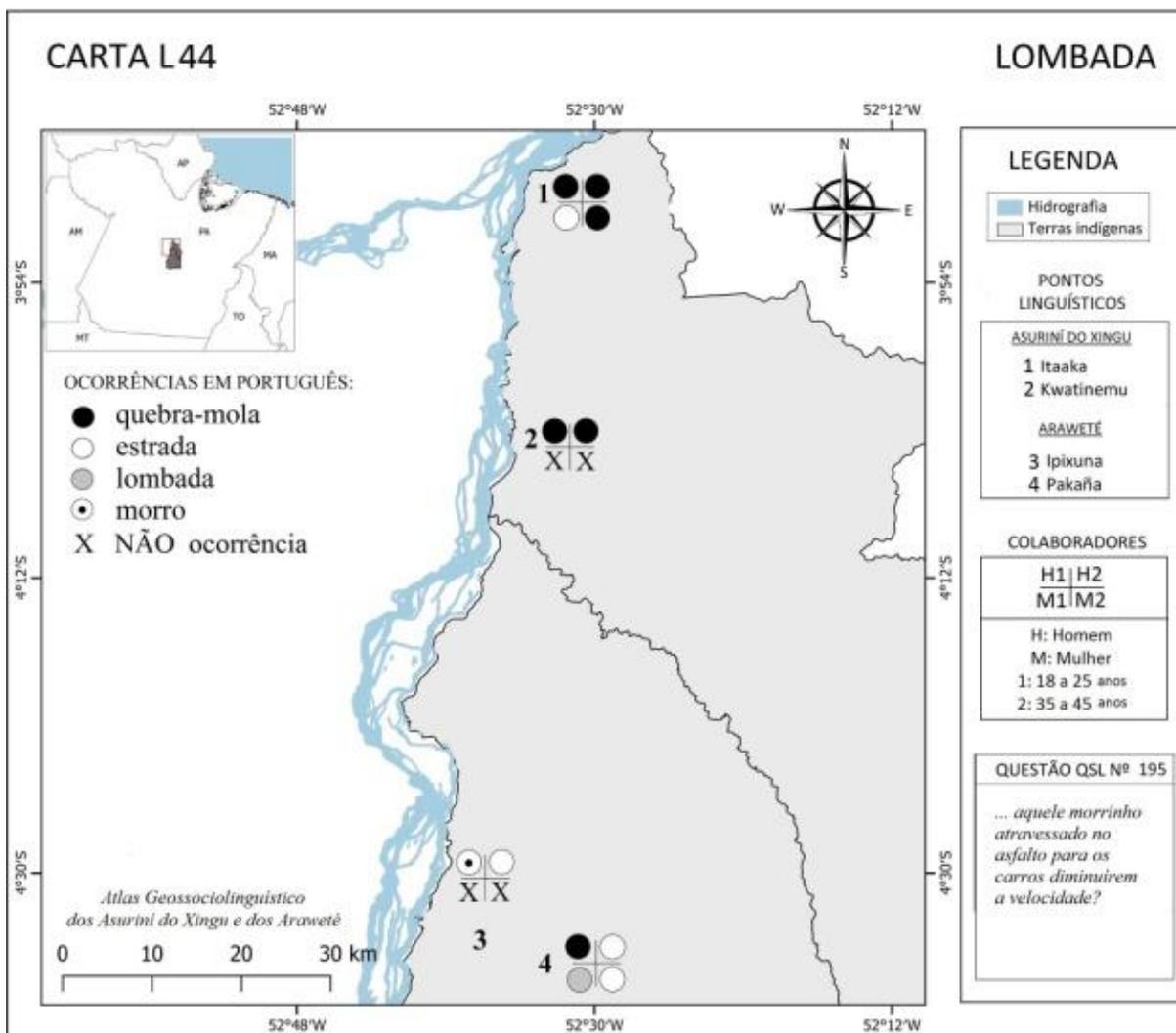
'awamutipawa [ʔaβamuti'paβa] (1 ocorrência) – Travesseira.

'awapy'ykawa [ʔaβapiʔi'kaβa] (2 ocorrências) – Travesseira / travessa.

Akymuawa [akĩmu'aβa] (1 ocorrência) – Travessa.

Língua Araweté: Tiara

Japepiha [dʒapepi'hã] (4 ocorrências) – Travessa / Pregador.



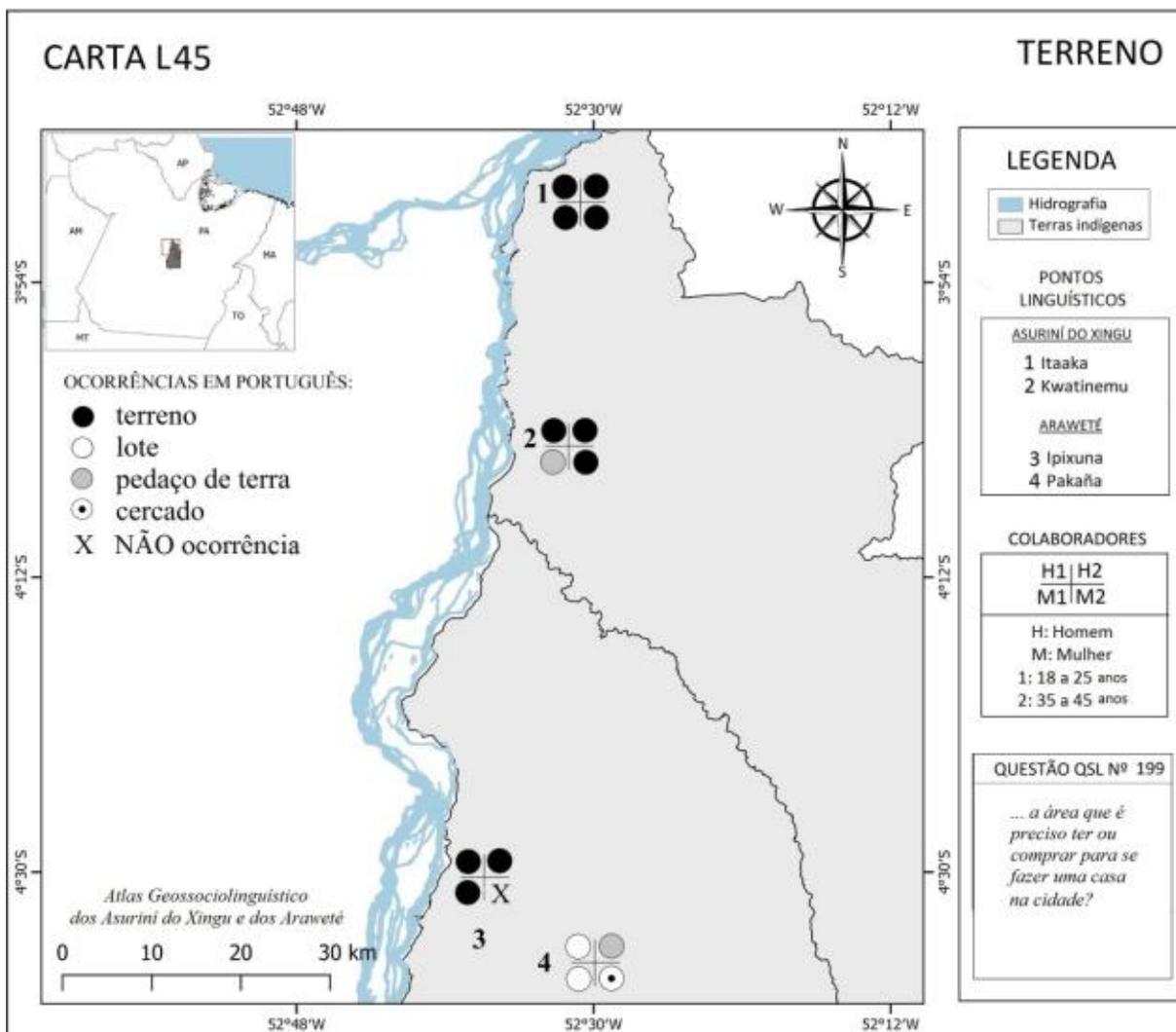
Questão nº 195 do QSL: *...aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?*

Língua Asuriní do Xingu: Lombada

Não existe nome na língua.

Língua Araweté: Lombada

Não existe nome na língua.



Questão nº 199 do QSL: *...a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?*

Língua Asuriní do Xingu: Terreno

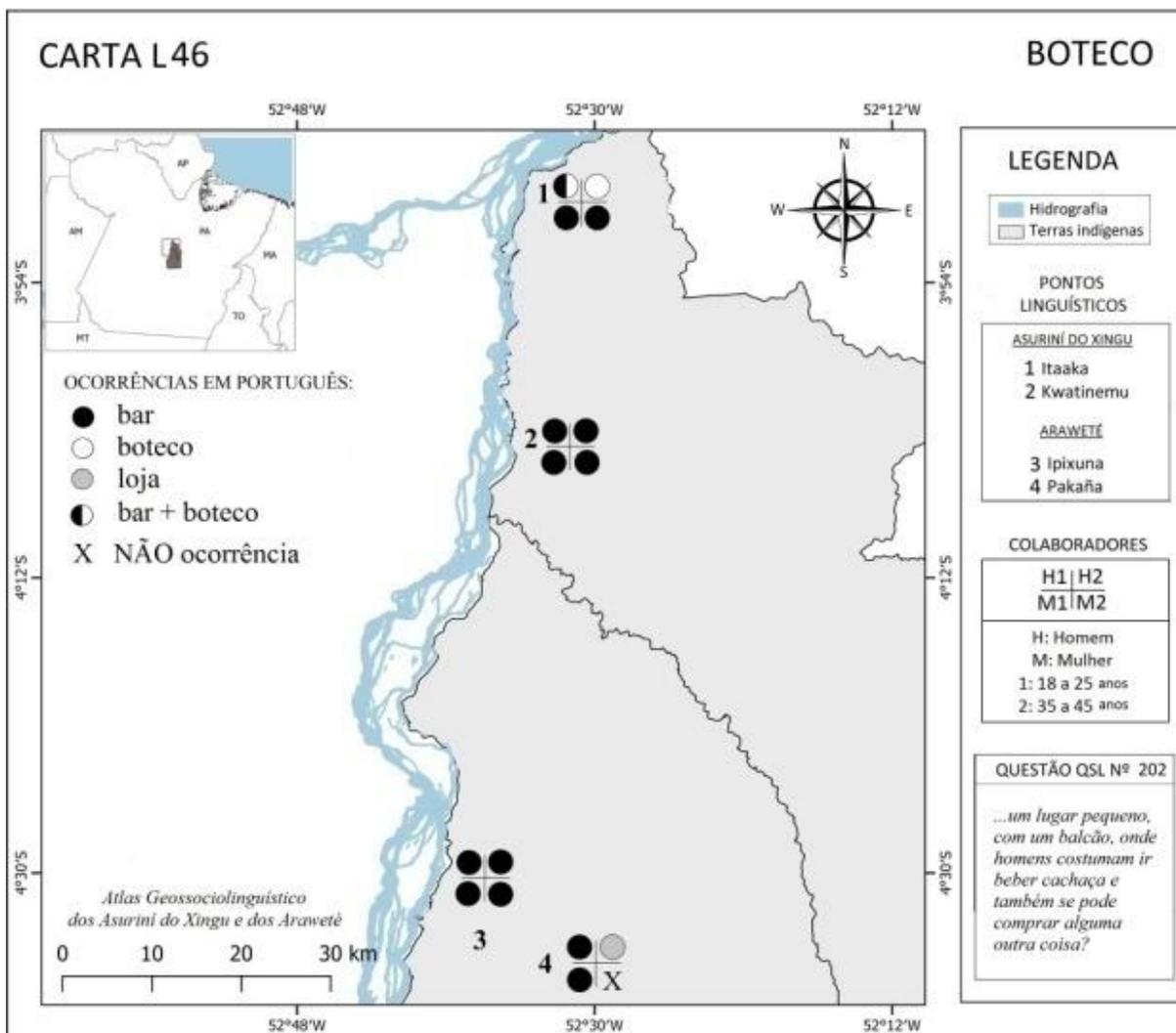
Ywy [i'βi] (5 ocorrências) – Terreno.

Ukara [u'kara] – Terreno / terreiro.

Língua Araweté: Terreno

Iwi [i'βi] (3 ocorrências) – Terreno.

kapite [kapi'te] (2 ocorrência) – Lote.



Questão nº 202 do QSL: *...um lugar pequeno, com um balcão, onde homens costumam ir beber cachaça e também se pode comprar alguma outra coisa?*

Língua Asuriní do Xingu: Boteco

Itaiuwawa [itaya'waʒa] (4 ocorrências) – Bar / boteco.

Itaiama'ẽawa [i'taya ma'ʔẽ 'aʒa] (2 ocorrências) – Bar.

Iuaipe [iway'pe] (1 ocorrência) – Lugar onde se come ou se bebe.

Língua Araweté: Boteco

Kanamuteriru'a [kãnamuteriru'ʔa] (2 ocorrências) – Bar.

Kanamuteuha [kãnamutew'hã] (1 ocorrência) – Bar.